OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 3.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição augmentada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 4.ª edição.
Eles e Elas (1918) — 2.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 4.ª edição, no prelo.
Como elas amam (1920) — 2.ª edição.
Abelhas doiradas (1920).
As Grandes Batalhas — no prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição, no prelo.
Crucificados (1902) — 3.ª edição, no prelo.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 23.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 3.ª edição.
Rei Lear (1906).
R[illegible]s de todo o ano (1907) — 8.ª edição.
[illegible]er Dolorosa (1908) — 4.ª edição.
[illegible]nta Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 4.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 2.ª edição.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

SÓROR MARIANA

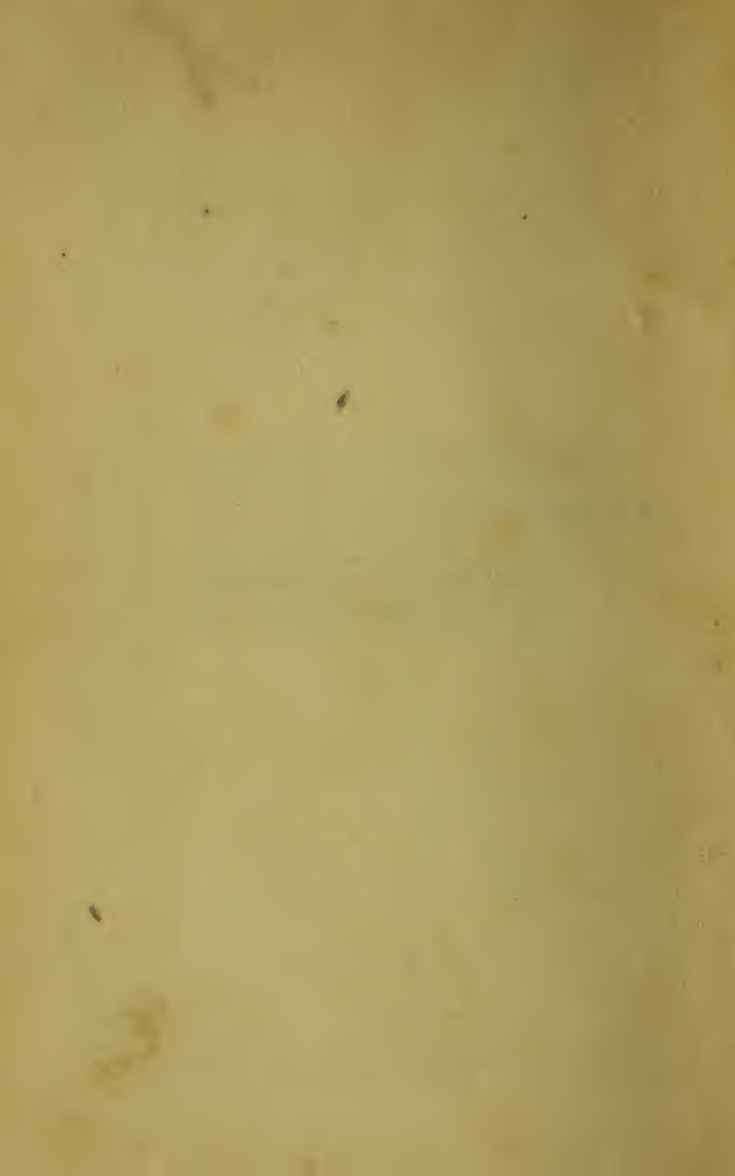
TERCEIRA EDIÇÃO

PER ORBEM FVLGENS

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

AO ILUSTRE JORNALISTA

AVELINO DE ALMEIDA

Minha Senhora

Há oito dias, na primeira representação da *Sóror Mariana,* quando todos os olhos estavam razos de lágrimas e a dolorosa freira de Beja, perante a murça branca de Frei Francisco de S. Diogo, proclamava, num soluço, o seu amor criminoso por Chamilly, — uma senhora titular, três vezes ilustre pelo nascimento, pela inteligência e pela educação, levantou-se pálida no seu camarote, e a tremer, numa expressão veemente de indignação e de protesto, gritou para a plateia:

— É mentira! É mentira!

Soube hoje que essa ilustre titular era v. ex.ª. Permita-me, minha senhora, que beije, com o maior respeito, os aneis dessas pequeninas mãos que não quiseram aplaudir-me, e que procure acalmar, tanto quanto em mim caiba fazê-lo, a sua evidente e inexplicável perturbação. Eu não sei ainda que factos ou que palavras mereceram a v. ex.ª uma condenação tão precipitada e tão pouco generosa. É mentira que as *Cartas de amor* foram escritas por uma portuguesa ao senhor de Chamilly? Talvez. Disse-o Beauvois. Disse-o Camilo. É mentira que essa portuguesa fôsse uma freira e que essa freira se chamasse Mariana Alcoforado, — dos fidalgos Alcoforados de Beja, blasonando do escudo enxequetado de prata e azul de seis peças, com a águia dos Aguiares por timbre, revoante e armada de prata? Quem o sabe! Mentiu Chamilly, mentiu Lavergne de Guilleragues, mentiu o livreiro Claude Barbin, «*au Palais, sur le second perron de la Sainte Chapelle*», mentiu Duclos, mentiu o Duque de Saint Simon, — menti eu? Nada mais fácil, minha senhora. De positivo, conhecem-se apenas três factos: a existência de Sóror Mariana; a existência de Chamilly; a existência das *Cartas*. Quem as escreveu? Quem as recebeu? Simples con-

jecturas. O que é a história, o que é a própria vida, — senão uma conjectura formidável? O que foi sempre o Amor, — senão a mais dolorosa, a mais voluptuosa das mentiras? Ignoro se na ascendência remota de v. ex.ª, minha senhora, se entroncaria, num veio de oiro, algum rebento ilustre dos Alcoforados. Se assim é, falou v. ex.ª em nome de respeitabilíssimos preconceitos de estirpe, pedindo o silêncio, mais do que a verdade, para a memória da freira clarista de Beja, cuja pobre sepultura franciscana há dois séculos se fechou. Mas, minha senhora, — Sóror Mariana já não pertence hoje nem a uma religião, nem a uma família: pertence à Vida, — pertence à Dôr humana. As mulheres verdadeiramente nobres, não são apenas aquelas que vivem e morrem no silêncio das grandes virtudes; não são apenas aquelas de quem, na frase feliz de Maria Leczinska, «não se falou durante a vida, nem se fala depois da morte»; são também as que ascendem, as que se levantam, as que se exaltam superiores à própria natureza humana, aquelas em cuja alma imortal latejam e fremem, refervem e tumultuam o génio supremo do sentimento, a glória maravilhosa do heroísmo, a tempestade confrangedora da paixão. Impudor? Sacrilégio? Sensualidade? Ignomínia? Que importa, — se de todo êsse lôdo se fez um clarão! Se Sóror Mariana é sua longínqua parenta, minha senhora, ela não pode, com todo o seu desvario, com tôda a sua loucura, — senão dignificá-la e enobrecê-la. Uma palavra só das *Cartas*, repassada de génio e de dôr, de beijos e de lágrimas, vale bem todos os metais, todos os esmaltes heráldicos do escudo dos Alcoforados, todo o tombo de nobreza da casa da rua do Touro, tudo quanto em pedras de armas resta espalhado pelos cunhais solarengos do Alentejo! Não, minha senhora; — Sóror Mariana não a de-

sonra. Sóror Mariana nem sequer ultraja a mais do que problemática virtude da vida monástica portuguesa do século XVII. Tenho pena de não poder mostrar-lhe os documentos inéditos cuja cópia aqui está, diante de mim. Se soubesse, minha senhora, o que foram durante dois séculos os conventos de freiras de Portugal, — v. ex.ª repetiria, decerto, a frase amarga do Duque de Saint Simon a respeito duma casa de capuchas da Bretanha: «religiosa que de lá sái, é por que quer ser uma mulher honesta». Mentir, — para quê? Sossegue. Tranqùilise o seu espírito, minha senhora. Houve, evidentemente, um facto de amor, desconhecido e vago, de que as cinco *Cartas* foram a conseqùência literária. A minha peça é apenas a dramatização conjectural dêsse facto. Nada se sabe ao certo. Tudo pode ser verdade. Tudo pode ser mentira. Em volta do *fait divers* de Sóror Mariana, precisamente por que se ignora tudo, são legítimas tôdas as tentativas lógicas de interpretação. A minha é má? Dê-me a sua. Prometo-lhe remodelar a peça, — e fazê-la representar outra vez. Já agora, minha ilustre inimiga, confesso-lhe que me move uma ambição: quero que as suas pequeninas mãos me aplaudam, para que eu possa ter, minha senhora, a honra de lhas beijar — menos literáriamente.

28 de outubro de 1915.

JÚLIO DANTAS

FIGURAS (*)

A Abadessa..................	D. Maria Matos
Sóror Mariana...............	D. Luísa Lopes
Sóror Inês....................	D. Celeste Leitão
Sóror Simôa.................	D. Berta de Albuquerque
Sóror Agostinha	D. Hermínia Silva
D. Frei Francisco de S. Diogo, Bispo de Beja.............	Francisco Mendonça de Carvalho
Noël Bouton, Conde de Chamilly......................	Mário Duarte

Freiras de véu preto. — No convento da Conceição de Beja. — Século XVII.

(*) *No teatro Roméa, de Barcelona, onde foi representada em língua catalã, esta peça teve a seguinte distribuição:* ABADESSA, *Maria Morera;* SÓROR MARIANA, *Emilia Baró;* SÓROR INÊS, *Josefina Fornés;* SÓROR SIMÔA, *Maria Pujó;* SÓROR AGOSTINHA, *Enriqueta Guatte;* O BISPO, *Enric Giménez;* CONDE DE CHAMILLY, *Martí.*

SÓROR MARIANA

Casa do capítulo no mosteiro da Conceição de Beja. Ao F., centro, grande janela de rótulas, em arco ogivo, com poiais. Silhares de azulejos do século XVI. Chão de tijolo. Portas à E. alta e baixa, e à D. alta e baixa: a primeira, para onde se sobe por uma escaleira de pedra de dez degraus, dá caminho para o corredor das celas; a segunda, para a portaria de dentro; a terceira, para o côro de cima; a quarta, para um eirado. Bancos capitulares em volta. Cadeira abacial à D., entre as portas, sôbre um tapete de Arraiolos. Dois tamboretes de sola, do século XVII, com ferragens. Um tocheiro de ferro, da altura de um homem.

Quando se levanta o pano, a escuridão é completa. Momentos depois, na E. alta, ao tôpo da escada, vê-se bruxolear uma luz: é

SÓROR MARIANA ALCOFORADO *que desce, a mêdo, uma candeia acêsa na mão. Hábito e manto das terceiras claristas, de estamenha côr de cinza, sem roda; touca branca de beatilha chã, descendo até aos peitos; véu preto; cordão de linho cânhamo; uma volta de rosário ao pesçoço. A seguir, desce um homem môço, tipo de capitão de cavalos; bigode loiro, pequeno, Richelieu; chapéu holandês; coura de anta; balona branca, derrubada; calças vermelhas de berri de França; espada enorme; cachimbo na bôca; capa no braço: é* NOEL BOUTON, CONDE DE CHAMILLY E DE SAINT-LEGER. *Por último, outra freire surge, tambêm com uma candeia acêsa na mão: é* SÓROR INÊS DE JESUS. *Emquanto as duas primeiras figuras descem, encaminhando-se para a D. baixa,* SÓROR INÊS *fica vigiando no tôpo da escada.* CHAMILLY, *em tôdas as frases que se seguem, é sacudido, sêco, indiferente;* SÓROR MARIANA, *que atravessa a scena amparada ao braço do oficial francês, numa atitude de ternura, de fadiga e de abandôno, tem em tôdas as suas palavras, em todos os seus gestos, a expressão exaltada e ardente das grandes paixões.*

CHAMILLY

Adeus.

SÓROR MARIANA

Espera. Um instante mais. Deixa-me beijar a tua bôca, Noel.

CHAMILLY

É madrugada.

SÓROR MARIANA

Aperta-me bem nos teus braços. Faze-me doer, Noel. Sinto-te no meu sangue, na minha alma.

CHAMILLY, *afastando-se:*

Adeus.

SÓROR MARIANA, *pousando a candeia de ferro sôbre a cadeira abacial, e voltando a* CHAMILLY:

Porque me deixas tu? Porque não ficas tu em Beja, comigo? Porque não me levas tu para França? Porque me deixas neste mosteiro, nesta solidão, — neste inferno?

CHAMILLY, *num movimento para a D. baixa:*

Mandam-me partir. É a lei da guerra.

SÓROR MARIANA, *retendo-o nos braços:*

Tu vais bater-te outra vez? Mas tu não me disseste nada! Tu vais bater-te outra vez, Noel?

SÓROR INÊS, *do alto da escada, apagando a candeia:*

Mariana! — Apaga a luz. — Vem gente.

SÓROR MARIANA *desprende-se dos braços de* CHAMILLY *e corre a apagar a candeia.— A scena recái na escuridão. Apenas, pelas rótulas da janela do F., se adivinha a madrugada, num vago estremecimento luminoso.*

SÓROR MARIANA, *num murmúrio:*

Noel!

CHAMILLY

Larga-me.

SÓROR MARIANA

E se te matam, Noel!

CHAMILLY

As balas fogem de mim. Adeus.

SÓROR MARIANA

Tu voltas? Dize... Voltas?

SÓROR INÊS, *do alto da escada, impondo silêncio:*

É a sacristã-menor, que vai tanger o sino para o côro...

Sente-se o ferrolhar das chaves, pelos corredores.

SÓROR MARIANA, *passado um momento:*

Um beijo! Mais um beijo só!

CHAMILLY

Deixa-me. É madrugada.

SÓROR MARIANA

Só um beijo!

Durante alguns segundos, sente-se apenas, na escuridão, um murmúrio de beijos. O sino do mosteiro toca para o côro.

SÓROR INÊS

Hora de prima...— Desça depressa, senhor de Chamilly!

SÓROR MARIANA

Quando o teu esquadrão passar pelo convento, manda tocar os clarins!

CHAMILLY

Sim.

SÓROR MARIANA

Bem alto. Todos os clarins! Para eu sentir a tua alma que passa, Noel!

CHAMILLY

Sim.

SÓROR MARIANA, *num grito, quando* CHAMILLY *lhe foge dos braços:*

Noel!

CHAMILLY

Adeus.

SÓROR MARIANA, *que tropeça num tamborete, na escuridão, ao querer reter* CHAMILLY:

Noel!

SÓROR INÊS, *depois dum silêncio, aproximando-se:*

Desceu?

SÓROR MARIANA, *cuja voz se ouve já fóra, no eirado:*

Noel!

SÓROR INÊS, *aproximando-se mais, depois dum novo silêncio:*

Desceu?

SÓROR MARIANA, *num soluço:*

Desceu.

SÓROR INÊS, *vindo ao encontro de* SÓROR MARIANA:

Mariana! Eu tenho mêdo! Eu tenho mêdo de ti! Pela nossa madre Santa Clara, pelas lágrimas que chorámos juntas na nossa profissão,—não recebas mais êsse homem, que te perdes!

SÓROR MARIANA

Perdida já eu estou!

SÓROR INÊS

Se um dia nos surpreendem, que há-de ser

de nós! — Suplico-te, minha irmã! Fala-lhe da grade. Eu acompanho-te na grade sempre que tu quiseres. Mas não recebas mais êsse homem, de noite, no mosteiro. É um homem capaz de tudo. É um capitão de cavalos, um aventureiro que vem correr os acasos da guerra...

SÓROR MARIANA

Pertence à melhor nobreza de França.

SÓROR INÊS

Há-de ser o primeiro a apregoar a tua desonra!

SÓROR MARIANA

E eu cubro-o de beijos!

SÓROR INÊS

Há-de mentir-te, escarnecer-te, abandonar-te.

SÓROR MARIANA

E eu adoro-o ainda mais.

SÓROR INÊS

Mas tu não vês que esta paixão é um sacrilégio?

SÓROR MARIANA

Nunca amei tanto a Deus!

SÓROR INÊS

Lembra-te da mortalha do teu hábito!

SÓROR MARIANA

Nunca me senti tão viva!

SÓROR INÊS

Lembra-te, ao menos, da desonra do teu nome!

SÓROR MARIANA

Nunca me senti tão pura!

SÓROR INÊS, *chorando:*

Mariana! Mariana!

SÓROR MARIANA, *cuja figura começa a adivinhar-se como uma sombra, na luz azul da madrugada:*

Porque choras?

SÓROR INÊS

Peço a Deus que te salve, minha irmã.

Torna a ouvir-se o sino. A comunidade passa para o côro. As freiras descem silenciosamente a escada e atravessam a scena dirigindo-se para a D. alta. Cada uma delas traz na mão a sua candeia de ferro de um lume, acêsa. À frente vem a ABADESSA, *velha, rugosa, apoiada a uma bengala, grande cruz peitoral. óculos redondos de coiro, enormes. Ao lado da* ABADESSA, *segue* SÓROR AGOSTINHA, *freira de véu branco. Depois, as jerarquias. É uma procissão lenta de luzes e de sombras.*

A ABADESSA, *distinguindo na D. baixa os vultos das duas freiras, levanta a candeia, entesta a mão sôbre os olhos para vêr melhor, destaca-se e desce, emquanto a comunidade continúa a desfilar em silêncio:*

Quem está aí?

SÓROR INÊS, *subindo:*

Sou eu, senhora Abadessa.

A ABADESSA

Quem?

SÓROR INÊS

Sóror Ignês. — Ia para o côro. Apagou-se a luz da minha candeia.

Ouve-se bater, fóra, a pesada aldraba do portão do mosteiro.

A ABADESSA

E a outra freira, quem é?

SÓROR MARIANA

Sóror Mariana, reverenda Madre.

A ABADESSA, *a* SÓROR MARIANA, *emquanto* SÓROR INÊS *acende a candeia:*

Também a Vossa Caridade se apagou a luz?

SÓROR MARIANA

Foi o vento.

A ABADESSA

Se Vossas Caridades tivessem vindo com a

comunidade, já não se lhes apagavam as candeias. Ovelhas, querem-se com o rebanho. *(As duas freiras seguem com as últimas religiosas de véu preto. Ouve-se, outra vez, bater à aldraba do portão conventual)* Sóror Agostinha. Veja quem bate, a estas horas.

SÓROR SIMÔA, *freira de véu branco, assomando, assodada, na porta da E. baixa:*

Reverenda madre! É o senhor Bispo.

A ABADESSA

Ò senhor Bispo? — Depressa, sóror Agostinha! A mitra, o gremial, o báculo! *(Dando a candeia a* SÓROR SIMÔA) Quero receber Sua Ilustríssima na portaria!

O BISPO, *hábito de bernardo, murça, capa, cruz peitoral de oiro, chapéu episcopal, entrando pela E. baixa, numa expressão de preocupação evidente:*

Não se moleste Vossa Reverência. Eu sei o caminho.

A ABADESSA

Deus traga Vossa Senhoria Ilustrísima. A comunidade está no côro. *(A* SÓROR SIMÔA, *que acende o tocheiro de ferro)* Leve a almofada de

damasco, Sóror Simôa. Sua Ilustríssima acompanha-nos nos ofícios divinos.

O BISPO

Não. Espero aqui Vossa Reverência. Os ofícios de prima são curtos. *(Depois dum silêncio, durante o qual a* ABADESSA *torna a receber a candeia das mãos de* SÓROR SIMÔA) Onde fica o eirado donde se vêem as portas de Mértola?

A ABADESSA

Além, senhor Bispo.

O BISPO

Tenha Vossa Reverência a caridade de me dar a sua candeia.

A ABADESSA, *dando a candeia ao* BISPO :

Quer Vossa Ilustríssima que o acompanhe?

O BISPO *desaparece no eirado da D. baixa. A* ABADESSA, *sem compreender o que se passa, segue-lhe os movimentos.* SÓROR AGOSTINHA *surge na D. alta, com a mitra e o báculo, de cuja cabuta doirada pende um pequeno sudário. Passado um instante, o* BISPO *volta, dando a candeia a* SÓROR SIMÔA.

O BISPO, *à* ABADESSA:

Preciso de falar à puridade com Vossa Reverência.

A ABADESSA, *a* SÓROR AGOSTINHA, *que deixa a mitra e o báculo sôbre a cadeira:*

Diga à reverenda madre-vigária que não vou ao côro. *(Ao* BISPO) Estou aos pés de Vossa Ilustríssima.

SÓROR AGOSTINHA *sái. O* BISPO *assenta-se num dos tamboretes de sola. A* ABADESSA, *no outro. A luz do tocheiro de ferro alonga-lhes as sombras sôbre o chão de tijôlo.* SÓROR SIMÔA *pousa a candeia sôbre um dos poiais da janela. Começa a amanhecer. O* BISPO *tira da manga do hábito um lenço vermelho, alentejano, e uma caixa de rapé, de prata chã. Tabaqueia, solenemente. Depois, oferece à* ABADESSA, *que olha em volta, não a veja alguma freira, e tabaqueia também.*

O BISPO

Há já uma bôa hora andada, foram acordarme à minha pobre cama franciscana para me entregarem uma carta. Nessa carta diziam-se tão espantosas coisas, que eu só tive o tempo de enfiar o hábito, de mandar meter os urcos ao côche, e de abalar para aqui. *(Mete na man-*

ga o lenço e a caixa do rapé; tira um papel dobrado) Quando cheguei, ainda era noite cerrada. Para não deixar de observar as constitùições e a regra, esperei ali defronte, no terreiro da Feira, que apontasse a manhã e tangesse o sino de prima. Foi então que tive, pelos meus próprios olhos, a confirmação do que dizia êste papel. Pela primeira vez, desde que sou bispo e frade, senti a falta de um par de pistolas nos coldres dos meus machos! — Senhora Abadessa, acabo de vêr saír um homem dêste mosteiro.

A ABADESSA

Um homem? — Vossa Ilustríssima viu saír um homem de...

O BISPO, *serenamente:*

Vi.

A ABADESSA

Aí está porque me faltam todos os dias galinhas na capoeira. Os ladrões andam-me em cima da criação, senhor Bispo. É preciso que Vossa Ilustríssima escreva ao senhor governador da praça. Emquanto não levantarem polés por essas ruas de Beja e não apolearem meia

dúzia de ladrões, não me folgam nem os bácoros, que ainda a semana passada me furtaram três duma cria!

O BISPO

Tem razão Vossa Reverência. Trata-se dum ladrão. Mas, desta feita, o ladrão não desceu pela cêrca. Saltou por ali, pelo muro do eirado. — Vinha do convento.

A ABADESSA, *sem perceber:*

Por ali?

O BISPO

Vá Vossa Reverência vêr. Ainda lá está, amarrada à pilastra, a corda por onde êle desceu. Segui-lhe a sombra. Senti retinir-lhe a espada. Passou a-par do meu côche. Conheci-o. Não era um ladrão das suas galinhas, senhora Abadessa. Era um ladrão da honra dêste mosteiro.

A ABADESSA

Mas Vossa Ilustríssima está certo de que viu descer um homem?

O BISPO

Antes fôsse um lobo, — e eu tivesse uma clavina nas mãos!

A ABADESSA, *tremendo, numa aflição:*

Senhora Santa Clara!

O BISPO

Não se perturbe Vossa Reverência. Eu faço inteira justiça ao seu zêlo de prelada. Não esqueço que, durante o Abadessado de Vossa Maternidade, esta casa de Deus e de S. Francisco tem sido espelho de observância. Mas, senhora Abadessa, se houvesse só boas ovelhas, não era virtude ser pastor. — O homem que tem entrado de noite neste mosteiro é um oficial francês. Chama-se Noel Bouton, conde de Chamilly e de Saint-Leger. Há uma freira que o recebe na sua cela. É preciso saber quem essa freira é, — e apartá-la da comunidade.

A ABADESSA, *erguendo-se:*

Sóror Simôa! Mande tanger a capítulo!

O BISPO

Não. Para quê? Não lancemos inútilmente

o alvorôço e o escândalo no mosteiro. — Vamos devagar, senhora Abadessa.

A ABADESSA

Chamam-se as madres discretas! Chamam-se as jerarquias do convento! Mete-se num cárcere a ovelha leprosa, com os pés no olhal do cepo! *(Chamando, trémula de indignação)* Sóror Agostinha!

O BISPO, *com serenidade:*

Tambêm não. — Êsse hábito é grande de mais, para que o respeitemos ainda nas freiras que o desonram!

A ABADESSA

Então, como quer Vossa Reverência que se faça justiça?

O BISPO

Com caridade. *(Muito calmo)* Precisamos, antes de tudo, de saber quem é a freira culpada.

A ABADESSA

Mando esta noite pôr vigias e escutas no mosteiro, — e hei-de apanhá-la!

O BISPO

Inútil. O senhor de Chamilly sai hoje de Beja, a caminho da côrte.

A ABADESSA

Como sabe Vossa Ilustríssima?

O BISPO

Por êle próprio. *(Desdobrando o papel que tem na mão)* Esta carta é dele. Escrita a um amigo, e perdida na explanada do quartel de cavalaria de Briquemont. O senhor de Chamilly parte para França. — Não me atrevo a lêr a Vossa Reverência as palavras com que êle se refere a êste santo mosteiro!

A ABADESSA, *atarantada, com os óculos no nariz:*

Valha-me Deus, que não acho os óculos!

O BISPO

Conta que teve trato amoroso com duas mulheres em Beja. Uma môça solteira da rua do Touro, que cantava bem à viola e que lhe deu

um filho, e uma freira dêste Real Mosteiro da Conceição.

A ABADESSA

Meu rico mosteiro onde eu vivi cincoenta e dois anos! Quem te havia de vêr estalagem de franceses!

O BISPO

Releve-me Vossa Reverência a profanidade destas palavras.

A ABADESSA, *vendo a carta:*

Não diz o nome da freira?

O BISPO

Não diz o nome.— O senhor de Chamilly teve ainda êsse resto de nobreza! — Vossa Reverência não suspeita de nenhuma das religiosas?

A ABADESSA

Não, senhor Bispo.— Umas mais do que as outras, tôdas são virtuosas e reformadas.

O BISPO

Sabe se o senhor de Chamilly tem vizitado alguma freira na grade dêste convento?

A ABADESSA, *chamando:*

Sóror Simôa. *(A donata aproxima-se).* Tem vindo algum oficial francês à roda ou à grade?

SÓROR SIMÔA

Oficial francês? Não dou fé, reverenda Madre.

O BISPO, *a* SÓROR SIMÔA:

É a rodeira?

SÓROR SIMÔA

Mínima serva de Vossa Ilustríssima.

O BISPO

Não se lembra de ter vindo aí um oficial môço, loiro, calções vermelhos de berri de França, um cachimbo na bôca?

SÓROR SIMÔA

Não tenho idêa, senhor Bispo.

O BISPO

Admira que êle não tenha vindo à grade.

A ABADESSA, *recordando-se, súbitamente:*

Sóror Agostinha! (SÓROR AGOSTINHA *desce)* Quem eram as duas freiras que estavam ainda agora aqui, com as candeias apagadas, quando a comunidade passou para o côro?

O BISPO

Aqui?

SÓROR AGOSTINHA

Sóror Inês de Jesus e Sóror Mariana Alcoforado, reverenda Madre.

O BISPO

Estavam aqui duas religiosas quando Vossa Reverência passou para o côro?

A ABADESSA

Naquele canto. É capaz de ser alguma delas.

O BISPO

Ao pé do eirado?

A ABADESSA

De luzes apagadas.— Quando eu vinha andando, alevantaram-se-me duas sombras diante da minha candeia. Quem vive? — perguntei eu. Respondeu uma, depois a outra. Que iam para os ofícios divinos, e que o vento lhes tinha apagado as candeias.

O BISPO, *com estranheza:*

O vento? — Mande Vossa Reverência chamar essas duas freiras.

A ABADESSA, *a* SÓROR AGOSTINHA, *que se curva e sái pela D. alta:*

Sóror Mariana e Sóror Inês que venham à presença do senhor Bispo.

O BISPO

São freiras môças?

A ABADESSA

Muito môças, e ambas de véu preto.

O BISPO

Vossa Reverência não lhes perguntou porque não tinham descido com a comunidade?

A ABADESSA

Não me recordo.

O BISPO

Não notou qualquer perturbação em alguma delas?

A ABADESSA

Vejo pouco.

O BISPO

Dormem ambas na mesma cela?

A ABADESSA

Em celas pegadas.

O BISPO

É preciso recolher já todos os papéis dessas duas religiosas.

A ABADESSA

Sóror Simôa. Vá às celas de Sóror Mariana e de Sóror Inês, e traga todos os papéis que lá achar. — Revolva tudo. Os arquibancos e os catres. *(Baixo, ao* BISPO, *vendo assomar na D. alta* SÓROR MARIANA *e* SÓROR INÊS, *seguidas da leiga* AGOSTINHA) Ali estão elas.

SÓROR SIMÔA, *sái pela E. alta.*

O BISPO, *baixo à* ABADESSA, *olhando as duas freiras, que se curvam de longe numa vénia:*

Sóror Inês de quê?

A ABADESSA

De Jesus.

O BISPO, *chamando:*

Sóror Inês de Jesus. (SÓROR INÊS *desce e cur-*

va-se ligeiramente diante do BISPO). Vossa Reverência é a freira que costuma tocar cravo nas comédias do convento?

SÓROR INÊS

Sou eu, senhor Bispo.

O BISPO, *observando-a, fixamente:*

Estou-a reconhecendo. *(Chamando a outra freira)* Sóror Mariana Alcoforado. (SÓROR MARIANA, *muito pálida, avança até junto de* SÓROR INÊS *e curva-se diante do* BISPO) É da família dos Alcoforados de Beja?

SÓROR MARIANA

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

Tenho idéa de que assinei no ano passado uma provisão dispensando-a do refeitório e das disciplinas de comunidade. Vossa Reverência estava, então, doente. — Qual é a doença de Vossa Reverência?

SÓROR MARIANA

Acidentes.

O BISPO, *observando* SÓROR MARIANA:

Acidentes?

SÓROR SIMÔA, *voltando com dois maços de papéis de solfa e breviários, que entrega à* ABADESSA:

De Sóror Inês. — De Sóror Mariana.

O BISPO

Vossas Reverências estavam ambas aqui, ainda agora, quando a comunidade passou para o côro? *(Silêncio das duas freiras)* Estavam aqui, não é verdade?

SÓROR INÊS, *depois de novo silêncio, vendo que* SÓROR MARIANA *não responde:*

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

A comunidade costuma descer para os ofícios de prima logo que o sino toca? *(Silêncio)* Não é verdade?

SÓROR INÊS

Sim, senhor Bispo.

O BISPO, ***emquanto a*** ABADESSA ***examina os papéis:***

Por conseguinte, Vossas Reverências já andavam levantadas quando o sino tocou. *(Silêncio)* Evidentemente, — já andavam levantadas. *(Silêncio)* Que tinham Vossas Reverências que fazer pelo mosteiro, quando tôdas as religiosas dormiam?

SÓROR INÊS, ***balbuciando:***

Íamos para o côro.

O BISPO

Sòzinhas? — E levavam as candeias, como manda a regra?

SÓROR INÊS, ***numa progressiva angústia:***

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

Acêsas?

SÓROR INÊS

Acêsas.

O BISPO

Então, por que foi que as apagaram? *(Silêncio)* Porque as apagaram?

SÓROR INÈS

Foi o vento que as apagou.

O BISPO

Foi o vento que apagou ambas as candeias?

SÓROR INÊS

Sim, senhor Bispo.

O BISPO

E porque não apagou o vento as candeias das outras religiosas que passaram depois?

A ABADESSA, *intervindo:*

Sim, porque não apagou o vento as candeias das outras religiosas que passaram depois?

O BISPO

Naturalmente, porque só havia vento no eirado. — Vossas Reverências foram àquele eirado? *(Silêncio)* Foram àquele eirado?

SÓROR INÊS, *hesitante:*

Não, senhor Bispo.

O BISPO

Noto que é Vossa Reverência sempre que me responde. — Porquê?

SÓROR MARIANA

Fui eu que apaguei a luz da minha candeia.

O BISPO

Vossa Reverência? — Então, em que ficamos? — Foi Vossa Reverência ou foi o vento?

SÓROR INÊS, *adivinhando o impulso de* SÓROR MARIANA *para denunciar-se, encobre-a com o corpo, agarra-lhe dissimuladamente a mão num movimento nervoso, suplica-lhe, baixo:*

Mariana! Pelas divinas chagas, não te atraiçoes!

A ABADESSA, *ao* BISPO, *observando-as:*

É uma delas.

O BISPO

É uma delas. Mas qual? Que há nos papéis?

A ABADESSA

Nada. Papéis de solfa e os breviários.

SÓROR INÊS

Que ordena mais Vossa Ilustríssima?

O BISPO

Um momento. — Alguma de Vossas Reverências conhece o oficial francês Conde de Chamilly e de Saint-Leger?

SÓROR INÊS

Não, senhor Bispo.

A ABADESSA, *dirigindo-se a* SÓROR MARIANA, *que* SÓROR INÊS *encobre:*

E Vossa Caridade, também não o conhece?

SÓROR INÊS, *suplicando, a mão crispada no hábito de* SÓROR MARIANA:

Mariana!

SÓROR MARIANA, *numa tortura:*

Tambêm não.

O BISPO

Pois o senhor de Chamilly esteve esta noite no convento à hora a que Vossas Reverências andavam levantadas, e saíu por êste eirado, ao tocar do sino para a hora de prima, precisamente quando Vossas Reverências estavam aqui.— Pesa sôbre a cabeça de ambas mais do que a suspeita: a certeza. Uma de Vossas Reverências desonrou o hábito que veste. Qual das duas foi?

A ABADESSA

Recolhem-se ambas ao cárcere! *(Chamando)* Madre rodeira!

O BISPO

Não. Há aqui uma inocente.

SÓROR INÊS, *baixo, a* SÓROR MARIANA:

Silêncio.

SÓROR MARIANA, *num êxtase doloroso:*

Que delícia, sofrer por êle!

O BISPO

Vossas Reverências não respondem? *(Silêncio)* Qual das duas recebeu esta noite, criminosamente, o senhor de Chamilly? — Êle próprio o diz nesta carta. Há uma freira do mosteiro da Conceição que o recebe de noite na cela!

A ABADESSA, *observando-as, fixamente:*

Leia Vossa Ilustríssima a carta...

O BISPO

Vejam Vossas Reverências por onde anda a honra de um dos mais nobres mosteiros de Portugal! *(Lendo a carta, devagar)* "Sigo esta madrugada para Alvito com a minha companhia de cavalos. Embarco depois para França..."

SÓROR MARIANA, *num murmúrio imperceptível:*

Noel!

O BISPO, *que continúa a lêr e a observá-las:*

"Já sinto a falta de Versailles, do regimento de Mazarin e das mulheres de Paris. As portuguesas enfastiam-me de morte...„

SÓROR MARIANA, *num soluço:*

Noel!

O BISPO

"Deixo aí duas, em Beja. Uma freira do mosteiro da Conceição, que me recebia de noite no convento, e uma mulher da rua do Touro, que me deu há três dias um filho...„

SÓROR MARIANA, *num grito de dôr:*

Noel!

SÓROR INÊS, *querendo detê-la, baixo:*

Mariana, que te perdes!

SÓROR MARIANA, *atirando-se para o* BISPO *e arrancando-lhe a carta das mãos:*

Não! Mentira! Mentira, senhor Bispo!

O BISPO, *erguendo-se, com dignidade:*

Sóror Mariana!

SÓROR MARIANA, *desdobrando a carta nas mãos convulsas:*

Mentira! Isto não está escrito aqui! Não foi a tua mão que escreveu isto, Noel! *(Querendo lêr, os olhos turvos de lágrimas)* Noel! Porque me fugiste tu? Porque me enganaste tu? Porque me mataste tu? *(Soluçando e beijando a carta)* Noel! Noel!

O BISPO, *a* SÓROR MARIANA:

Foi então Vossa Reverência que recebeu na sua cela o senhor de Chamilly?

A ABADESSA

Foi Vossa Caridade?

SÓROR INÊS

Mariana! Pelas cinco chagas!

SÓROR MARIANA

Fui eu! — Gritem a todo o mosteiro que

fui eu! Perdida já eu estou. Perdida de corpo e alma! Perdida porque êle me fugiu! Noel! *(Numa agonia voluptuosa)* Se tu soubesses como é bom sofrer por ti! Faze padecer mais, mais ainda, a tua pobre Mariana! — Noel! — Oh! minha mãe! Minha mãe! Porque não me enjeitaram, antes? Porque não me afogaram? Porque não me estrangularam no berço? Matassem-me, como se faz às crias das cadelas que as mães enjeitam! Mas não me enterrassem viva! Mas não me vestissem esta mortalha, que me sufoca! Mas não me metessem neste inferno! *(Ouvem-se os clarins do esquadrão de* CHAMILLY: MARIANA *atira-se como doida, os braços erguidos, para a janela de rótulas do F.)* Noel! Meu amor! Quebra-me estas grades! Tira-me desta prisão! Leva-me comtigo! Eu quero viver! *(Num grito estridente)* Noel! Noel! *(Cái desamparada no chão de tijolo, braços abertos, hirta)*

SÓROR INÊS, *lançando-se, num grito, sôbre o corpo de* MARIANA:

Mariana!

As donatas, SÓROR SIMOA *e* SÓROR AGOSTINHA *aproximam-se.*

O BISPO

Um acidente.

SÓROR INÊS

Mariana!

A ABADESSA, *ao* BISPO:

Que ordena Vossa Ilustríssima?

O BISPO, *comovido:*

Que a tratem com amor. Deus ouviu-a. E perdoou-lhe.

Ouvem-se mais perto os clarins. A manhã esplende. O pano cái, rápido.

M. DA SILVA GAYO

A ENCRUZILHADA

DRAMA NUM ACTO

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE
A. M. TEIXEIRA

1903

AO

JURY

DO

CONCURSO DRAMATICO

PERSONAGENS

Dr. Thomaz de Lucena — médico, 35 annos.

José Cabral (capitão de artilheiros) — 30 a 32 annos.

P.e Saraiva, Prior de Valle-da-Serra — 65 a 70 annos.

Maria Pacheco — 25 annos.

João Veterano, antigo guerrilheiro e soldado da guerra civil — 90 annos.

D. Constança Pacheco (que apenas apparece) — 55 annos.

Um soldado, creados e creadas.

Lavradores, pastores, gaiteiros, adufeiras, serranos, espadeladeiras, etc.

A scena passa-se em Valle-da-Serra, na Beira Alta. —Actualidade.

Sala vasta na Casa de Valle-da-Serra. Ao fundo: da esquerda — uma porta larga, aberta sobre o jardim; da direita — uma varanda dando tambem sobre o jardim, e por onde se avista longe, assim como pela porta, uma lomba de serra. Da direita e da esquerda do espectador, uma porta de serviço interior: a primeira fechada e tapada com o reposteiro armoriado; a segunda aberta, com o reposteiro apanhado. Tecto apainelado. Pelas paredes, retratos historicos de familia. Mobilia antiga: junto de cada porta interior um contador de bancada alta, supportando castiçaes de prata, e pequenas peças d'arte; ao meio da sala um bufete de pau preto, tendo ao lado uma poltrona de coiro com pregaría — do estylo das que se aprumam em volta da quadra. No proscenio: á direita, sobre um tapete solto, e junto duma mêsa coberta com uma côlcha, onde se vêem livros, jornaes e um candieiro de largo «abat-jour», — uma cadeira de encosto, e duas pequenas cadeiras seculo XVIII.

E' na primavera. Dia claro e leve.

De momento a momento, ouvem-se ao largo descantes, rumores de adufes, notas espreguiçadas e trémulas de gaitas de folle.

Estoira de quando em quando no ar brando um foguete estúrdio. A certa altura repicam sinos de campanario.

SCENA 1.ª

Ao erguer do panno, Maria Pacheco está compondo um ramo de flores numa jarra da India, que tem sobre o bufete.

Entra pela porta do fundo o P.e Saraiva, Prior de Valle-da-Serra.

O PRIOR

Santos dias!

MARIA *(voltando-se)*

Senhor Prior! Não contava ainda...

O PRIOR

E' cedo para visita, bem sei... mas estava ardendo por ter noticia da sua doente. Como passou a noite?

MARIA

Melhor... muito melhor, graças a Deus! *(indica ao Prior a poltrona de coiro, que elle, cortejando, acceita).*

O PRIOR

Fez muito, certamente, a alegria de ver o sobrinho, e de ouvir tudo em alvoroço para o saudar!

MARIA

Foi hontem a crise, como o senhor Prior sabe. Horas de angústia...; passadas, graças a Deus!

O PRIOR

E é caso para as erguer! Se não fôra a ajuda de Deus, a sciencia do doutor Thomaz, só por si...

MARIA

Sim... não podia tudo..., embora elle seja um grande medico...

O PRIOR *(seccamente)*

Não desfaço no seu saber. Presume muito, no entanto, da pobre sciencia humana — o que é já uma fraqueza...

MARIA

Desculpavel em quem trabalha com tanta fé...

O PRIOR (*ironicamente*)

A' busca do tal *sôro* mágico...

MARIA

Mágico ou não, efficaz.

O PRIOR (*com espanto*)

Pois?

MARIA

Com este exemplo da minha mãe....,. correndo tudo como o doutor previra..., renascendo a doente a olhos vistos...

O PRIOR

Graças á vontade de Deus!

MARIA

Revelada na intervenção dedicada do médico...

O PRIOR (*com intenção*)

Tanto mais explicavel sendo a doente a mãe de Vossa Excellencia...

MARIA

Creio bem que o doutor se dedicaria por qualquer doente. E' homem de abnegação e piedade. Deu boa prova na epidemía do anno passado. E o povo, rude como é, faz-lhe melhor justiça do que o senhor Prior, pessoa tão illustrada e de talento.

O PRIOR

Vossa Excellencia é que não se limita a fazer-lhe justiça: divinisa-o.

MARIA

Quasi seria necessario, para compensar-lhe a má vontade do senhor Prior.

O PRIOR *(grave)*

Má vontade, não a tenho a ninguem; só não me deixo levar logo a suppôr maravilhoso um remedio em que o proprio inventor não tem inteira confiança.

MARIA *(largando o ramo em meio e apontando para a porta da esquerda)*

Como se explica então este resultado?

O PRIOR

Para quem tenha ainda fé verdadeira... E é se fôr decisivo...

MARIA *(juntando as mãos)*

Jesus!

O PRIOR

Confiemos em Deus.

Mas..., tòrnando ao invento do *sôro*, sempre quero perguntar a Vossa Excellencia se se lembra das palavras desanimadas do doutor Thomaz...

MARIA

Quando?

O PRIOR

N'aquella noite, em que passou aqui, para a Guarda, o Doutor Martins, de Lisbôa.

MARIA

Ah! Lembro: que não obtivera nada em differentes especies animaes, depois de muitas experiencias, mas que, se fosse possivel fazer a inoculação do virus n'um organismo humano... talvez...

O PRIOR

Exactamente...

MARIA

E até o doutor Martins observou: que só a pena de morte, se voltasse, nos poderia dar ainda ensejo a tão perigosa experiencia...

O PRIOR

Ora então, como é que V. Ex.ª attribue ao tal *sôro*, por obter, a salvação provavel de sua mãe? A não suppôr que o doutor Thomaz tivesse sujeitado a senhora D. Constança a uma experiencia de vida ou de morte...

MARIA (*num movimento de protesto*)

Que horror!

O PRIOR

Pois a não suppôr esse crime, ou outro antecedentemente realizado, e não constando que elle em qualquer animal tivesse por fim obtido a vaccina especifica — o tal bacillus attenuado — não vejo como possa explicar o resultado colhido... senão por mercê de Deus. .

MARIA

Por um sacrificio...

O PRIOR

Um sacrificio?! De quem?

MARIA (*sempre de pé, tentando compôr de novo o ramo das flôres*)

Do proprio medico, que em si mesmo inoculasse...

O PRIOR (*dando um salto na poltrona*)

Vossa Excellencia não está em si! Pode lá imaginar-se semelhante sacrificio? E da parte dum homem de hoje, dum sabio moderno! Com aquelle espirito... sceptico, cheio de ironia...

Tal credulidade nem parece de Vossa

Excellencia, duma senhora educada na capital, e tão instruída...

MARIA

Pois olhe...

O PRIOR (*como não ouvindo*)

E depois, dando mesmo que salvava esta doente *(aponta para a porta da esquerda)*, não havia de querer deixar perdido o segredo.

MARIA

Se tudo deixasse escripto...

O PRIOR (*com auctoridade*)

Quem dedica a vida a uma tentativa, de que poderiam vir gloria e fortuna, não se conforma assim com a morte... morte que, neste caso, seria um suicidio.

MARIA

Pois ha dias que esta ideia me persegue, desde que vi a minha mãe a melhorar... E tudo ligo: o aspecto do doutor, caído de hora para hora...

O PRIOR

Não veiu elle para aqui tão doente, ha dois annos?

MARIA

Aquella obcessão da morte, que não lhe conhecia d'antes...

O PRIOR (*com intenção*)

Que até se revelou só desde que foi annunciada a vinda do senhcr José Cabral.

MARIA

Se só ha pouco tempo tivesse começado a sentir os effeitos d'alguma experiencia...

O PRIOR

Comprehendo. Vossa Excellencia, na febre do seu enthusiasmo pelo... suppôsto sacrificio, estabeleceu já certa correlação entre o abatimento do doutor e o renascimento de sua mãe. Chego mesmo a crêr que nem saberá se ha de affligir-se mais pelo primeiro do que alegrar-se pelo segundo!

MARIA (*sentida*)

Senhor Prior!

O PRIOR (*saccudido*)

E olhe, minha senhora: para a senhora D. Constança, nem eu sei, tambem, qual seria melhor — se morrer por uma vez, de

enfermidade, se ver ainda desfeito todo o sonho da sua velhice...

MARIA *(como acima)*

Senhor Prior!

O PRIOR *(entre exaltado e commovido)*

Perdôe-me, minha Senhora, se a minha antiga amisade por todos os senhores d'esta casa, e por Vossa Excellencia — a quem ouví de primeira confissão — me tornar importuno e indiscreto. Creia que só por lhe querer muito me atreverei a dizer o que venho pensando ha tempo... e tenho calado até hoje por motivo dos trabalhos e afflicções da doença. *(aponta para a porta interior esquerda)*.

MARIA

Mas que eu peço me diga já...

O PRIOR

E que vem muito a propósito no dia de hoje, de festa para todos mais, ao ver que é Vossa Excellencia a unica pessoa triste.

MARIA *(deixando de novo espalhar as flores)*

Triste?!

O PRIOR

Assim parece... *(indicando o ramo desfeito)* até as flores a desconhecem...

MARIA *(juntando ainda as flores)*

Mas... o que vem pensando ha tempo?

O PRIOR *(accentuando as palavras)*

Que Vossa Excellencia, tendo seguido, quasi desde menina, o direito caminho do seu verdadeiro destino, chegou a uma encruzilhada da vida, onde ficou em risco de perder-se.

MARIA

Como?

O PRIOR

Mudando de caminho.

MARIA *(parando outra vez com o ramo)*

Não comprehendo.

O PRIOR *(que vae falando com crescente animação)*

Não quer comprehender. Desenvolverei a parábola. — O caminho antigo, seguido por esta mesma senhora D. Maria Pacheco *(indica-a)*, foi o da escolha de todos os seus — entrevisto ainda pelos olhos do pae moribundo, avistado, como estrada segura, pelos olhos amoraveis da mãe. E o que a vista, incerta já, daquelle bom fidalgo, como a vista viva da excellente senhora *(aponta-para a porta da esquerda)* enxergavam ao lon-

go dessa estrada, na ante-visão do futuro talhado pelos dois, era um grupo de noïvos: — era o vulto delgado da filha querida e unica cingido ao vulto aprumado e esbelto do sobrinho — do moço que saíu o soldado forte, agora saudado em Portugal com um barulho heroico de acclamações. — Era esse o caminho que D. Maria Pacheco seguia. *(gesto de Maria que, muito commovida, o quer interrompêr)*. Era esse o caminho traçado á filha desta raça historica, firme e crente, que se continuaria, por meio da disposta alliança, sem quebra nem desfallecimento das virtudes herdadas...

MARIA

Mas eu ainda não deixeí esse caminho...

O PRIOR

Só receio que o não siga voluntariamente... E não sou eu só, talvez, a receá-lo...

MARIA

O que quer dizer?

O PRIOR

Que tambem o receará quem menos devêra ser a isso obrigado: *(bruscamente)* o seu noivo.

MARIA

Senhor Prior!

O PRIOR

Sim, o seu noivo, que, logo á chegada, notou differença em Vossa Excellencia!

MARIA

Senhor Prior!

O PRIOR (*com insistencia*)

Percebi-o no serão de hontem, quando cá estava o doutor.

MARIA (*exaltada*)

Ninguem poderá dizer que eu deixarei de seguir...

O PRIOR

E' comtudo coisa grave a hesitação na encruzilhada.

MARIA

Mesmo quando o segundo caminho fosse o duma vida ephemera?

O PRIOR

Sempre!

E é de vê-la hesitante e duvidosa que o meu coração de amigo velho tanto se dóe. E dahi vem o não poder eu ouvi-la quando

se me afigura que ainda uma diabólica tentação a arrastaría...

MARIA *(com dignidade)*

Senhor Prior! Nada o auctoriza a duvidar do meu procedimento...

O PRIOR

Decerto, minha senhora! Mas a um padre, a um confessor, que é um amigo, não pode ser indifferente a conformidade dos sentimentos e das acções, E' isso que dá uma só feição d'alma e deixa ver um só caminho!

MARIA

Mas a gratidão, e a justiça ..

O PRIOR

Acho muito exaggeradas a gratidão e a justiça que levam uma senhora, como Vossa Excellencia, a interessar-se mais por uma descoberta duvidosa do que pelas acções reaes do seu noivo.

MARIA *(animada)*

Descoberta duvidosa a que eu talvez deva a vida de minha mãe!

O PRIOR

A vida da senhora D. Constança está, como todas, suspensa das mãos de Deus. E só a cegueira dum funesto enthusiasmo pode inspirar tão desmedida confiança em quem talvez a não mereça tanto.

MARIA

E' a minha mãe a primeira a mostrar-se devotamente grata.

O PRIOR

Caso vulgar, naquelle estado...

MARIA

E' a confiança no real valor...

O PRIOR

Com tão real valor, não estaria aqui mettido em Valle da Serra.

MARIA

Não admira que colhesse amor ao logar onde salvou tanta gente e onde ficou tão querido...

O PRIOR

Era mais natural que para as novas experiencias escolhesse uma terra grande...

MARIA

O isolamento é-lhe propício ao trabalho. Depois, estando tão perto da villa e a duas leguas duma cidade; com viagens, com idas a Lisboa, a adquirir instrumentos e apparelhos...

O PRIOR

Pois eu creio que o verdadeiro, que o unico motivo da permanencia aqui é muito outro...

MARIA

A da propria saúde, que tinha conseguido restaurar neste clima...

O PRIOR

A esperança... de que a sua presença offuscaría a memoria de quem tão longe andava jogando a vida.

MARIA (*tendo dominado um movimento de protesto)*

Esperança que breve morrería com elle; pois a crêr no seu sacrifício, eu só poderia prever-lhe a morte...

O PRIOR (*incrédulo*)

Se elle, por fim, não triumphasse mesmo em vida, depois de a ter dominado (*aponta para Maria)* pela ideia dessa abnegação mortal...

MARIA

Ó senhor prior!

O PRIOR

Confesse, minha Senhora, que se não acha tão tranquilla como d'antes, desde que nesse espírito — vivo e desenvolvido em demasía — começou a exercer-se uma nova influencia; desde que a unidade do seu primitivo sonho se dividiu. E' toda outra, hoje, aquella senhora D. Maria Cabral Pacheco, nascida e creada dentro das mais bellas tradições, desde que alguem — nesta mesma casa onde ella nasceu, debaixo das arvores *(faz menção de voltar-se para o lado do jardim)* que deram sombra aos seus primeiros passos, a veiu... a veiu deslumbrar e tentar com a magía de novos ideaes, com a linguagem enganosa e facil das theorías modernas, com a luz de horisontes desconhecidos, tão illimitados e abertos como despidos de abrigos e refúgios... *(com mais calor)* Porque esse homem não se impoz a Vossa Excellencia apenas como o médico de sua mãe, *(com sarcasmo)* — agora como um martyr voluntario — mas sim pela forma do espirito, cheio de seducção e novidade, e muito antes de lhe ser grata, e antes de o imaginar perdido. E' toda outra *(indicando-a)* esta mesma senhora, desde

que lhe deixáram entrever, batido de claridade maravilhosa, um caminho differente da estrada segura e prevista, embora talvez mais estreita, que começára a seguir. Ah! Confésse, confésse que se sente muito outra, e que se encontra na encruzilhada...

MARIA *(com altivez)*

E se confessasse, não teria absolvição?

O PRIOR *(erguendo-se colérico e como respondendo áquella pergunta)*

Pergunte-o, senhora, *(aponta para os retratos)* a estes retratos que nos cercam. Vá perguntá-lo á santa fidalga, *(aponta a porta da esquerda)* mal fugida á morte. E pergunte-o tambem ao... seu noivo — áquelle que veiu trazer-lhe, ainda mais glorioso do que o herdára, o nome agora entre todos saudado e querido em Portugal — áquelle que, lá dentro *(indica de novo a porta da esquerda)*, está narrando á senhora em quem já via uma outra mãe, as acções grandes praticadas pela guerra d'Africa. Pergunte-o a todo o povo alvoroçado, que hoje vem vêr e festejar carinhosamente esse bom português — esse português á antiga. *(Dominando o gesto de Maria, que quer interrompê-lo)*. E depois, depois de ouvida a resposta, negue á vinda do

seu noivo, para as attribuir a outra causa, e negue á propria acção de Deus as melhoras de sua mãe, *(Maria curva a cabeça, mostrando-se commovida)*. E por que ella, a santa senhora, nada mais sôffra e duma vez acabe com trabalhos e angustias, desfaça o que para todos era coisa contada, desmanche esse noivado, promettido a moribundos e a vivos. Morto todo o passado, poderá seguir, sem estôrvo, pelo caminho novo...

MARIA

Que neste caso, seria o da morte...

O PRIOR

Se o fosse... mas nem por isso menos de temer .. para quem não tem direito de fugir á vida...

MARIA

Acaso os mortos podem vencer os vivos?

O PRIOR

Se lhes levarem o melhor das almas queridas... Se lhes deixarem destruido todo o sonho da existencia... *(com vivacidade)*... Sería sempre a encruzilhada, mesmo que fosse... entre a vida e a morte...

MARIA (*muito commovida*)

Encruzilhada... onde ficarei, visto que ninguem della me ajuda a sair...

O PRIOR (*já moderado e apontando-lhe para fóra, a fazer notar os ruidos da festa*)

Nem todo este ruído, que é de vida e de alegria heroica? Nem a ideia de sua mãe?

MARIA (*muito commovida e como despertando d'um sonho*)

Sim... sim, com o auxilio tambem das suas palavras! *(implorativa)*. Mas então não me condemne e não me desampare! Quero seguir pelo caminho antigo...

O PRIOR

Firmemente?

MARIA

Sim; serei reservada e altiva, dura até mesmo a quem desse caminho traçado pudésse desviar-me, ainda que fosse só para o dos mortos. Afastarei a ideia de sacrificios... impossiveis. Hei de defender-me...

O PRIOR (*com doçura*)

Deus a oiça, e me ajude a ampará-la... *(receoso)*. Que eu ainda temo...

MARIA

O quê? Se começo a crêr-me salva!

O PRIOR

Que o seu espirito arraste o seu coração... *(vivamente)*. Não haveria causa que ainda a fizesse voltar á encruzilhada?

MARIA

Agora! Quando já prometti ser tão reservada e fria?

O PRIOR (*ainda receoso*)

Deus a oiça! Deus a oiça!

SCENA 2.ª

Os mesmos e João Veterano (que entra pela porta do fundo, tendo vindo a falar com alguem que ficou fóra).

JOÃO VETERANO (*ainda para fóra*)

Esperem por signal dos da Serra. *(Falando para dentro da sala)*. Com licença de Vossas Senhorias!

MARIA (*como accordando*)

Entra, João Veterano!

O PRIOR (*a João Veterano*)

Vens açodado!

JOÃO VETERANO

E arrenegado, senhor Prior!

O PRIOR

Porquê, homem?

JOÃO VETERANO (*brusco*)

Com mil balas! Por caso desta chegada temporã do sr. D. José! Nem deu vagar para se arrebanhar gente!

O PRIOR

Diz que vêem ahi duas freguezias em peso!

JOÃO VETERANO

Pois estariam hontem duas ou três por essa estrada, á espera; mas ninguem adivinhava!

MARIA (*a João Veterano*)

Ficou para hoje: *(apontando para fóra)* que já tudo anda alevantado em descantes e repiques...; e ao dia de semana!

JOÃO VETERANO

Obra da minha prégação, senhora! Não, que tamanhas acções do fidalgo, nesta guerra d'Africa, dão-me cá certas com prophecias!

O PRIOR (*a João Veterano*)

Lá estás tu com o teu Bandarra, e com o teu Encoberto...

JOÃO VETERANO (*ao Prior*)

Não, não hei de estar... se tudo, finalmente, vem caír naquellas antigas futurações! Lá diz a trova:

(*recitando*)

Ah! Portugal! Portugal!
Já lá vae tua canceira!

MARIA (*a João Veterano*)

Mas a trova dá a entender que será o proprio Rei Encoberto quem ha de vencer, e salvar Portugal.

JOÃO VETERANO (*a Maria*)

Ou alguem por Deus mandado em seu logar... se fôr de comparada força e fé...

O PRIOR (*sorrindo, a João Veterano*)

E' o teu fraco, meu velho. Só nisso te mostras achacado da edade. No mais vales ainda por um rapaz (*João Veterano encolhe os hombros*).

MARIA (*a João Veterano*)

E a que vinhas agora?

JOÃO VETERANO

Pois a saber se não dará mal á senhora Morgada que o povo aqui venha em festa...

MARIA

Bem cuido que não. . Queres tu mesmo ir vêr a minha mãe e perguntar-lho?

JOÃO VETERANO

Pois quero, Senhora!

O PRIOR

Tambem eu iria ver a Senhora D. Constança, se a não molestasse...

MARIA (*indicando ao prior a porta da esquerda*)

Queira entrar, senhor Prior. Eu vou...

O PRIOR

Não é necessario...; fique Vossa Excellencia a dispôr as suas flores.

MARIA (*accedendo*)

O José deve lá estar...

O PRIOR

Até já. (*sae pela porta da direita, seguido de João Veterano*).

Maria volta para junto do bufete.

Pela porta do fundo vem entrando, muito alquebrado, caminhando a custo, o dr. Thomaz de Lucena.

SCENA 3.ª

THOMAZ (*apercebendo Maria*)

Vossa Excellencia dá-me licença?

MARIA (*estremecendo e deixando espalhar as flores*)

Ah! o Senhor doutor! (*estende-lhe a mão, trahindo a impressão que lhe causa o abatimento, mas dominando-se*) Descance. (*convida o doutor a que se sente*) Antes nesta, (*indica-lhe a cadeira de encosto e senta-se noutra cadeira*) Acha-se peor?

THOMAZ (*agradecendo e sentando-se*)

De hontem para hoje... (*encolhe os hombros*) A senhora D. Constança?

MARIA

Graças a Deus!

THOMAZ (*fazendo um gesto de pausa, como quem quer descançar um pouco*)

Iremos vê-la já...

MARIA (*procurando manter-se serena e fria*)

Pois parece outra! Lá tem estado a ouvir, toda a manhã, e sem fadiga, a história da campanha d'Africa. Revê-se no valor e nas acções do José.

THOMAZ (*meneando melancholicamente a cabeça*)

Não ha como o risco da morte para dar encanto e interesse á vida! Muitas vezes, até: morrer é que será vencer...

MARIA (*affectando desprendimento*)

Naturalmente, para os que não possam vencer... vivendo.

THOMAZ (*com ironia triste*)

Se nem todas as vidas podem ser altivamente heroicas!

MARIA

Serão bellas todas as mais que envolvam sacrificio ou voto de valor... por uma ideia, por uma pessôa amada...; *(com vivacidade)* é o caso do José, toda a vida d'elle...

THOMAZ

Essa entra no número das primeiras.

MARIA

Por fóra. *(com intenção)* Intimamente, talvez entre tambem no número das segundas...

THOMAZ

Quer dizer...

MARIA

Que talvez na sua acção heroica fosse envolvido...

THOMAZ (*arrastando as palavras*)

Sacrificio ou voto de valor por uma pessôa amada.

MARIA

Precisamente.

THOMAZ

Sacrificio largamente compensado...

MARIA (*com fingida simplicidade*)

Mas que o não sería... se elle tivesse encontrado a morte, a morte vencedora!

THOMAZ

Porque é do número daquelles que podem vencer... vivendo.

MARIA (*com altivez*)

Não é um privilegio dos que valem?

THOMAZ (*com amargura*)

E' a sorte dos que são facilmente comprehendidos... e nem todos o alcançam.

*

MARIA (*adoçando a voz*)

Porquê?

THOMAZ

Porque nem sempre, onde passem, accordam affinidades. *(animando-se)* Diga-me Vossa Excellencia: sentiria e amaria egualmente a bravura e a coragem? O impulso que leva a arrostar a morte num lance, e aquella tenacidade, que nos faz supportar com valor uma vida de lucta, e até cortar direito a uma morte obscura?

MARIA (*dominada já*)

Creio bem que sim...

THOMAZ

Pois confésso que lhe fazia a injustiça de o não suppôr.

MARIA (*falando com crescente animação*)

Sim... bem sei que julga os portuguêses, as mulheres especialmente, incapazes de pôrem verdadeiro interesse e calor d'alma na existencia, quando esta não tome côr de aventura, e não côrra passos de drama. Mas, se é esse o nosso feitio de espirito, justifi-

cado por uma tão linda e agitada história, o nosso coração, desde sempre affeito a todas as ternuras vivas, ha de ser tambem sempre levado, por natureza, a abraçar as dedicações simples e obscuras. E é por isso que podemos ser de hoje pelo sentimento da realidade humana, sendo de hontem pela imaginação, e pelo culto do heroismo. E' por isso que, vibrando pelo Passado, podemos, nós, fazer justiça aos que são injustos comnosco, em nome do Presente...

THOMAZ (*maravilhado de a ouvir*)

Como?

MARIA

Reconhecendo-lhes todo o real valor d'alma...

THOMAZ

Todo?

MARIA (*perturbada*)

Sim...

THOMAZ

Até o que nos inspira as dedicações suprêmas?

MARIA (*vencida*)

Até... esse...

THOMAZ (*commovido*)

Que bem me faz ouvi-la, minha Senhora!

MARIA (*retomando-se com forçada naturalidade*)

Tudo merece quem tudo fez para salvar a minha mãe... *(num movimento sincero)* E está salva, não está?

THOMAZ

Começo a crêr qua está... Não a acha melhor?

MARIA

Com certeza; attribuimos mesmo, em parte, aquella animação á vinda do José...

THOMAZ (*sorrindo com tristeza*)

Era natural... que V. Ex.ª.

MARIA

Não fui só eu .. Eu fiz sempre justiça á intervenção dedicada...

THOMAZ (*exaltado*)

Então, diga: se a convencessem de que alguem se teria sacrificado para lha salvar... *(aponta para a porta da esquerda).*

MARIA (*nervosa*)

E não poderia vê-la salva sem tal sacrificio? Só a ideia aterra, ao mesmo tempo... Sería, em verdade, um suicidio!

THOMAZ (*com desprendimento*)

Perda duma só vida, compensada pela salvação de muitas, depois daquella. *(aponta para a porta da esquerda).*

MARIA

E tudo por humanidade e por dó...

THOMAZ

Tambem por... devoção scientifica; e muito pela seducção que a Morte, a sereia negra, exerce sobre os que não têem direito a vencer... vivendo...

MARIA (*triste*)

Heroismo sem compensação, esse...

THOMAZ

Tê-la-hia na adivinhação última de tanta dôr evitada ou remediada.

MARIA

Só?...

THOMAZ (*com intenção*)

E... talvez... na gratidão intelligente da pessôa amada...

MARIA (*exaltada*)

Ah! a gratidão não bastaria... Só o voto da vida inteira ao culto dessa memória santa...

THOMAZ (*erguendo-se como desvairado*)

Bem haja! Mais do que nunca o sinto: — morrer é que é vencer!

MARIA (*afflicta*)

Doutor! Assusta-me! O que diz?!

THOMAZ (*apoiado á mesa, olhando em roda e sorrindo-se*)

Nada... estava a sonhar...

MARIA (*como alheada*)

Quem ouvirei, então, na realidade?

THOMAZ (*indicando a porta da esquerda, donde vêem entrando José Cabral, o Prior e João Veterano*)

— O seu noivo.

SCENA 4.ª

Os mesmos e José Cabral, Prior e João Veterano

JOSÉ CABRAL (*cumprimentando friamente*)

Senhor Doutor Lucena!

THOMAZ

Senhor José Cabral! Senhor Prior!

O PRIOR (*sêcco*)

Senhor Doutor!

JOSÉ CABRAL (*a Maria*)

Maria, tua mãe quer-te. Talvez depois queira tambem o senhor Doutor...

MARIA

Sim... voltarei dizer (*sae pela porta da esquerda.*)

SCENA 5.ª

Os mesmos, menos Maria

JOÃO VETERANO (*tendo estado a olhar para o doutor*)

O' senhor Doutor! Isso não está bom! Não no queriamos assim! Hoje então!

THOMAZ (*como afastando, com o gesto, todo o interesse por si proprio, e dirigindo-se ao Prior e a José Cabral*)

A senhora D. Constança? Estava para ir vê-la.

O PRIOR

Mais animada, sem dúvida...

JOÃO VETERANO (*como despertando, com ar atarefado*)

O' senhor Doutor! E não dará mal á senhora Morgada que o povo aqui venha em festa?

THOMAZ

Não sendo coisa muito demorada... (*sentando-se*) Já me custava estar de pé...

JOSÉ CABRAL (*ao Prior*)

Faremos o mesmo (*senta-se*)

O PRIOR *(sentando-se tambem)*

Eu, por pouco tempo...

JOÃO VETERANO *(resoluto)*

Meio dia será de sesta! Pois vou-me a ajuntar nessa gente. *(fazendo continencia a José Cabral.)* E até breve, meu fidalgo!

JOSÉ CABRAL *(a João Veterano)*

Até breve, João!

SCENA 6.ª

Os mesmos, menos João Veterano

O PRIOR *(que ainda o seguiu com a vista, a José Cabral)*

Bom velho! Poz em alvoroço toda a gente do logar e redondezas; nem que Vossa Excellencia fosse o proprio Encoberto...

JOSÉ CABRAL *(ao Prior)*

O João quiz sempre muito a esta casa, como o senhor Prior sabe. *(Para o doutor).* Foi camarada de meu avô, na guerra civil; tudo fez para o salvar da morte, e por pouco o não varávam tambem, em Valle de Moiros.

O PRIOR (*indicando com um gesto*)

Aqui perto.

JOSÉ CABRAL

Quando já envelhecia, trouxe-nos ao collo, a mim e á... Maria. Mas nunca deixa de envergar a farda de veterano nos dias de festa...

O PRIOR

E hoje então!

JOSÉ CABRAL

Parecia doido de alegria quando hontem cheguei de surpresa. Chorava e ria, abraçando-me. Só não perdôa que eu não tivesse avisado.

O PRIOR

E' certo; queria levar todo o povo a esperar Vossa Excellencia.

JOSÉ CABRAL

Bom velho!

O PRIOR

Tambem... é natural. Não vê elle, como todos, em Vossa Excellencia o legítimo re-

presentante desta raça de bravos? *(aponta para os retratos)* Ah! o povo, esse, ainda acerta ás vezes com os grandes sentimentos. Por emquanto... que as taes ideias novas hão de por fim estragar tudo... *(para Thomaz)* Perdôe-me, senhor Doutor!

THOMAZ (*com voz muito fraca*)

O senhor Prior sabe que admitto todas as opiniões.

O PRIOR

Sim... não ha nada tão elástico como a indifferença.

THOMAZ

A tolerancia...

O PRIOR

A que absolve todos os erros e impiedades?

THOMAZ

A que acceita todas as formas da Verdade...

O PRIOR

Tornando irresolutos os que, assim, possam escolher mais dum caminho...

THOMAZ

E permittindo, muitas vezes, trocar mau atalho por boa estrada...

O PRIOR

Só a fé viva e certa cria verdadeiros heroes.

THOMAZ

Não é uma só a fé, nem o heroismo.

O PRIOR

Fallo do heroismo que conduz aguerridamente á morte.

THOMAZ

Todos podem conduzir á morte...

JOSÉ CABRAL

E é verdade. Na campanha d'Africa tive provas disso; nem sei quaes eram mais bravos, se os nossos médicos, se os proprios soldados...

SCENA 7.ª

Os mesmos e Maria (entrando pela porta da esquerda)

MARIA *(a Thomaz)*

Quer então ver minha mãe?

THOMAZ *(levantando-se com muito custo, apoiado á bengala)*

—Immediatamente, minha Senhora. *(cumprimentando, antes de sair pela esquerda)* Meus senhores! *(José Cabral e o Prior cumprimentam)*

JOSÉ CABRAL *(seguindo-o com a vista, ao Prior)*

Parece-me bem doente. *(a Maria)* Não vaes?

MARIA

Nunca assisto á visita do doutor... Deixei tudo disposto.

O PRIOR

Pois eu tambem sáio a cumprir ordens da doente. Vou mandar distribuir umas esmolas. *(a Maria)* Minha Senhora! *(a José Cabral)* Senhor José Cabral.

MARIA

Senhor Prior, até ao jantar *(o Prior faz-lhe uma cortezia de agradecimento).*

JOSÉ CABRAL

Senhor Prior! *(o Prior sae pela porta do fundo)*

SCENA 8.ª

José Cabral e Maria

Durante esta scena vão-se ouvindo, cada vez mais a miudo, cantigas e ruídos de festa

JOSÉ CABRAL (*de pê, como Maria*)

Estamos sós. Ouve.—Quando larguei para Africa, ia crente em que te deixava saudade egual á que eu por ti sentia partindo. E essa crença era depois o meu melhor confôrto, no meio daquelles trabalhos, sempre duros, embora voluntariamente supportados. Por lá joguei a vida, sem medida nem tento, com mais resolução para perdê-la ao passo que a tua lembrança se me tornava mais viva. Como se este amor, de forte que era, nem temêsse morrer com a morte! Vencida a campanha, e ao tornar-me a Portugal, foi a ideia de voltar a ver-te o meu

maior prémio, a esperança de possuir-te a minha melhor gloria. *(Commovido)* Mas... desde que aqui cheguei, Maria, logo entendi... que não me cabía mais contar por minha tamanha gloria...

MARIA (*commovida*)

José!

JOSÉ CABRAL

E se aqui te detive um pouco, foi para te restituir o que não devo guardar — a proméssa que me deste um dia...

MARIA

E porque vens restituir-ma?

JOSÉ CABRAL

Porque não serías feliz se a cumprisses, porque... não poderias cumprí-la bem...

MARIA (*offendida*)

Duvidarías?

JOSÉ CABRAL

Dos teus passos, nunca...

MARIA

Então?

JOSÉ CABRAL

Da inteireza do teu... interesse.

MARIA

E com que fundamento?

JOSÉ CABRAL

Com o fundamento da... minha inferioridade.

MARIA

Inferior, tu! Tu, alma tão grande?

JOSÉ CABRAL

Grande bastante para saber morrer por ti, mas não para te comprehender toda...

MARIA

Sou tão mysteriosa?

JOSÉ CABRAL

És tão superior, que me excedes muito, ao mesmo tempo que me não egualas.

MARIA

Em que te excedo, pois?

JOSÉ CABRAL

No espirito.

MARIA

E em que não posso egualar-te?

JOSÉ CABRAL

Na firmeza.

MARIA

Queres maguar-me?

JOSÉ CABRAL

Quero só, ai de mim! fazer-te ver que não és para seguir o meu caminho — caminho estreito e duro — caminho traçado aos homens d'acção, aos que nascêram para olhar num só sentido, com uma só fé, e uma só feição d'alma.

MARIA

Que outro caminho poderei seguir?

JOSÉ CABRAL

Aquelle que já talvez começarias a seguir.

MARIA

José!

JOSÉ CABRAL

O dos que vêem mais do que a direito, o dos que avistam e abrem horizontes no-

*

vos; o daquelles cuja fraqueza só estará na propria superioridade...

MARIA

Repetes-me o que tenho ouvido ao nosso Prior!

JOSÉ CABRAL

E' que penso como elle em muitas coisas.

MARIA

Só és menos severo... Mas tambem elle me falou duma encruzilhada de dois caminhos...

JOSÉ CABRAL

Aconselhando-te a seguir?...

MARIA

O mais antigo — esse que dizes ser estreito e duro de andar...

JOSÉ CABRAL

Pois... fez mal.

MARIA (*como se o não ouvisse*)

O caminho que os nossos nos apontáram, e que todos esses cantos (*indica os lados do jardim, donde se ouvem, já muito dis-*

tinctos, os cantos e ruídos de festa, que se aproximam) vão enchendo de echos victoriosos; o caminho que a minha mãe conta ir ver-nos seguir.

JOSÉ CABRAL

Que tu só por amor della seguirias...

MARIA

Que por amor della não poderias abandonar.

SCENA 9.ª

Os mesmos e João Veterano, á frente duma multidão de gente que, a um gesto delle, pára no jardim, calando cantigas e musicas.

JOÃO VETERANO (*entrando, a Maria*)

Senhora!

MARIA *(a João Veterano)*

Manda a todos que entrem... *(a José Cabral, chegando á varanda, emquanto João Veterano volta á porta do fundo).* Olha que de gente!... pastores, lavradores, adufeiras...

JOÃO VETERANO (*vindo de novo seguido dum numeroso grupo*)

Vinde, vinde todos, que o temos á vista. *(indica José Cabral)* Meu fidalgo! Já de vêr-vos cá tornado, e com tal fama, posso agora

morrer contente. *(Para os que o seguem)* Vinde, vinde; cumpriu-se a trova:

Ah! Portugal! Portugal!
Já lá vae tua canceira.

Todos os que entram — pastores, cavadores, espadeladeiras, serranos, gaiteiros, adufeiras — se acercam em volta do bufete, ou se agrupam, a medo e confusos, fazendo roda a José Cabral e a Maria; quando o Prior, cortando por traz do grupo, vem collocar-se ao pé dos dois.

O PRIOR *(erguendo a mão)*

Deus vos abençôe a todos, neste passo que daes! *(a Maria)* Vê como é bello o caminho antigo? *(Maria curva a cabeça, como vencida).*

JOÃO VETERANO *(a José Cabral)*

E pois que tudo se vae cumprindo, viemos nós todos a louvar quem Deus nos guardou, para honra e defesa de Portugal —hoje tão minguado de homens bons e tão comido de ladrões!

Ah! Portugal! Portugal!
Já lá vae tua canceira!

UM SOLDADO *(rapaz novo, ferido e pallido, que sae do grupo, fazendo continencia a José Cabral e interrompendo João Veterano).*

E não tornaremos ás guerras d'Africa, meu capitão?

JOSÉ CABRAL (*olhando-o, surprehendido*)

Talvez, meu rapaz, . . Estou a conhecer-te.

O SOLDADO (*indicando o braço esquerdo, ainda ao peito*).

Fui dos de Gaza, o 32. . .

JOSÉ CABRAL

Bem sei! Um bravo! (*põe-lhe a mão na cabeça, paternalmente. Movimento geral de emoção*).

O PRIOR (*a Maria, apontando-lhe José Cabral e o grupo todo*)

Ainda hesita, na encruzilhada?

Num movimento vivo, os que ficam mais proximos da porta da esquerda afastam-se e recúam, cheios do espanto. Dessa porta, trazido em braços por dois creados, entra Thomaz, desfeito e pallido. Para o sentarem, aproximam-lhe a cadeira de encosto, onde elle tomba.

MARIA (*que o tem ajudado a encostar*)

Mas. . . o que foi? Sente-se muito mal?

THOMAZ (*com voz muito fraca*)

Vou sentir-me bem de todo. . .

MARIA (*olhando involuntariamente para a porta esquerda*).

Minha mãe?

THOMAZ (*sorrindo tristemente*)

Está salva.

MARIA

Ah! (*como recordando-se d'alguma coisa, e de novo anciosa*) mas... o sacrificio...

THOMAZ (*que arregaça a manga esquerda, e mostra o antebraço escoriado*)

Consumou-se.

MARIA (*apertando as mãos e caindo de joelhos*)

Jesus!

THOMAZ

Chegado a crêr, ao cabo de tantas experiencias, que só talvez no sangue humano lograsse o effeito do novo *sôro* — a *Anteína* — transfiguradora dos que a consumpção melancolica afflige — fiz do meu braço inerte arma viva de salvação.

JOSÉ CABRAL

Prevendo todo o seu risco?

THOMAZ

De certo. (*José Cabral, tomado de admiração, olha para o Prior*). Inoculei-me gradualmente para ir obtendo a propria immunisação, e,

assim, dar ao meu sangue, transformado, o segredo e virtude de anniquilar aquelle mal, de antemão isolado e reconhecido. (*Pára um instante, fatigado*). Ao fim de longa porfía, alcançava o grau desejado. O *sôro* colhido das minhas veias operava a resurreição da doente. Vencia-se o inimigo; (*nova pausa de cançaço*) quando já, no entanto, o vencedor succumbía...

JOSÉ CABRAL (*curvando-se, com interesse*)

Ao choque da propria arma...

THOMAZ

Sim... á violencia accumulada das inoculações.

O PRIOR (*como não podendo convencer-se*)

E poderia ter evitado o seu sacrificio parando a tempo com as inoculações?

THOMAZ

Certamente. (*movimento de surprêsa do Prior*)

MARIA (*sempre de joelhos, apertando de novo as mãos, e olhando Thomaz com exaltada admiração*)

E teve o heroismo de não parar?!

THOMAZ (*sorrindo, mas desfigurado já*)

Ainda o pergunta?

MARIA (*como acima*)

E, assim, provocaria a morte!?

THOMAZ (*dando a Maria um papel, que tira do peito*)

Para deixar este segredo de vida na mão que...

MARIA (*tomando o papel com devoção*)

Que ficará livre para o espalhar.

Movimento de commoção e de espanto. O Prior olha, pasmado, para Maria, que continúa ajoelhada, emquanto José Cabral curva a cabeça, como vencido.

THOMAZ (*agonizante, tomando a mão de Maria*)

Bem certo saíu: Morrer é que é vencer. (*Morre, Maria dá um grito, a que logo acodem, erguendo-a. Movimento.*)

O PRIOR (*tendo-se curvado a ver o rosto de Thomaz*)

Está morto. (*commoção geral*)

JOÃO VETERANO (*limpando uma lágrima com a mão trémula*)

Pois morre um homem!

VOZES (*do grupo*)

Um santo!

O PRIOR

Oremos por elle.

Todos ajoelham, emquanto duas raparigas do grupo amparam Maria, que têem afastado, e o Prior faz o signal da cruz sobre o morto.

«Subveníte Sancti Dei, occúrrite Ángeli Dómini, suscipientes ánimam ejus, offeréntes eam in conspéctu Altíssimi!»

Quando o Prior recíta estas palavras, apparece da porta da esquerda, apoiada em duas creadas, a figura branca e dolorosa de Dona Constança.

(CAE LENTAMENTE O PANNO)

Coimbra—14—fevereiro 1903.

A' Ex.ma [illegible] d'O Jornal de Mação

envia, anticipando agradecimento

UMA HISTORIA DOS TEMPOS FUTUROS

H. G. WELLS

Uma historia

DOS

tempos futuros

TRADUCÇÃO DE MAYER GARÇÃO

HONOR ET LABOR

LISBOA
LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor
158 — Rua da Prata — 160

1903

I

A cura do amor

O excellente *mister* Morris era um inglez que vivia no tempo da boa rainha Victoria. Era um homem prospero e muito sensato; lia o *Times* e ia á egreja. Ao chegar á edade madura, fixou-se-lhe no rosto uma expressão de tranquillo e satisfeito desdem por tudo quanto não era feito á sua imagem e semelhança. Era um d'estes homens que fazem com uma inevitavel regularidade tudo o que lhes parece bom, correcto e razoavel. Os seus fatos participavam d'essa correcção e conveniencia, equilibrando-se n'um justo meio entre o luxo e a pobreza. Contribuia regularmente para as obras caritativas do bom tom, compromisso judicioso tomado entre a ostentação e a mesquinhez, e nunca deixava de mandar cortar o cabello a um comprimento conveniente.

Possuia tudo quanto era correcto e conveniente possuir um homem na sua posição. E tudo o que não era correcto nem conveniente que um homem da sua posição possuisse, não o possuia.

Entre essas cousas correctas e convenientes que *mister* Morris possuia, contava-se uma mulher e filhos. Como era natural, sua esposa era d'um genero conveniente e tinha filhos d'um genero e em numero convenientes; não se notava n'elles nenhuma particula de estouvamento ou phantasia, pelo menos tanto quanto *mister* Morris o podia destrinçar. Os seus fatos eram perfeitamente correctos, isto é; nem elegantes, nem hygienicos, nem esfiados, mas justamente sob as regras das conveniencias. Viviam n'uma bonita e decente casa de architectura Victoriana, imitando o estylo da rainha Anna e tendo, nas empenas, asnas de gesso pintado a côr de chocolate, falsos *panneaux* de carvalho entalhado em Lincrusta Walton, um terraço de *terre-cuite* imitando pedra, e vitraes de imitação na porta de entrada. Os filhos, educou-os *mister* Morris em boas e solidas escolas e abraçaram respeitaveis profissões; ás filhas, a despeito d'uma ou duas velleidades phantasistas, casou-as, arranjando-lhes bons partidos, homens de boa posição, já velhotes e «com esperanças.» E, quando lhe pareceu uma cousa conveniente e opportuna, *mister* Morris morreu. Construiu-se-lhe um jazigo de marmore, sem inscripções laudativas nem frioleiras artisticas, e tranquillamente imponente como então era moda n'esse tempo.

Morto, *mister* Morris soffreu diversas transformações, segundo o costume em semelhantes casos, e muito tempo antes d'esta historia começar, os seus ossos mesmo estavam já reduzidos a pó, e esse pó

espalhado por toda a terra. Os seus filhos, os seus netos, os seus bisnetos, e os filhos dos seus bisnetos tambem já não eram senão pó e cinza, egualmente dispersos pelos ventos. Eis um facto que *mister* Morris nunca teria podido imaginar: que um dia viria em que mesmo os filhos dos seus bisnetos se disseminariam em pó pelos quatro pontos cardeaes do céo. Se alguem tivesse exposto essa idéa na sua presença, reputar-se-hia gravemente offendido. Pertencia ao numero das pessoas dignas que não ligam o menor interesse ao futuro da humanidade. Para dizermos toda a verdade, tinha mesmo sérias duvidas ácerca d'um futuro qualquer para a humanidade depois d'elle já não existir.

Affigurava-se-lhe completamente impossivel e absolutamente destituido de interesse imaginar que houvesse qualquer cousa depois da sua morte. Todavia, assim succedeu, e quando os proprios filhos dos filhos dos seus bisnetos morreram, apodreceram e esqueceram; quando a casa de barrotes de imitação soffreu a sorte de todas as cousas ficticias; quando o *Times* deixou de se publicar; quando o chapeu alto de pello de seda se tornou uma antiguidade ridicula; quando o jazigo, modesto, mas imponente, que fôra erigido a *mister* Morris se reduziu a fragmentos de cal e argamassa, e quando tudo que elle julgara importante e real morreu e desappareceu, — o mundo existia ainda, habitado por uma humanidade tão descuidosa e desprezadora, quanto *mister* Morris o fôra, do futuro, ou antes, d'aquillo que não

fôsse a sua propria pessoa e a sua propriedade.

Caso estranho a assignalar, e que teria sobremaneira encolerisado *mister* Morris se porventura alguem lh'o predissesse : por todo o mundo se espalhava uma multidão de individuos, respirando a vida, e nas veias dos quaes corria o sangue de *mister* Morris, — da mesma forma que, n'um dia futuro, a vida que n'este momento se encontra concentrada no leitor da presente historia poderá estar assim espalhada em todos os recantos d'este mundo e misturada a milhares de raças estrangeiras, excedendo os limites de todo o pensamento e apagando o sulco de qualquer vestigio.

Ora entre os descendentes d'este *mister* Morris, havia um que possuia um temperamento tão sensato e um espirito tão claro como o seu antepassado. Tinha a mesma construcção solida e curta do antigo homem do seculo XIX, cujo appellido de Morris ainda usava, ortographando-o porem d'esta maneira : Mwres. Na physionomia observava-se lhe a mesma expressão semi-desdenhosa. Era tambem um personagem prospero para a epoca, cheio de aversão pelas *novidades* e por todas as questões concernentes ao futuro e amelhoramento das classes inferiores, como tambem o fôra o seu antepassado *mister* Morris. Não lia, e a verdade é que ignorava que tivesse jamais existido um *Times*, — porque essa instituição abysmara-se, por qualquer forma e em qualquer parte, na voragem dos annos decorridos. Mas o phonographo que lhe fallava, emquanto fazia

a sua *toilette* pela manhã, reproduzia a voz de qualquer Blowitz reincarnado que tratava dos casos do mundo. Essa machina phonographica tinha as dimensões e a forma d'um relogio hollandez, e, á frente, apresentava indicadores barometricos movidos pela electricidade, uma pendula e um kalendario, impulsionados pela mesma força, um *memento* authomatico para registar as entrevistas combinadas e em vez de mostrador escancarava-se o pavilhão d'uma trombeta. Quando havia noticias, a trombeta fazia *glu-glu*, como um peru, e depois começava a zurrar a sua mensagem, como um trombeta pode zurrar. E assim, emquanto Mwres se vestia, contava lhe, com sons cheios, ricos e gutturaes, os accidentes da vespera succedidos aos omnibus volantes que giravam em torno do globo, as ultimas chegadas de pessoas importantes ás thermas da moda recentemente fundadas no Thibet, e as reuniões das grandes companhias monopolisadoras. Se o que ella dizia aborrecia Mwres, este não tinha mais do que tocar n'um botão e a machina, apoz uma ligeira suffocação, fallava de outra cousa.

Como é natural, a *toilette* de Mwres differia bastante da do seu antepassado. Não é facil prever qual d'elles se sentiria mais assombrado e mais constrangido ao achar-se dentro do vestuario do outro. Mwres preferiria decerto andar nu a encaixar na cabeça o chapeu alto e a envergar a sobrecasaca, as calças *grisperle*, e a usar a cadeia de relogio que, outr'ora, tinham feito experimentar a *mister* Morris

um tão alto respeito de si proprio. Para Mwres já não existia a incommoda operação de se barbear: um habil operador ha muito que fizera desapparecer do seu rosto o vestigio do mais insignificante pello. Revestia as pernas d'um agradavel envolucro cuja côr consistia n'uma harmoniosa *nuance* rosa e ambar, e que era tecido d'uma materia impermeavel ao ar. Esse envolucro, enchia-o elle por meio d'uma engenhosa e pequenina bomba, de maneira a dar-lhe uma disposição que suggeria a idéa de musculos enormes. Alem d'isto, usava tambem fatos pneumaticos recobertos d'uma tunica de sedà côr de ambar, de forma que se encontrava vestido de ar, e admiravelmente protegido contra as bruscas mudanças da temperatura. Por cima de tudo lançava um manto escarlate de orla phantasticamente recortada. Na cabeça, habilmente despojada de todos os cabellos, ajustava um lindo capuz de vivissimo escarlate que se mantinha ali por aspiração, cheio de hydrogeneo e curiosamente parecido com a crista d'um gallo. Feita esta *toilette*, e conscio de estar sobria mas commodamente vestido, Mwres estava prompto a affrontar, com olhar tranquillo, o exame dos seus comtemporaneos.

Convem dizer que este Mwres, — a civilidade do *mister* desapparecera já atravez das edades, — era um dos funccionarios do Syndicato das Machinas de Vento e das Quedas de Agua, grande companhia que possuia as turbinas e os machinismos hydraulicos de todo o mundo, que açambarcara toda a agua e

fornecia a força electrica de qne os homens tinham então necessidade. Mwres occupava n'um vasto hotel, situado no ponto de Londres que se chamava a Septima Via, alguns largos e confortaveis aposentos no decimo setimo andar. As casas particulares e a vida da familia tinham desapparecido em virtude do refinamento progressivo dos costumes e, para dizermos toda a verdade, o facto era que a constante elevação das rendas e do valor dos terrenos, a necessaria desapparição dos creados, a complicação da cozinha, tinham tornado impossivel o domicilio particular do seculo XIX, mesmo para aquelles que desejassem uma tão selvagem reclusão.

Quando a sua *toilette* terminou, Mwres dirigiu-se para uma das duas portas do quarto, — as portas eram indicadas por duas enormes flechas apontadas cada uma em seu sentido — tocou n'um botão para a abrir e sahiu para uma larga passagem cujo centro, guarnecido de cadeiras, se dirigia com um movimento regular para a esquerda. N'algumas d'essas cadeiras estavam sentados homens e mulheres vestidas d'uma maneira apparatosa. Abaixou a cabeça saudando alguem conhecido que passava, — n'esses tempos a etiqueta determinava que se não conversasse antes do almoço, — tomou logar n'uma das cadeiras da que fallamos e foi, no espaço de alguns segundos, transportado á entrada d'um ascensor pelo qual desceu a uma grande e esplendida sala onde era authomaticamente servida a ligeira refeição da manhã que substituia, sendo embora muito diversa,

aquella a que os francezes, no remoto seculo XIX' davam o nome de *petit dejeuner*.

Com effeito, as rudes massas de pão que era necessario cortar e ensopar em gordura animal a fim de lhes dar um gosto agradavel ao paladar; os fragmentos ainda reconheciveis de animaes mortos recentemente, carbonisados e esquartejados d'uma maneira horrorosa; os ovos arrancados sem piedade a uma gallinha indignada; n'uma palavra, todos esses alimentos que constituiam o *menu* ordinario do seculo XIX teriam suscitado o horror e a repugnancia no espirito refinado dos habitantes do mundo, na epoca de que tratamos, os quaes, em vez d'isso, consumiam massas e pasteis de desenhos agradaveis e variados que em nada recordavam a côr nem a forma dos desditosos animaes que lhes forneciam a substancia e o succo. Esses manjares vinham em pequenos pratos que partiam, deslisando ao longo d'um *rail*, d'uma pequena caixa collocada n'um determinado ponto da mesa. A superficie da mesa, a julgar pelo que o olhar e o tacto podiam apreciar, pareceria a um homem do seculo XIX estar coberta com uma fina toalha de linho, branca e adamascada. Mas era, na realidade, uma superficie do metal oxidado que, apoz cada refeição, podia instantaneamente limpar-se. Havia centenas d'estas pequenas mesas na grande sala, e junto da maior parte d'ellas estavam sentados, sós ou em grupos, os cidadãos d'aquella tempo. No momento em que Mwres se installava deante da sua mesa, um orchestra invisivel,

que se suspendera durante um instante, tornou a fazer-se ouvir, enchendo o espaço d'uma onda de harmonia.

'Mwres não parecia, comtudo, interessar-se nem com a refeição que authomaticamente lhe estava sendo servida, nem com a musica que vibrava nos ares. Os seus olhares erravam incessantemente em torno da sala, como se esperasse alguem e esse alguem se estivesse demasiadamente demorando. Emfim, levantou-se precipitadamente, fez um signal e, ao mesmo tempo, appareceu n'uma extremidade da sala uma forma alta e sombria, vestida com um fato amarello e côr de azeitona. A' medida que esse individuo, avançando lentamente por entre as as mesas, se approximava, a expressão imperiosa da sua pallida physionomia e a extraordinaria intensidade do seu olhar distinguiam-se mais nitidamente. Mwres tornou a sentar se, indicando ao recemvindo uma cadeira ao seu lado.

—Receiava que não tivesse podido vir,—disse elle.

Apesar do espaço de tempo decorrido, a lingua que se fallava era ainda quasi precisamente a mesma que se empregava no seculo XIX. A invenção do phonographo e outros meios semelhantes de fixar o som, assim como a progressiva substituição dos livros por instrumentos d'esse genero, não só haviam suspendido o enfraquecimento da vista humana, mas tambem, pelo estabelecimento de regras seguras, haviam travado as graduaes modificações de accentos que até ali tinham sido inevitaveis.

— Reteve-me um caso interessante, — respondeu o homem do fato verde e amarello. — Um politico importante, — hein? — que soffria de *surménage*... Ha quarenta horas que estou accordado

Lançou um golpe de vista aos pratos e assentou-se.

— Sim, bem sei, meu caro,—tornou Mwres.— Aos senhores, hypnotistas, nunca lhes falta que fazer.

O hypnotista serviu-se d'uma geléa cor de ambar e muito appetitosa.

— Sou, effectivamente, muito procurado,—declarou elle com ar modesto.

— Que seria de nós sem os senhores!—exclamou Mwres.

— Oh! não somos tão indispensaveis como julga, — disse o hypnotista, saboreando a sua geléa. O mundo passou bem sem nós durante alguns milhares de annos. Imagine: ha apenas dusentos annos, não havia um hypnotista, quero dizer: um hypnotista pratico. Havia, é certo, milhares de medicos, — na maior parte terrivelmente inhabeis, e imitando-se uns aos outros como macacos, — mas medicos do espirito, nem um, a não ser alguns toleirões empiricos.

E concentrou todo o seu espirito na geléa

— Mas então os homens eram tão saudaveis que...? começou Mwres.

O hypnotista abanou a cabeça.

— Pouco importava que fossem idiotas ou desequilibrados... A vida era commoda, n'esse tempo. Não havia competidores dignos d'este nome; por-

tanto não havia oppressão. Era preciso que um homem fôsse muito desequilibrado para que se occupassem d'elle. E, n'esse caso, como sabe, mettiam-o no que se chamava um hospital de doidos.

— Bem sei, — disse Mwres. — N'esses malditos romances historicos, que toda a gente lê, ha sempre uma donzella que se liberta d'um d'esses hospitaes ou asylos d'esse genero onde violentamente a encerravam. E o senhor interessa-se por essas tolices?

— Devo confessar que sim, — retorquio o hypnotista. — Distrae um pouco reportarmo-nos a esses tempos singulares, aventureiros e semi-civilisados, em que os homens eram arrojados e as mulheres ingenuas. Sobretudo aprecio as historias heroicas e fanfarronas,— com as suas locomotivas arquejantes, os seus wagons sujos de pó de carvão, as suas cosinhas minusculas e os seus vehiculos puxados por cavallos. Pelo que vejo, o senhor não lê livros?

— Certamente que não, — tornou Mwres. — Fui educado n'uma escola moderna e nada aprendi d'essas ridiculas velharias. Bastam-me os phonographos.

— E' claro! —concordou o hypnotista, lançando um olhar em torno da mesa para escolher um novo prato. —N'esse tempo,—continuou elle, servindo-se d'uma mistura de côr azul e de aspecto attrahente,—n'esse tempo não se pensava na nossa sciencia. Creio mesmo que se alguem se lembrasse de predizer que antes de decorrerem duzentos annos, toda uma classe de homens se occuparia exclusivamente em im

primir cousas sobre a memoria, em desvanecer idéas desagradaveis, em vigiar e debellar os mais desagradaveis impulsos instinctivos, por meio do hypnotismo, esse alguem não seria acreditado. Pouca gente sabia que uma ordem dada durante o somno hypnotico, mesmo uma ordem de esquecer ou de desejar. pode ser formulada de maneira que seja obedecida depois de terminado o somno. Todavia, havia então pessoas que poderiam affirmar que isso era tão certo chegar a produzir-se como a passagem de Venus.

— Conhecia-se então o hypnotismo n'esses tempos?

— Conhecia-se, e havia quem se servisse d'elle para extrahir dentes sem dôr e outros usos d'este genero... Esta mistura azul é excellente! Como se chama?

— Não sei, — respondeu Mwres, — mas tambem a achei excellente. Repita.

O hypnotista reforçou os seus elogios, aos quaes se seguiu uma pausa apreciativa.

— A proposito de romances historicos, — disse Mwres, procurando apparentar a maior despreoccupação de espirito, — eu queria fallar-lhe... *hum!*... d'uma cousa... *hum!*... em que tenho pensado e que me fez mandar pedir-lhe o favor de me procurar.

Parou e respirou ruidosamente.

O hypnotista olhou para elle attentamente, durante um instante, e depois continuou a comer.

— O caso é o seguinte, — proseguiu Mwres. — Eu te-

nho uma filha . . . Dei lhe uma educação . . . esmerada. Fez bons cursos, não com professores particulares, — mas dei-lhe um telephone directo para aulas de dansa, de civilidade, de conversação, de philosophia, e de critica de arte.

Com um largo gesto, indicou uma cultura encyclopedica.

— Ora esta minha filha .. tinha eu tenção de casal-a com um excellente amigo meu : Bindon, da Companhia da Illuminação. Um homem simples, sabe ? . . . talvez um pouco desageitado . . . mas bom rapaz . . . bom rapaz, na verdade.

—Continue,—disse o hypnotista.—Que edade tem ella ?

— Dezoito annos.

— Uma edade perigosa. E que mais ha ?

— O mais . . . é que parece que ella se deixou . . . influenciar por esses taes romances historicos de que fallamos . . . Sim . . . deixou-se influenciar e d'uma maneira excessiva. A ponto de não attender sequer á sua philosophia ! O facto é que tem a imaginação cheia de insipidas tolices a proposito de soldados que se batiam . . . não sei bem de quê . . . de Etruscos, ou o que quer que é . . .

— Devem ser Egypcios.

— Naturalmente Egypcios. Os taes heroes acutilam e ferem sem cessar com espadas, revolvers e outras cousas . . . Sangue por toda a parte . . . Um horror ! Fallam tambem de rapazes em torpedeiros . . . que saltam pelos ares . . . Hespanhoes, sup-

ponho eu. Emfim, de toda a casta de aventureiros! Para resumir: metteu-se-lhe na cabeça casar por amor, e o pobre Bindon...

— Já tenho visto casos semelhantes,—declarou o hypnotista.—Quem é o rapaz que ella ama?

Mwres conservou um aspecto de resignado socego.

—Já esperava essa pergunta,—e abaixou os olhos, como envergonhado. — E' um simples empregado da plataforma, onde descem as machinas volantes que veem de Paris. Tem boa apparencia, e é sympa-thico, como se diz nos romances... Muito novo e muito excentrico. Affecta conhecer e apreciar as cousas antigas... sabe lêr e escrever! Assim, em logar de communicarem pelo telephone, como faz toda a gente sensata, os dois escrevem um ao outro... não sei bem o quê...

— Bilhetes? Cartas?

— Não... Não é isso... Ah! já me recordo... Poemas!

O hypnotista ergueu, surprehendido, os olhos.

— Como foi que ella o encontrou?

— Escorregou, quando descia da machina volante de Paris, e foi-lhe cahir nos braços. O mal foi immediato.

— Sim?

— Foi assim mesmo... e eis tudo. Ora eu desejava metter isto nos eixos. Foi para isso que o quiz consultar. Que se deve fazer? Que se *pode* fazer? Eu não sou hypnotista. A minha sciencia não vae muito longe, mas a sua!

— O hypnotismo não é magia,—disse o homem de verde, apoiando os cotovellos sobre a mesa.

— E' certo! Todavia...

— Não se pode hypnotisar ninguem sem seu consentimento. Ora se sua filha é capaz de resistir ao seu projecto de casamento com Bindon, é provavel que tambem resista a deixar-se hypnotisar. Comtudo, basta que ella se preste a isso, e tudo se arranja.

— N'esse caso, pode...?

— Certamente. Logo que ella se encontra hypnotisada, suggerir-lhe-hemos que case com Bindon, que é esse o seu destino, etc., ou então inspirar-lhe-hemos a idéa de que o rapaz de que se trata é repugnante; que, quando o vir, sentir-se-ha cheia de nauseas, ou qualquer outra cousa d'este genero... E podemos ainda mergulhal-a n'um somno bastante profundo e suggerir-lhe que o esqueça completamente.

— E' isso mesmo que eu quero.

— Mas a questão, repito, está em hypnotisal-a. Como deve comprehender, nehuma proposta ou iniciativa d'esse genero deve partir do senhor, porque é de quem ella certamente mais desconfia n'este assumpto.

E o hypnotista pousou a fronte entre as mãos e começou a reflectir.

— E' duro que um homem não possa dispôr livremente da sua filha! disse extemporaneamente Mwres.

— Preciso que me dê o nome e a direcção d'essa

menina,—articulou, por fim, o hypnotista.—Necessito tambem de todos os detalhes que se refiram ao caso. E agora entre parenthesis: ha n'isto algumas complicações de dinheiro?

Mwres hesitou.

— Ha uma quantia... effectivamente uma quantia consideravel... collocada na Sociedade das Estradas Previlegiadas. E' a herança de sua mãe. Eis o que torna o caso mais aborrecido e desagradavel.

— Perfeitamente, — disse o hypnotista.

E começou a interrogar Mwres. Esse interrogatorio levou muto tempo.

Emquanto isso se passava, Elisebeo Mwres, como ella orthographava o seu nome, ou Isabel Morris, como se escreveria no seculo XIX, estava assentada n'uma tranquilla sala de espera sob a grande plataforma onde descia a machina volante de Paris. Tinha junto a si o seu namorado, um bello e esbelto rapaz que lia uma poesia que escrevera n'essa manhã, emquanto estava de serviço na plataforma. Quando essa leitura acabou, ficaram um momento silenciosos, e olhando para o ceo, onde de subito appareceu a grande machina que chegava da America, a toda a velocidade.

Ao principio pareceu um pequeno objecto oblongo, indistincto e azulado, ao longe, entre as nuvens brancas como flocos de algodão; depois, engrandeceu rapidamente, tornou-se maior e mais branco, até que foi possivel vêr as filas das suas velas separadas de distancia a distancia, tendo cada uma d'ellas

uma largura de centenas de pés; em seguida, o casco esguio que ellas supportavam, e, finalmente, distinguiram-se até as bancadas moveis dos passageiros como se fôram linhas pontilhadas. Apesar da machina ir já descendo, parecia ainda remontar no firmamento e, cá em baixo, a sua sombra envolvia já os telhados dos predios da cidade. Os dois namorados ouviram o ar silvar, violentemente deslocado, e depois os toques de apito, estridentes e vibrantes, que advertiam da chegada os empregados da plataforma de desembarque. Bruscamente, a nota desceu um bom par de oitavas, e a machina desappareceu. O ceu tornou-se claro e vasio, e a joven tornou a olhar docemente para Denton, assentado ao seu lado.

O silencio dos dois terminou emfim, e Denton, fallando uma especie de linguagem entrecortada que lhe era, ao que parece, especial, — ainda que desde que o mundo é mundo todos os amantes a tenham articulado, — Denton fallou-lhe enthusiasticamente no dia em que elles ambos tambem, n'uma bella manhã, desfeririam o vôo, vencendo todos os obstaculos e todas as difficuldades, para partirem para uma cidade encantadora e de claro sol que elle conhecia, no Japão, a meio caminho na volta do mundo.

Este sonho agradava a Isabel, mas receiava os attrictos que lhe previa. Por isso oppunha um perpetuo: «Um dia será, meu querido, um dia será..» a todas as instancias de Denton para apressar a chegada d'esse dia. N'isto houve um tumulto estridente de assobios, e Denton teve de voltar para a sua

plataforma. Separaram-se como os namorados se separam ha milhares de annos. A joven seguiu uma passagem até um ascensor, e assim foi ter a uma das ruas da Londres d'essa época, toda envidraçada de espessas laminas, e com plataformas moveis que sem cessar se dirigiam para todos os bairros da cidade. Foi n'uma d'essas plataformas que regressou aos seus aposentos no Hotel das Mulheres, onde habitava e onde se encontrava em communicação telephonica com os melhores professores do mundo. Mas levava no coração todo o sol que os banhara de luz, a ella e a Denton, e, vista a essa claridade, a sabedoria dos maiores professores do mundo affigurava-se-lhe simplesmente uma loucura pueril.

Passou uma parte da tarde no gymnasio e jantou em companhia de duas outras jovens, e da sua aia, porque ainda n'esse tempo era uso as meninas das classes elevadas, que já não tinham mãe, terem uma aia. A aia recebeu n'essa tarde a visita d'um homem, vestido de verde e amarello, que disse cousas muito interessantes e singulares. Entre outras cousas, fez o elogio d'um novo romance historico que um dos mais populares escriptores acabava de publicar. Como era natural, o assumpto fôra extrahido da época da rainha Victoria, e o auctor, entre outras agradaveis innovações, encimara cada secção da sua historia com um pequeno argumento, á imitação do que se fazia nos capitulos dos livros antigos, por exemplo: «Como os cocheiros do Pimlico fizeram parar o om-

nibus de Victoria e do grande pugilato que depois se seguiu no Pateo do Palacio» ou então: «Como o *policeman* de Piccadilly foi victima do seu dever» O homem do amarello e verde era uma fonte inexgotavel de elogios.

— Estas sentenças energicas, — dizia elle, — são adraveis. Revelam, n'um golpe de vista, o quadro d'essas épocas tumultuosas e phreneticas em que os homens e os animaes se chocavam nas ruas sujas e em que a morte esperava o transeunte á esquina de cada uma d'ellas. Mas então a vida era vida! Como o mundo devia parecer grande! Como devia parecer maravilhoso! Havia partes do globo absolutamente inexploradas. Hoje quasi que abolimos o assombro, de nada nos espantamos, levamos uma existencia tão regular e ordenada que a coragem, a persistencia e a fé, todas as nobres virtudes, parecem desapparecer da terra.

E continuou n'este tom, captivando a imaginação da joven, a ponto de que a vida que passavam, a vida do seculo XXII, n'essa Londres vasta e inextricavel, vida cortada por vôos para todas os pontos do globo, depressa se lhe affigurou uma monotona miseria em comparação d'esse dédalo do passado.

Ao principio Isabel não entrou na conservação; comtudo, ao fim de pouco tempo, o assumpto tornou-se-lhe tão interessante que emittiu algumas timidas observações. Mas o homem de verde e amarello mal pareceu notal-a. Sem lhe responder directamente, proseguio, descrevendo um novo meio

de distracção muito em voga. Uma pessoa fazia-se hypnotisar e era então suggestionada tão habilmente que imaginava viver n'esses tempos affastados e encantadores. Podiam-se assim representar pequenos romances no passado, tão nitidamente como na realidade, e quando, emfim, se acordava, ficava-se recordando tudo quanto se imaginava ter experimentado como se tivera sido real.

— Foi uma cousa que durante annos e annos procuramos em vão,—dizia o hypnotista, porque era elle. —Praticamente é um sonho artificial, e descobrimos o meio de o realisar. Imaginem agora que horisonte novo se não abre deante dos nossos olhos, — a nossa experiencia enriquecida, as aventuras tornadas novamente possiveis, um refugio aberto a todos as almas contra esta vida sordida e difficil de supportar! Imaginem, imaginem!

— E o senhor pode fazer isso? — interrogou curiosamente a aia.

— Com a maior facilidade, — respondeu elle. — Basta que cada qual encommende um sonho á sua vontade.

A aia foi a primeira a deixar-se hypnotisar Quando acordou, declarou que tinha tido um sonho maravilhoso.

As duas raparigas que estavam com Isabel animadas pelo exemplo da aia, confiaram-se tambem ao hypnotista para fazerem uma excursão sentimental no Passado romantico. Ninguem convidou Isabel a aproveitar-se egualmente d'essa superior

distracção do espirito, e, assim, foi a seu proprio pedido que ella foi enviada a esse paiz dos sonhos onde não existe liberdade de escolha e onde a vontade se extingue...

Assim, foi feito o mal.

Um dia, Denton desceu á pequena e tranquilla sala de espera e não encontrou Isabel no seu logar habitual. Ficou desapontado e um pouco contrariado. No dia seguinte tambem a não vio; no outro dia, ella faltou egualmente. Denton teve receio d'algum successo imprevisto e desagradavel. A fim de tranquilisar os temores do seu coração, entregou-se com ardor á composição d'uma serie de sonetos para lhe ler quando ella finalmente voltasse...

Durante tres dias, por meio d'esta distracção intellectual, luctou contra as suas apprehensões. Mas, por fim, a verdade ergueu-se diante dos seus olhos, fria e clara, não admittindo nenhuma duvida possivel. Era possivel que ella estivesse doente; o que elle não queria acreditar era que fôra trahido. Então seguiu se uma dolorosa semana. Comprehendeu que ella era no mundo o unico bem digno de ser possuido e que forçoso se lhe tornava procural-a, por mais desesperançada que podesse ser essa investigação, até que finalmente a conseguisse encontrar.

Como tinha algumas economias, abandonou a seu emprego para melhor poder procurar a sua amada, que para elle era a cousa mais preciosa da terra.

Denton não sabia onde ella habitava. Ignorava tudo quanto se lhe devia referir, porque Isabel exigira,

para augmentar o encanto do seu romanesco amor, que elle nada soubesse acerca d'ella, devendo assim ignorar a desegualdade das suas posições.

As ruas da cidade abriam-se em frente de Denton, a leste e a oeste, a norte e a sul. No tempo da rainha Victoria, Londres, pequena cidade com quatro milhões de habitantes, era já um labyrintho. Mas a Londres que elle ia explorar, a Londres do seculo XXII, era então uma cidade de trinta milhões de almas. Ao principio, foi energico e infatigavel. Apenas se demorava o tempo de comer e de beber. Procurou durante semanas, e mezes, passando por todas as phases imaginaveis da fadiga e do desespero, da sobrexcitação e da colera. Depois, quando toda a esperança se lhe varreu do coração, continuava ainda, pela simples inercia do seu desejo, a divagar por aqui e por acolá, examinando as physionomias de toda a gente, olhando para um e outro lado das ruas, seguindo a marcha dos ascensores e das passagens eternamente moventes d'essa gigantesca colmeia de homens.— Emfim, o acaso teve piedade d'elle. Viu-a.

Era um dia de festa. Como tinha fome, pagara o unico bilhete de entrada exigido e penetrara n'um dos innumeros refeitorios da cidade. Emquanto abria caminho por entre as mesas, ia, pela força do habito, examinando todos os grupos junto dos quaes passava. De subito, parou, estupefacto, com os olhos esbogalhados e a bocca aberta, sem poder pronunciar uma palavra, e sem ter forças de dar um passo mais. Isabel estava assentada a uma distancia

de vinte metros d'elle, olhando-o em face com olhos tão duros e tão destituidos de expressão como os d'uma estatua. Não parecia reconhecel-o. Olhou-o assim durante um momento; depois, o seu olhar fixou-se n'outro ponto.

Se não fôsse senão pelos olhos que a podesse reconhecer, Denton teria duvidado que aquella estatua fôsse realmente Isabel.

Mas reconheceu-a tambem pelo gesto da sua mão, pela graça d'um pequeno annel de cabello rebelde que ondulava sobre uma das suas orelhas sempre que ella fazia qualquer movimento com a cabeça. Alguem lhe fallou, entretanto, e ella voltou-se, com um sorriso complacente, para o homem que estava junto d'ella, um homensinho ridiculamente vestido, eriçado de cornos pneumaticos como um extravagante reptil. Era Bindon, o noivo que seu pae lhe escolhera.

Denton ficou ali um momento, pallido, com o olhar desvairado. Depois, venceu-o uma repentina fraqueza e foi-se assentar a uma mesa proxima. Voltava as costas a Isabel e durante muito tempo não ousou tornar a comtemplal-a. Emfim, encheu-se de coragem. Voltou-se e viu-a já de pé, e prestes a partir com Bindon e duas outras pessoas. Uma era seu pae, a outra era a aia. Denton ficou sentado, incapaz de fazer um movimento, emquanto Isabel e os seus tres companheiros se affastavam e se tornavam por fim indistinctos. Então ergueu-se, possuido da idéa de os seguir. Por algum tempo, receiou tel-os per-

dido, mas n'uma das ruas de plataformas moveis que percorriam a cidade, deu de novo de cara com Isabel e a sua aia. Bindon e Mwres tinham desapparecido. Não poude manter a serenidade. Experimentava o desejo irresistivel de fallar a Isabel ou de morrer. Avançou vivamente para o sitio onde ellas se encontravam e sentou-se ao seu lado. Uma grande sobrexcitação nervosa contrahia o seu rosto pallido.

Poz a mão no braço da joven.

— Isabel!—disse elle.

Ella voltou-se com ar de sincero espanto e na sua fronte não se notava outra cousa que não fôsse um certo receio d'aquelle individuo extranho que a interpellava

— Isabel!—repetiu Denton, e a sua voz pareceu-lhe a elle proprio ser a d'um outro.—Querida Isabel! Não me reconheces?

Na physionomia de Isabel só se lia assombro e perplexidade. Affastou-se d'elle. A aia, uma mulher baixa, de cabellos grisalhos e de feições de extrema mobilidade, inclinou-se para intervir. Os seus olhos claros e resolutos examinaram Denton.

— Que é que o senhor quer?—perguntou ella.

— Esta menina conhece-me! — affirmou Denton.

—Conhece este homem, Isabel?—interrogou a aia.

— Não,—respondeu Isabel com uma voz singular, levando a mão á fronte, e fallando como quem repete uma lição.—Não! Não o conheço. *Sei* que não o conheço.

— Mas... Não me conhece! Sou eu, Denton! Denton, com quem vinha conversar na sala de espera... Não se lembra?... A plataforma das machinas volantes... o banco ao ar livre... os versos...

— Não! — replicou Isabel. — Não o conheço... Ha talvez o quer que seja... mas não sei... O que sei é que não o conheço!

Nas suas feições lia-se uma grande angustia. Os olhinhos vivos da aia iam do rosto da joven ao rosto de Denton.

— Vê? — disse ella, esboçando um leve sorriso. — Ella não o conhece.

— Não o conheço! — tornou Isabel. — Estou bem certa de que o não conheço.

— Mas, querida Isabel... Os sonetos... Os pequenos poemas...

— Ella não o conhece, já lh'o disse! — interrompeu a aia. — Que mais quer?... Está enganado... Não continue a fallar-nos... Peço-lhe que deixe de nos importunar na via publica.

— Mas... — disse ainda Denton. E a sua physionomia desolada e espantada parecia appellar contra o Destino.

— Não insista, senhor! — continuou a aia.

— Isabel! — gritou Denton.

No rosto da joven traduzia-se um soffrimento intoleravel.

— Não o conheço! — exclamou ella, levando sempre a mão á fronte. — Eu não o conheço, não o conheço!

Denton cahiu sobre uma cadeira, como fulminado; depois levantou-se, soltando um gemido. Fez um extranho gesto de supplica para o tecto envidraçado da rua, deu um salto febril da plataforma em que ia para outra plataforma que se movia em sentido diverso e desappareceu no formigueiro denso da turba. A aia seguiu-o com os olhos, depois do que affrontou com semblante placido os olhares dos curiosos intrigados com este rapido incidente.

— Diz-me, — perguntou Isabel, tirando as mãos do rosto e tão profundamente commovida que não dava attenção aos que a rodeavam, — quem é este homem?... quem é este homem?...

A aia abriu uns olhos espantados, e respondeu em voz alta, de forma a ser bem ouvida por todos os circumstantes:

— Algum pobre idiota... E' a primeira vez que o vejo.

— Nós nunca o vimos?

— Nunca, menina. Não se incommode por tão pouco.

Alguns minutos depois d'esta scena, o celebre hypnotista, que estava vestido de verde e amarello, recebeu a visita d'um cliente. Era um rapaz bastante novo que atravessou a sala das consultas, pallido e com ar desvairado.

— Eu quero esquecer! — exclamava elle. — E' preciso que eu esqueça!

O hypnotista observou-o com olhar tranquillo, examinando-lhe o aspecto, o fato e a physionomia.

— Esquecer qualquer cousa, pesar ou praser, é uma diminuição para o organismo. Mas isso é com o senhor e não comigo. Previno-o, porem, de que os nossos honorarios são elevados.

— Assim seja possivel eu esquecer!...

— Com o senhor deve ser facil, visto desejal-o. Tenho feito curas mais difficeis. Ainda agora recentemente, uma... de que não esperava tão bom resultado como o que alcancei. A cousa fez-se contra a vontade da pessoa hypnotisada. Foi um caso de amor, como prevejo que deve ser o seu... Uma rapariga... Mas vamos... Não tenha medo.

O mancebo veio assentar-se ao pé do hypnotista. Os seus gestos trahiam uma tranquilidade forçada. Fixou os olhos nos do operador.

— Preciso dizer-lhe... Sim, naturalmente é necessario que saiba do que se trata. E' d'uma menina, que se chama Isabel Mwres... E então... que é isso?

Calou-se. Na physionomia do hypnotista apercebera uma subita surpresa. Immediatamente, comprehendeu tudo. Ergueu-se d'um salto, e dominando o homem que estava sentado junto d'elle, deitou-lhe a mão a um hombro vestido de verde e ouro. Durante um minuto não poude reunir as palavras.

— Entregue-m'a! Entregue-m'a! — rugio elle, por fim.

— Que quer dizer? — murmurou o hypnotista, arquejando.

— Entregue m'a!
— Quem?!...
— Isabel Mwres... aquella que...
O hypnotista quiz libertar-se da pressão que o esmagava, mas o pulso de Denton reteve-o fortemente na cadeira.
— Largue-me!—gritou o hypnotista, batendo um murro no peito de Denton.
No mesmo instante, os dois homens enlaçaram-se, corpo a corpo. Nem um nem outro estava treinado para uma semelhante lucta, porque a athletica, a não ser como espectaculo e para fornecer uma occasião de apostas, desapparecera inteiramente da Civilisação. Comtudo, Denton era não só o mais moço como tambem o mais forte. Os dois homens avançaram e recuaram, comprimindo-se, atravez da sala, até que por fim o hypnotista fraquejou sob o peso do seu antagonista e rolaram ambos pelo chão.
D'um salto, Denton poz-se de pé, assombrado da sua furia. Mas o hypnotista ficou estendido por terra, e, subito, d'um pequeno sulco branco que lhe produzira na fronte o angulo d'um tamborete, d'encontro ao qual cahira, começou a correr um estreito fio de sangue. Por um momento, Denton deixou-se ficar inclinado sobre elle, irresoluto e tremulo. No seu espirito impregnado de educação pacifica nasceu um grande receio das possiveis consequencias do seu acto. Encaminhou-se para a porta.
Mas antes de lá chegar:

— Não! — disse elle em voz alta, e voltou para o meio da sala.

Vencendo a instinctiva repugnancia de quem, em toda a sua vida, nunca fôra testemunha d'um acto de violencia, ajoelhou junto do seu contendor para escutar se o coração lhe batia. Depois examinou o ferimento. Ergueu-se então devagar, e, circumvagando o olhar em torno de si, começou a vêr a situação por um prisma mais optimista.

Ao recuperar os sentidos, o hypnotista encontrou-se com as costas apoiadas aos joelhos de Dentou, que lhe molhava a fronte com uma esponja embebida em agua fria. O pobre homem experimentava violentas dôres na cabeça. Sem dizer uma palavra, indicou, com um gesto, que em sua opinião se julgava sufficientemente ensopado.

— Deixe-me levantar, — disse elle em seguida.

— Ainda não, — respondeu Denton.

— O senhor é um patife! Aggrediu-me!

— Estamos sós, — retorquio simplesmente Denton, — e a porta é segura.

Houve um momento de reflexão.

— Se não deixar que o continue a molhar com a esponja, — proseguiu Denton, — previno-o de que ficará com um enorme *gallo* na cabeça.

— Então continue, — respondeu o hypnotista com ar aborrecido.

Houve outra pausa.

— Dir-se-hia que estamos na Edade de Pedra! declarou o hypnotista. — Violencias!... Uma lucta!...

— Na Edade de Pedra,—observou Denton,—ninguem ousaria intrometter-se entre um homem e uma mulher que se amam.

O hypnotista reflectiu de novo.

— Que tenciona fazer ?—perguntou elle por fim a Denton.

— Emquanto o senhor estava sem sentidos, encontrei a morada da joven a quem amo, nos seus registos. Até agora ignorava essa morada. Telephonei para casa d'ella, e creio que não deve tardar...

— Mas ella virá com a sua aia...

— Não importa.

— Mas então quaes são as suas idéas ?... Com franqueza, não comprehendo... Repito: que tenciona fazer ?

— Depois de telephonar, procurei uma arma. E' curioso haver tão poucas armas na actualidade, quando se pensa que na Edade de Pedra não havia outra cousa senão armas. Por fim, encontrei esta lampada. Arranquei-lhe os fios conductores e os accessorios. Agora tenho-a aqui na mão, assim...

E brandiu a pesada lampada electrica sobre a cabeça do hypnotista.

— Com isto, — proseguiu Denton, — posso facilmente esmagar-lhe o craneo, e não deixarei de o fazer, caso o senhor não acceda ao pedido que lhe vou enunciar.

—A violencia não é um remedio,— observou o hypnotista, tirando esta citação do *Livro das maximas moraes do homem*.

— E' uma doença desagradavel, disse — Denton.

— E então que quer o senhor?

— Quero que, quando ellas vierem, o senhor diga á aia que vae ordenar a Isabel que case com esse tal brutinho contrafeito, de cabellos ruivos e olhos de furão, cujo nome não conheço. Supponho que as cousas estão n'este ponto.

— Precisamente.

— Ora, em logar da suggestão do costume, o senhor, d'esta vez, suggerir-lhe-ha que se recorde de mim.

— Mas isso vae d'encontro aos meus deveres profissionaes...

— Escute,—interrompeu Denton.—Eu antes quero morrer do que renunciar a possuir essa joven. Não estou portanto resolvido a respeitar as suas phantasias profissionaes. Se não se passar tudo como lhe acabo de dizer, creia que não terá cinco minutos de vida. Tenho aqui, nas minhas mãos, uma lampada que me parece servir de arma menos mal e que póde, intelligentemente applicada, ser muito sufficiente para o matar. Assim farei. Sei perfeitamente que é uma cousa insolita nos nossos dias o procedimento que me vejo obrigado a seguir com o senhor, — sobretudo visto haver tão poucas cousas na vida que mereçam que se commettam crimes por causa d'ellas.

— Mas a aia vel-o-ha aqui, quando entrar...

— Não vê. Occultar-me-hei n'este recanto, atraz do senhor.

O hypnotista reflectiu.

— O senhor é um rapaz resoluto, — disse elle. — Só o que tem é ser semi-civilisado. Eu procurei, até ao fim, cumprir os meus deveres com o meu cliente, mas n'esta questão, como parece provavel que de toda a maneira o senhor chegará ao fim a que se propõe...

— Procederá então lealmente comigo?

— Que diabo! Não me quero arriscar a ter o craneo esmigalhado por uma cousa tão insignificante como é esta de que se trata.

— E depois?

— Não ha nada que um hypnotista ou um medico detestem mais do que o escandalo. Eu não sou um selvagem, fui indignamente tratado, sinto-me agora muito indignado por tal facto, mas é de crêr que d'aqui a um dia ou dois já não lhe queira mal nenhum.

— Ora muito obrigado! E agora, que nos entendemos, não vejo necessidade do o deixar mais tempo no chão.

II

Em pleno campo

E' costume dizer-se que o mundo soffreu mais transformações entre os annos 1800 e 1900 do que nos quinhentos annos precedentes. Esse seculo, o XIX, foi com effeito a aurora d'uma nova era na historia da humanidade, — a era das grandes cidades, o fim da dispersão da vida pelos campos.

No começo do seculo XIX, a maior parte dos seres humanos vivia ainda sobre o solo productor, em conformidade com uma ordem de cousas que se mantivera atravez de innumeraveis gerações. Por todo o mundo, habitava-se então em pequenas cidades ou aldeias, trabalhando cada qual directamente na agricultura ou entregando-se a occupações que d'ella dependiam. Viajava-se raramente, limitando-se quasi todos aos seus trabalhos ordinarios, porque ainda se não haviam descoberto meios rapidos de communicação. As poucas pessoas que se deslocavam d'um ponto para outro relativamente distante faziam-o, ou a pé, ou em lentos barcos veleiros, ou montavam cavallos que os conduziam a trote, incapazes de fa-

zerem mais de cem kilometros por dia. Imagine-se! Cem kilometros por dia! Aqui e alem, n'essa época apathica, uma ou outra cidade tornava-se maior do que as suas visinhas por ser porto de mar ou por ter sido escolhida para sede do governo. Mas podiam-se contar pelos dedos das mãos todas as cidades do mundo com mais de 100:000 habitantes. Era isso, pelo menos, o que havia no principio do seculo XIX. Por fim, a invenção dos caminhos de ferro, dos telegraphos, dos navios a vapor, e de todo um complexo machinismo agricola haviam transformado esta existencia, — e transformado sem esperanças de regressão. Os vastos estabelecimentos, os prazeres variados, as commodidades innumeraveis das grandes cidades crearam-se subitamente e apenas as grandes cidades começaram a existir logo, do mesmo passo, entraram de competir com os recursos rusticos dos centros ruraes. A humanidade sentiu-se attrahida para as cidades por um irresistivel poderio. O pedido da mão de obra diminuio pelo engrandecimento dos mechanismos. Os mercados locaes foram abandonados e os grandes centros desenvolveram-se rapidamente á custa dos campos.

A onda das populações derivando para as cidades foi a constante preoccupação dos pensadores e escriptores do seculo XIX. Na Europa e na Australia, na China e nas Indias, reproduzia-se o mesmo phenomeno: em toda a parte, algumas cidades, augmentando sem cessar, substituiam visivelmente a antiga ordem de cousas. Só poucos, porem, d'es-

ses espiritos intellectuaes descobriam n'esse phenomeno o inevitavel resultado do aperfeiçoamento e da multiplicação dos meios de transporte, e imaginaram-se os projectos mais pueris para obstar ao mysterioso magnetismo dos centros urbanos e incitar o camponez a conservar-se adstricto ao solo.

Comtudo, os descobrimentos do seculo XIX não constituiram ainda assim mais do que a aurora d'um novo estado de cousas. As primeiras grandes cidades das novas eras foram horrivelmente incommodas, ennegrecidas de brumas fumarentas anti-hygienicas e ruidosas; mas a descoberta de novos methodos de construcção e de aquecimento tudo mudou radicalmente. De 1900 a 2000 a marcha da evolução foi ainda mais rapida e de 2000 a 2100 o progresso continuamente accelerado das invenções humanas fez apparecer o seculo XIX como a visão inacreditavel d'uma epoca idyllica e tranquilla.

O estabelecimento dos caminhos de ferro não foi mais do que o primeiro passo no desenvolvimento d'esses meios de communicação que finalmente revolucionaram a vida humana. No anno 2000 os caminhos de ferro e as estradas tinham totalmente desapparecido. As vias ferreas, despojadas dos seus *rails,* tinham-se transformado em taludes, barrancos, e fossos recobertos de relva na superficie do mundo; as velhas estradas de curvas extravagantes e os caminhos barbaros, feitos de calhaus e terra endurecidos por um trabalho manual, ou nivelados

por grosseiros cylindros de ferro, juncados de imundicies diversas, esboracados pelas patas ferradas dos animaes e sulcados pelas rodas dos vehiculos formando covas que se transformavam em pantanos, por vezes bastante profundos, na estação das chuvas, haviam sido substituidos por outras vias, construidas por uma empreza que adquirira o privilegio do seu invento, e feitas d'uma substancia chamada *eadhamite*. Esta *eadhamite*, assim chamada por causa do nome do seu inventor, merece, como a invenção da imprensa e a utilisação do vapor, um logar entre as descobertas que maior epoca fizeram na historia do mundo.

Quando Eadham inventou esta substancia, julgou provavelmente ter encontrado uma materia que simplesmente substituisse o caoutchouc. Custava apenas alguns francos cada tonelada. Foi o genio d'um homem chamado Chautemps que descobrio a possibilidade d'ella servir não só para revestimento de rodas como para revestimento de estradas e que assim organisou a enorme rêde de vias publicas que rapidamente cobrio o mundo inteiro.

Estas vias publicas estabeleciam-se com divisões longitudinaes. As bandas exteriores de cada lado, uma em cada sentido, eram reservadas para os cyclistas e para aquelles que se servissem de meios de transporte com uma velocidade inferior a 40 kilometros por hora. Contiguas ás precedentes, duas outras fachas se destinavam aos motores susceptiveis d'uma velocidade de 40 a 150 kilometros por

hora. E Chautemps, arrostando com o ridiculo de tal previsão em semelhante tempo, estabelecera ainda duas fachas centraes para os vehiculos que viajassem a uma velocidade superior a 150 kilometros no mesmo espaço de tempo.

Durante dez annos essas vias centraes ficaram desertas. Mas á hora da sua morte já ellas eram as mais concorridas, de todas e vastas e ligeiras carruagens, munidas de rodas de vinte e trinta pés de diametro, percorriam-as com andamentos que de anno para anno augmentaram a ponto de attingirem 300 kilometros por hora. Ao mesmo tempo que esta revolução se effectuava, uma metamorphose paralella transformara as cidades sempre em via de desenvolvimento. Com o progresso da sciencia pratica, os nevoeiros e os lamaçaes do seculo XIX haviam desapparecido. O aquecimento electrico substituira os braseiros; já no anno de 2013 um fogão que não consumisse o seu proprio fumo constituia um incommodo publico e dava origem a immediatas perseguições. Tinham-se coberto todas as ruas das cidades, os jardins e as praças publicas de tectos guarnecidos d'uma substancia transparente e por esta forma, praticamente, todas as ruas se encontravam abrigadas das intemperies do tempo. Certas leis estupidas e restrictivas, que prohibiam edificar alem d'uma certa altura, haviam sido convenientemente abolidas. E Londres, em vez de ser um conjuncto de casas vagamente archaicas, subira firmemente para o ceo. A' responsabilidade munici-

pal pela agua, a luz e os exgotos, ajuntou-se mais isto: a ventilação.

Para contar, porem, todas as modificações que esses duzentos annos transcorridos tinham introduzido nas commodidades humanas; para relatar a invenção tanto tempo prevista da arte de voar; para narrar como a vida nas casas particulares pouco a pouco fôra supplantada pela existencia em commum em interminaveis hoteis, e como emfim aquelles mesmos que se empregavam em trabalhos da agricultura vieram habitar nas cidades; para descrever como em toda a Inglaterra não restaram dentro em pouco senão quatro cidades, cada uma comportando milhões de habitantes; para dizer como não se viu, d'um certo tempo em diante, nenhuma habitação em toda a extensão dos campos, — seriamos levados muito longe e teriamos de abandonar por muito mais tempo de que o fizemos agora as aventuras de Denton e da sua Isabel.

Os dois namorados, depois da sua separação nas circumstancias que relatámos, estavam agora reunidos, e todavia não podiam ainda casar. Porque Denton, e a culpa fôra sua gastando as suas economias, não tinha dinheiro, e Isabel só o podia ter quando attingisse a maioridade. Tinha, como sabemos, apenas 18 annos e segundo o costume da epoca a legitima de sua mãe só lhe seria entregue ao completar os 21. Ignorava que existiam meios de pedir dinheiro sobre a sua fortuna futura e Denton era sobremaneira delicado para lh'o propôr. Assim a

situação parecia irreductivel. Isabel considerava-se muito desgraçada, sentindo que ninguem, a não ser Denton, a comprehendia, e que nenhuma dôr se comparava á d'ella quando se encontrava separada d'elle; Denton dizia que o seu coração palpitava por ella dia e noite. Encontravam-se tantas vezes quantas podiam para se fazerem a mutua confissão das suas penas.

Um dia reuniram-se na sala de espera da plataforma das machinas volantes. O ponto preciso d'esta entrevista teria sido, no tempo da rainha Victoria, a quinhentos pés acima do sitio onde a estrada de Wimbledon desembocava sobre o *common*. As suas vistas espraiavam-se por sobre Londres. Seria difficil descrever a um leitor do seculo XIX o aspecto do que elles comtemplavam. Seria necessario dizer-lhe que pensasse no Palacio de Christal, nos predios *mamouth* (como então se chamava a essas pequenas cousas) recentemente edificados, nas mais vastas estações de caminhos de ferro do seu tempo, e que imaginasse todos esses edificios engrandecidos em proporções immensas e ligando-se, n'uma serie ininterrupta, em toda a extensão metropolitana. Se se lhe dissesse então que esse interminavel espaço, esse tecto continuo, estava guarnecido de innumeraveis florestas de ventiladores, acabaria por figurar vagamente aquillo que para os dois apaixonados era um espectaculo quotidiano e sem interesse.

Essa cidade enorme affigurava-se a ambos uma prisão, e os dois pensavam, como já cem vezes antes

tinham feito, na maneira por que poderiam evadir-se-lhe, para attingirem, emfim, a felicidade que ambicionavam: viverem juntos. Fugir d'essa prisão, quer dizer: viverem felizes antes de terem passado os tres annos do prazo inflexivel! De commum accordo, ambos acabaram por declarar que era absolutamente impossivel e mesmo quasi um crime esperar esses tres annos.

— Antes d'isso,—dizia Denton, e o som da sua voz revelava um peito forte e saudavel, — antes d'isso podemos morrer ambos!

A estas palavras, as suas mãos jovens e vigorosas entrelaçaram-se e um pensamento ainda mais pungente fez romper dos olhos claros de Isabel lagrimas que resvalaram pelas suas faces vermelhas e sadias.

—Um de nós!—disse ella,—um de nós póde...

Um soluço estrangulou-lhe a voz na garganta: não podia pronunciar a palavra que assume uma significação tão terrivel nos labios dos jovens e dos felizes.

Comtudo, o facto era que casar pobre se affigurava, para quem tivesse sido creado na abastança ou na mediania, nas cidades d'esse tempo, uma cousa terrivel. Nas abençoadas epocas da agricultura que haviam terminado no seculo XVIII, fallava-se agradavelmente do amor n'uma cabana, e, para dizer a verdade, a gente do campo confirmava o dito habitando choupanas de colmo, com janellas de vidros minusculos, rodeiadas de flôres e de ar livre, entre sebes onde cantavam os passaros, e tendo sobre a cabeça um ceo sempre variavel a cujos caprichos se conformavam.

Tudo isso, porém, desapparecera no pó das edades: a transformação começara já no seculo XIX, e um novo genero de vida se facultara aos pobres nos bairros inferiores das cidades.

No seculo XIX, os bairros pobres revelavam ainda a sua miseria á luz do sol, relegados a tractos de terreno argiloso ou d'outra qualquer fórma inutilisavel, expostos ás inundações e ao fumo dos bairros mais afortunados, insufficientemente providos de agua, e tão insalubres quanto o motivava o receio das classes ricas pelas doenças infecciosas.

Mas, no seculo XXII, o desenvolvimento da cidade que augmentava os andares dos seus predios e cada vez mais reunia os edificios uns aos outros, construindo uma rêde ininterrupta de altas edificações, reclamava uma modificação nas residencias pobres. As classes prosperas viviam n'uma vasta serie de sumptuosos hoteis, situados nos arredores e nos *halls* superiores das construcções da cidade. A população trabalhadora habitava nos subsolos e nos rez-do-chão medonhos da metropole.

No ponto de vista do refinamento da vida e dos costumes, essas classes inferiores differiam pouco dos seus antepassados, e, na parte que se referia a Londres assemelhavam-se bastante á população do Est-End no tempo da rainha Victoria. Mas tinham fabricado para seu proprio uso um dialecto especial. Todos viviam e morriam subterraneamente não subindo nunca á superficie da cidade senão quando os seus trabalhos ahi os chamavam. Como, para a maior

d'elles, era esse o genero da vida para que tinham nascido, não soffriam demasiadamente com a sua situação ; mas para pessoas da classe de Denton ou Isabel uma tal queda teria sido mais cruel do que a morte.

— Mas que havemos nós de fazer ?— perguntava Isabel.

Denton declarava não o saber. Além dos seus proprios sentimentos e escrupulos de delicadeza, não estava certo de que Isabel se sentisse seduzida pela idéa de pedir dinheiro emprestado sobre as suas «esperanças».

Mesmo o preço da viagem de Londres a Paris era, dizia Isabel, superior aos seus recursos, e em Paris, como em qualquer outra cidade do mundo, a vida seria tão dispendiosa e impossivel como em Londres.

— Se ao menos, — exclamava frequentes vezes Denton,— se ao menos nós tivessemos vivido n'esses tempos passados !

Aos seus olhos, o proprio Whitechapel do seculo XIX apparecia atravez d'uma bruma romanesca.

— Não haverá, porem, outro meio ? — dizia então Isabel, lavada em lagrimas.— Teremos realmente de esperar tres annos? Olha que são tres annos, trinta e seis mezes !

A dose de paciencia dos humanos não se augmentara com o decorrer do tempo. Um dia, subitamente, Denton decidiu-se a fallar d'um projecto que já varias vezes lhe passara pelo espirito. Finalmente,

achou-lhe probabilidades de realisação. Comtudo, parecia-lhe uma idéa tão phantastica que só fallou d'ella, meio a serio, meio a rir. Mas o caso é que formular uma idéa por meio de palavras teve sempre como immediato resultado fazel-a parecer mais real e mais possivel do que ella o era antes, e foi isto o que succedeu com os nossos dois namorados.

— Supponhamos, — disse elle, — que iamos para campo...

Ella ergueu os olhos a fim de ver se era a serio que elle lhe propunha semelhante aventura.

— Para o campo?

— Sim... para longe d'aqui... para alem das collinas...

— Como poderiamos lá viver?—perguntou ella.— E aonde?

— Não me parece que seja impossivel, — tornou elle. — No passado havia gente que vivia no campo.

— Mas n'esse tempo havia lá casas...

— E hoje ha ainda ruinas de villas e aldeias. Nos terrenos argilosos desappareceram, naturalmente; mas, nas terras de pasto, ha ainda muitas d'essas ruinas, porque a Companhia Geral dos Viveres tem interesse em as não destruir. Sei isso... com uma segurança absoluta. De resto, é uma cousa que se vê do alto das machinas volantes. Pois bem! entendo eu que nos poderiamos abrigar n'uma d'essas casas em ruinas e reparal-a com as nossas proprias mãos. Afinal de contas, a cousa não me

parece tão absurda como na apparencia se diria. Pagaremos a um dos homens que tomam conta dos rebanhos e cuidam das searas para nos levar comestiveis...

—Como isso seria interessante se effectivamente fôsse possivel!... — suspirou ella, levantando-se e collocando-se em frente d'elle.

— Porque não?

— Ninguem ousaria...

— Isso não é uma rasão!

— Mas seria uma cousa tão romanesca e tão extranha... O caso é que fôsse possivel...

— Repito: porque não ha de ser possivel?

— Ha tantos obstaculos a vencer... Pensa em todas as cousas que nos são indispensaveis e lá nos faltariam...

— E dariamos nós pela sua falta?... Afinal de contas, bem sabes que a vida que aqui levamos é muito irreal, muito artificial...

Começou a desenvolver a sua idéa, e, á medida que se animava, o lado phantastico da sua proposta desapparecia. Ella meditava.

— Mas, — disse emfim, — tenho ouvido fallar de vagabundos...de bandidos .. de criminosos fugidos das prisões...

Elle fez um signal de assentimento, hesitando em responder, com receio de que ella achasse essa resposta pueril. Corou.

— Um homem que eu conheço arranja-me uma espada...

Ella ergueu para Denton os olhos brilhantes de enthusiasmo. Tinha ouvido fallar de espadas, vira mesmo já uma, n'um museu. Pensou n'esses tempos do Passado em que os homens costumavam andar de espada ao lado. Comtudo, a idéa de Denton continuava a affigurar-se-lhe impossivel e talvez por isso mesmo pediu mais amplos detalhes sobre ella. Inventando á medida que fallava, elle contou-lhe como poderiam viver ambos no campo de uma forma identica á que usava a gente d'outro tempo. A cada phrase, o interesse da joven augmentava, porque o seu espirito era d'aquelles que se sentem invencivelmente fascinados por tudo quanto se pareça com romances e aventuras.

N'aquelle dia a proposta continuou a parecer-lhe impraticavel, mas no dia seguinte tornaram a fallar do assumpto e, — facto singular! — o projecto affigurou-se-lhes menos irrealisavel.

— Em primeiro logar, — disse Denton, — podiamos levar viveres. Ao principio, para uns dez ou doze dias...

N'esta epoca, os generos alimenticios consistiam em extractos compactos e artificiaes, acondicionados em pequenissimos volumes, e a provisão de que fallavam os dois apaixonados não tinha nada da quantidade que poderia imaginar um leitor do seculo XIX.

— Mas, — perguntou ella, — até a nossa casa... estar prompta... como nos abrigariamos, de noite?

— Agora é verão...

— Que queres dizer?

— Quero dizer que houve um tempo em que não havia casas no mundo e em que toda a humanidade, portanto, dormia ao ar livre.

— Pois nós haviamos de dormir ao ar livre... O vacuo!... Nem tecto... nem paredes...

— Querida, — replicou elle, — em Londres tens visto decerto muitos tectos admiraveis, pintados por artistas celebres e resplandecentes de luzes. Mas eu conheço um mais bello do que todos que existem em Londres...

— Qual é?

— Aquelle sob o qual nós estariamos ambos sós...

— Não percebo...

— Querida, — concluiu Denton, — ha uma cousa que o mundo esqueceu: é o ceo e a sua população de estrellas.

Cada vez que fallavam a este respeito, o projecto parecia-lhes mais facil e encantador. Ao fim de oito ou dez dias já concordavam que era absolutamente natural. Passada outra semana, viam n'elle o unico e inevitavel partido a tomar. Apoderou-se d'elles um grande enthusiasmo pelo campo. O tumulto sordido da cidade, — diziam, — acabrunhava-os. E espantavam-se até muito de esse meio tão simples de pôr termo ás suas inquietações e soffrimentos não lhes ter vindo mais cedo á idéa.

Uma manhã, perto do S. João, appareceu um novo empregado na plataforma das machinas volantes. Denton abandonara o seu logar.

Os nossos dois jovens tinham casado secretamen-

te e haviam deixado a cidade na qual os seus antepassados tinham vivido, e elles proprios até áquelle memoravel dia. Isabel trajava um vestido branco novo, mas de feitio antigo. Quanto a Denton, levava ás costas um pacote de provisões e segurava na mão timidamente, bem que dissimulado sob o seu manto côr de purpura, um instrumento de forma archaica, uma cousa de aço com um punho em cruz.

Póde imaginar-se o que foi este exodo.

N'aquelle tempo tinham já desapparecido ha muito os arrabaldes que, no seculo XIX, se caracterisavam pelas suas pessimas estradas, os seus predios mesquinhos, os seus ridiculos jardinsinhos de arbustos, geranios, e adornos futeis e pretenciosos: os orgulhosos edificios das vias mechanicas, as canalisações de agua e os conductores da electricidade, tudo isso terminava como uma parede, como um penhasco arcantilado de cerca de 4:000 pés de altura, abrupto e vertical. Em torno da cidade estendiam-se os campos de cenouras, nabos e outros legumes cultivados pela Companhia Geral dos Viveres, e que formavam a base de mil preparações alimenticias variadas. As hervas damninhas, as moutas, as silvas, e as balsas, tudo d'ali tinha sido inteiramente estirpado. As incessantes despezas da monda que era necessario fazer todos os annos na cultura mesquinha, ruinosa e barbara dos antigos tempos, tinham sido, d'uma vez para sempre, economisadas pela Companhia, por meio de radicaes processos de exterminio. Entretanto, aqui e alem, pomares

de maçãs occupavam os campos e, de onde em onde, enormes machinas agricolas se destacavam no seu aspecto extravagante, cobertas de telas impermeaveis. As aguas misturadas de tres ou quatro rios corriam em canaes rectangulares, e por toda a parte onde a mais pequena elevação de terreno o permittia, um systema de canalisação de aguas de exgotos desinfectados distribuia os seus beneficios atravez das terras cultivadas, e as suas cascatas, onde a luz do sol se refrangia, produziam admiraveis arco-iris.

Por um grande arco aberto na muralha da enorme cidade sahiam as Vias Eadhamitas que iam para Portsmouth, e nas quaes, ao sol matinal, formigava um trafego enorme de vehiculos que transportavam ao seu trabalho os operarios e os empregados vestidos com o uniforme azul da Companhia Geral dos Viveres,—movimento assombroso, no meio do qual os dois namorados pareciam dois pontos quasi immoveis. Ao longo das duas vias exteriores passavam, roncando, as lentas e antiquadas carruagens automoveis, d'aquellas que limitavam o seu serviço a trinta kilometros da cidade: as vias interiores estavam atulhadas de machanicas mais aperfeiçoadas, rapidos monocyclos transportando uns vinte homens, longos multicyclos, quadricyclos que supportavam pesadas cargas, gigantescos carros vasios, que antes do pôr do sol deviam voltar cheios, todos munidos de motores trepidando e de rodas silenciosas, entre uma perpetua e selvagem melodia de *gongs* e cornetas.

Os nossos dois jovens novamente unidos e singularmente intimidados pela sua mutua companhia seguiam em silencio a beira extrema da via exterior. Muitos gracejos e zombarias os acolheram á passagem porque, em 2180, um peão era um espectaculo tão extranho quanto o seria um automovel em 1800. Mas elles seguiam o seu caminho, sem darem attenção a essas palavras e a esses gritos.

No sul, na sua frente, elevavam-se as collinas. Ao principio pareciam azuladas; depois verdes, á medida que d'ellas se approximavam. Encimavam-as filas de gigantescos ventiladores que completavam os que estavam collocados no immenso tecto da cidade. As suas encostas affiguravam-se movediças sob as longas sombras projectadas por essas ventoinhas sempre em movimento. Ao meio dia, tinham-se approximado d'ellas a ponto de distinguirem, aqui e além, algnmas manchas estranquiçadas no fundo d'esse quadro.

Eram os rebanhos de carneiros pertencentes á Secção Animal da Companhia Geral dos Viveres. Passada mais uma hora, tinham já deixado para traz os campos de legumes e, franqueandc o unico cerrado que os limitava, já não tiveram que se preoccupar com prohibições de entrada. A estrada eadhamita abysmava-se, com todo o seu trafego, n'um talude enorme, de que elles se affastaram para ganhar o flanco da collina caminhando pelos prados.

Nunca esses filhos do seculo XXII se haviam encontrad) juntos n'um espaço tão isolado.

Tinham ambos fome e os pés doloridos, porque era então um exercicio muito pouco frequente andar a pé. Assim, ao fim de meia duzia de passos, assentaram-se na relva e, pela primeira vez, lançaram os olhos para a cidade d'onde vinham e que brilhava, immensa e explendida, na nevoa azulada do valle do Tamisa. Isabel, que nunca se approximara até então de animaes em liberdade, assustava-se, vendo junto de si os carneiros que pastavam tranquilamente. Denton socegou-a. Por cima das suas cabeças uma pequenina ave de azas brancas pairava, traçando grandes circulos no ar.

Fallaram pouco, emquanto procuravam restaurar as forças recorrendo ás provisões que haviam trazido; mas logo que terminaram a sua rapida refeição as linguas desataram-se. Elle fallou da felicidade que finalmente tinham conquistado, da loucura que haviam feito em mais cedo se não terem evadido da magnifica prisão em que se encontravam, e dos antigos tempos romanescos cuja vida iam reviver. Depois tornou-se fanfarrão. Tomou a espada que estava estendida na relva ao seu lado, e Isabel passou os dedos tremulos pela sua lamina luzente.

— E tu *serias capaz*,—disse ella,—de levantar isto e ferir um homem?

— Por que não, se assim fôsse necessario?

— Mas *isto*,—continuou ella,—parece uma cousa horrivel... *Isto* devia dar um grande golpe; devia,— e abaixou a voz, — fazer sangue...

— Já o deves ter lido nos antigos romances.

— Sim, bem sei, nos romances... Já vi nas gravuras a côres... Porém isso... sabe-se que não é sangue... que é uma tinta encarnada... Mas tu... tu... *matares!*

Olhou para elle com uma expressão de terror e entregou-lhe a espada.

Depois de comerem e descansarem, ergueram-se para continuar o seu caminho para as collinas. Passaram perto d'um immenso rebanho de carneiros e ovelhas que os comtemplaram, balando, surprehendidos pela sua insolita presença. Isabel estremeceu pensando que esses suaves animaes eram deshumanamente mortos para assegurar a sua subsistencia. Um cão ladrou a distancia, depois um pastor appareceu entre os supportes dos ventiladores e desceu ao encontro d'elles.

Approximou-se e perguntou-lhes onde iam.

Denton hesitou, e respondeu-lhe laconicamente que procuravam qualquer casa abandonada onde podessem viver juntos. Procurava exprimir-se com toda a despreoccupação e segurança, como se se tratasse d'um caso perfeitamente normal. O homem olhou para elles com ar incredulo.

—Commetteram algum crime?—disse elle, por fim.

— Nenhum, — respondeu Denton. — Vimos para aqui simplesmente porque não queremos viver nas cidades. De resto, porque é que se ha de só viver nas cidades?

O pastor fitou o, attonito e mais incredulo do que nunca.

— Mas não podem viver aqui! declarou elle.

— Experimentaremos.

Os olhos do pastor passavam alternativamente de Denton a Isabel e de Isabel a Denton.

— Amanhã, já não terão outro remedio senão regressar á cidade. Isto, emquanto faz sol, póde parecer agradavel... Mas só quando faz sol. Estão bem certos de não terem feito nada? Fallem com franqueza porque nós, pastores, não somos grandes amigos da policia.

—Não, não fizemos delicto algum!—retorquio Denton olhando-o bem de frente.—Somos muito pobres para podermos viver na cidade e não queremos vestir o uniforme azul e fazer trabalhos penosos. Vamos portanto ter uma vida simples como tinha a gente d'outro tempo.

O pastor era um homem de grandes barbas e de aspecto reflexivo. Lançou um golpe de vista ao perfil delicado e á fragil belleza de Isabel.

— N'esse tempo,—disse elle,—havia espiritos simples.

— Os nossos espiritos tambem são simples,—redarguiu vivamente Denton.

O pastor sorriu.

— Se fôrem por aquelle lado, ao longo da collina, por baixo dos ventiladores,—explicou elle,—verão, á sua mão direita, um montão de ruinas. Havia ali antigamente uma cidade chamada Epsom. As casas foram demolidas; as madeiras aproveitaram-se para fazer um grande parque para os carneiros. Se fo-

rem mais além, attingindo o limite das terras cultivadas, encontrarão um outro sitio d'esse genero que se chama Latherhead; depois a collina contorna um valle onde ha bosques e faias. Sigam sempre o sopé da collina, e chegarão a logares absolutamente desertos. N'alguns, apesar de todos os arroteamentos, crescem ainda fetos, campainhas e outras plantas inuteis e, perto dos ventiladores, encontrarão um caminho estreito e lageado, uma estrada feita pelos Romanos ha dois mil annos. Então, tomem á direita, desçam ao valle e sigam a margem do rio. Restam por esses sitios meia duzia de casas, algumas ainda com os telhados solidos. Ahi poderão encontrar um abrigo.

Denton e Isabel agraderam vivamente ao pastor as suas indicações.

— E' um sitio pacifico,—tornou elle.—Ao cahir da noite não se vê um palmo adiante do nariz e tenho ouvido dizer que andam por lá ladrões. E' muito solitario. Não se vê ali viv'alma, durante o dia. Desconhece-se tudo: os phonographos dos narradores de historias, as distracções dos cinematographos, e todas as novas machinas. Se tiverem fome, nada terão para comer; se estiverem doentes, não terão medico.

Calou-se.

— Procuraremos passar sem isso,—declarou Denton, dando um passo para se retirar.

Mas depois, mudando de tenção, combinou com o pastor a fórma de o encontrar quando tivessem

necessidade d'elle e tambem para que lhes trouxesse da cidade tudo o que lhes fôsse preciso.

A' tarde, Denton e sua mulher chegaram á aldeia deserta de que lhes fallara o pastor e cujas casas, banhadas na gloria dourada do poente, se lhes affiguraram pequenas e extravagantes. Exploraram-as, uma apoz outra, assombrando os a sua singular simplicidade e discutindo qual deveriam escolher para sua residencia. Por fim, n'um canto cheio de sol d'um quarto que já não tinha um pedaço de parede, encontraram uma pequena flôr azul que os exterminadores da Companhia Geral dos Viveres tinham poupado por descuido ou por não a verem.

Decidiram-se por essa casa. Mas não estiveram muito tempo dentro d'ella n'essa noite porque haviam resolvido saciar-se de natureza, tanto mais que, quando o sol abandonara o firmamento, as ruinas haviam tomado a apparencia de silhuetas phantasticas. Assim, depois de terem repousado brevemente, subiram ao cimo da collina para admirarem o silencio da terra e contemplarem o ceo constellado de estrellas que os antigos poetas com tanto fervor tinham cantado. Era um espectaculo maravilhoso, e Deuton fallava comoos poetas. Quando, emfim. desceram a collina, a aurora clareava já o céu. Dormiram pouco, e ao accordar, de manhã, ouviram um tôrdo cantar n'uma balsa.

Assim começou o exilio d'este joven casal do seculo XXII.

N'essa manhã estiveram muito occupados em in-

vestigar os recursos d'esse sitio onde iam viver uma vida simples. Visitaram toda a casa. As suas explorações não foram nem muito rapidas nem muito extensas, porque iam por toda a parte de mãos dadas. Em todo o caso, encontraram rudimentos de mobilia.

Havia, no fim da aldeia arruinada, uma reserva de forragens para os rebanhos da Companhia Geral dos Viveres. Denton trouxe grandes braçados de palha com que fez uma especie de cama. Em varias casas, encontravam-se ainda cadeiras e mesas carunchosas, mobiliario grosseiro e barbaro, a seus olhos, visto ser todo de madeira! Repetiram as mesmas cousas que tinham dito um ao outro no dia antecedenfe, e ao cahir da tarde encontraram uma outra flôr: uma campainha. N'essa occasião, alguns pastores da Companhia appareceram, devorando o caminho da margem do rio n'um enorme multicyclo. Ambos se occultaram, porque, no dizer de Isabel, a presença d'esses intrusos prejudicava o aspecto romanesco do seu poetico retiro.

Viveram d'esta maneira durante uma semana. Os dias foram claros e limpidos, sem uma unica nuvem; as noites gloriosamente estrelladas, e progressivamente invadidas pelo crescente da lua. Todavia, ia se desvanecendo alguma cousa do primitivo explendor que haviam experimentado no dia da chegada; esvaia-se insensivelmente o quer que fôsse, dia a dia. A eloquencia de Denton tornava-se irregular. Faltavam-lhe novos assumptos da inspiração. A fadiga da sua longa caminhada desde Londres até ali tinha-lhes

produzido um certo entorpecimento nos membros, e o frio fazia-os soffrer cruelmente. Além d'isso, Denton conheceu a ociosidade. N'um montão de cacos e destroços de toda a qualidade de objectos, descobrira uma enxada enferrujada e com ella, em accessos intermittentes, cavava o terreno do jardim todo invadido pela herva, isto apesar de não ter nada a plantar, semear ou dispôr. Ao fim de meia hora d'esse trabalho, voltava para o pé de Isabel, com o rosto coberto de suor.

— Eram gigantes, os homens d'outro tempo,—dizia elle, não comprehendendo o que podem fazer o habito e o trabalho continuado.

O seu passeio n'esse dia, conduziu-os ao longo das collinas até a um sitio d'onde poderam avistar a cidade brilhando ao longe, no valle.

— Tinha curiosidade de saber como as cousas vão por lá,—murmurou Denton.

Depois, houve uma mudança de tempo.

— Olha! Vem vêr as nuvens!

Com effeito, a norte e a leste, as nuvens estendiam-se como uma purpura sombria, ganhando o zenith, com os seus bordos esfarrapados, e, ainda os dois não haviam escalado o cimo da collina, já ellas occultavam inteiramente o sol. Subito, o vento passou nas faias com um gemido. Isabel estremeceu. Ao longe, um relampago fendeu o espaço como uma espada de repente arrancada da bainha, um trovão rolou na atmosphera, e, emquanto se sentiam invadidos d'uma grande surpreza, as primeiras gottas

de chuva cahiram-lhes pesadamente na fronte. N'um abrir e fechar d'olhos, o ultimo raio do sol poente desappareceu atraz d'um veo de bruma, os relampagos ameudaram-se, a voz do trovão rugio mais forte e, em torno d'elles, toda a natureza tomou um aspecto ameaçador e extranho.

Possuidos d'um infinito espanto, os dois filhos da cidade deram-se as mãos, e desceram, correndo, a collina, em direcção ao seu refugio. Antes de o attingirem, já Isabel soluçava de terror, e no terreno assombreado cahiam, pesados e inumeraveis, os pingos de chuva. Então começou uma noite extranha e terrivel. Pela primeira vez, na sua existencia civilisada, encontraram-se rodeados de absolutas trevas. Estavam encharcados e tremiam de frio. Por vezes a saraivada assobiava, e atravez dos boracos do telhado arruinado cahiam massas de agua que formavam lagos nos pavimentos carunchosos. Sob o impulso da ventania, a velha casa gemia e tremia: umas vezes cahia um pedaço do velho estuque, que se quebrava no sobrado, outras uma telha deslocada rolava ao longe do telhado e vinha partir-se no jardim inculto. Isabel batia os dentes e não ousava mexer-se.Denton embrulhou-se no seu vestuario ligeiro e de côr cinzenta. Ambos se conservavam immoveis e aconchegados um ao outro, na escuridão. O trovão rolava sem cessar, a trovoada sentia-se cada vez mais proxima, e sempre lividos, n'um clarão esbranquiçado, os relampagos illuminavam com uma luz momentanea e phan-

tastica o quarto alagado em que os dois se encontravam.

Não tinham nunca estado até então ao ar livre senão quando o sol resplandecia. Toda a sua vida se passara nas grandes vias publicas, nas salas e nos aposentos confortavelmente aquecidos e arejados da cidade. Aquella noite deu-lhes a impressão de a passarem n'um outro mundo, n'algum cahos desordenado de tumulto e de violencia. Mal se atreviam a ter esperança de tornarem a vêr a sua cidade. A tempestade parecia durar interminavelmente. Cahiram n'uma vaga solunnencia entre o ruido surdo dos trovões. Depois a ventania tornou-se menos furiosa e por fim cessou. Com o som das ultimas gottas de chuva cahindo no sobrado, ouviram, porem, de subito, um ruido singular.

— Que é isto ?—exclamou Isabel.

De novo o mesmo ruido se fez ouvir. Eram cães a ladrar que passavam no caminho deserto. Pela janella que dava para a parede que estava fronteira a elles, e na qual se desenharam os contornos d'uma arvore, entrou a pallida claridade da lua.

No momento em que um livido raiar da alva começava a precisar os delineamentos dos objectos, o latido d'um cão approximou-se e parou. Escutaram. Ouvio-se um rumor de corrida em torno da casa, depois outros latidos breves e semi-suffocados. Em seguida tudo ficou tranquillo.

— Schio !—fez Isabel.

E indicou com um gesto a porta do quarto.

Denton deu alguns passos para sahir, e parou com o ouvido á escuta. Depois, voltou para traz com um ar de affectada indifferença.

— Devem ser os cães da Companhia, – disse elle. —Não fazem mal.

E assentou-se de novo junto de Isabel.

— Que noite!—continuou elle para não deixar transparecer a inquietação com que escutava os menores ruidos de fóra.

— Não gosto de cães,—respondeu Isabel depois d'um longo silencio.

— Os cães nunca fizeram mal a ninguem,—accrescentou Denton. D'antes,—no seculo XIX, toda a gente tinha um cão.

— Li uma vez um romance em que havia um cão que matou um homem...

— Não era d'estes cães,—disse Denton com ar seguro.—Certos romances são um pouco... exaggerados.

Subito, um latido surdo, um ruido de patas subindo a escada, um sopro arquejante, fizeram-os estremecer. Denton deu um salto, e pegou na espada que tinha junto de si, no montão de palha humida em que ambos estavam deitados. N'esse momento, no limiar da porta, appareceu um cão de gado, magro e descarnado. Atraz d'elle, um outro avançou o focinho. Durante um instante, o homem e os animaes olharam-se, frente a frente.

Denton, que não sabia nada dos costumes dos cães, deu vivamente um passo para diante.

— Fóra d'aqui! – bradou elle, brandindo desageitadamente a espada.

O cão estremeceu e rosnou.

— Bom cão! — tornou elle, recorrendo á doçura.

O cão ladrou.

— Bom cão! — repetiu Denton.

O outro cão ladrou por sua vez.

Um terceiro, que se não via, e que ficára em baixo, na escada, começou a ladrar tambem. Fóra, outros corresponderam. Denton calculou que deviam ser muitos. Era um barulho ensurdecedor.

— Isto vae se tornando aborrecido, — disse Denton sem deixar de olhar fito os animaes ameaçadores. — Sem duvida os pastores não veem da cidade senão d'aqui a algumas horas, e os cães não nos conhecem...

— Não oiço nada do que dizes! — exclamou Isabel, levantando-se e vindo para o pé d'elle.

Denton procurou ainda fazer-se ouvir, mas os latidos abafaram-lhe a voz. Aquelle barulho produzia-lhe um singular effeito nos nervos. Emoções extranhas e ha muito tempo esquecidas começaram a agital-o. Emquanto gritava, a expressão da sua physionomia mudava. Repetiu o que dissera com mais força ainda; mas os cães, ladrando com redobrada furia, pareciam zombar d'elle. N'essa occasião, um dos animaes, com o pello todo eriçado, fez menção de o atacar. Então, proferindo certas palavras do dialecto das classes inferiores, incomprehensiveis para Isabel, Denton avançou contra os cães. Os la-

tidos cessaram, houve um rosnar de ameaça, e um cão saltou. Isabel viu-lhe a cabeça colerica, os dentes brancos e agudos, as orelhas pendidas, e o relampago da espada que se abatia. O animal foi repellido para traz, e Denton, soltando um grito, correu sobre elle, correu sobre todos os cães, despedindo cutiladas a torto e a direito. Brandia a espada no ar com uma nova liberdade de gestos e desceu correndo a escada, em perseguição dos cães que fugiam. A joven deu alguns passos para o seguir. Mas no patamar havia sangue. Suspendeu-se, horrorisada, e ouvindo o tumulto d'uma lucta fóra, correu á janella e olhou.

Nove cães fugiam em debandada, diante de Denton. Um d'elles torcia-se de dôr no chão. Denton, gozando esse extranho prazer da lucta que ainda jazia, embora adormecido, no sangue dos homens mais civilisados, soltava gritos retumbantes, correndo atravez do jardim. Então, Izabel, sem comprehender o perigo d'esta nova tactica, vio os cães darem uma volta de cada lado e cahirem de novo sobre elle. Apanharam-o a descoberto.

N'um instante comprehendeu a situação. O seu desejo era chamar Denton, avisal-o; mas durante alguns segundos sentiu-se impotente para o fazer. De subito, porém, obedecendo a um extranho impulso, arregaçou o seu vestido branco e desceu á pressa. Na casa de baixo estava a enxada enferrujada. Era o que precisava. Agarrou n'ella e sahiu correndo.

Já não chegava cedo. Um cão, ferido mortalmente, rolava diante de Denton ; mas um outro deitou-lhe os dentes ao quadril, um terceiro filou-o pelo pescoço, e um quarto, lambendo o seu proprio sangue, mordia a lamina da espada, que Denton debalde procurava arrancar-lhe da bocca. Como o braço esquerdo, o rapaz repellia um quinto animal que procurava saltar-lhe em cima.

Quem visse então Isabel não a julgaria uma mulher do seculo XXII, mas sim uma selvagem das eras primitivas. Toda a doçura e toda a graça da sua vida civilisada desappareceram ante essa necessidade primordial da defeza. A enxada feriu, rude e segura, esmigalhando o craneo d'um cão. Outro, que se preparava para saltar, fugiu, ladrando de terror, ante essa antagonista inesperada. Dois outros perderam instantes preciosos a arrancarem os bordados do seu vestido.

A gola de Denton cedeu aos dentes do cão, que cahiu, com o pedaço de panno ferrado nos dentes. No mesmo instante, a enxada tombava-lhe na cabeça, e estendia-o morto. Denton, libertado, enterrou a espada no corpo do cão que lhe lacerava o quadril.

— Corramos ao muro ! — gritou Isabel.

Em alguns segundos, o combate terminou. Denton e sua mulher ficaram lado a lado, immoveis, emquanto os cães que tinham escapado á morte, uns cinco, fugiam vergonhosamente com o rabo entre as pernas.

Arquejantes e victoriosos, nem um nem outro proferiram durante algum tempo uma palavra. De repente, Isabel deixou cahir a enxada, occultou o rosto entre as mãos, e sentou-se, ou antes, deixou-se cahir no chão, sacudida por uma grande crise de soluços. Denton olhou em torno de si, espetou a espada na terra de maneira a têl a sempre ao alcance da mão, e abaixou-se para consolar a sua companheira.

Emfim as suas tumultuosas commoções tranquilisaram-se, e poderam conversar. Ella encostou se ao muro e elle assentou-se n'umas pedras para não ser surprehendido se os cães voltassem. Dois dos malditos animaes tinham ficado a meio caminho e não cessavam de ladrar d'uma fórma inquietadora.

Isabel estava lavada em lagrimas, mas já não se considerava excessivamente desgraçada porque havia meia hora que elle não deixava de lhe repetir que, com a sua valentia, ella lhe salvara a vida. Mas um novo receio salteou-lhe o espirito:

— São os cães da Companhia, — disse ella. — Naturalmente vamos passar trabalhos.

— Tambem o receio. O mais certo será sermos perseguidos por violação de propriedade.

Uma pausa.

— Nos antigos tempos, — declarou elle, — estas cousas succediam diariamente.

— E a noite que nós passamos! — tornou ella. — Não me sinto com forças de passar outra semelhante.

Elle fitou-a. A sua fronte empallidecida pela in-

somnia tinha uma expressão espantada. Sacudio-o uma repentina resolução.

— Temos que nos ir embora, — confessou elle.

Isabel olhou para os cadaveres dos cães massacrados e estremeceu.

— E' certo. Não podemos ficar aqui, — affirmou ella.

— Temos que nos ir embora,—repetiu Denton, lançando um golpe de vista por cima do hombro a fim de examinar se o inimigo conservava a distancia estabelecida.—Fomos felizes durante alguns dias, isso é verdade... mas o mundo actualmente está muito civilisado. A nossa epoca é a epoca das cidades. Este genero de vida matar-nos-hia em breve tempo.

— Mas que faremos na cidade? Como viveremos?

Denton hesitou. Batia regularmente com o tacão da bota na parte do muro arruinado em que se sentara.

—Ha uma cousa...—principiou elle,—em que ainda te não fallei...

Tossiu e continuou:

— Mas...

— Falla! Que queres dizer?

— Quero dizer... que podias pedir dinheiro sobre a legitima de tua mãe... que te ha de pertencer mais tarde...

— Sim?—exclamou ella, já muito animada.

— E' claro que sim! Pois não o sabias?

Ella ergueu-se, com as faces rosadas de animação.

— Porque não me fallaste n'isso ha mais tempo ? — perguntou. — E dizer que perdemos tanto tempo aqui ! . . .

Elle olhou-a, sorrindo; depois o seu sorriso desappareceu.

— Entendi que a idéa devia partir de ti ; repugnava-me pedir-te o teu dinheiro e, além d'isso, julguei, ao principio, que a vida nos campos seria deliciosa.

Calou-se por um momento.

— E foi, com effeito, deliciosa, emquanto não sobreveio este caso . . .

E continuava a olhar por cima do hombro, observando os cães.

— Sim, — confirmou ella. — Foram deliciosos os primeiros dias, os tres primeiros dias . . .

Olharam-se amorosamente durante alguns segundos.

Denton desceu do muro e pegou-lhe na mão.

— Cada geração, — disse elle, — deve viver segundo a philosophia do seu tempo ; reconheço agora bem claramente a verdade d'este principio. A vida das cidades é aquella para que nós nascemos. Viver d'outra maneira . . . é impossivel. A nossa vinda aqui foi um sonho . . . sonho de que despertamos agora.

— Foi um bello sonho, — murmurou Isabel, — no começo . . .

Durante um longo momento nem um nem outro fallou.

— Se quizermos chegar á cidade antes de apparecerem os pastores, temos que nos pôr já a caminho,—disse Denton.—Levamos as nossas provisões e podemos comer em qualduer parte.

Denton olhou de novo em redor de si e, evitando approximar-se dos cães mortos, atravessaram ambos o jardim e entraram juntos na casa. Encontraram o sacco com os generos e desceram a escada toda pingada de sangue. Em baixo, Isabel parou.

—Um instante,—murmurou ella.—Ha aqui uma cousa de que eu me quero despedir.

Entrou no quarto onde a pequenina flôr azul sorria ao sol. Inclinou-se e acariciou-a com a ponta dos dedos.

— Gostava de a ter,—disse ella,—mas não quero arrancal-a.

Com um movimento quasi involuntario, abaixou-se e poz os labios de neve sobre as petalas. Depois atravessaram, lado a lado, o jardim, e entraram na velha estrada.

Isabel e Denton regressavam resolutamente para a cidade mechanica e complexa d'esses tempos,—a Cidade que absorvera a Humanidade.

III

As Vias da Cidade

Entre as invenções que, na historia da humanidade, transformaram o mundo, a serie dos progressos dos meios locomotores que começara com os caminhos de ferro e que, passado apenas um seculo, se terminara com os vehiculos automoveis e as plataformas mechanicas, é a serie mais notável, senão a mais importante. Esses aperfeiçoamentos, assim como o systema das sociedades de responsabilidade limitada, reunindo capitaes enormes, e a substituição dos trabalhadores agricolas por homens habilitados, munidos de mechanismos engenhosos, produziram necessariamente a concentração da humanidade em cidades d'uma vastidão enorme e provocaram uma completa revolução na vida humana. Assim que este phenomeno se produziu, affigurou-se logo uma cousa tão simples e tão evidente, que muita gente se espantou de o não o ter claramente previsto.

Todavia, não parece ter-se tido nitidamente a consciencia das miserias que uma semelhante revolução

podia comportar, e não parece ter entrado no espirito do homem do seculo XIX o pensamento de que as prohibições e as sancções moraes, os privilegios e as concessões, as ideas de responsabilidade e de propriedade, de conforto e de belleza, que tinham tornado prosperos e felizes os periodos, sobretudo agricolas, do passado, podessem acabar por desapparecer sob a onda crescente das novas possibilidades e exigencias. Que um cidadão equitativo e bemfazejo na vida ordinaria se podesse tornar, como accionista, implacavelmente ganancioso; que os processos commerciaes que, nos tempos atrasados, tinham parecido rasoaveis e honrosos, fôssem, n'uma mais larga escala, mortiferos e esmagadores; que a caridade antiga viesse a ser considerada com o um simples meio de desenvolver o pauperismo, e que os systemas de emprego d'essas épocas se tivessem transformado em escravidões extenuantes; que, de facto, uma revisão e um desenvolvimento dos direitos e dos deveres do homem se impozessem como uma necessidade urgente, — eram outras tantas cousas que não podia conceber o homem do seculo XIX, profundamente conservador e submettido ás leis em todos os seus habitos de pensar, afeiçoado, como o estava, por um methodo de educação archaico. Sabia-se que a agglomeração excessiva das cidades implicava perigos de pestilencias sem precedentes: houve mesmo um emprego energico e larguissimo de medidas sanitarias; mas que os flagellos do jogo e da usura, do luxo e da tyrannia,

se tornariam endemicos e teriam larguissimas consequencias, — eis o que ultrapassava muitissimo o limite das hypotheses que se podiam estabelecer no seculo XIX. Foi por esta forma, por meio de qualquer *processus*, para assim dizer inorganico, ao qual se não oppõe praticamente a vontade creadora do homem, que se effectuou o crescimento das desgraçadas e populosas cidades que caracterisaram o seculo XXI.

A nova sociedade dividiu-se em tres grandes classes. No cimo da escala social, esmoiam sommolentamente os grandes capitalistas, collossalmente ricos mais por acaso do que por intenção, poderosos em tudo, excepto na vontade e nas aspirações, n'uma palavra: o ultimo *avatar* de Hamlet no mundo. Em baixo, estava a multidão enorme dos trabalhadores ao serviço das gigantescas companhias que monopolisavam tudo, eximindo-se a toda a fiscalisação e concorrencia. Entre ambas, estava a classe media, muito diminuida: funccionarios de todo o genero, contra-mestres, administradores, profissionaes da Medicina, das Leis, das Artes, da Escholastica, e os pequenos ricos, — classe cujos membros levavam uma vida de luxo incerto e se entregaram a pequenas especulações, seguindo na esteira dos grandes directores da Industria e do Commercio.

Contámos já a historia do amor e do casamento de dois jovens pertencentes a essa classe média. Dissémos já como elles venceram os obstaculos que que os separavam e como procuraram viver á moda

antiga, no campo, e dissémos tambem por que elles rapidamente tiveram de regressar a Londres. Sigamol-os ahi.

Denton não tinha recursos; mas Isabel contrahiu um emprestimo sobre os valores que seu pae devia guardar em deposito até ella attingir os vinte e um annos. Como é natural, teve de pagar um juro elevadissimo por causa da incerteza da sua garantia, e, além d'isso, a arithmetica dos amantes é, na maior parte das vezes, vaga e optimista. Comtudo, apoz o seu regresso, passaram alguns bellos e agradaveis momentos. Haviam decidido não partir para nenhuma cidade luxuosa e celebre pelas suas diversões e prazeres, não querendo perder o tempo a correr, atravez da atmosphera, de uma grande parte do mundo para outra, porque, a despeito da sua primeira desilusão, tinham conservado a mesma predilecção pelas cousas atrasadas. Guarneceram, portanto, os seus pequenos aposentos de moveis velhos e extravagantes do tempo da rainha Victoria e acharam no 42.º andar da Septima Via uma lojasita onde se encontravam ainda á venda livros impressos, segundo o costume dos antigos. A mania favorita de ambos era ler cousas impressas em logar de escutar os phonographos.

Quando, dentro em breve, o nascimento d'uma filhinha veiu ainda, se é possivel, unir mais os dois esposos, Isabel não a quiz mandar para uma *créche*, como era costume geral, insistindo em amamental-a ella mesma. Por causa d'esta singular exquisitice,

augmentaram-lhes a renda dos seus aposentos ; mas isso pouco lhes importava. Contrahiram novo emprestimo.

Finalmente, Isabel attingiu a maioridade, e Denton teve com o pae de sua mulher uma entrevista muito pouco agradavel. Depois teve com o prestamista outra mais desagradavel ainda. Denton voltou para casa com o rosto pallido e alterado. Quando elle chegou, Isabel contou-lhe logo que a pequenita dizia já uma phrase nova e com uma entoação encantadora. Mas Denton não prestou attenção á novidade, e no momento mais interessante da descripção materna, interrompeu sua mulher, dizendo :

— Quanto julgas tu que nos resta, agora que todos os emprestimos ficaram liquidados ?

Ella olhou o, espantada, e parou de chofre no meio da narração que fazia ácerca da eloquencia da filhita.

— Queres dizer que... ?

—Exactamente. E' isso mesmo,—respondeu o marido.—Não tivemos juizo... Foi sem duvida o juro, que era muito grande... As acções que te pertenciam desceram muito... Teu pae, quando eu lhe fallei n'isso, riu-se e disse que não era nada da sua conta depois do que se passara. Creio que elle vae tornar a casar. N'uma palavra, restam-nos apenas mil libras.

— Só mil libras ? !

— Só !

Isabel cahiu sobre uma cadeira. Durante um ins-

tante, contemplou-o, muito pallida; depois os seus olhos divagaram pelo quarto extravagante e fóra da moda, ornado com moveis do tempo da rainha Victoria e quadros originaes pintados a oleo. Depois, o seu olhar fixou se no pequeno specimen da humanidade que tinha nos braços.

Denton, com os olhos fitos n'ella, conservava uma attitude de absoluta prostração moral; mas de subito deu uma reviravolta e começou a passear nervosamente d'um lado para o outro.

— E' preciso que eu encontre qualquer cousa em que me empregue,—declarou elle, por fim.—Sou um mandrião; já devia ter pensado em tudo isto se não fôsse um egoista e um idiota. Mas que queres? Não te queria deixar...

Calou-se, vendo a pallidez de Isabel. Approximou-se, beijou-a, e deu tambem um beijo no pequenino rosto qûe ella aninhava no seio.

—Não estejas triste,—disse elle.—D'aqui em deante não estarás só... A pequenita já começa a fallar; servir-te-ha de companhia. De resto, eu hei de achar depressa qualquer cousa em que me occupe. Isso é breve, e deve ser facil. Estas cousas, ao principio, fazem um certo abalo... Mas tudo se ha de arranjar... Vou descançar um pedaço, e depois saio. Verei o que posso fazer... N'este momento, sinto-me incapaz, de pensar no que quer que seja.

— Ha de custar-nos a deixar estes aposentos, —disse Isabel,—mas...

— Não havemos de ter necessidade d'isso, descança...

— São muito caros...

Denton, com um gesto, affastou aquella primeira inquietação, e começou a fallar dos trabalhos que poderia fazer. Não explicava muito ciaramente o que seria, mas estava inteiramente certo de que poderiam continuar a viver na feliz classe media cuja existencia era a unica que conheciam.

—Ha trinta e tres milhões de pessoas em Londres,—dizia elle.—Entre ellas, algumas haverá que tenham necessidade de mim.

— Certamente,— respondia Isabel.

— O difficil é... Mas... Bindon, o homemsinho a quem teu pae te queria casar, é um personagem importante. Não posso voltar para o meu antigo emprego da plataforma porque elle é agora chefe do pessoal das Machinas Volantes.

— Não sabia,—disse Isabel.

— Foi nomeado ha algumas semanas. Se não fosse isso, a cousa seria facil... Readmittiam me, com certeza. Todos gostavam de mim, na plataforma... Mas ha muitas outras cousas a tentar... duzias de cousas... Não te apoquentes, minha querida. Vou descançar um pouco, depois almoçaremos, e em seguida eu ponho-me em campo... Conheço immensa gente, immensa!

Descançaram, depois foram para a sala publica almoçar. Acabado o almoço, Denton partiu, como promettera, á procura d'um emprego. Mas passa-

dos um ou dois dias, aperceberam-se ambos de que, sob o ponto de vista d'umas certas vantagens, o mundo estava tão mal organisado como outr'ora, e essas vantagens ou antes esses attributos seriam os d'um emprego agradavel, garantido, remunerador, deixando amplos momentos de descanço para o gozo da vida familiar, não requerendo nem faculdades especiaes, nem esforços, nem riscos, nem sacrificios de qualquer genero. Denton desenvolveu um grande numero de brilhantes projectos e gastou muitos dias a percorrer activamente todos os cantos da enorme cidade, em busca de amigos influentes. Todos esses amigos influentes se mostravam muito satisfeitos por o tornar a vêr; mas assim que elle exprimia os seus desejos, as suas amaveis expressões tornavam-se vagas, e indecisas. Punham-se em guarda. Denton despedia-se então friamente d'elles; irritava-se ao pensar no seu procedimento, entrava n'um posto telephonico e gastava o seu dinheiro a sustentar discussões animadas e improductivas com variados interlocutores. A' medida que os dias iam passando sem resultado, sentia-se cada vez mais cançado, o seu desanimo e a sua irritação progrediam, a ponto de, para parecer alegre e tranquillo em presença de Isabel, lhe ser necessario um esforço que ella perfeitamente reconhecia, porque lhe tinha verdadeiro amor.

Um dia, depois de preambulos extremamente complexos, ella propoz-lhe um meio de sahir das difficuldades de momento. Denton sempre julgara

vêl-a romper em choro se tivessem de vender os seus thesouros com tanta alegria adquiridos: os seus extranhos objectos de arte antiga, as suas cadeiras e poltronas, as suas tapeçarias, os seus reposteiros de *reps*, a sua mobilia de *acajou*, as suas gravuras e os seus desenhos encaixilhados em molduras douradas, as suas flôres artificiaes abrigadas em rodomas de vidro, os seus passaros empalhados e outras cousas antigas, de gosto. Mas, com grande espanto seu, foi ella propria quem lhe propoz a venda. Esse sacrificio fêl-o ella, apparentando até um grande prazer, e o mesmo succedeu com a idéa de se mudarem para outros aposentos, dez ou doze andares mais abaixo, n'aquelle ou n'outro hotel.

— Emquanto a menina estiver comnosco, o resto pouco importa,—dizia ella.—Tudo isto é experiencia da vida.

Elle beijou-a, declarou que estava demonstrando uma intrepidez, uma energia ainda superior áquella de que dera provas quando o defendera contra os cães da Companhia dos Viveres; comparou-a á grande rainha Boadicéa, e absteve-se cuidadosamente de observar que teriam de pagar uma renda consideravelmente mais elevada por causa da vozinha da creança que perturbaria o eterno sussurro da cidade.

Denton pensara em affastar Isabel quando chegasse o momento de vender o absurdo mobiliario a que tanto se ligavam os seus affectos. Mas foi, pelo contrario, Isabel quem discutio com um dos compra-

dores d'esse genero de curiosidades o preço da venda, emquanto Denton, pallido e angustiado, e esperando da Sorte o peor possivel, continuava á procura d'uma posição pelas ruas moveis da cidade.

Quando se installaram em outros aposentos, brancos e côr de rosa, mobilados com o estrictamente necessario, Denton experimentou um accesso de actividade furiosa que logo foi seguido d'uma semana de completa apathia, durante a qual se deixou ficar em casa, n'uma crise de aborrecimento e de colera. Durante esse tempo o bom humor effectuoso de Isabel brilhou como uma estrella e, por fim, o furor e o desanimo de Denton fundiram-se n'um mar de lagrimas. Depois partiu de novo para as populosas ruas de Londres e, com grande espanto seu, encontrou trabalho.

As suas exigencias tinham-se pouco a pouco moderado até se restringirem ás do nivel mais baixo dos trabalhadores independentes. Primeiro aspirara a qualquer alta posição official nas grandes Companhias das Aguas, dos Ventiladores ou das Machinas Volantes, ou então a um emprego nas Administrações Geraes das Noticias que haviam substituido os jornaes, ou ainda n'alguma associação commercial ou profissional. Isso, porém, era os sonhos do começo. De ahi passara á especulação bolsista, como se dizia no seculo XIX, e trezentos *leões de ouro* dos mil que restavam da fortuna de Isabel haviam desapparecido, n'uma só tarde, na voragem do Mercado dos Valores. Agora, finalmente, repu-

tava se feliz por a sua boa apparencia o fazer entrar, a titulo de experiencia, como caixeiro de balcão no Syndicato dos Chapéus Suzannah, syndicato que fabricava e vendia chapéus de senhoras, toucas e todos os objectos proprios para cobrir a cabeça, porque apesar da cidade estar inteiramente coberta e ao abrigo das intemperies e do sol, as senhoras usavam ainda bellos chapéus volumosos e complicados para irem ao theatro e aos logares de culto publicos

Teria sido interessante mostrar a um lojista da Regent Street do seculo XIX os engrandecimentos do seu primitivo estabelecimento em que Denton estava agora empregado.

Dava-se ainda ás vezes, pela força da tradicção, á XIX.ª Via de Londres o seu antigo nome de Regent Street. Era agora uma rua de plataformas moveis, com perto de 200 pés de largura. O espaço central era immovel. Por meio de escadas que desciam ás ruas subterraneas podia-se passar ás casas situadas de cada lado. A' direita e á esquerda havia uma serie de plataformas sobrepostas e continuas, tendo cada uma velocidade superior em cinco milhas á da plataforma contigua, de forma que se podia passar d'uma para outra até á via mais rapida e percorrer assim toda a cidade. O edificio do Syndicato dos Chapéus Suzannah tinha uma vasta fachada que dava para a via exterior e projectava em cada extremidade uma serie de immensas laminas de vidro fosco nos quaes gigantescos retratos

animados das mais lindas mulheres conhecidas se destacavam, ostentando os modelos mais recentes de chapéus Suzannah. Uma densa multidão estava continuamente parada na via central estacionaria, contemplando um vasto cinematographo onde se mostravam as mais sensacionaes novidades d'uma moda incessantemente modificada. A frontaria inteira do edificio estava n'uma perpetua transformação chromatica e, de alto a baixo, n'uma altura de 400 pés e por cima das plataformas moveis, entrelaçavam-se, tremeluzindo e cegando em repentinos jactos de luz, com lettras e côres mil vezes variadas, as palavras da taboleta:

Chapéus Suzannah—Chapéus Suzannah

Gigantescos phonographos espraiavam os seus clamores sobre a multidão, suffocando todas as conversações nas plataformas moveis, e vociferando constantemente: «Chapéus! Chapéus!» emquanto, a uma certa distancia, antes e depois de passado o grande estabelecimento, outras baterias d'esses instrumentos aconselhavam ao ouvido de quem passava: «Vá aos armazens Suzannah!» ou suggeriam: «Porque não compra um chapéu a essa menina?»

Por causa dos que podessem ter a sorte de serem surdos, e a surdez não era rara na Londres d'então, o formidavel edificio projectava, desde a cupula até á plataforma, inscripções luminosas, e sobre a mão ou o craneo calvo de qualqner transeunte res-

peitavel, ou sobre as costas d'uma dama, ou, n'um subito jacto de luz, nos pés de toda a gente, o dedo mobil traçava inesperadamente em lettras de fogo: «Hoje, chapéus baratos!» ou isto simplesmente: «Chapéus!» Todavia, apesar de todos estes esforcos, tão grande eram a animação e a sobrexcitação em que vivia a cidade e tão facilmente os olhos e os ouvidos se acostumavam a desprezar este genero de *réclame*, que mais d'um cidadão passara por ali milhares de vezes sem sequer notar a existencia do Syndicato dos Chapéus Suzannah.

Para penetrar no edificio descia-se a escadaria da rua central, seguia-se depois por uma larga passagem franqueiada ao publico, e pela qual passavam d'um lado para o outro lindas raparigas que, por uma pequena remuneração, estavam ao serviço do syndicato Suzamah para fazerem o papel de manequins vivos de chapeus. A sala da entrada estava toda guarnecida de bustos com cabeças de cera penteadas á moda e girando em circulo sobre pequenos pedestaes. D'ali, passando em frente do balcão dos caixeiros, chegava-se a uma interminavel serie de pequenas salas contendo cada uma: um vendedor, tres ou quatro chapeus, alfinetes, espelhos, cinematographos, telephones e resvaladeiros em communicação com o deposito central, cadeiras confortaveis e refrescos tentadores. Denton era vendedor n'uma d'essas salinhas. O seu trabalho consistia em receber a onda incessante de damas a quem passava pela phantasia demorarem-se um instante fallan-

do com elle. Devia ser para com ellas tão cortez e tão amavel quanto possivel, offerecer-lhes refrescos, sustentar a conversação que á presumivel fregueza aprouvesse iniciar e, sem muita insistencia, conduzir habilmente essa conversação sobre o assumpto dos chapeus. Egualmente devia convidar a dama a experimentar diversos modelos de chapeus e demonstrar-lhe, pelas suas maneiras e attitudes, mas sem demasiada lisonja, quanto lhe embellesavam o rosto os chapeus que desejava vender. Tinha ao seu dispôr muitos espelhos adaptados, graças a certas subtilezas de curvas, a differentes typos de physionomias, e tudo dependia do uso que d'elles soubesse fazer o vendedor.

Denton entregou-se ao seu cargo, na verdade curioso, com uma boa vontade e energia que um anno antes o teria sobremaneira assombrado. Mas fel-o sem successo. A directora principal que o escolhera para aquelle logar, e lhe demonstrara uma relativa sympathia, mudou de subito para com elle, declarou-lhe, sem outra explicação, que era um estupido e despedio-o ao fim de seis semanas. Denton estava de novo desempregado, e coagido a continuar nas suas infructiferas tentativas de alcançar uma posição segura.

D'esta vez, não poude continuar por muito tempo as suas perigrinações. Estava absolutamente sem dinheiro. Para prolongar um pouco a sua existencia em taes condições, tiveram, elle e Isabel, de se separar da filhinha bem amada e de a confiarem a

uma das *créches* publicas que abundavam na cidade. Era, já o dissemos, o costume n'essa epoca. A emancipação industrial da mulher, a desorganisação do lar familiar que d'ella resultara, haviam tornado as *créches* necessarias para toda a gente, salvo aquelles que fôssem muito ricos ou tivessem a esse respeito idéas excepcionaes e extravagantes. As creanças encontravam ali vantagens de hygiene e de educação que seriam impossiveis sem semelhantes organisações. Havia *créches* de todas as classes e de todos os generos de luxo,—e entre ellas as da Companhia do Trabalho onde as creanças eram recebidas a credito, devendo depois resgatar-se, por trabalhos diversos, á medida que iam crescendo.

Mas como Denton e Isabel eram, como já o temos explicado, gente singularmente atrazada, cheia de idéas sediças, tinham um odio excessivo por essas commodas *créches* e só forçados pelas circumstancias se decidiram a entregar sua filha a uma d'ellas. Foram recebidos por uma matrona de ar maternal, uniformisada, de maneiras diligentes e cortezes. Isabel chorou ao separar-se da filhinha. Então a funccionaria, apoz um breve espanto diante d'uma emoção a que estava tão pouco habituada, transformou-se n'uma mulher de coração bondoso, com palavras de esperança e conforto nos labios, o que lhe valeu o imperecivel reconhecimento de Isabel.

Denton e sua mulher foram conduzidos a uma vasta sala onde estavam muitas amas e onde centenas de creanças de dois annos se divertiam com

brinquedos dispersos pelo chão. Era a sala dos Dois Annos. As amas avançaram, e Isabel entregou-lhes sua filha, seguindo-as com um olhar cioso emquanto ellas a levavam. As amas eram excellentes mulheres, era evidente que o deviam ser, e comtudo...

Era preciso retirarem se. A pequena Dings estava agora installada n'um canto, assentada no chão, com os braços atulhados de brinquedos que quasi occultavam o seu pequenino corpo. Parecia importar-se pouco com os parentescos humanos, porque nem sequer seguio com a vista o pae e a mãe que se affastavam. A elles, tinha-lhes sido prohibido inquietal-a, dizendo-lhe adeus.

No limiar da porta, Isabel voltou-se para a vêr uma ultima vez. A pequenita tinha deitado ao chão todos os brinquedos; estava de pé e hesitante. Como uma onda, os soluços subiram á garganta de Isabel. A ama empurrou-a brandamente para fóra, e sahiu com elle para o patamar, fechando a porta atraz de si.

— Pode vir vêl-a quando quizer minha senhora, — disse ella com um subito enternecimento nos olhos.

Isabel fixou-a um instante, perplexa.

— Pode vir vêl-a quando quizer, — repetiu a mulher.

Então, n'uma transição brusca, Isabel cahiu-lhe nos braços. A bondade d'aquella mulher conquistara-a, como conquistara tambem o coração de Denton.

Tres semanas depois, os dois esposos, absolutamente exhaustos de recursos, viram-se forçados a appelar para o ultimo meio de vida: a Companhia do Trabalho. Mal estavam em divida d'uma semana, o proprietario do hotel apoderou-se da sua pequena mobilia, para se indemnisar, fazendo a penhorar pela justiça, e, com uma cortezia muito rudimentar, apontou-lhes a porta da rua. Isabel seguio a passagem que levava á escadaria por onde se subia á rua central. Quasi que não podia pensar. A sua miseria acabrunhava-a. Denton ficara para traz entregue a uma discussão acerba com o porteiro. Em breve, porém, se lhe juntou, com as faces avermelhadas pela ira. Ao acercar-se-lhe, demorou o passo, e subiram juntos e em silencio á rua central. Ahi encontraram duas cadeiras vasias e assentaram-se.

— Não é forçoso que vamos já para *lá*,—murmurou Isabel.

— Não,—respondeu Denton.— Basta que vamos quando tivermos fome.

Calaram-se. Os olhos de Isabel procuravam, sem o achar, um ponto onde repousar a vista. A' direita moviam-se ruidosamente as plataformas que iam para leste, á esquerda as que avançavam para a direcção opposta. Na frente e na rectaguarda, ao longo d'um cabo suspenso sobre as suas cabeças, iam e vinham uns poucos de homens gesticulando, vestidos como *clowns*, e todos marcados, nas costas

e no peito, com uma lettra collossal, de forma que postos em fila se podesse lêr:

Pillulas Digestivas de Perkinje

Uma mulhersinha anemica, vestida com um horrivel e desbotado fato de panno azul, indicava a uma creança que a acompanhava um dos homens que compunham aquelle annuncio vivo:

— Olha? Vês aquelle? E' teu pae.

— Qual d'elles?—perguntou a creança.

— O de nariz muito encarnado,—respondeu a mulher anemica.

A pequenita desatou a chorar, e Isabel teve vontade de fazer outro tanto.

— Olha como elles saltam! — disse a mulher, procurando distrahir a creança. — Olha! Olha, agora!

Na fachada da direita, um disco immenso, brilhando intensamente e reluzente de côres phantasticas, girava continuamente e n'elle appareciam, com certas intermittencias, lettras de fogo que diziam:

Se estaes atordoado...

e accrescentavam, depois d'uma pausa:

Tomae uma pillula digestiva Perkinje

Em seguida começou um zurro atroador e desolado:

«Os que gostarem de litteratura de capa e espada, ponham o seu telephone em communicação com Bruggles, o maior auctor de todos os seculos! o maior pensador de todos os tempos! que os saturará de moral até á raiz dos cabellos! E' a propria imagem de Socrates, excepto na nuca que é inteiramente semelhante á de Shakespeare! Tem seis pés de altura, veste-se de encarnado, e nunca lava os dentes! Ouvi-**O**!»

Durante algumas rapidas suspensões d'este tumulto, a voz de Denton chegava aos ouvidos de Isabel:

— Eu nunca devia ter casado comtigo,—dizia elle. Gastei-te o teu dinheiro, arruinei-te, despenhei-te na miseria... Sou um miseravel!... Ah! que mundo maldito!

Ella quiz fallar, mas durante alguns segundos não atinou com uma palavra para dizer. Por fim pegou lhe na mão:

— Não! disse ella.

Um desejo confuso brotava no seu espirito, e esse desejo originou-lhe uma subita resolução.

Levantou-se.

— Vamos?

— Ainda não temos necessidade d'isso,—respondeu elle, levantando-se tambem.

— Não é aonde tu pensas. Eu queria ir á plataforma das Machinas Volantes, onde nos encontramos pela primeira vez... Sabes, n'aquelle cantinho...

— Queres? — disse elle, hesitando.

— Sim! — respondeu ella.

Elle ainda tergiversou um momento; depois decidiu-se a acompanhal-a. — E foi assim que passaram o seu ultimo meio dia de liberdade, ao ar livre, na plataforma onde se haviam conhecido havia apenas cinco annos.

Ahi, ella declarou-lhe, — o que não poderia ter feito no meio do tumulto das ruas publicas — que de forma alguma se havia arrependido de casar com elle e que, quaesquer que fossem os desgostos e a miseria que a vida lhes reservasse, não deixaria de se considerar feliz pelo que tinha feito. O tempo, n'esse dia, estava ameno e claro, na plataforma espraiava-se o sol em ondas de luz e, por cima d'elles, iam e vînham os aéroplanos scintillantes. Finalmente, ao pôr do sol, o seu embevecimento terminou e depois de se terem, com as mãos entrelaçadas, jurado uma eterna e mutua dedicação, levantaram-se para descer e voltar á cidade, — pobre casal de almas, fatigado, esfomeado, de aspecto miseravel e coração cançado. Nas ruas, depressa depararam com uma das taboletas azues-claras que indicavam as succursaes da Companhia do Trabalho. Pararam alguns minutos na passagem central e, finalmente, decidiram-se entrar na sala de espera.

A Companhia do Trabalho fôra no seu inicio uma organisação caritativa. O seu fim era fornecer alimento, casa e uma occupação a todo aquelle que a ella recorresse. Obrigavam-a a isso os termos dos seus estatutos, assim como a alimentar, albergar e distribuir soccorros medicos a todos os que, invalidos para o trabalho, se confiavam á sua assistencia. Em troca, esses invalidos ou doentes davam-lhe *bons* de trabalho que, no caso de restaurarem as suas forças ou curarem-se, tinham obrigação de resgatar com o seu trabalho de que a Companhia se aproveitava. Esses *bons* eram assignados com a marca dos dedos pollegares dos devedores, de forma que esta universal Companhia do Trabalho podia, depois d'uma procura de uma hora quando muito, nos seus registos, estabelecer a identidade de qualquer dos seus duzentos ou trezentos milhões de clientes. O dia de trabalho estava fixado em dois turnos de serviço n'uma fabrica productora de força electrica ou no seu equivalente, e a execução d'esse trabalho podia ser exigida por meios legaes. Na pratica, a Companhia do Trabalho entendera dever ajuntar ás suas obrigações estatuintes o pagamento d'uma diminuta somma por dia ao operario, a titulo de estimulo. Esta organisação tinha não sómente abolido o pauperismo, como suppria, no mundo inteiro, a todas as necessidades do trabalho, salvo aquellas que comportavam outras responsabilidades. Quasi um terço da população do mundo era seu servo e seu devedor, desde o berço até ao tumulo.

Por meio d'este uso tão pratico e tão pouco sentimental, a questão do trabalho decidira-se d'uma maneira satisfactoria e terminante. Ninguem morria de fome na via publica; não se viam nenhuns farrapos, nenhuns andrajos, nenhuns fatos menos sanitarios do que o hygienico, embora pouco elegante uniforme de panno azul da Companhia do Trabalho. Era esse mesmo o thema constante dos jornaes phonographicos que diziam que o mundo progredira immenso desde o seculo XIX, epoca em que os cadaveres d'aquelles que eram esmagados pelo trafego dos vehiculos, e os que morriam de fome, constituiam, no dizer d'elles, um espectaculo commum nas ruas de grande transito.

Denton e Isabel sentaram-se a um canto da sala de espera esperando que lhes chegasse a sua vez. A maior parte da gente ali reunida parecia taciturna e abatida; mas tres quatro dos presentes, vestidos de côres vistosas, compensavam em animação o aspecto sombrio dos outros. Eram clientes perpetuos da Companhia, creados nas suas *crèches*, destinados a morrer nos seus hospitaes, e que, com o dinheiro de algum trabalho extraordinario, tinham vindo gozar o ar de fóra, e divertir-se alguns dias na cidade. Affiguravam-se muito satisfeitos de si proprios, e vociferavam, mais do que fallavam, uma especie de dialecto *cockney* degenerado.

Os olhares de Isabel iam d'estes para os outros de ar triste e desanimado. Um d'esses seres pareceu-lhe digno d'uma especial compaixão. Era uma

mulher de cerca de quarenta e cinco annos; tinha os cabellos tão louros que se diriam doirados, as faces pintadas, e n'ellas deviam ter corrido abundantes lagrimas. O nariz era arrebitado, nos olhos ardia a febre da fome, os hombros eram estreitos, as mãos magras, e a sua *toilette* elegante, mas já toda no fio, dizia a historia da sua vida. Tambem ali se encontrara um velho de barba grisalha, vestido com o trajo episcopal d'alguma das grandes seitas, porque a religião tornara-se tambem um negocio com os seus altos e baixos. Junto d'elle, um rapaz das seus vinte e dois annos, de aspecto doentio e gasto, parecia, com os olhos vagos, fixar um destino problematico.

Não tardou muito que Denton e Isabel fôssem interrogados pela directora,—porque a Companhia preferia as mulheres para esses cargos. Era uma mulher de fronte energica, ar desdenhoso, e uma voz particularmente desagradavel. Tiveram que preencher varios boletins, um, entre outros, para a Companhia saber se tinham ou não a cabeça rapada. E depois, tendo dado as marcas dos seus pollegares, sabido os numeros que correspondiam a essas marcas e trocado os seus fatos usados por uniformes de panno azul devidamente numerados, foram mandados dirigir-se ao immenso refeitorio para tomarem a sua primeira refeição de operarios. Depois, tinham ordem de voltar ao escriptorio da Directora para receberem instrucções sobre o trabalho que deveriam desempenhar.

Quando vestiram os uniformes, Isabel julgou que não teria animo para olhar para Denton, e desviou os olhos do marido elle; elle, porem, olhou-a e reconheceu, com espanto, que ella, mesmo recoberta d'aquelle vulgarissimo panno azul, ainda era ou antes continuava a ser sempre bella. Mas n'isto o pão e a sopa que lhes competiam chegaram á sua frente deslizando pelos innumeros *rails*, que sulcavam toda a meza, e Denton esqueceu a sua companheira, porque a fome roia-lhe o estomago. Havia tres dias que pouco ou nada tinha comido.

Depois de comerem, estiveram alguns momentos calados. Nem um nem outro tinha nada a dizer. Depois, voltaram á Directora para saberem em que tinham de occupar-se.

A directora consultou um quadro, indicando-lhes certos pontos:

— Os seus quartos serão aqui: districto de Highbury, 97.ª via, n.º 2017; farão bem em tomar nota n'uma carteira. A senhora, zero, zero, zero, marca 7, 64, B. C. D., *gamma* 41, mulher, — vae para a Companhia de Metaes Batidos, e experimentará um dia o trabalho. Ganha quatro *pence* se convier. O senhor, zero, sete, um, marca 4, 709, G. F. B., 95, homens, — vae para a Companhia Photographica, via 81 e aprenderá a fazer qualquer cousa. Ganho: tres *pence*. Aqui tem os cartões de admissão. Prompto. Venha outro. — Então?! Não perceberam! Julgam que eu posso estar a repetir tu-

do o que digo? Que gente imprevidente! Cuidam que estamos aqui para brincar?

Denton e Isabel seguiram durante algum tempo o mesmo caminho por onde tinham vindo, e aperceberam-se de subito de que já podiam fallar. Facto singular! Sentiam-se já meio habituados ao uniforme azul, e a sua situação não se lhes affigurava tão pavorosa como anteriormente. Denton fallou mesmo, com certo interesse, do trabalho que iam executar.

— Seja o que fôr,—dizia elle,—não pode ser nada mais odioso do que o armazem de chapeus, e quando tivermos pago a pensão de Dings ficar-nos-ha ainda meio *penny* a cada um. Depois, a nossa sorte pode melhorar e ganharemos mais.

Isabel sentia-se menos disposta a fallar.

— Porque será que o trabalho nos parece odioso?

— E' uma cousa extranha, com effeito,—replicou Denton.—Supponho que não seria assim se não fosse a idéa de ser mandados... Mas espero que os nossos chefes serão pessoas bem educadas.

Isabel não respondeu. Pensava n'outra cousa, procurando seguir um pensamento que lhe perturbava o cerebro.

— O caso é este,—disse ella, por fim.—Nós, toda a nossa vida, vivemos do trabalho dos outros. E' justo que...

Não proseguio. Aquelle raciocinio era muito complicado.

— Não faziamos nada, e pagavam-nos para isso... E' o que eu não posso comprehender.

—Agora somos nós que pagamos,—tornou Isabel, porque a sua philosophia era muito simples e rudimentar.

Bem depressa tiveram que se separar para se dirigirem cada um ao seu trabalho. Denton tinha a seu cargo uma prensa hydraulica, muito complicada e que quasi parecia um ser intelligente. Recebia o impulso da agua do mar que, por fim servia para lavar o empedramento das calçadas, porque o mundo ha muito que deixava de commetter a loucura de deitar a agua potavel nos esgotos. Essa agua era conduzida por um immenso canal até á ponte leste da cidade; ahi, uma immensa bateria de bombas elevava-a a reservatorios situados a quatrocentos pés acima do nivel do mar d'onde ella se espalhava por milhares de canalisações a todos os bairros da cidade. E assim corria, lavando, inundando, accionando mechanismos de todos os generos atravez d'uma infinidade de minusculos canaes até aos grandes collectores, cujas imundicies empurrava para os terrenos agricolas que rodeiavam Londres.

A prensa servia para qualquer processo de fabricação photographica, mas Denton não necessitava comprehender-lhe a natureza. O facto mais saliente ao seu espirito era que a machina devia ser illuminada por uma luz vermelha e por consequencia a sala em que elle trabalhava era esclarecida

por um globo colorido que espalhava uma claridade penosa á vista atravez do recinto. No canto mais sombrio é que se encontrava a prensa de que Denton se tornara o servente: era uma cousa enorme, indecisa e scintillante, encimada por uma especie de capuz, o que lhe dava a vaga apparencia d'uma cabeça inclinada, acocorada como um Buddha de metal no meio da luz sinistra que lhe esclarecia o andamento. A's vezes Denton quasi acreditava que aquella machina era o obscuro idolo ao qual a humanidade, por uma extranha aberração, offerecia a sua existencia em sacrificio.

O seu serviço era, se assim se pode dizer, d'uma monotonia variada. Alguns detalhes, como o que segue, poderão dar uma idéa da sua occupação.

A prensa movia-se com um tinir sonoro e apressado emquanto as cousas iam bem; mas se a gelatina, que vinha d'outra officina por um largo tubo para ser comprimida em delgadas placas, mudava de qualidade, a cadencia do tic-tac modificava-se e Denton tinha immediatamente de ajustar certas peças. A mais pequena demora trazia comsigo uma perda de materia prima, e isso era-lhe depois descontado no seu ganho quotidiano. Se o approvisionamento faltava, — havia processos manuaes d'um genero particular para a sua preparação, e algumas vezes os operarios, por qualquer desarranjo, interrompiam a producção — Denton devia desengrenar a machina. A quantidade d'estes cuidados attentos e minuciosos exigia uma vigilancia penosa, penosa

por causa do esforço incessante requerido pela ausencia de interesse natural, e Denton occupava assim a terça parte dos seus dias. Afóra a excepcional visita do director, homem benevolo, mas bastante grosseiro, as suas horas de trabalho eram solitarias.

O emprego de Isabel era d'um genero mais social. Era antão moda revestir as paredes dos aposentos privados das pessoas muito ricas com soberbas placas de metal *repoussé* com desenhos repetidos; o gosto da epoca exigia, comtudo, que a repetição dos desenhos não fosse exacta, mechanica, mas pelo contrario natural, e tinha-se reconhecido que a disposiçãó mais agradavel d'essas irregularidades só se obtinha empregando em taes trabalhos mulheres de espirito refinadamente artistico e de gosto natural e innato. Exigia-se a Isabel um numero fixo de pés quadrados d'essas placas como *minimum* de trabalho e por cada pé quadrado que fizesse a mais recebia uma mesquinha gratificação.

A sala, como a maior parte d'aquellas em que trabalhavam as mulheres, estava sob a direcção de uma mulher.

A Companhia do Trabalho tinha notado que os homens eram não só menos exigentes como tambem muitas vezes dispensavam dos trabalho certas favoritas. A directora era uma mulher taciturna, não de todo maldosa, conservando ainda alguns restos da sua morena formosura, e as outras mulheres que, como é natural, a odiavam, associavam-lhe

o nome, para explicar a sua posição mais elevada. ao d'um dos directores das officinas.

Só uma ou duas das companheiras de Isabel tinham nascido servas. Eram duas raparigas feias e tristes. As outras correspondiam ao que, no seculo XIX se teria denominado *declassées*. O ideal do que constituia a *dama* mudara. A virtude vaga, apagada, negativa, a voz afflautada e os gestos affectados da «senhora» de outros tempos haviam desapparecido da terra. A maior parte das companheiras de Isabel exhibiam cabellos distingidos, tinham a tez fanada e o assumpto predilecto das suas conversações e reminicencias era constituido pelas glorias desvanecidas de uma juventude galante e consquistadora. Todas essas operarias de arte eram mais velhas do que Isabel, e não occultavam a sua surpreza por verem uma mulher tão nova e tão formosa vir tão cedo partilhar os seus trabalhos. Mas Isabel não procurava elucidal-as sobre o seu procedimento, expondo-lhes as suas concepções moraes extravagantes e archaicas.

Era permittido ás operarias conversarem umas com outras, animavam-as mesmo a isso, porque os directores pensavam, com uma certa razão, que a variedade de pensamentos produzia agradaveis diversidades nos desenhos. Assim, Isabel foi obrigada quasi a ouvir a historia d'essas existencias ás quaes a sua se ligava. Apesar de truncadas e desfiguradas por um sentimento de vaidade, era todavia facil comprehender e avaliar essas narrativas. Então co-

meçou a perceber os despeitos, os equivocos, as facções e as allianças que em torno de si se formavam. Uma d'essas mulheres fallava incessantemente d'um filho que tivera e que ella apresentava como prodigio; outra cultivava uma grosseira e estupida terminologia considerando-a como a expressão da mais espirituosa originalidade; outra ainda estava sempre a pensar em modas e em vestidos, e fazia as suas confidencias a Isabel, dizendo que havia de ajuntar todo o seu ganho, dia a dia, e depois, em vinte e quatro horas de liberdade, apresentar-se-hia soberbamente em Londres, vestida d'isto ou d'aquillo; outras duas estavam sempre juntas, trocando entre si os mais carinhosos nomes até que um dia, sob um pretexto insignificante, se separaram, tornando-se desde então cegas e surdas, ao que parecia, em relação á sua reciproca existencia. Da mesa de trabalho de cada uma ouvia-se uma constante serie de martelladas e a directora ligava a maior attenção a esse ruido a fim de que não faltasse nenhuma cadencia.

Assim se passavam os dias, assim se pâssavam as as vidas. E Isabel, entre ellas, doce e tranquilla, com o coração esmagado de tristeza, pensava nas assombrosas fatalidades do destino: tap! tap! — tap! tap! tap! — tap! tap! tap!

Esta longa successão de dias laboriosos endureceu as mãos de Denton e de Isabel, teceu no suave encanto da sua vida os fios extranhos d'alguma substancia nova e mais austera, e deu ás suas physio-

nomias linhas mais vastas e aos seus aspectos sombras mais carregadas. A sua antiga vida, brilhante e facil, parecia ter recuado para uma distancia inaccessivel; lentamente, aprendiam a lição do mundo inferior, sombrio e laborioso, vasto e fecundo. Aconteceram-lhes mil pequenas cousas, qee seria fastidioso e baixo narrar, mas que nem por isso deixam de amargurar e de ferir profundamente o coração: indignidades, tyrannias, tudo aquillo de que será sempre amassado o pão dos pobres nas cidades, e sobreveio tambem um acontecimento que pareceu cobrir-lhes completamente a vida de sombra e treva. A pequena Dings, a filhinha tão amada, adoeceu e morreu. Mas esta historia antiga e comtudo perpetuamente nova tem sido contada tantas vezes e tão soberbamente interpretada pelo coração que não achamos necessidade de pallidamente a repetir agora. Os pobres paes experimentaram, durante o curso da doença da filha, o mesmo doloroso receio, a mesma interminavel anciedade; supportaram, com a mesma angustia, o desenlace retardado, mas inevitavel; depois, o negro silencio. Foi sempre assim, será sempre assim. São d'estas cousas que teem de ser sempre assim.

Foi Isabel quem, primeiro, proferiu algumas palavras, depois d'um doloroso intervallo de dias sombrios: não pronunciou o nome que já não era um nome, mas referiu-se vagamente ás trevas que lhe obscureciam a alma. N'esse dia, tinham percorrido juntos as ruas ruidosas e tumultuarias da ca-

pital; a vozearia do commercio, os appellos politicos, os protestos das religiões concorrentes, tudo fôra morrer nos seus ouvidos fechados. O deslumbramento das luzes, das lettras movediças, e dos *réclames* scintillantes não havia podido animar-lhes as figuras tristes e miseraveis. Jantaram á parte no refeitorio.

— Desejava,—disse Isabel,—ir ás plataformas... ao nosso logar de outr'ora. Aqui não se pode dizer nada...

— D'aqui a pouco é noite,—observou Denton.

— Já fui ver,—tornou Isabel.—A noite está clara.

Calou-se. Denton comprehendeu que ella não encontrava palavras para se exprimir, sentiu que Isabel queria ver ainda uma vez as estrellas, as estrellas que comtemplara nos campos durante a sua romanesca lua de mel, havia já cinco annos. Voltou os olhos, para disfarçar a sua commoção; sentia um nó na garganta.

— Temos tempo de lá ir,—concordou elle, n'um tom que affectava uma tranquilidade enganadora.

Foram, assentaram-se de novo sob a plataforma das machinas volantes e ali ficaram muito tempo, em silencio. Os bancos onde elles estavam affogavam-se na sombra, mas acima das suas cabeças via-se o firmamento, d'um azul pallido, atravez do brilho resplandecente das luzes do caes de desembarque, e a cidade inteira estendia-se a seus pés, com os seus quadrados, circulos e manchas multiplas de reflexos que se destinguiam n'essa immen-

sa zona de claridade. As estrellas affiguravam-se apagadas e minusculas, em contraste com este espectaculo. Antigamente pareciam proximas a quem as olhava, agora sabia-se que estavam inaccessivelmente distantes. Todavia, ainda era possivel apercebel-as, por alguns espaços obscuros, entre os reflexos da Civilisação, — e sobretudo para o Norte, onde as antigas constellações giravam, constantes e pacientes, em torno do polo.

Os dois esposos estiveram alguns momentos silenciosos. Por fim Isabel suspirou.

— Se eu podesse comprehender. . .—murmurou ella.—Quando a gente está lá em baixo, a cidade parece absorver todo o ruido e todas as vozes. E' preciso viver, andar, girar... Aqui não se dá isso... A cidade é como uma cousa que passa... Pode-se pensar em paz.

—Sim,—disse Denton.—Como tudo aquillo é futil! D'aqui, não se vê mais do que uma parte da cidade... A outra está mergulhada em treva. Sim, tudo aquillo ha de passar!

— Mas nós passaremos primeiro,—disse Isabel.

— Bem o sei,—tornou Denton.—Se a vida não fôsse momentanea, o conjuncto da vida affigurar-se-hia o acontecimento d'um só dia. Sim .. passaremos... e a cidade passará... e todas as cousas que estão para vir... o Homem e o Super-Homem... as maravilhas inimaginaveis... tudo passará... E, comtudo...

Fez uma pausa, e continuou quasi immediatamente:

—Eu sei o que tu experimentas... ou pelo menos, imagino-o. Lá em baixo, pensa se no trabalho, nos pequenos vexames, nos pequenos prazeres, na fadiga e no repouso. Lá em baixo... todos os dias... o nosso desgosto transparece. Crê se que é... o fim da vida. Aqui, é differente... Não ha duvida que é differente. Na cidade, julga-se quasi impossivel continuar a viver, estando-se horrivelmente desfigurado, horrivelmente estropeado... ou falto de recursos. Aqui, sob as estrellas tudo isso se affigura pouco, muito pouco... Tudo faz parte d'alguma cousa. Parece mesmo que sentimos roçar por nós essa alguma cousa, sob as estrellas...

Suspendeu-se. As concepções vagas e impalpaveis do seu espirito, a emoção indecisa que procurava formar-se em idéa, desvaneciam se á rude pressão das palavras.

—E' difficil de exprimir,—disse elle com desanimo.

Ficaram muito tempo de novo sem fallarem.

—E' bom vir aqui,—continuou elle, emfim.—Os nossos espiritos são muito limitados... Afinal de contas, não passamos d'uns pobres animaes... cada um com um espirito, um pobre rudimento de espirito... Somos tão estupidos, tão ignorantes... Ha tanta cousa que nos fere, que nos assombra... E todavia...

—Bem sei! Bem sei! Mas um dia virá em que *veremos*...

—Toda esta espantosa angustia, toda esta discordia se resolverá em harmonia. Havemos de o saber. Não ha nada que não tenda para esse fim... Todos os fracassos, todos os factos, ainda os mais minimos, preparam essa harmonia. Tudo é necessario para a sua vinda... Havemos de achar! Havemos de achar! Nada deve faltar para esse total... nem mesmo o mais horroroso acontecimento, nem mesmo os mais futeis accidentes e successos... Cada pancada de martello nosso sobre o metal... cada instante do nosso trabalho... até os nossos descanços... cada movimento da nossa pobre filhinha... tudo continuará por todo o sempre, e mesmo o que se não pode sentir... Nós dois, aqui... juntos... tudo... a paixão que nos unio... tudo que depois sobreveio... isto que já não é uma paixão, porque é uma dôr, querida!

Não poude dizer mais nada, nem continuar seguindo o fio dos seus pensamentos.

Isabel nada respondeu. Estava muito tranquilla, mas a sua mão procurou d'ali a pouco a de Denton, e encontrou a.

IV

Em baixo

Contemplando as estrellas, é possivel a alma elevar-se até á resignação, qualquer que seja a dôr que a torture; mas com a febre e a angustia da faina quotidiana recae-se no desgosto, na colera e na vida intoleravel. Como se torna então illusoria a nossa magnanimidade! Foi um accidente, uma phase... Os santos d'outro tempo a primeira cousa que fasiam era fugir do mundo, e Denton e Isabel não podiam fugir do seu. Os caminhos da civilisação já não conduziam ás terras virgens onde se podia viver livremente, muito embora a vida fôsse dura,— e encontrar-se a paz da alma. A Cidade absorvera a Humanidade.

Durante algum tempo, os dois operarios, ou antes, os dois servos, conservaram se nas suas primitivas occupações: ella trabalhando nos seus metaes, elle vigiando a sua prensa. Mas, a uma certa altura, mudaram o serviço de Denton e essa mudança sujeitou-o a rudes privações, ainda mais amargas que as anteriores. Confiaram-lhe uma prensa ainda mais

complicada do que a primeira nas officinas centraes da Fabrica Geral de Telhas.

No exercicio das suas novas funcções, Denton tinha de trabalhar n'um comprido subterraneo com um certo numero d'outros homens que, na sua maior parte, tinham nascido servos. As relações com esses novos camaradas repugnavam-lhe. Recebera uma educação esmerada, e, até ao momento em que a sorte adversa o reduzira ao extremo de entrar para o pessoal da Companhia do Trabalho, nunca, na sua vida, fallara á gente vestida com o uniforme azul senão para lhe dar ordens, ou quando alguma necessidade a isso o obrigava. Mas agora, era o contacto perpetuo! Tinha de trabalhar ao lado d'elles, servir-se das suas ferramentas, comer em sua companhia. Para elle, como para Isabel, tal promiscuidade converteu-se n'um accrescimo de degradação.

Este sentimento teria, porventura, parecido exaggerado a um homem do seculo XIX; mas convem notar que, lentamente, porem inevitavelmente, n'esse longo intervallo de annos um abysmo se fôra abrindo e alargando entre os homens de uniforme azul e os das classes superiores.

Differenciava-mos não só as circumstancias e os habitos de vida; mas tambem os principios e até a linguagem. Nas vias inferiores acclimatara-se um dialecto especial. Em cima, formara-se tambem um dialecto, um codigo de pensamentos, uma lingua culta, que tendiam, por um constante desejo de distincção,

a dilatar perpetuamente o espaço que os separava do vulgo. Alem d'isso, não mantinha já a unidade da raça os laços d'uma fé commum. Os ultimos annos do seculo XIX tinham-se distinguido, nas classes ociosas e prosperas, por um rapido desenvolvimento de perversões exotericas da religião popular, produzindo commentarios e interpretações que reduziam o largo ensinamento do carpinteiro de Nazareth á estreitesa excessiva da sua vida. Apezar de toda a sua inclinação pela antiga maneira de viver, nem Denton nem Isabel possuiam idéas sufficientemente originaes para poderem escapar á influencia do meio em que haviam vivido. Tinham seguido, pelo processo ordinario, os costumes da sua classe, e assim quando cahiram na situação de servos, julgaram quasi ter cahido no meio de animaes inferiores e desagradaveis. Experimentaram, n'uma palavra, os sentimentos d'um duque ou d'uma duqueza do seculo XIX que se vissem obrigados a residir n'um bairro popular.

O seu impulso natural, o seu desejo instinctivo era manterem as distancias. Mas a idéa que Denton acariciara de poder conservar-se n'um altivo isolamento no meio dos seus companheiros bem depressa soffreu uma rude desillusão. Denton imaginara que a sua reducção á condição de servo era o fim do seu sacrificio; que, com a morte da filha, sondara as profundidades da vida; mas, na verdade, o facto é que tudo isso não passava do começo. A vida exige de nós mais alguma cousa do que submissão. Ago-

ra, ali, no meio d'aquella turba de serventes de machinas, ia receber uma lição mais dura, tomar conhecimento com um outro factor da sua vida, factor tão elementar como as cousas que nos são queridas, factor mais elementar do que o proprio trabalho.

A maneira tranquilla com que elle procurou evitar toda e qualquer tentativa de conversação foi considerada como uma offensa pelos seus companheiros. A sua ignorancia do dialecto vulgar, ignorancia de que até então se orgulhara, fez com que não percebesse que a maneira com que recebera as demonstrações de camaradagem que o haviam acolhido fôra como que um insulto dirigido aos que se lhe tinham approximado.

—Não comprehendo,—disse elle, friamente.

E accrescentou, ao acaso:

—Não. Obrigado.

O homem que lhe fallara ficou surprehendido, olhou-o de revés, e retirou-se. Um outro, que tambem não soubera fazer-se comprehender do marido de Isabel, repetiu as suas palavras acompanhando-as d'uma expressiva mimica. Denton percebeu que elle lhe offerecia o azeite do seu galheteiro. Agradeceu-lhe, com frieza e polidez. Então, este segundo interlocutor embrenhou-se n'uma conversação assaz desagradavel. Denton,—notou elle,—devia ter sido um homem do mundo elegante, e desejaria bastante saber por que motivo elle se vira forçado a envergar o uniforme azul. Esperava evidentemente uma narra-

tiva interessante de vicio e de extravagancia, de excessos de toda a especie n'uma phantastica Cidade de Prazer. Sem duvida, Denton revelaria como a existencia d'esses maravilhosos sitios de delicias e gozo penetrava e corrompia os pensamentos e a honra, levando depois os seus adoradores até ao mundo inferior, onde trabalhavam de má vontade e sem esperança.

O temperamento aristocratico de Denton irritou-se com estas perguntas. Respondeu com um «não» breve e decisivo. O homem insistiu com interrupções d'um caracter ainda mais intimo, e Denton acabou por lhe virar bruscamente as costas.

—Com mil diabos!—exclamou o seu interlocutor, muito espantado.

Denton depressa se apercebeu que este incidente era repetido, por uns e outros, com ares indignados e colericos. A alguns provocava espantos e risos ironicos. Olhavam para Denton com uma curiosidade crescente. Sobreveio-lhe um grande desejo de isolamento. Procurou pensar na sua prensa e nos detalhes do seu serviço que ainda lhe era pouco familiar...

Durante um certo lapso de tempo, as machinas occuparam toda a attenção dos operarios. Depois, havia um descanço. Esse descanço era um breve intervallo para um rapido *lunch*, e tão curto era que não permittia aos operarios irem ao refeitorio da Companhia. Denton seguiu os seus companheiros a

uma galeria onde estavam accumulados os residuos da fabricação das machinas.

Ahi, cada operario desembrulhou um pacote de provisões. Denton não tinha nenhum. O director, rapaz pouco zeloso no exercicio das suas attribuições e que só alcançara o logar por fortes empenhos, esquecera-se de o prevenir de que tinha de abastecer-se, no refeitorio, de provisões para o *lunch*. Assim, portanto, o marido de Isàbel, deixou-se ficar affastado, e sem poder attender ás reclamações do estomago. Os outros formaram um grupo, fallando a meia voz e olhando de vez em quando para elle. Denton sentia-se constrangido ao vêr-se alvo d'aquella attenção. Foi-lhe necessario um esforço sempre crescente para manter a sua attitude de indifferença. Como diversão, procurou concentrar o pensamento na alavanca da sua nova prensa.

Subito, um dos servos, mais baixo, mas de hombros mais largos e de apparencia mais robusta do que Denton, avançou para elle. Denton esperou-o, tentando mostrar-se o mais tranquillo possivel.

—Toma lá!—disse o delegado do grupo, apresentando-lhe um cubo de pão nas mãos sujissimas.

Era um homem amulatado, de nariz grosso e bocca torta. Denton hesitou um momento, perguntando a si proprio se aquillo significava uma cortezia ou um insulto.

O seu primeiro movimento foi de recusa.

—Não, obrigado,—disse elle.

E como o homem parecia admirado:

—Não tenho fome,—concluio.

Então, ouvio-se uma gargalhada no grupo que ficara para traz.

—Eu não lhes dizia!—exclamou o homem que offerecera o azeite a Denton.

Fôra elle que se rira.

—Faz-se fino com a gente, o janota! Não somos dignos de que o cavalheiro falle comnosco!

O homem amulatado tornou-se mais sombrio.

—Ouve!—disse elle a Denton, em voz baixa, com os dentes cerrados e apresentando-lhe sempre o pão—Tu vaes comer isto já! Ouviste?

Denton olhou fixamente para aquelle rosto ameaçador e um singular estremecimento de energia percorreu-lhe os membros e o corpo.

— Não preciso de pão,—respondeu elle, ensaiando um sorriso agradavel que lhe sahiu uma careta.

O homem atarracado avançou a cabeça, e o pão, nas suas mãos, tornou-se uma ameaça material. Denton procurava adivinhar nos olhos do seu antago nista quaes seriam as suas intenções.

— Come isto !—ordenou o homem.

Houve uma pausa. Depois os dois homens fizeram ambos um movimento rapido. O cubo de pão descreveu uma curva complicada que devia terminar no rosto de Denton. Mas este deu um murro na mão erguida do outro e o cubo de pão foi cahir longe do seu alvo.

Feito isto, Denton deu um salto para traz, com os punhos cerrados e os braços estendidos. O as-

pecto sombrio e rude do seu adversario mudou-se para uma hostilidade aberta. Esperava, manifestamente, o ensejo de ferir. Denton, por um momento, sentiu-se cheio de confiança e animado d'uma tranquilla coragem. O seu coração batia rapidamente; sentia-se viver intensamente n'aquelle instante.

— Olá, rapazes! Venham vêr a festa!—gritou uma voz.

O homem amulatado dera um salto para a frente, depois recuara, saltara de novo para o lado e voltara em seguida á carga. Denton quiz dar-lhe um murro; mas n'essa mesma occasião foi attingido. Pareceu-lhe que lhe tinham esmagado um olho e sentiu, sob a mão que erguia á altura da cara, um labio molle, quando era contundido de novo, d'esta vez junto da bocca. Diante dos seus olhos cortaram o espaço milhares de agulhas de fogo. Teve a convicção passageira de que lhe tinham esmigalhado a cabeça, depois soffreu nova pancada, d'esta vez pela rectaguarda, e d'ahi em diante aquella lucta passou a ser, para os seus sentidos entorpecidos, um acontecimento impessoal e sem interesse.

Teve a consciencia de que um certo lapso de tempo, segundos ou minutos, intervallo abstracto e pacifico, estava decorrendo; estendido, com a cabeça sobre um montão de cinzas, sentia que o quer que fôsse humido e quente lhe escorria ao longo do pescoço. As suas primeiras impressões foram muito

penosas. A cabeça vibrava-lhe, o olho direito e a bocca latejavam. Tinha na bocca um pronunciado gosto de sangue.

— Está melhor,—disse alguem.—Já abre os olhos.

— Foi bem feito!—disse outro. —Estava com precisão de ser ensinado!

Agrupavam-se em torno d'elle os seus companheiros. Denton fez um esforço, sentou-se no chão e levou a mão á nuca. Tinha os cabellos molhados e cheios de cinza. Uma grande gargalhada acolheu o seu gesto. Não podia abrir um dos olhos. Todavia comprehendeu tudo quanto se tinha passado, e a sua esperança n'uma victoria final desvaneceu-se por completo.

— Parece que está admirado! — disse outra voz.

— Ainda queres mais ?—disse um gracioso.—Não, obrigado !—accrescentou elle, accentuando com uma entonação comica esta repetição das cortezes palavras de Denton.

Alguns passos atraz, Denton apercebeu o seu contendor. Tinha sobre o rosto um lenço manchado de sangue.

— Onde está o bocado de pão que elle devia comer ? — perguntou um homensinho, de ar astucioso e olhos maldosos.

E ao mesmo tempo começou a remexer com os pés as cinzas.

Denton sentia-se presa d'uma grande perplexidade.

Sabia que as leis da honra exigiam que um ho-

mem proseguisse até ao fim uma lucta começada. Mas a maneira como essa lucta para elle se iniciara affigurava-se-lhe pouco attrahente. Estava decidido a levantar-se; mas não experimentava nenhum violento desejo de o fazer. Occorreu-lhe ao espirito, sem que mesmo este pensamento o podesse estimular, que afinal de contas não passava d'um poltrão. Durante um instante, sentiu as idéas tão pesadas como chumbo.

— Cá está elle! — disse o homem baixo.

Dizendo isto, abaixava-se para apanhar o cubo de pão, todo sujo de cinzas. Depois, olhou para Denton; em seguida para os operarios. Lentamente, Denton levantou-se.

— Dá-me isso para cá! — disse, estendendo a mão, um outro operario, preto-branco, e de cara e fato muito sujos.

Avançou, com ar ameaçador e o pão na mão, para Denton.

— Não tens ainda a *pança* cheia, hein?

Chegara o momento critico.

— Não, ainda não! — disse Denton, com uma expressão angustiosa.

Resolvera bater n'aquelle bruto, por traz das orelhas, antes de ser por elle espancado de novo. Estava agora firmemente persuadido de que seria vencido, e admirava-se muito de ter contado tão exaggeradamente comsigo. Alguns movimentos ridiculos, e estaria certamente em terra. Olhou para o albinos, fixando os olhos nos d'elle. O homem fa-

zia algumas caretas comicas como quem projecta uma boa partida. A intuição subita de imminentes humilhações irritou Denton.

— Deixa-o socegado, Jim !—gritou n'este momento o homem atarracado, affastando do rosto o lenço manchado de sangue.—Elle não te fez nada a ti!

O albinos cessou de fazer caretas e suspendeu-se. Olhava os companheiros, um à um. Pareceu a Denton que o seu primeiro adversario reclamava o privilegio da sua destruição. O outro convinha-lhe mais, apesar da repugnancia que lhe inspirava o seu albinismo.

— Deixa-o ! Ouviste ? Deixa-o lá. Já tem a sua conta.

Uma sineta tocando ao longe, — signal de retomar o trabalho -- fez terminar aquella scena. O albinos hesitava.

—Tens sorte !—disse elle, dirigindo se a Denton.— Mas espera a proxima sahida, meu velho ! — accrescentou apóz um momento de reflexão, encaminhando-se, com os outros, para as officinas das prensas.

O homem atarracado deixou o albinos passar á sua frente. Denton comprehendeu que ia haver um intervallo de tranquillidade para elle. Todos sahiram a porta, e Denton, lembrando-se do seu serviço, apressou-se a seguir o grupo. A' entrada da galeria subterranea estava um guarda, de uniforme amarello, tomando nota dos presentes n'um registo.

— Anda cá, tu!—disse elle a Denton.—Que foi isso? Quem te bateu?

O guarda notára logo no fato e no rosto de Denton vestigios d'uma lucta.

—Isso é comigo,—respondeu Denton.

— E será tambem tua a responsabilidade, se o teu serviço se atrazar por causa d'essa briga. Lembra te bem d'isso!

Denton nada retorquiu. Era agora um operario, uma especie de besta de carga. Usava o uniforme azul! As leis que prohibiam os pugilatos e as rixas não tinham sido feitas para elle. Bem o sabia, e porisso voltou resignadamente para junto da sua prensa.

Sentia a pelle do rosto erguer-se impellida pela inchação que as contusões lhe haviam produzido; sentia a dôr crescente de cada pancada que recebera. O seu systema nervoso chegou pouco a pouco a um estado lethargico; a cada movimento que o serviço da prensa lhe exigia parecia-lhe levantar um peso enorme. Moralmente, o seu soffrimento não era menos lancinante. Accordavam-lhe, magoados, no intimo, os mais reconditos sentimentos da honra e da dignidade humana, cruel e brutalmente offendidos. Onde estava? Que é que se produzira, precisamente, n'aquelles ultimos minutos? Que lhe iria mais succeder? Tudo isto constituia um amplo assumpto de reflexões, mas Denton só podia n'aquella occasião formular pensamentos desconnexos e desordenados.

O seu estado de alma era uma especie de as-

sombro estagnado. Todas as noções do seu espirito se encontravam perdidas n'um cahos tumultuoso. Considerara sempre a sua segurança, em relação á violencia physica, como inherente á sua pessoa, como uma das condições da sua existencia, e a verdade é que assim succedera sempre emquanto usara os fatos habituaes da classe média, emquanto possuira, para se defender, os recursos da classe média. Mas quem quereria intervir n'um conflicto de servos grosseiros e brutaes? N'aquelle tempo, ninguem, realmente, se preoccupava com tal cousa. No mundo inferior não havia leis de homens para homens. A lei e o mechanismo do Estado tinham-se convertido no quer que fosse que mantinha os homens esmagados, os affastava de toda e qualquer propriedade e de todos os prazeres ambicionaveis. E a isso se limitavam os seus effeitos. A violencia, esse oceano no qual os entes grosseiros se conservam sempre submergidos e ao qual mil diques e mil artificios arrancaram a nossa vida civilisada, espalhara-se de novo atravez das vias inferiores e inundara-as por completo. O poder dos pulsos reinava como soberano incontestado. Denton chegara emfim a este estado elementar: a força e a astucia, o coração duro e a promiscuidade abjecta, tudo, n'uma palavra, como era d'antes.

A cadencia da sua machina mudou, e isso interrompeu o curso dos sem pensamentos. D'ali a pouco, porém, sentiu de novo que elles se lhe reapoderavam do cerebro. Com que estranha rapidez suc-

cedem os factos! Não experimentava por aquelles homens que o tinham espancado e offendido nenhuma inimisade particular. Estava contuso; mas, emfim, abriam-se-lhe os olhos: comprehendia agora, com toda a boa fé, o que motivara a sua impopularidade. Reconhecia que se portara como um imbecil. O desprezo, a exclusão, são o privilegio dos fortes. O aristocrata em decadencia que ainda se agarra a essas inuteis distincções é sem duvida a criatura cujas pretenções são dignas de maior lastima em todo o nosso universo, sempre pretencioso. Que tinha elle a desprezar n'aquelles homens? Que contratempo, não ter visto melhor a questão algumas horas mais cedo!

Que iria succeder no proximo descanço? Não o poderia dizer, não o podia mesmo imaginar. Não podia suppôr quaes fossem as idéas d'esses homens. Só tinha a certeza da sua hostilidade e da sua falta absoluta de sympathia por elles. Vagas idéas de vergonha e de violencia lhe afloravam á imaginação. E se encontrasse uma arma qualquer? Lembrou-se da sua lucta com o hypnotista; mas n'aquelle momento não tinha ao seu dispôr, como então, uma lampada electrica. Olhando em torno de si, nada descobriu que lhe podesse servir para se defender. Durante um momento, pensou n'uma fuga precipitada para se pôr em segurança na via publica logo que acabasse o trabalho. A' parte a insignificante consideração que assim ligaria a si proprio, em breve reconheceu que isso não constituiria

mais do que uma simples dilação e um aggravamento da sua embaraçosa situação. Emquanto assim reflectia, olhou e viu o homem de perfil astuto e o albinos conversando um com o outro, e voltando de vez em quando os olhos para o lado d'elle. Depois, os dois foram ter com o homem atarracado que se conservava propositadamente com as costas voltadas para Denton.

Finalmente, chegou a hora de fecharem as officinas. O operario que lhe offerecera o azeite, á refeição, parou bruscamente a sua prensa e voltou-se, limpando a bocca com as costas da mão. Os seus olhos exprimiam a tranquilla espectativa de alguem que toma logar para assistir a um espectaculo.

Approximava-se o instante critico e já todos os nervos de Denton pareciam estar aos saltos. Decidido a bater se, se fôsse de novo provocado, parou tambem a sua prensa e voltou-se. Depois, com um socego visivelmente affectado, dirigiu-se para a extremidade do subterraneo e entrou na passagem coberta de cinzas. Lembrou-se então de que deixara junto da sua prensa a *blouse* que o calor asphyxiante da sala lhe obrigara a despir.

Voltou atraz para a ir buscar e deu de cara com o albinos.

—Tem que ser por força... ha de comer o pão! —dizia elle ao homem atarracado.—Ha de comêl-o!

—Não! Deixa-o lá!—replicava o aggressor de Denton.

Segundo todas as apparencias, Denton nada tinha

a receiar n'aquelle dia. O marido de Isabel transpôz, sem incidente, a passagem e depois a escada que conduzia ás plataformas moveis da cidade.

Emergiu no resplandecimento livido e entre a multidão apressada da via publica. Veio-lhe vivamente a consciencia da sua physionomia desfigurada e apalpou levemente as contusões inchadas da face. Em seguida, subiu até á plataforma mais rapida e assentou-se n'um dos bancos reservados aos servos da Companhia do Trabalho.

Mergulhou-se então n'um pensativo torpor. Via, a uma especie de claridade estatica, os perigos e os soffrimentos immediatos da sua posição. Que lhe fariam elles no dia seguinte? Não o podia prevêr. Que pensaria Isabel d'aquellas brutalidades? Tambem não o podia conjecturar. Estava extenuado de fadigas e commoções.

Subito, sentiu uma mão pousar-se-lhe no hombro. Voltou-se e viu o homem atarracado, sentado junto d'elle. Estremeceu. Comtudo, pensou logo que, na via publica, estava certamente ao abrigo de qualquer violencia.

A physionomia do seu adversario não apresentava já nenhum vestigio da lucta passada. A sua expressão era isenta de hostilidade, e pelo contrario parecia ler-se n'ella uma certa deferencia.

—Desculpe-me!—disse elle, com uma ausencia absoluta de rancor.

Denton comprehendeu que não tinha a receiar nenhum ataque. Não se mexeu, não fez um gesto,

esperando em que viria a dar aquillo. A phrase que o seu interlocutor proferiu em seguida tinha sido visivelmente preparada.

— O que eu... queria dizer...—articulou o homem,—era... era...

E calou-se, procurando outras palavras.

—O que eu... queria dizer... era...—repetiu elle.

Calou-se de novo, abandonando a phrase começada.

Depois, pondo a mão suja na manga de Denton:

—E' um typo exquisito..., um typo muito exquisito!... Um homem distincto, correcto... Tenho pena, tenho muita pena... Era isto que eu queria dizer...

Denton reconhecia entretanto mentalmente que deviam existir outros motivos que não fôssem os d'um simples impulso para fazer commetter a um homem acções abominaveis. Reflectiu, e calou as expressões d'um amor proprio intempestivo.

—Eu não tinha a intenção de o offender, quando recusei aquelle bocado de pão,—disse elle.

—Sim... sim... Bem percebo!... Não foi por mal...—tornou o homem, rememorando a scena.—Mas aquelle animal do Whitey e as suas zombarias... Que diabo!... Não tive remedio senão *chegar-lhe*...

—Tem rasão,—respondeu Denton, com um certo calor.—Eu é que fui estupido.

—Ah!—exclamou o homem com uma grande sa-

tisfação.—Muito bem! Muito bem!... E' perfeito... Toque n'estes ossos!

Denton apertou-lhe a mão.

A plataforma mobil passava então em frente do *atelier* d'um esculptor. A' frente do edificio via-se uma serie de espelhos alinhados, cujo fim era estimular nos transeuntes o desejo de traços physionomicos mais symetricos. Denton olhou para um d'esses espelhos e viu n'elle a sua imagem e a do seu novo amigo enormemente torcidas e alargadas. Elle, por sua parte, tinha uma face inchada e ensanguentada; uma careta de amabilidade idiota e fingida deformava-lhe a largura, uma mécha de cabellos occultava-lhe um olho. O artificio do espelho apresentava o seu companheiro com os labios e o nariz grosseiramente exaggerados. Reunia-os o aperto de mão que os approximava. Depois, bruscamente, esta visão passou,—para regressar varias vezes á memoria de Denton durante as meditações vagas d'uma insomnia matinal.

Emquanto apertavam as mãos, o homem fez algumas confusas reflexões, dizendo que sempre tivera a certeza de se entender com um homem da boa sociedade, dado que um dia se encontrasse com algum. Prolongou o aperto de mão até Denton, possuido da má impressão do espelho, retirar a sua. Então o homem tornou-se pensativo. Escarrou com energia sobre a plataforma e tornou ao seu discurso começado.

—O que eu... queria dizer...—tornou elle.

Atrapalhou-se, abanou a cabeça olhando para os pés. A curiosidade de Denton estava vivamente excitada.

—Escuto-o,—disse elle, com ar attento.

O homem decidiu-se, agarrou o braço de Denton e assumiu uma attitude confidencial.

—Desculpe...—continuou elle. Mas a cousa é esta... O senhor não sabe bater... Não sabe nada, mesmo nada... Que raio! Nem sequer sabe começar... d'essa maneira, matam-o... E' preciso saber mexer as mãos... assim...

Reforçava as suas explicações com palavras energicas, examinando, com olhar experiente, o effeito produzido por cada praga e cada termo do seu *calão* especial.

—Que diabo! O senhor é alto... tem os braços compridos... póde alcançar mais longe do que outro qualquer... Com mil diabos! eu, ao principio, julguei que ia apanhar a minha conta... Mas não! Em vez d'isso... que raio! Desculpe-me; se eu soubesse não lhe tinha batido... Era como se estivesse a jogar o socco com um sacco! Não era leal!... Os seus braços pareciam estar pendurados n'uma parede... Irra! E' isso mesmo: pareciam estar pendurados n'uma parede!

Denton ouvia-o em silencio; depois, desatou n'um riso subito que lhe fez doer violentamente os queixos contundidos. Chegaram-lhe aos olhos amargas lagrimas.

—Continue,—disse elle.

O outro tornou á sua formula. Teve a amabilidade de declarar que o aspecto de Denton lhe agradava, e affirmou-lhe mesmo que elle se mostrara corajoso e resoluto. Todavia, a coragem não bastava... nem mesmo servia para grande cousa quando um homem não sabia servir-se dos seus pulsos.

—O que eu queria dizer era isto,—explicou elle.—Deixe-me ensinar-lhe como se bate... O senhor é um ignorante... Não aprendeu. Mas, se o ensinassem, creio que viria ainda a desembaraçar-se. Era isto que eu queria dizer.

—Mas,—disse Denton, hesitante,—eu nada lhe posso dar...

—Lá vem elle com a sua distincção!—exclamou o homem.—Mas quem é que lhe pede alguma cousa?

—Comtudo... perderá tempo...

—Se não aprender a bater quanto antes, será massacrado... Portanto, não esteja com essas cousas.

—Não sei...—murmurou Denton, pensativo.

Olhou para o homem que estava assentado junto d'elle: saltou-lhe aos olhos toda a sua rudeza natural. Experimentou uma subita repulsão pela sua passageira amabilidade! Não podia acreditar que lhe fôsse necessario ficar em qualquer obrigação a uma semelhante creatura.

—Aquelles typos... lá em baixo... andam sempre á pancada uns aos outros... Pode haver algum que lhe tome raiva, e que lhe dê a matar...

—Oh! meu Deus!—exclamou Denton,—como eu o desejaria!

—Que quer dizer?

—Bem sei que me não pode comprehender...

—Pode muito bem ser que não,—disse o homem.

Calou-se, com ar irritado.

Quando tornou a fallar, o accento da sua voz era menos amigavel. Deu um encontrão em Denton para melhor lhe chamar a attenção, e exclamou:

—Vamos a saber! Quer que o ensine a luctar com elles, ou não?

—E' um grande favor da sua parte,—retorquiu Denton,—mas...

Houve uma pausa. O homem levantou-se, e inclinando-se para Denton disse-lhe:

—Muito distincto!... Hein! sempre muito distincto!... Eu tenho a pelle avermelhada... Mas, que diabo! é um valente imbecil!

Rodou sobre os calcanhares e immediatamente Denton comprehendeu a verdade da sua ultima observação.

O homem desceu com dignidade para uma via transversal e Denton, depois de ter tido a intenção de o seguir, deixou-se afinal ficar na plataforma. Por um momento, os acontecimentos que se acabavam de passar occuparam-lhe o espirito. N'um unico dia, o seu virtuoso systema de resignação fôra demolido sem esperanças de reconstrucção. A força brutal, final e fundamental, transtornara com a sua intervenção enygmatica todos os seus calculos,

e toda a sua resignação. Apesar de se sentir muito fatigado e com fome, não foi logo para o edificio da Companhia onde devia encontrar Isabel. Apercebeu-se de que começava a reflectir, cousa de que tinha grande necessidade; envolvido n'uma monstruosa nuvem de meditações fez duas vezes o circuito da plataforma mobil. Pode-se imaginar a sua situação: pobre ser aterrorisado que volteava com a plataforma, n'uma velocidade de oitenta kilometros por hora, em torno da cidade scintillante e movediça, a qua tambem, por sua vez, girava no espaço ao longo da orbita do planeta á rasão de milhares de kilometros por hora, emquanto elle procurava comprehender porque era que o seu coração e a sua vontade continuavam a soffrer e a viver.

Quando, emfim, tornou a encontrar Isabel, estava ella pallida e angustiada. Denton teria podido notar que ella tambem devia soffrer em excesso, se não o preoccupasse exclusivamente o seu soffrimento. Receiava sobretudo que ella quizesse conhecer, em todos os seus humilhantes detalhes, as injurias que elle tinha soffrido e lhe manifestasse por isso a sua sympathia e a sua indignação. Assim que appareceu, reparou que ella abria uns grandes olhos ao vêl-o.

—Fui maltratado,—disse elle, arquejando.—E' uma cousa muito recente... muito violenta... Não quero fallar d'isso por emquanto.

Assentou-se com ar sombrio. Ella contemplava-o com espanto. Os labios branquearam-lhe quando comprehendeu a significação hieroglyphica da sua

face contusa. Crispou convulsamente as mãos, as suas mãos emmagrecidas e de dedos gastos pelo trabalho.

—Que mundo horrivel!—disse ella, sem poder dizer outra cousa.

N'aquelles ultimos tempos, Denton e Isabel viviam muito silenciosamente. N'aquella noite, trocaram apenas algumas palavras. Cada um seguia o fio dos seus pensamentos. De madrugada, Isabel estava já accordada quando Denton, que dormira um somno tão pesado como o da morte, se ergueu ao seu lado, bruscamente:

—Não posso supportar isto!—bradava elle.—Não quero supportar isto!

Ella apercebia-o vagamente, assentado, e avançando com o punho cerrado para a frente como querendo despedir um golpe imaginario na sombra. Depois, ficou immovel alguns segundos.

—E' demais!... E' mais do que se pode humanamente supportar!...

Ella não sabia que dizer-lhe. Parecia-lhe tambem que não podia prolongar-se aquella situação. Esperou durante um grande intervallo de silencio, distinguindo o perfil de Denton, sempre assentado na cama, com as mãos cruzadas em volta dos joelhos sobre os quaes apoiava o queixo. Subito, elle soltou uma gargalhada.

—Não!—declarou, por fim.—Quero supportar tudo! E' uma cousa necessaria. Afinal de contas, nós não estamos resolvidos a suicidar-nos. Os que chegaram

a isto, supportaram tudo, e em todos os tempos, assim o supponho. Nós tambem supportaremos tudo até ao fim.

Isabel reflectia tristemente. Comprehendia que o que elle dizia era verdade.

—Iremos até ao fim!—continuou Denton.—Quando a gente pensa em todos aquelles que soffreram o mesmo... Gerações innumeraveis!... Innumeraveis!... Animaeszinhos que rosnavam e mordiam... rosnar e morder... rosnar e morder... gerações apoz gerações.

Interrompeu bruscamente o seu monologo, e só o proseguiu bastante tempo depois.

—Passaram noventa mil annos da edade de pedra com um Denton em qualquer parte durante todo esse tempo... successão apostolica. A vontade de ir até ao fim. Vejamos: noventa,— novecentos, —trez vezes nove, vinte e sete... *trez mil* gerações de homens! — homens, pouco mais ou menos... E todos luctavam, eram feridos, eram humilhados, e não desanimavam, apesar de tudo isso; supportavam tudo, resistiam... e depois vinham milhares de outros, sempre milhares... Ir até ao fim! Quem sabe se aquelles que vierem depois de nós nos deverão algum reconhecimento?

A sua voz tomou um tom argumentador.

—Se se podesse encontrar alguma cousa de definido... Se se podesse dizer: «a rasão d'isto é isto... E' por isso que isto continua...»

Calou-se. Os olhos de Isabel conseguiram lenta-

mente distinguil-o na treva e, por fim, poude vêr a maneira como elle estava assentado, com a cabeça nas mãos. Teve então a impressão da enorme distancia que separava os seus espiritos; a vaga suggestão d'um ser differente pareceu lhe ser a imagem da sua situação mutua. Em que pensaria elle agora? Que iria dizer? Affigurou-se lhe que um tempo infinito transcorrera antes d'elle continuar, suspirando:

—Não!... Não, não comprehendo!

Em seguida um novo intervallo, e repetiu a sua phrase; mas d'esta vez n'um tom quasi concludente. Isabel percebeu que elle se ia deitar de novo e viu, com surpreza, a fórma cuidadosa como arranjava o travesseiro para melhor repousar. Estendeu-se com um suspiro de satisfação. Passara-lhe aquelle singular accesso. Não se movia e a sua respiração breve se tornou regular e profunda. Isabel, porém, ficou com os olhos desmesuradamente abertos fitos nas trevas até que o som d'uma sineta e a luz da lampada electrica, subitamente accessa, os advertiu, tanto a elle como a ella, que a Companhia do Trabalho reclamava os seus esforços para um novo dia de labuta.

N'esse dia, Denton teve um conflicto com Whitey, o albinos, e com o homunculo de rosto de fuinha. Blunt, o robusto artista em pugilato, depois de deixar Denton levar uma nova lição e de lhe medir todo o alcance, interveio com um certo ar protector.

—Larga-lhe os cabellos, deixa-o em paz!—ordenou elle ao outro com a sua voz grossa e forte, e empregando ao mesmo tempo uma grande quantidade de invectivas. — Não vês que elle não sabe jogar á pancada?

Denton, vergonhosamente estatelado nas cinzas, comprehendeu que não tinha remedio senão acceitar as lições que o outro lhe propuzera. Levantou-se, foi direito a Blunt e, sem mais tergiversações, apresentou-lhe as suas desculpas.

—Sou um estupido,—declarou elle.—Tinha razão no que me dizia. Se ainda estamos a tempo...

N'essa tarde, terminado o serviço, Denton acompanhou Blunt a certas abobadas desertas, replectas de immundicies, que então existiam sob os caes de Londres, para ahi aprender a grande arte das luctas corpo a corpo, tal como ella fôra aperfeiçoada pelos habitantes das vias inferiores, quer dizer: a maneira de aggredir um homem a murro ou a pontapé, de maneira a feril-o atrozmente ou moêl-o sem piedade; a de dar uma pancada *vital;* a de enrolar pedaços de vidro em panno e servir-se d'elles, assim embrulhados, como d'uma massa; a de fazer rebentar o sangue ao contendor por meio de certas ferramentas; a de prevenir e lograr as intenções do adversario; n'uma palavra, todos os agradaveis estratagemas que tinham inventado os desherdados e os opprimidos das enormes cidades dos seculos XX e XXI foram ensinados a Denton por um professor competentissimo. Ao fim de algumas lições,

Blunt perdeu o seu acanhamento e assumiu uma certa dignidade de perito, uma especie de auctoridade paternal. Tratava Denton com os maiores cuidados, contentando em tocal-o de vez em quando para elle não perder o ardor e desatava a rir, quando, com uma pancada habil, Denton lhe punha a bocca em sangue.

—Nunca me importo com a bocca,—dizia Blunt, confessando a sua fraqueza.—O que é essencial é que a barba não apanhe nada. Quanto ao gosto do sangue sabe sempre bem... sempre... Mas parece-me que não devo tocar-lhe mais hoje...

Denton foi-se deitar, extenuado, e acordou de manhãsinha, com o corpo todo dolorido e soffrendo fortes dôres de todas as suas contusões. Valeria a pena continuar a viver? Escutou a respiração de Isabel e, lembrando-se de que a devia ter accordado na noite anterior, deixou-se ficar immovel. Sentia-se possuido d'um infinito desgosto pelas novas condições da sua vida. Experimentava odio por aquillo tudo, mesmo pelo selvagem bemfazejo que tão generosamente o protegera. O monstruoso embuste da civilisação revelava-se completamente aos seus olhos: via-a, com uma exaggeração de alienada, produzindo nas classes inferiores uma torrente crescente de barbárie, e, nas classes elevadas, uma distincção cada vez mais frivola e uma ociosidade cada vez mais imbecil. Não encontrava nenhuma rasão de libertação, nenhum sentimento de honra, quer na vida que até havia pouco vivera, quer na ignobil

existencia em que cahira. A civilisação surgia-lhe como um determinado producto catastrophico, não tendo com os homens, senão quando victimas, outras relações que não fôssem as que se podiam equiparar ás d'um cyclone ou d'uma collisão planetaria. Elle proprio, e por conseguinte, toda a humanidade, parecia viver absolutamente em vão. O seu espirito procurava extravagantes expedientes de evasão a um tal meio, senão para elle, pelo menos para Isabel Mas era a si proprio que os propunha. Se elle fôsse ter com Mwres e lhe contasse toda a extensão do seu desastre? Reconheceu então, com espanto, de que forma definitiva Mwres e Bindon se encontravam fóra do seu contacto. Onde estavam? Que fariam elles? D'ahi derivou a pensamentos baixos. e deshonrosos. E, finalmente, não se conseguindo elevar acima d'esse tumulto mental, mas fazendo-o cessar como a aurora faz cessar as trevas, impoz a si proprio a clara e evidente conclusão da noite precedente: a convicção de que lhe cumpria ir até ao fim e que, sem outra ambição e devendo isso bastar para o emprego de todos os seus pensamentos e de toda a sua energia, lhe era forçoso continuar de pé para luctar entre os seus semelhantes e desempenhar-se da sua missão, como um homem.

A lição d'aquella tarde foi talvez menos terrivel do que as dos dias precedentes; a seguinte foi mesmo soffrivel, porque Blunt dignou-se conceder-lhe alguns elogios. Ao quarto dia, Denton apercebeu-se

de que o homem de olhinhos astutos não passava d'um refinadissimo poltrão. Passou-se uma tranquilla serie de quinze dias, havendo, todas as tardes, as mesmas lições febris; Blunt, praguejando como um diabo, jurava que nunca tinha tido melhor discipulo, e todas as noites Denton sonhava com pontapés, paradas, olhos vasados e pancadas habilmente descarregadas.

Durante todo este tempo, não soffreu nenhum insulto, porque Blunt era temido. Depois, veio a segunda crise. Um dia Blunt ausentou-se, e mais tarde confessou que o fizera prepositadamente. Emquanto decorriam as horas monotonas da manhã, Whitey esperava com visivel anciedade o intervallo do descanço. Ignorava as lições de pugilato recebidas por Denton, e passou todo o seu tempo a annunciar-lhe, assim como aos outros companheiros, certas intenções desagradaveis que lhe vinham á idéa.

Whitey era pouco estimado e os servos das officinas pouco interesse ligavam ás suas pretensões de amedrontar Denton. Mas as cousas mudaram quando á tentativa de Whitey para romper as hostilidades, querendo dar um pontapé na cara de Denton, este respondeu, antes de ser attingido, com uma pancada de cabeça perfeitamente executada que fez descrever ao pé de Whitey uma orbita completa, fazendo o enterrar-se no montão de cinzas onde Denton poucos dias antes fôra arremessado. Whitey levantou-se, um pouco mais livido, e vociferando pragas procurou alcançar Denton com algu-

mas pancadas perigosas. Houve lances indecisos, luctas corpo a corpo que augmentaram a visivel perplexidade do albinos; depois os contendores formaram um grupo: Denton, agarrando Whitey pelo pescoço, pozera um joelho sobre o peito do seu adversario que, com a fronte já negra, a lingua sahida fóra da bocca, as mãos quebradas, se esforçava por pedir graça em sons roucos e inarticulados. Quanto aos espectadores, era já evidente que para elles nunca houvera ninguem mais popular do que Denton.

Denton, com bem cuidadas precauções, deixou o seu antagonista, e ergueu-se; o seu sangue parecia transformado n'uma especie de fogo fluido, os membros affiguravam-se-lhe ligeiros e sobrehumanamente vigorosos. A idéa de que era um martyr da civilisação mechanica desvanecera-se do seu espirito. Era um homem no mundo dos homens.

O homem de cara de fuinha foi o primeiro a dar-lhe uma palmada amigavel no hombro. O operario que lhe offerecera azeite do seu galheteiro irradiava em congratulações sinceras.

Denton não podia crêr que algum dia se tivesse deixado dominar pelo desespero. Estava agora convencido de que não só devia ir até ao fim; mas que o podia fazer.

A' noite assentou-se no leito, explicando a Isabel esse novo ponto de vista. Tinha uma das faces inchada. Quanto a ella, não brigara recentemente com as outras mulheres, não a tinham cumprimen-

tado dando-lhe familiares palmadas no ventre, não tinha a fronte moida de soccos nem arranhada, — mas estava mais pallida e aos cantos da bocca desenhavam-se-lhe mais algumas rugas. Partilhava a sorte de todas as operarias. Agora, comtemplava fixamente Denton no seu novo papel de propheta.

—Sinto que ha o quer que seja, — dizia elle, — alguma cousa que caminha... Um Ser de Vida no qual vivemos, nos revolvemos e existimos; alguma cousa que começou ha cincoenta, cem milhões de annos, talvez, e que continua... sem cessar... crescendo, estendendo-se a cousas que estão além de nós... cousas que nos justificarão a todos... que explicarão e justificarão as minhas luctas... as minhas contusões e todo o soffrimento que d'ellas me vem... E' o cinzel... Sim, é o cinzel do Creador... Se ao menos, eu podesse fazer-te sentir o que eu quero... se eu podesse! Tambem o havias de querer, meu amor... tambem o havias de querer!

—Não, — respondeu ella, em voz baixa. — Não o quero!

—Mas eu pensava...

—Não, — tornou ella, abanando a cabeça. — Eu tambem pensei... e o que tu me dizes não me convence...

Olhava-o resolutamente, face a face.

—Odeio tudo isto! — exclamou ella com um espasmo na garganta. — Tu não comprehendes, tu não reflectes... Houve um tempo em que tu falla-

vas e eu te acreditava. Agora, tenho mais experiencia. Tu és um homem, podes luctar, abrir o teu caminho á viva força. Pouco te importam as pancadas, podes ser grosseiro e brutal e continuar sendo um homem. Sim, isso vae-te formando... tens razão. Mas as mulheres são outra cousa... Somos differentes! Civilisaram-nos muito cedo, este mundo inferior não é para nós... Odeio isto! — continuou ella, apoz um silencio. — Odeio este horrivel grabato! Odeio-o mais do que... mais do que... a peor das cousas que me possam acontecer. Doem-me os dedos só de lhe tocar. Repugna-me á pelle! E as mulheres com quem trabalho todo o dia! A's vezes accordo de noite perguntando a mim propria se me virei a tornar como ellas...

Parou, e depois:

—Torno-me como ellas? — gritou, n'uma subita explosão.

Denton estava estupefacto perante aquella angustia.

—Mas... — começou elle.

E calou-se.

—Pois não comprehendes? — volveu ella. — Que hei de eu fazer? Como hei de sahir d'isto? Tu podes luctar, braço a braço... Os homens luctam, mas as mulheres?... Uma mulher?... Tenho reflectido em tudo isso... não faço senão pensar, de dia e de noite! Olha para a minha côr... Vês como estou? Não posso mais... não posso supportar esta vida! Não posso!

Calou-se, hesitante.

--Ainda não sabes tudo, — continuou ella bruscamente, e durante um momento os seus labios abriram-se n'um sorriso amargo, — pediram-me para te deixar.

—Deixar-me !

Ella contentou se em responder com um affirmativo signal de cabeça.

Denton levantou se, de repente. Durante bastante tempo, os dois ficaram, frente a frente, immoveis e em silencio Subito, ella voltou a cara, e arremessou-se, com a fronte entre os braços cruzados, sobre o misero leito. Não soluçava, não se lhe ouvia um som. Depois d'um longo e angustioso intervallo, o seu corpo arquejou, os hombros moveram-se-lhe. Começou a chorar silenciosamente.

—Isabel ! — murmurou elle. — Isabel !

Sentou-se devagarinho junto d'ella, inclinou-se sobre a sua cabeça, passou-lhe o braço em redor da cintura, procurando debalde uma sahida áquella intoleravel situação.

—Isabel ! — disse-lhe elle, baixinho, junto do ouvido.

Ella affastou-o com a mão.

—Não quero um filho que seria um escravo !

E desatou n'uma explosão de soluços.

A physionomia de Denton mudou de expressão. Tomou um aspecto de consternação sombria. Levantou-se do leito. Toda a satisfação de que havia pouco se sentira possuido, desapparecera para dar

logar a uma raiva impotente. Invadiu-o uma onda de colera, e blasphemou contra as forças excessivas que o opprimiam, contra todos os accidentes, os ardores, os despeitos e as indifferenças que zombam da vida do homem. A sua pequena voz elevou-se n'aquelle mesquinho quarto, e, pobre animalculo terrestre, brandiu o punho cerrado contra tudo o que o cercava, contra os milhões dos outros seres humanos, contra o seu passado, contra o seu futuro, e contra a louca immensidade da Cidade esmagadora.

V

Bindon intervem

Bindon, na sua mocidade, entrara em diversas especulações e conseguira realisar tres operações brilhantes. Depois d'isso, tivera a sagacidade de abandonar esse jogo incerto e a pretensão de se julgar um homem extremamente habil. Um certo desejo de influencia e reputação fêl-o interessar-se nas intrigas da cidade gigante. Acabou por se tornar um dos mais influentes accionistas da companhia possuidoras das plataformas que serviam de estações de embarque e desembarque aos aéroplanos que cruzavam por todo o mundo. A sua actividade publica limitava-se a esta occupação. Na vida privada, era um homem dado a prazeres.

Vamos agora á historia do seu coração; mas, antes de nos lançarmos em semelhante abysmo, forçoso nos é consagrar alguns momentos á descripção do aspecto do personagem.

A sua base physica era esguia e curta ; a sua physionomia, de traços finos corrigidos por engenhosas pinturas, variava de expressão, desde uma compla-

cencia pouco segura até um constrangimento intelligente. Usava o craneo e a cara depilados segundo a moda hygienica do tempo, de forma que a côr e o contorno da sua cabelleira modificavam-se em relação com as suas frequentes mudanças de vestuario.

Por vezes envolvia-se em fatos pneumaticos d'um estylo recocó. Mettido dentro das suas amplas dobras e com uma cobertura de cabeça translucida e luminosa, o seu olhar espiava d'alto, rigorosamente, as faltas de attenção e respeito da gente menos *fashionable*. Outras vezes fazia resaltar a sua esvelta elegancia por meio de vestuarios justos, de setim preto. Para maior dignidade, adaptava aos naturaes largos hombros pneumaticos d'onde pendia até ao chão um manto de seda da China de pregas cuidadosamente preparadas. Um Bindon classico, de fato côr de rosa, era um phenomeno transitorio na eterna mascarada do destino. Na occasião em que contava casar com Isabel, procurara impressional-a e seduzil-a, e arrancar, ao mesmo tempo, de si alguma cousa do fardo dos seus quarenta annos, envergando a ultima novidade da phantasia comtemporanea: um fato completo de materia elastica com uma especie de chavelhos e bossas proeminentes no capuz, variando tudo de côr, de momento a momento, por meio d'uma habil disposição de chromatophoros moventes. E' indubitavel que, se não tivesse sido já o amor de Isabel açambarcado pelo indigno Denton, e se os seus gostos não revelassem

tendencias extranhas para as modas antigas, essa invenção extraordinariamente *chic* a conquistaria desde logo. Bindon consultara o pae de Isabel antes de se apresentar trajado d'essa forma, — pertencia ao numero dos homens que estão sempre pedindo opiniões sobre os fatos que vestem — e Mwres declarara-lhe que elle era a propria personificação de tudo quanto um coração de mulher poderia desejar. Mas o caso do hypnotista provou-nos que o seu conhecimento do coração feminino era bastante incompleto.

Bindon tivera a idéa de se casar algum tempo antes de Mwres lançar no seu caminho a juventude exhuberante de Isabel. Um dos segredos que Bindon occultava com maior reserva, era o de que se sentia excepcionalmente dotado para uma vida pura e simples, d'um genero summariamente sentimental. Essa idéa communicava uma especie de seriedade pathetica aos excessos escandalosos, mas perfeitamente insignificantes, que elle se comprazia em considerar como audaciosas perversidades e que um certo numero de homens eram assaz imprudentes para tratar d'essa lisongeira e injustificada maneira.

Por causa d'estes excessos e tambem, porventura, em consequencia d'uma propensão hereditaria para uma decrepitude precoce, sobrevieram-lhe serios incommodos do figado, e cada vez que viajava nos aéreoplanos mais se aggravavam os seus incommodos.

Foi durante uma convalescença que se seguiu a

um prolongado ataque bilioso que lhe veio á idéa que, se a despeito das horriveis fascinações do vicio, encontrasse uma menina bella, amavel e bondosa, moderadamente intellectual, que lhe consagrasse a sua vida, elle poderia ainda resgatar-se do mal e talvez mesmo crear uma familia vigorosa para consolação da sua velhice. Porém, como tantos outros qne tem experiencia do mundo, Bindoso duvidava que existisse na terra uma mulher de alma chrystallina. Affectava, na apparencia, duvidar d'aquellas que como tal lhe eram apontadas, e, no intimo, essas mulheres assustavam-o.

Quando o ambicioso Mwres o apresentou a Isabel, Bindon julgou a sua felicidade completa. Enamorou-se immediatamente da joven. Afinal de contas, a verdade é que nunca deixara de ser um temperamento apaixonado, desde a edade de dezeseis annos, em conformidade com as receitas extremamente variadas que se encontram nas litteraturas accumuladas de numerosos seculos.

Mas, d'esta vez, era differente. Tratava-se d'um amor verdadeiro. Affigurava-se que aquelle novo sentimento fizera germinar todas as secretas bondades do seu caracter. Sentia que, por amor d'ella, não teria duvida em abandonar um genero de vida que já produzira as mais graves perturbações no seu systema nervoso e no seu figado. Junto d'ella, não se mostraria nunca um sentimental e um imbecil, mas sim um pouco esquivo e amargo, como convinha ao seu passado. Todavia, estava certo de que

Isabel teria a intuição da sua bondade e da sua grandeza, em toda a sua real magnitude, e, quando chegasse o momento propicio, confessar-lhe-hia doces cousas, junto da sua linda orelha, ao seu ouvido surprezo, mas sem duvida sympathico; confessar-lhe-hia o que elle considerava as suas requintadas perversidades, mostrando-lhe que mixto de Goethe, de Benevenuto Cellini, de Shelley e d'outros individuos, residia, na realidade, n'elle, Bindon. Para se preparar para isto, fez-lhe a sua corte com uma delicadeza, um respeito infinitos. A reserva com que Isabel o acolheu pareceu-lhe simplesmente uma modestia exquisita, realçada por uma ausencia de idéas egualmente notavel.

Bindon nada sabia dos affectos vagabundos de Isabel e ignorava a tentativa feita por Mwres para utilisar o hypnotismo a fim de reprimir as digressões do coração feminino, Julgava estar nas melhores relações com Isabel e offerecera-lhe já, com successo, diversos e significativos presentes de joias e cosmeticos efficazes, quando a sua fuga com Denton foi, para elle, como que o descalabro d'um mundo. A sua primeira impressão foi a d'uma raiva complicada de vaidade ferida, e como Mwres era a pessoa mais naturalmente apontada para lhe receber a explosão, foi elle quem soffreu os seus primeiros furores.

Correu immediatamente a casa do desolado pae e insultou-o grosseiramente. Depois, passou o dia a percorrer activamente e resolutamente a cidade, vi-

sitando diversas pessoas, com o fim de tentar, conscientemente, e embora com um successo parcial, a ruina d'esse especulador matrimonial. O resultado d'esta actividade foi, para o seu espirito, uma diversão momentanea; á tarde dirigiu-se ao refeitorio que frequentara nos seus tempos de orgia e dissipação. Estava n'uma disposição de espirito inteiramente indifferentista. Jantou copiosa e alegremente com duas outras juventudes douradas de quarenta annos, cada uma. Parecia resolvido a abandonar a partida. No seu entender, nenhuma mulher era digna do seu affecto... Chegou a admirar-se, elle proprio, pela ostentação de espirituoso cynismo de que deu provas. Um dos dois *viveurs*, aquecido pelos vinhos generosos, permittiu-se uma zombeteira allusão ao desapontamento passional de Bindon, e este, com grande espanto seu, não se sentiu molestado!...

No dia seguinte, tinha o figado e o humor extremamente sobrexcitados. Fez em bocados o seu phonographo das noticias, despediu o seu creado, e resolveu exercer sobre Denton, sobre Isabel, sobre fôsse quem fôsse, uma vingança horrivel. O que devia ser, em todo o caso, era uma terrivel vingança. Não! O seu amigo da vespera, que zombara d'elle, não o tornaria a vêr sob o aspecto de victima d'uma cabecinha estouvada!

Bindon sabia que Isabel tinha a receber, ao chegar á maioridade, a legitima de sua mãe; e que seriam esses os unicos recursos dos dois apaixonados

até ao momento em que, porventura, Mwres abrandasse os seus resentimentos. Se Mwres continuasse a demonstrar-se inflexivel, se sobreviessem difficuldades financeiras á pequena empreza em que estavam depositadas as «esperanças» de Isabel, o joven casal passaria pessimos quartos de hora, que certamente o disporia a ceder a más tentações. A imaginação de Bindon, abandonando o seu bello idealismo, toda se concentrou n'este pensamento perverso. Representava-se, a seus proprios olhos, como o implacavel, o tenebroso, o poderoso homem opulento que perseguiria aquella virgem que ousara desprezal-o. Mas, de subito, a imagem da joven surgio no seu espirito, viva e insistente, e, pela primeira vez na sua vida, Bindon reconheceu o verdadeiro imperio da paixão.

A sua imaginação affastou se, como um creado respeitoso que cumprio os deveres do seu logar, abrindo a porta para entrar a emoção.

—Por Deus! — exclamou Bindon. — Hei-de possuil-a, ainda que para isso tenha que perder tudo e matar-me!... E o tal maroto...

Apoz uma consulta com o seu medico que lhe prescreveu, sob a forma de drogas excessivamente amargas, uma penitencia pelos excessos da vespera, um Bindon adoçado, mas absolutamente resoluto, partiu em procura de Mwres. Encontrou o, emfim, como uma ruina, pobre e humilde, entregue ao seu frenetico instincto de conservação, prompto a vender corpo e alma, á custa da filha desobediente,

para recuperar na sociedade a sua situação perdida. Na ponderada discussão que os dois tiveram, decidiu-se que Denton e Isabel seriam abandonados á sua sorte, que os deixariam cahir na miseria e nas privações de toda a ordem, resolvendo-se mesmo que a influencia financeira de Bindon auxiliaria essa disciplina regeneradora.

—E depois? — perguntou Mwres.

—Depois, terão de dirigir-se á Companhia do Trabalho, — declarou Bindon. — Vestirão o uniforme azul.

— E depois?

—Depois, ella divorciar-se-ha, — declarou elle.

E assentou-se, reflectindo profundamente n'essa perspectiva.

N'esse tempo, as austeras restricções do divorcio tinham sido muito alargadas de forma que qualquer matrimonio se podia desfazer sob cem pretextos differentes.

Subito, Bindon admirou-se elle proprio extremamente e assombrou Mwres, pondo-se d'um salto em pé.

—Ha de divorciar-se! — exclamou elle. — Assim o quero. Farei tudo quanto seja necessario para isso! Por Deus! Hei de fazel-o! Elle ha de ser deshonrado, envilecido, para que ella o deixe! Ha de ser esmagado, pulverisado!

Esta idéa de esmagar e pulverisar o seu rival ainda mais o sobreexcitou. Começou a passeiar d'um lado para o outro magestosamente.

—Ha de ser minha! — continuava elle.— *Quero* que seja minha! Nem o céo nem o inferno m'a roubarão!

A sua paixão desvanecia-se á maneira que a ia exprimindo, e deixava-o por fim reduzido a um simples histrião. Tomou uma grande *pose* e desprezou, com uma heroica vontade, uma dôr aguda no lado do diaphragma. Mwres conservava-se assentado, com a sua capa pneumatica arrombada, e visivelmente impressionado.

Foi assim que, com uma tranquilla persistencia, Bindon tomou a peito a missão de ser a providencia maligna de Isabel, servindo-se, para isto, com engenhosa destreza, das mais pequenas vantagens que a fortuna dava, n'esses tempos, a um homem contra o seu semelhante. Em nada veio entravar essas operações o recurso que Bindon julgou dever procurar nas consolações da religião contra o soffrimento moral que acerbamente o pungia. Ia muitas vezes conversar com um padre, interessante, experimentado e sympathico, pertencente á seita Huysmanista do Culto de Isis, sobre todos os seus pequenos actos irracionaes que elle se comprazia em considerar como perversões que deviam consternar o céo. O sympathico, experimentado e interessante padre, representando o céo consternado, suggeria-lhe, com uma agradavel affectação de horror, penitencias simples e faceis. e recommendava-lhe uma fundação monastica que fôsse arejada, fresca, hygienica e pouco procurada pelo vulgo, para uso de

peccadores arrependidos que soffressem de perturbações digestivas e pertencessem á classe rica e elegante. Depois d'estas excursões, Bindon regressava a Londres, tão activo e apaixonado como d'antes. Machinava todos os seus estratagemas com uma energia verdadeiramente surprehendente e ia postar-se n'uma galeria situada por cima das vias moveis, d'onde podia observar a entrada das casernas da Companhia do Trabalho e em particular d'aquella que abrigava Denton e sua mulher. Um dia, finalmente, vio Isabel entrar para lá, e só de a ver a sua paixão reavivou-se intensamente.

Chegara o momento em que as astucias de Bindon iam dar o seu fructo. Bindon foi ter com Mwres para o informar de que os dois esposos tinham chegado ás ultimas profundidades do desespero.

—E' agora o momento,—declarou elle,—de o senhor recorrer ao seu amor paternal. Ha já muitos mezes que ella usa o uniforme azul. Fôram mettidos n'uma das barracas da Companhia do Trabalho. A filha morreu-lhes. Ella já sabe agora o que o marido vale para ella.—como a tem protegido, pobre rapariga! Deve ver hoje as cousas por um prisma differente. Vá ter com ella,—eu ainda não quero apparecer, por ora, — e mostre-lhe que, na sua situação, o divorcio se impõe...

—Ella é teimosa,—disse Mwres com ar de duvida.

—Isso é imaginação! Ella é uma excellente rapariga! uma excellente rapariga!

—Recusará,—tornou Mwres.

—Naturalmente. Mas dê-lhe tempo para reflectir. Deixe-a decidir-se, E, depois, qualquer dia, mais cedo ou mais tarde, no seu cubiculo suffocante, cançados d'aquella vida repugnante e penivel... sim, é fatal...ha de surgir o conflicto... hão de zangar-se, *disputar*... E então...

Mwres meditou o caso, e, por fim, fez o que lhe diziam.

Então, Bindon, conforme já o decidira depois de ouvir o seu conselheiro espiritual, retirou-se por algum tempo para o convento da Seita Huysmanista. Este convento estava situado n'um local soberbo, gozando o ar mais puro de Londres, illuminado pela claridade natural do sol, e circundado de verdadeiras pradarias, dispostas em espaços rectangulares, que ostentavam a sua verdura ao ar livre e sob o ceu aberto. Ahi o estroina penitente podia ao mesmo tempo gozar de todas as delicias do absoluto descanso e de todas as satisfações d'uma austeridade distincta. Salvo a participação no regimen são e simples da casa, e em certos canticos magnificos, Bindon tinha todo o tempo para pensar em Isabel e na extrema purificação que se exercera na sua alma desde que a vira pela primeira vez. Em certos momentos, perguntava a si proprio se, a despeito do peccado resultante do divorcio d'ella, elle poderia obter, do Padre experimentado e sympathico, uma dispensa para casar. N'esse caso...

Bindon encostava-se a uma columna e cahia em devaneios sobre a superioridade do amor virtuoso

em relação a qualquer outra forma de indulgencia. Uma singular sensação, no peito e nas costas, debalde procurava solicitar-lhe a attenção. Era uma disposição cada vez mais repetida para subitos calores e calafrios. Mas essa sensação bem como uma impressão geral de mal estar e de perturbações sub cutaneas, que fazia tudo quanto podia para ignorar, tudo isso elle julgava como pertencendo ao homem antigo de cuja pelle se estava despojando.

Assim que terminou o seu retiro espiritual, dirigiu-se logo a Mwres para saber noticias de Isabel. Mwres tinha a absoluta convicção de que era um pae exemplar, cujo coração se sentia profundamente affectado pelo infortunio de sua filha.

—Estava muito pallida,—disse elle com uma viva emoção.—Estava muito pallida quando eu a vi. Pedi-lhe que viesse comigo, que deixasse o *outro*, que fôsse feliz... Encostou-se a uma mesa, e desatou a chorar.

Mwres fungou. A sua agitação era tão grande que não poude dizer mais nada.

—Ah!—fez Bindon, respeitando aquella mascula dôr.

—Ah!—tornou Bindon, levando bruscamente a mão ao lado.

Mwres estremeceu, ergueu os olhos do fundo das suas dôres.

—Que tem?—perguntou elle, visivelmente inquieto.

—Uma dôr muito violenta, desculpe-me! Mas estava fallando de Isabel...

Mwres, apoz algumas palavras de decente solicitude pelos soffrimentos de Bindon, continuou a narração da sua visita a Isabel. D'essa visita, segundo declarou, trazia, comtudo, uma esperança inesperada. Isabel, vencendo a commoção que de principio a dominara, e vendo que seu pae a não abandonara absolutamente, dera-lhe francamente parte dos seus desgostos e das suas dôres.

—Oh!—disse Bindon,—Magnifico! Será minha!

N'esse momento sentiu outra dôr, tão aguda como a primeira. Para essas dôres physicas, e portanto inferiores, o Padre era relativamente inefficaz, e inclinava-se a consideral-as, assim como o corpo em que se manifestavam, como illusões mentaes que dispunham para a vida comtemplativa. Assim Bindon viu-se obrigado a consultar sobre os seus soffrimentos um membro d'uma classe que elle aborrecia: um medico d'uma reputação e d'uma incivilidade extraordinarias.

—Vamos examinar isso,—disse o medico.

E procedeu a essa operação com a mais repugnante brutalidade.

—Já teve filhos?—perguntou, entre outras indagações impertinentes, aquelle grosseiro materialista.

—Não, que eu saiba,—respondeu Bindon, demasiadamente surprehendido para se lembrar de entrincheirar-se na sua dignidade.

—Ah!—disse simplesmente o medico, e proseguira na sua auscultação.

A sciencia medica começava n'aquelles tempos a tornar-se um pouco pratica.

—O melhor para o senhor seria partir,—disse, por fim, o medico.—Quero dizer: resignar-se á Euthanasia,—e quanto mais depressa melhor.

Bindon abriu convulsivamente a bôcca. Tinha procurado não comprehender as explicações technicas e as previsões do medico.

—Mas...—balbuciou elle,—o senhor... quer dizer... então... que a sua sciencia?...

—E' impotente n'este caso,—concluiu o doutor.—Emfim, alguns calmantes. Sabe? O senhor foi, até um certo ponto, o causador do seu mau estado.

—Ah! fui objecto de crueis tentações durante a minha mocidade!

—Não é isso. O senhor procede d'uma má arvore. Mesmo que tivesse tomado prudentes precauções, estava condemnado a passar maus bocados. Todo o seu erro foi nascer. A imprevidencia dos paes, e além d'isso o senhor absteve-se de exercicios...

—Não tinha ninguem que me aconselhasse...

—Para isso é que são os medicos.

—Eu era um rapaz cheio de vigor...

—Não percamos tempo a discutir. Agora, o mal está feito. O senhor já viveu. Não podemos lançal-o de novo na circulação. Nem mesmo nunca o deve-

riam ter lançado n'ella... Francamente, a Euthanasia...

Bindon experimentou por aquelle homem um sentimento de violentissimo odio. Cada palavra d'aquelle brutal perito chocava desagradavelmente as suas idéas requintadas. Era tão grosseiro, tão insensivel ás mais subtis expansões da vida! Mas, afinal de contas, de nada lhe serviria questionar com um sabio d'aquella ordem.

—As minhas crenças religiosas,—disse elle,—levam-me a reprovar o suicidio...

—Quando o senhor não tem feito senão suicidar-se toda a sua vida!

—Mas é que eu agora vou tomando a vida a serio...

—E é o que tem a fazer, se continuar a viver. Peorará; mas sempre lhe digo que, no ponto de vista pratico, é já um pouco tarde... Em todo o caso, se assim o deseja, dar-lhe-hei uma pequena receita. O mal vae-se aggravar rapidamente. Essas dôresitas...

—Dôresitas!

—... não passam de avisos preliminares.

—Quanto tempo posso ainda esperar?... Quero dizer: que tempo ainda terei... antes de peorar... seriamente?

—Isso agora vae a vapor... Talvez d'aqui a tres dias.

Bindon quiz ainda discutir a fim de obter uma prolongação de prazo, mas a meio do seu discurso

parou de subito, e ficcu de bôcca aberta, levando a mão ao lado. Instantaneamente, a extraordinaria emoção de existir apresentou-se intensa e clara no seu espirito.

—E' duro — declarou elle,—infernalmente duro. Não fui nunca inimigo de ninguem, excepto de mim proprio. Sempre me portei lealmente com toda a gente.

O medico olhou para elle durante alguns segundos sem a menor sympathia. Dizia sem duvida comsigo que seria uma felicidade não haver outros Bindons para perpetuar esse genero de emoção. Esse pensamento tornou-o opitimista. Dirigiu-se ao seu telephone e proferiu uma receita para a Pharmacia Central. Interrompeu-o uma gargalhada que lhe soou por traz das costas.

Era Bindon que exclamava:

—Por Deus! Ha de ser minha, custe o que custar!

O medico observou por cima do hombro a expressão da physionomia de Bindon, e modificou a sua receita.

Assim que esta penosa consulta terminou, Bindon deu livre curso á raiva que o invadia.

Concordou comsigo proprio que aquelle medico era não só uma besta desprezivel e destituida das mais vulgares noções da consciencia, mas tambem um profissional d'uma incompetencia absoluta, e foi procurar outros quatro medicos para confirmar essa opinião. Todavia, para se livrar de surprezas,

conservou a receita do primeiro. Com cada um dos outros medicos, principiou por exprimir graves duvidas sobre a intelligencia do primeiro, depois sobre a sua probidade e os seus conhecimentos profissionaes; em seguida expoz os seus symptomas, contentando-se em supprimir, de cada vez, alguns factos materiaes. Essas omissões foram sempre, de resto, descobertas por cada um dos medicos. Apezar do agradavel prazer de desmerecer os meritos d'um concorrente, nenhum d'esses eminentes especialistas quiz dar a Bindon a esperança de escapar á angustiosa e irremediavel sorte que tão breve o aguardava. Com o ultimo que consultou, Bindon resolveu alliviar o espirito do fundo de desgostos e recriminações que tinha ido accumulando contra a sciencia medica.

—Ha seculos e seculos,—bradou-lhe violentamente,—que os senhores nada fazem, senão reconhecer a sua impotencia! Venho dizer-lhe: «salve-me!» e o senhor confessa-se incapaz de me salvar!

—E' certo que esse facto lhe deve ser bastante desagradavel,—respondeu o doutor,—mas tambem é verdade que o senhor devia ter tomado certas precauções.

—Mas como podia eu saber?....

—Não eramos nós que o deviamos procurar,—interrompeu o doutor, sacudindo uma leve mancha de pó da manga côr de purpura. Porque razão o salvariamos ao senhor, em particular? Comprehende, não é assim? Sob um determinado ponto de

vista, é indubitavel que as pessoas imaginativas como o senhor, devem desapparecer... partir...

—Partir?!...

—Por outras palavras: morrer, extinguir-se... E' um refluxo.

Este medico era um rapaz de physionomia serena e agradavel. Sorria para Bindon.

—O senhor comprehende: nós continuamos as investigações, damos os nossos conselhos áquelles que teem o bom senso de nos vir consultar, e esperamos o momento propicio.

—O momento propicio!...

—Ainda não nos julgamos sufficientemente habilitados para assumir a intima direcção... O senhor comprehende.

—A direcção?!

—Oh! não tenha receio. A Sciencia é ainda joven, necessita desenvolver-se durante mais umas gerações ainda. No momento actual nós sabemos já o sufficiente para sabermos que ainda não sabemos bastante. Mas, assim mesmo, os tempos estão proximos. O senhor não os verá, é certo. Aqui entre nós, deixe-me dizer-lhe que os senhores, homens ricos e personagens intelligentes, com a sua comedia de paixão, de patriotismo, de religião etc. teem conseguido fazer uma embrulhada... sim, uma embrulhada, não é verdade? Essas vias inferiores... esses sub-solos... Ha entre nós quem julgue que com o tempo conseguiremos saber o bastante para exigirmos mais alguma coisa do que ventilações e

exgotos. O senhor comprehende: os conhecimentos adquiridos amontoam-se de dia para dia. Não cessam de augmentar, Não ha necessidade ainda de nos apressarmos durante uma geração ou duas. Mas um dia virá em que os homens viverão d'uma maneira differente, o que não quer dizer que não haverá alguns que morram antes d'esse dia chegar,— concluiu elle, observando Bindon com ar pensativo.

Bindon procurou fazer comprehender ao joven doutor quanto era estupido e inconveniente fallar d'aquellas cousas a um homem doente, como elle o estava; quanto era impertinente e descortez dirigir-se-lhe assim, a elle, homem de edade e occupando no mundo official uma posição extraordinariamente poderosa e influente. Insistiu no ponto de que os doentes pagavam aos medicos para os curarem — accentuou fortemente a palavra *pagavam* — e que lhe não competia occuparem-se, nem mesmo incidentemente, «d'outras questões».

—Talvez assim seja,—respondeu o doutor,—mas o facto é que nos occupamos.

Voltou ás suas considerações, e Bindon perdeu de todo a paciencia.

A indignação reconduziu-o a casa. Era o que faltava,—que aquelles importunos ignorantes, que não eram capazes de salvar a vida d'um homem influente, pensassem em desapossar, um dia, da fiscalisação social os seus legitimos detentores, e em infligir ao mundo não se sabe que tyrannia!

Que fôsse para o diabo a Sciencia! Durante al-

gum tempo expandiu a sua colera contra essa perspectiva intoleravel; depois, a dôr reappareceu-lhe e lembrou-se do medicamento do primeiro medico. Felizmente trouxera-o na algibeira. Tomou immediamente a dose receitada.

A poção acalmou-o bastante. Poude assentar-se no seu mais confortavel fauteuil, junto da sua bibliotheca de apparelhos phonographicos e reflectir sobre o novo aspecto das cousas. Passou-lhe a indignação, a sua colera e o seu furor desvaneceram-se sob o subtil effeito do calmante. Uma commovida sentimentalidade regeu, d'ahi em diante, as suas idéas. Olhou, em torno de si, comtemplando o seu magnifico aposento, onde se encontrava voluptuosamente installado, as suas estatuas e os seus quadros discretamente velados, todos os testemunhos d'uma libertinagem elegante e refinada, que elle persistia em denominar perversa; tocou n'um botão de metal e immediatamente os melancholicos accentos da flauta do pastor de *Tristão e Iseult* resoaram pela luxuosa camara. Os olhos de Bindon divagavam d'um para objecto. Tudo aquillo lhe custara caro; aquelles *bibelots* eram pretenciosos e de mau gosto, mas eram seus. Representavam sob uma forma concreta o seu ideal, as suas concepções da belleza, a sua idéa de tudo o que era precioso na vida. Agora, como um homem vulgar, ia abandonar tudo aquillo. Tinha a impressão de ser uma chamma delicada e fragil que se extinguia. Toda-a sua vida,

pensava elle, se devia consumir e extinguir. Os seus olhos encheram-se de lagrimas.

O pensamento subito de que era só impressionou-o vivamente. Ninguem se importava com elle; ninguem lhe dedicava affecto, sympathia,—ninguem se importava com elle para nada! Podia começar a agonisar, que ninguem daria por isso. Podia mesmo gritar, uivar de dôr; ninguem se incommodaria com isso.

Segundo a opinião de todos os medicos consultados tinha excellentes rasões para acreditar que agonisaria dentro d'um dia ou dois. Recordou-se do que o seu conselheiro espiritual lhe dissera ácerca da decadencia da fé e da fidelidade, da degenerescencia da epoca. Considerou-se como um exemplo commovente d'essa decadencia: elle, o subtil, o importante, o voluptuoso, o cynico, o complexo Bindon gemendo de agonia, sem uma creatura no mundo inteiro que lhe desse os prantos da sua piedade. Nem uma alma simples e fiel que o acompanhasse á hora da morte,—nem um pastor que lhe fizesse ouvir, n'esse derradeiro momento, arias enternecedoras! Pois quê! Todas as creaturas fieis e simples teriam desapparecido d'este mundo aspero e insensivel? Perguntou a si proprio se a multidão horrivel e vulgar que percorria perpetuamente a cidade poderia saber o que elle pensava d'ella. Se o soubesse, certamente alguns, embora raros n'essa turba ignara, formariam ácerca d'elle uma melhor opinião. Em todo o caso, a verdade era que

o mundo ia de mal para peor... Tornava-se impossivel que n'elle vivessem os Bindons. Talvez um dia, no futuro... Estava persuadido de que a unica cousa que lhe faltara fôra uma sympathia. Por um momento, lamentou não deixar sonetos, não deixar pinturas enygmaticas ou qualquer cousa d'esse genero que servisse para perpetuar a sua memoria até que apparecesse emfim o espirito capaz de comprehender o d'elle...

Não podia acreditar que *o que vinha* fôsse a extincção absoluta. Todavia o seu sympathico guia espiritual era a esse respeito desoladoramente vago e symbolico. Que o demonio levasse a Sciencia! Ella destruira toda a fé e toda a esperança. Ir-se!... Desapparecer do theatro e da rua, abandonar as suas occupações e os seus prazeres, desapparecer dos olhos adorados das mulheres! E não deixar uma saudade! N'uma palavra: deixar o mundo mais feliz!

Pensou que nunca patenteara o seu coração. Afinal de contas, ter-se-hia mostrado muito antipathico? Poucas pessoas poderiam suspeitar quanto elle era subtilmente profundo sob a mascara do seu cynismo. Não queriam comprehender a perda que iam experimentar. Por exemplo, Isabel nunca suspeitara...

Reservara esse assumpto de meditação. Os seus pensamentos, chegando a Isabel, gravitaram em torno d'ella algum tempo. Como Isabel o comprehendera *pouco!*...

Essa idéa tornou-se-lhe intoleravel. Antes de tudo precisava liquidar aquillo. Reconheceu que ainda tinha alguma cousa a fazer no mundo: a sua lucta contra Isabel não terminara. Mas agora era-lhe impossivel vencel-a como esperara e tanto ambicionara. Comtudo, restavam-lhe ainda meios de produzir no seu espirito uma indelevel impressão.

Gostou da idéa. Poderia impressional-a profundamente, de forma que ella se sentisse sempre pungida pelo remorso de o ter magoado. A primeira cousa de que a deveria convencer era da sua magnanimidade A sua magnanimidade! Sim, elle amava-a com uma assombrosa grandeza de alma. Nunca o constatara tão claramente como n'aquelle instante. Era claro: legar-lhe-hia tudo quanto possuia. Comprehendeu isto d'um só golpe, como uma coisa decidida e inevitavel. Ella reconheceria quanto elle era bom, quanto era largamente generoso; rodeada, graças a elle, de tudo o que torna a vida confortavel, lamentaria, com um pezar infinito, o seu desprezo e a sua frieza. E quando quizesse exprimir esse pezar, veria que desapparecera para sempre a occasião de o exprimir; porque daria de cara com uma porta fechada, com uma immobilidade desdenhosa, com uma fronte fria e livida. Fechou os olhos, e ficou durante algum tempo a imaginar a figura que faria com uma fronte gelída e lívida.

D'ahi passou a outros aspectos do assumpto; mas a sua decisão estava tomada. Meditou, porém, laboriosamente antes de realisar essa decisão, por-

que a droga que absorvera o inclinava a uma melancholia lethargica e cheia de dignidade. Por certos motivos, modificou alguns detalhes. Se deixasse tudo quanto possuia a Isabel, esse legado comprehenderia tambem aquella voluptuosa sala. Por varias e justificadas rasões, não o desejava. Por outro lado, era necessario deixal-a a alguem. Aborreceram-o extremamente essas considerações embaraçosas.

Por fim, resolveu-se a deixal-a ao sympathico interprete do culto religioso da moda, cuja conversação lhe fôra tão agradavel nos seus tempos passados.

— Ao menos elle comprehenderá, — murmurou Bindon, soltando um suspiro sentimental. — Elle sabe o que o mal significa. Concebe o que é a Prodigiosa Fascinação da Sphynge do Peccado. Sim, ao menos elle comprehenderá.

Pensando n'esta phrase, depois de a proferir, Bindon rememorou certos desvios de conducta, funestos e indignos, a que o haviam levado uma vaidade mal dirigida e uma curiosidade mal corrigida. Pensou varios minutos em como fôra hellenico, italiano, neroniano e outras cousas d'este jaez. N'aquelle instante, quem sabe? não poderia elle mesmo ensaiar a construcção d'um soneto, uma voz penetrante que se repercutisse atravez das edades, sensual, perversa e triste?... Chegou mesmo a esquecer Isabel. No espaço de meia hora estragou tres bobinas phonographicas, arranjou uma dôr de cabeça, tomou uma segunda dose do calmante para socegar e voltou á sua magnanimidade e aos seus

designios generosos. Finalmente, abordou o desagradavel problema de Denton. Foi-lhe precisa toda a sua nova magnanimidade para se decidir a transigir com elle. Mas, para resumir, aquelle homem tão excessivamente incomprehendido, abalado pelo remedio do medico e pela approximação da morte, effectuou até esse supremo sacrificio. Se d'alguma forma excluisse Denton, se testemunhasse contra elle qualquer resentimento, se procurasse affastal-o, ella poderia ter duvidas sobre Bindon, o magnanimo. Pois bem! Ella conservaria o seu Denton! A sua magnanimidade chegou até ahi, e n'esse ponto procurou não pensar senão em Isabel.

Ergueu-se com um suspiro e dirigiu-se com passo mal seguro para o apparelho telephonico a fim de se pôr em communicação com o seu *sollicitor*. Em dez minutos, um testamento devidamente redigido e tendo por assignatura a marca do seu pollegar ficou depositado no cartorio do *sollicitor*, a tres milhas de distancia. Depois, durante um certo tempo, Bindon conservou-se assentado e immovel. Em seguida, de subito, acordou do seu entorpecimento devaneador e apalpou vivamente o lado com mão investigadora.

Poz-se de pé, d'um salto, e precipitou-se de novo para o telephone. A Companhia Euthanasica raras vezes fôra chamada por um cliente tão apressado.

Foi assim que Denton e Isabel poderam sahir, sem nunca se separarem, da servidão penivel em que as circunstancias os tinham feito cahir. Isabel deixou o antro subterraneo das batedoras de me-

tal; e sahiu de todas as sordidas necessidades que comportava o uso do uniforme azul, como se sae d'um terrivel pesadello. A sua imprevista fortuna restituiu-os ao sol; assim que souberam da inesperada herança de Bindon tornou-se-lhes insupportavel só a idéa d'um novo dia de trabalho. Por ascensores e escadarias interminaveis remontaram a andares que não tinham tornado a vêr depois dos dias do seu desastre. Ao principio, Isabel embriagou-se com aquella sensação da liberdade. A recordação da sua existencia entre as classes inferiores constituiu d'ahi em diante um soffrimento para a sua imaginação, e só passados muitos mezes é que conseguiu lembrar-se com alguma sympathia das pobres mulheres de faces desbotadas que tinham sido suas companheiras nos sub-solos da cidade, e que contavam umas ás outras historias de escandalos passados ou rememoravam os episodios d'uma existencia de loucura e de prazer, emquanto iam gastando a vida n'uma continua e monotona martelagem.

A escolha que ella fez da casa onde viveriam d'ahi em diante resentiu-se da vehemente alegria da sua libertação. Era situada mesmo na extremidade da cidade. Sobre o muro de vedação da propriedade, erguiam-se um terraço e uma varanda, abertos ao vento e ao sol, e d'onde se podia vêr o campo e o céo.

E' n'essa varanda que se passa a ultima scena d'esta historia. O sol affoga-se no poente, é verão, e as collinas de Surrey espraiam se ao longe, azulinas e claras. Denton, encostado ao balcão, contem-

pla o horisonte; Isabel está assentada ao lado d'elle. Sob os seus olhos estende-se uma linda vista, porque a varanda está a quinhentos pés acima do nivel do solo. Os prados da Companhia dos Viveres que, aqui e alem, se destacam, nos antigos arredores, cortando os scintillantes canaes da drenagem, desapparecem n'uma longinqua variedade de cores junto do sopé das collinas. Foi ali que outr'ora acamparam os filhos de Uyah. Sobre essas encostas affastadas, machinas extravagantes, cujo uso lhes era desconhecido, trabalhavam lentamente, e a crista da collina estava coroada de rodas de ventiladores a vapor. Ao longo da grande estrada do Sul, os servos da Companhia do Trabalho regressavam em grandes vehiculos mechanicos, tendo effectuado o seu duro labor quotidiano. No ar, uma duzia de aeropilos particulares desciam sobre a cidade. Este espectaculo era familiar a Isabel e Denton, mas teria produzido nos seus antepassados um inacreditavel assombro. O pensamento de Denton elevou-se ao futuro n'um vão esforço de conjecturar o que poderia ser essa scena passados mais dois seculos. Depois, recuando, o seu espirito voltou se para o passado.

Denton tinha a sua parte da sciencia crescente da epoca; podia pois figurar-se na imaginação o seculo XIX com as suas pequenas cidades sujas e fumosas, as suas estreitas estradas de terra calcada, os seus grandes espaços vasios, os seus arredores mal tratados, e as suas vedações irregulares, com

os antigos campos do tempo dos Stuarts, as suas mesquinhas aldeias e o seu Londres minusculo, a Inglaterra dos mosteiros, a Inglaterra, ainda mais antiga, do dominio romano, e depois, antes d'isso, uma região selvagem com algumas dispersas cabanas de tribus guerreiras. Essas cabanas haviam sido construidas e destruidas durante um espaço de tempo que faziam parecer o campo romano e as villas romanas tão proximos como se datassem apenas da vespera, e antes d'esse tempo, antes mesmo d'essas cabanas, houvera homens no valle. Mesmo então, —e como isto parecia recente quando se avaliava segundo as epocas geologicas, — esse valle se encontrava ali, e ao longe, essas collinas, talvez mais altas e nevadas, tinham occupado aquelle logar e o Tamisa descera dos Cotswolds para o oceano. Mas os homens não eram mais que formas humanas, creaturas de trevas e de ignorancia, victimas das feras e das inundações, das tempestades, das pestilencias e das perpetuas fomes. Comtudo, haviam-se mantido, incertos, no meio dos ursos e dos leões e de toda a monstruosa violencia do passado. E já alguns d'esses inimigos eram dominados por elles...

Denton seguiu durante algum tempo os pensamentos a que o arrastava essa vasta visão, procurando, conforme o seu instincto, encontrar o seu logar e a sua proporção em todo esse conjuncto.

—Foi o acaso,—murmurou elle,—foi a sorte. O facto é que sahimos, mas não pelas nossas proprias forças... E todavia... Não, não sei...

Esteve muito tempo silencioso, e depois continuou:

—Afinal de contas... ha ainda eras a percorrer... Tem havido homens, quando muito, durante vinte mil annos e a vida existe ha vinte milhões de annos... As gerações são enormes, e nós somos tão pouca cousa... Comtudo... sabemos... sentimos... não sômos atomos mudos. Fazemos parte integrante da vida... fazemos parte d'ella nos limites da nossa força e da nossa vontade. A propria morte faz parte da vida. Quer morramos, quer existamos, pertencemos á vida. A' medida que os tempos passarem... talvez, quem sabe?... os homens sejam mais sabios... Mais sabios?... Chegarão elles a comprehender?...

Calou se de novo. Isabel nada respondia a estas cousas, mas contemplava a figura sonhadora de Denton com um affecto infinito. N'aquella tarde, apoderara-se d'ella uma certa indolencia. Experimentava uma grande satisfação, uma plenitude de contentamento. Poz a sua pequenina mão na do marido. Denton afagou-lh'a docemente, com os olhos sempre cravados na amplidão immensa e semeada de ouro. Ali se deixaram ficar, emquanto o sol declinava e se sumia ao longe. Subito, Isabel estremeceu de frio.

Denton acordou bruscamente dos largos vôos da sua phantasia, e foi-lhe buscar um chale.

A' Ex.ma Redacção d'o "Demo-
crata"
envia, antecipando agradecimentos
Gomes de Carvalho

A MORTE DE CHRISTO

Do mesmo auctor:

Historia de um Ideal. Romance de costumes nacionaes 1 vol.. 600

Nosographia de Camillo Castello Branco. These apresentada á Escola Medico-Cirurgica de Lisboa. Esgotado.

A Morte de Christo

(Monographia medica)

POR

Alberto Pimentel, filho

Da "Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa"

LISBOA
LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor
158, Rua da Prata, 160

1902

Este trabalho não tem intuitos religiosos: é uma monographia puramente medica. Ocioso seria trazer para a tela da discussão assumptos irritantes, fazer resurgir a pretendida rivalidade entre sciencia e religião. E sobre ocioso, enfadonho.

Convenção-se os senhores theologos, de uma vez para sempre, de que se esmiuçamos os segredos da natureza, o fazemos impellidos pela sêde da verdade, eterno e doce tormento que nos subjuga o espirito e nos leva a rebuscar a origem da vida, a razão da sua existencia e o fim para que caminha. Tem sido ardua a tarefa, não obstante a serena coragem dos nossos apostolos e dos nossos martyres, que os hemos tido, e não poucos. Possuimos tambem a nossa biblia e dia a dia trabalhamos nella. A aspiração dos grandes sabios e dos trabalhadores humildes, como eu, consiste em inscrever nessa biblia collossal um versiculo da sua lavra.

Ah! Mas ainda lhes deixamos um vasto campo aberto a todas as especulações metaphysicas. O nosso positivismo não é, como os seus dogmas, intransigente. Ha uma barreira para além da qual não temos a estulta pretensão de passar, que mesmo reconhecemos insuperavel. Houve um momento de mais encarniçada lucta, é certo. E' que urgia apurar graves responsabilidades.

Bradamos então pela humanidade. Chamamos *crime* aos autos de fé e fizemos vêr toda a hedionda maldade dos que mandavão queimar hystericos, rubricados com a designação diabolica de feiticeiros. Depois, cessando o delicto, volvemos ao

tranquillo labor de investigar a verdade e só de quando em quando algum praxista, ferrenhamente orthodoxo, nos vinha assaltar d'emboscada, em refregas covardes.

Assim ficamos e assim estamos ainda hoje. Tranquillisem-se, pois. Esta monographia não vem em nada alterar esse estado de coisas. Cultor amantissimo da sciencia que professo, nem sequer admitto a hypothese d'alguem poder pôr em duvida a boa fé que me anima.

Chego até a acreditar em milagres, mas nos milagres da sciencia em que me eduquei e que procuro exercer com a maxima dignidade.

O facto de Moysés ter feito brotar a agua de uma rocha pelo simples toque da *vara milagrosa*, é tão estupendo como o de Lavoisier que, no recinto de um laboratorio, conseguiu *fazer agua*, sob uma fragil campanula...

*

*   *

Pelo presente trabalho, não lograrei a honra de ser inscripto no *Index*.

Cautelosamente afastei d'elle todas as considerações de ordem puramente religiosa.

A ideia fundamental da monographia, a interpretação medica da morte de Christo, foi-me avigorada pelas recentes investigações scientificas sobre o celebre sudario de Turim.

A imprensa portugueza muito pela rama deu conta d'essa palpitante questão, de modo que, na hora actual, a maioria dos portuguezes cultos desconhece o assumpto.

Na primeira parte da monographia, limito-me a expor as conclusões a que a sciencia chegou a respeito do lençol de Christo. Para isso me soccorri do trabalho do naturalista francez Paulo Vignon, a cuja intervenção o mundo scientifico deve o conhecimento do sudario. Trabalho notavel sob todos os pontos de vista, de uma clareza e verdade scientifica muito para louvar, está por certo destinado a levantar interessante discussão, tão palpitante e intrincado é o assumpto.

Depois, na segunda parte do meu trabalho, procurarei investigar, á face da sciencia medica, qual a verdadeira causa da morte de Christo, ajudado pelos dados inesperados que o sudario de Turim veio revelar.

Não desconheço a delicadeza do assumpto, nem a sua grande difficuldade. E devo desde já dizer que me não offusca a vaidade de ter cortado o nó gordio.

Formulo hypotheses, que aliás procurei assentar em alicerces seguros. Só os da minha classe poderão discutil-as com consciencia e só ás suas observações responderei, se acaso a monographia lhes merecer a importancia de me chamarem á liça.

Para elles escrevi e com elles me quero. E não tendo podido escapar á *fatalidade* do exordio, denodada e sinceramente entro no assumpto.

O LENÇOL DE CHRISTO

I

Este lençol de Christo tem a sua historia.

De origem muito nublósa, essa historia toma foros de indiscutivel a partir do anno de 1353. Por essa época, o conde Geoffroy I de Charny, fez doação da reliquia a uma abbadia cuja fundação elle proprio promovera. Era em Lirey, essa abbadia, perto da cidade de Troyes. [1]

O conde, governador da Picardia, acompanhara Humberto II na cruzada de 1346. Seria nessa occasião que Geoffroy alcançou o lençol de Christo, fosse como espolio de guerra ou como recompensa a possiveis feitos de valor?

Esse ponto da questão é perfeitamente obscuro. De resto, o que importa estabelecer é o facto da doação. Depois, sabendo-se desde que momento o

---

(1) Troyes, *Tricasses*, *Trecæ*, depois *Augustobona,* cidade do departamento do Aube, sobre o Sena, a 161 k. S. E. de Paris por estrada, a 167 kil. pelo caminho de ferro; 34·613 h.

lençol figura como peça historica, a curiosidade incide naturalmente sobre qual a sorte da reliquia antes d'aquella data.

Ora em 1203, Robert de Clary refere-se á existencia em Constantinopola, no anno de 1200, de um lençol que, na capella imperial, era venerado como sendo a propria mortalha de Christo. Tempos depois, em 1205, Constantinopola é posta a saque pelos latinos [1] e o lençol desapparece, sem que haja vestigios do descaminho que levara.

De 1205 a 1353 ha quasi o longo espaço de cento e cincoenta annos. Qual seria entretanto o destino da reliquia ?

O padre italiano Solaro aventa a seguinte hypothese a esse respeito :

No saque de Constantinopola, a capella imperial

---

(1) Por *latinos* deve entender-se aqui a gente que formava a 4.ª crusada, a qual, na sua totalidade, era constituida por francezes e venesianos, isto é, por individuos da raça latina. De resto, na idade media, principalmente no tempo das cruzadas, dava-se o nome de latinos a todos os povos da Europa, cujo paiz fizera parte do antigo imperio romano do Occidente. Assim os differençavão dos povos do imperio *grego* ou do Oriente.

Esta 4.ª cruzada, pregada por Foulques de Neuilly, sob o pontificado de Innocente III, não passou além de Constantinopla, que tomou, expulsando o usurpador Alexis l'Ange e collocando no throno Alexis le Jeune. Um anno mais tarde, os mesmos cruzados retomarão Constantinopla, de novo caida nas mãos do usurpador DUCAS MURTZUPHLE.

de Blakernes foi respeitada, o que é uma verdade historica. Um certo bispo de Troyes, por nome Garnier de Trainel, foi indicado para depositario de todas as reliquias encerradas na citada capella.

O bispo dispoz d'esses objectos a seu belprazer, chegando a mandar alguns d'elles para o Occidente. O facto é ainda historico, sendo até conhecida a lista d'esses objectos. Pois nessa lista não figura o santo sudario. [1]

Mas são esses os unicos dados historicos em que o padre Solaro appoia a sua hypothese. Tudo o mais é mera presumpção. Assim, o bispo Trainel teria conservado o sudario, attenta a valia da reliquia e talvez no intento de mais tarde o trazer para o Occidente. A morte, porém, colheu-o nessa possivel disposição pelo anno de 1205.

([1]) No decurso d'esta monographia, empregarei indistinctamente os termos *sudario* e *lençol*. Em latim, *sudarium*, significava uma especie de lenço com que se estancava o suor e que tambem se empregava para cobrir a cabeça dos mortos. Esse costume subsiste entre nós, ainda geral na provincia. O lençol era designado pelo termo *sindon*, d'origem grega e que significa tecido leve de linho. Era ainda costume envolver nelle os mortos. No enterramento *classico*, o corpo era lavado, ungido e ligados os membros superiores e inferiores. A cabeça era coberta pelo sudario e por fim o corpo embrulhado num lençol. Ora no enterramento de Christo, limitarão-se ao lençol e mais tarde saberemos porquê. Assim, cobrindo-o este da cabeça aos pés, servia-lhe simultaneamente de *sudarium* e de *sindon*. Fica justificado por esta forma o emprego indistincto dos dois termos.

Então, illegitimamente, um dos officiaes que servião com Trainel, ter-se-hia apossado do lençol de Christo, chamando-lhe seu. Tudo está em poder-se descobrir qual seria o autor da proeza... para não chamar-lhe outra coisa. Entre os nomes d'esses officiaes, figura o de um parente de qualquer dos ascendentes de Charny. D'onde o padre Solaro conclue que, por esta fórma, o sudario se converteria em pertença da familia de Geoffroy.

Ahi fica a explicação que, se não é lisongeira para as memorias do bispo e do parente de Charny, é engenhosa e demonstrativa da eterna cubiça humana.

De 1353 a 1355 o santo sudario é exposto á veneração dos fieis: formão-se verdadeiras peregrinações com o fim exclusivo de admirar a mortalha de Christo.

Todavia, o bispo de Troyes, Henri de Poitiers, entende dever fazer cessar a adoração do sudario, na duvida da authenticidade da reliquia, que, por esse facto, parece ter sido devolvida ao doador. Em 1398 a hydra renasce: fazem-se novas ostentações do sudario e ainda uma vez a autoridade episcopal intervem, suspendendo-as.

A questão assume proporções graves e debate-se entre os conegos e o então bispo de Troyes, Pierre d'Arcis, n'um dos campos; no outro, entre o proprio bispo e o papa d'Avignon, Clemente VII. Os conegos de Lirey deffenderão-se galhardamente e a prova é que Pierre d'Arcis perdeu a questão.

O bispo, espicaçado pela derrota, jurou guerra sem treguas ao sudario. Uma commissão de theologos é encarregada de avaliar a authenticidade da reliquia e chega á conclusão de que o sudario é uma mera pintura, cuja ostentação *expunha as almas fracas e ignorantes ao perigo da idolatria.* Chegou-se mesmo mais longe e Pierre d'Arcis parece ter apurado que um dos seus predecessores no bispado de Troyes, obtivera a confissão de que o sudario era uma pintura fraudulenta, confissão que teria sido ouvida da propria bocca do pintor encarregado da factura da reliquia...

Ora essa confissão, diz-se ter sido obtida em 1355 pelo bispo Henri de Poitiers. *Diz-se*, mas nada mais, visto não haver documento algum que o prove. Como é então que, argumenta Paulo Vignon, trinta e quatro annos decorridos sobre essa confissão, e não existindo d'ella prova directa, a sua citação assume um subito valor?

Se já em 1355 o inquerito official tivesse encontrado provas positivas da fraude, como se comprehende que a ostentação do sudario não fosse desde logo absolutamente interdicta?

O argumento da confissão, de que não ficou vestigio material, é de inferior valor juridico, para mais que só d'elle se lançou mão decorridos trinta e quatro annos sobre a época possivel d'essa confissão, isto é, em 1389.

Depois, a commissão de theologos não teria os conhecimentos sufficientes para avaliar a verdadeira

natureza de uma impressão chimica negativa, que outra coisa não é o sudario, como mais tarde veremos.

Seja como fôr, o certo é que os de Lirey obtiverão a permissão final de mostrar o sudario, mas como uma copia. Tal a ordem do papa d'Avignon.

A partir d'então, o sudario gosa de uma socegada vida, na posse dos conegos de Lirey. Em 1418, porém, a reliquia é confiada, temporarimente, ao genro de Charny, Humbert, conde de la Roche. Morto este, a filha de Geoffroy II de Charny, Marguerite de Charny, recusa-se a restituir o sudario aos conegos de Lirey, mas desfaz-se d'elle em proveito dos duques de Saboia.

Pouco a pouco, a authenticidade do sudario ganha terreno e a crença fervorosa dos christãos aureola-o de uma luminosa confiança. Em 1502, pelo mez de junho, o sudario é encerrado na capella do castello de Chambéry. Livre já da colera de Pierre d'Arcis, novos perigos o aguardão ainda. Depara-se-lhe um inimigo terrivel, devastador. É o fogo, que no anno de 1532 em parte destroe a citada capella. Mas o sudario escapa, posto que o fogo ainda chegasse a attingil-o, marcando-o com um sello eterno.

E, por fim, em 1578, a reliquia é removida para Turim, onde se tem conservado até hoje.

*
* *

Reliquia veneranda! Após os tempos tormentosos de 1355–1389, após a eminencia da destruição pelo fogo, a sciencia do seculo XX foi buscar-te ao teu repousado esquecimento. Não a moverão impulsos de odio, nem menosprezo atheu. Foi buscar-te piedosamente, olhou-te com assombro, investigou da tua verdade, acolheu-te, decifrou a tua incongruencia, ergueu-te mais alto do que nunca, como padrão glorioso de um facto historico. Para ti começa agora a verdadeira vida de redempção, eterna e segura, escudada pela inabalavel força da sciencia.

Livremente, na infinita marcha do tempo, tu poderás ser d'hora ávante, para as almas christãs, o indessoluvel laço que une a verdade do passado á crença do futuro.

A' sciencia, e só a ella, deves a tua resurreição.

———

II

Foi em 1898 que as attenções de novo se concentrarão sobre o sudario.

Por essa época, abria-se em Turim uma exposição de arte sagrada e o rei Humberto autorisava a inclusão do sudario de Christo, entre os objectos que devião ser expostos.

Antes de mais nada, convem dar uma descripção, ainda que rapida, do celebre lençol. Tecido de linho, mede $4,^{m2}10$ de comprimento, por $1,^{m2}40$ de largura.

Gasto pela acção do tempo, de uma côr amarellada, como que de pergaminho, em parte esburacado, marcado pelo fogo, esse lençol conserva impressas nublósas imagens, que constituem todo o seu valor historico. Miseravel mortalha de um morto glorioso!

As imagens gravadas sobre o sudario de Turim, verdadeiras manchas, á primeira vista, podem repartir-se em duas cathegorias. A' primeira pertencem as que se dispõem segundo o eixo do lençol e

que são de uma côr castanha-avermelhada. Quanto ás outras, formão, por assim dizer, duas series parallelas, collocadas para fóra e aos lados das precedentes, sendo de uma coloração negra.

Ora essas manchas centraes, rigorosamente decifradas, revelão-nos as duas faces do corpo de um homem, collocadas no mesmo prolongamento, isto é, as duas projecções da cabeça gravadas frente a frente.

Para se conseguir tal resultado, necessario é que o homem a quem o lençol serviu de mortalha, tivesse sido estendido sobre uma porção do tecido e que a restante parte do lençol lhe fosse rebatida sobre a cabeça, de maneira a cobril-o até á extremidade dos pés. Assim, na primeira porção do lençol, ficou gravada toda a face dorsal do corpo; na porção rebatida, toda a parte anterior do mesmo corpo.

A analyse detalhada de cada uma d'essas imagens, demonstra o seguinte:

Imagem anterior. — A parte mais visivel da imagem anterior e tambem a mais notavel, é certamente a cabeça. Tem o seu quê de estranho e de aterrador. O nariz mostra-se ennegrecido; os olhos, cercados de um circulo branco; a bocca, quasi sómente esboçada; das orelhas e do pescoço não ha vestigios. Lateralmente, os cabellos são representados por duas manchas sombrias, que se interrompem bruscamente, talvez porque o cabello passasse por detraz das espaduas, se bem que d'estas ultimas não haja vestigios. E, como que servindo de mol-

dura a essa curiosa cabeça, desenha-se nitidamente um rectangulo claro.

A partir da cabeça, o modelado da figura avigora-se, mas a certa altura é interrompido por uma risca clara. A parte reforçada, corresponde aos dois musculos peitoraes e a risca clara á depressão subjacente aos mesmos musculos. Seguidamente, uma sombra vaga, de contornos esfumados, marca a região epigastrica.

Os ante-braços são visiveis e estão collocados de um e outro lado do abdomen. Das mãos, uma apenas se vê, visto estar cruzada sobre a outra.

O desenho da bacia é evidente. Quanto ás coxas, uma mal se distingue e a outra é marcada por uma linha estreita. Um dos joelhos com facilidade se reconhece. Mas, mais para baixo, de novo a imagem se alastra, esfumando-se para os bordos até que, por fim, se interrompe sensivelmente na altura dos artelhos. O motivo da brusca interrupção da imagem é este:

E' certo que na photographia, que serviu de guia ao estudo das imagens, essa interrupção parece real, mas no proprio sudario a figura é mais completa. Photographado o lençol por occasião da exposição de Turim, o cliché não reproduziu toda a reliquia, visto ter havido necessidade de enrolar as extremidades do sudario, por ser mais pequeno o quadro destinado á sua ostentação.

Imagem dorsal. — Mostra a região occipital e os hombros, a baixo dos quaes as omoplatas são mar-

cadas por duas manchas sombrias. O dorso é nitido, mas o mesmo não acontece com a região lombar, offuscada por sombras que convergem para o eixo do lençol. O sulco que separa as coxas das partes carnosas das ancas é evidente, em opposição á imagem das coxas, que fracamente se revela. A's regiões popliteas correspondem espaços mais claros, oppostos ao relevo dos joelhos. As panturrilhas apenas se desenhão e duas zonas accentuadas marcão os calcanhares. A planta dos pés estampa-se de frente.

Vejamos agora como Paulo Vignon interpretou a outra cathegoria de manchas. Já disse que ellas formavão, por assim dizer, duas series parallelas ao eixo do lençol. Mas ha mais. Sobre o fundo sombrio d'essas manchas, surgem outras, esbranquiçadas, constituindo verdadeiros entalhos.

As manchas ennegrecidas são certamente os vestigios que o fogo deixou sobre o sudario, por occasião do incendio da capella do castello de Chambéry, em 1532. Quanto aos entalhos claros, não são mais do que outros tantos remendos deitados após o incendio, uma verdadeira reperação da reliquia.

Eis a explicação do sabio naturalista francez: E' mais que provavel que, na occasião do incendio, o sudario estivesse dobrado á maneira commum, isto é, disposto em varias dobras feitas segundo o sentido do eixo e tambem segundo a largura. O fogo teria destruido um angulo e uma das arestas do fardo assim constituido. Deu isso em resultado que, des-

dobrando-se o lençol, apparecerão tantas porções carbonisadas, quantas dobras sobrepostas o tecido formara. Sobre essas partes destruidas forão applicados depois os remendos, os quaes, como notei, hoje se revelão no sudario sob o aspecto de entalhos claros.

E não é tudo. Ha ainda, no lençol de Turim, outras manchas. Mostrão-se estas sob a forma de losangos amarellados, limitados por linhas mais escuras e dentadas. Esses losangos estão dispostos na altura das partes carbonisadas. Na imagem anterior, um d'elles cobre a região epigastrica; o outro, os joelhos. Na imagem dorsal, um está collocado abaixo das omoplatas e o outro sobre as coxas.

Paulo Vignon, explicando essas *nodoas* suppõe que, por occasião do incendio de 1532, o lençol teria sido inundado d'agua, sem mesmo haver tempo de o desdobrar. O sudario seccaria mal, ficando durante mais tempo molhado um dos cantos do fardo por elle constituido. Antes de desdobrado o lençol, a *nodoa* deixada pela agua, deveria ter a forma de um triangulo rectangulo. Desdobrado, os quatro triangulos rectangulos dispostos em volta do fulcro de cada dobra, fundião-se, dando losangos completos.

E, ainda como vestigios do incendio, se devem considerar as duas manchas symetricas que o lençol apresenta e que estão collocadas na imagem dorsal, de um e outro lado da região lombar. São duas manchas deixadas pela agua, a esse nivel por certo carregada de particulas carbonisadas.

Tal o que de mais essencial nos revela o sudario de Turim.

Urge agora reatar o fio da narrativa. Por occasião da exposição de Turim, houve a ideia de photographar o sudario. Foi o advogado italiano Pia que se encarregou da tarefa. Quem haveria então de dizer que esse simples facto seria a origem de controversias e de numerosas investigações scientificas; que, a partir d'esse momento, começaria para o sudario uma vida d'evidencia, como resgate de um longo olvido!

Um dos jornalistas presentes ao acto, resume por esta forma as suas impressões:

«A' medida que a prova se ia revelando, vimos apparecer alguma coisa verdadeiramente inesperada. Era o desenho perfeito e completo da Santa Face, das mãos e dos membros que emergia, como se, em logar de se reproduzir o lençol que envolvera o corpo, esse corpo tivesse sido photographado directamente. O sudario era pois, por si mesmo, um *negativo* exacto do cadaver sanguinolento que nelle fôra embrulhado.»

Como esta monographia será por acaso lida por pessoas que desconheção em absoluto a terminologia photographica, convem dizer o que seja um *negativo*. E' á imagem de qualquer objecto ou pessoa obtida sobre uma placa que, em photographia, se chama um *negativo*. As porções escuras do objecto photographado apparecem, sobre a placa, em branco e as regiões claras ou brancas em negro.

Sobre a placa é, em seguida, collocado um papel sensivel á acção da luz. As porções negras da placa, interceptando a passagem dos raios luminosos, deixão brancas as partes correspondentes do papel; as porções brancas deixando-se, pelo contrario, atravessar pela luz, ficão marcadas em negro sobre o mesmo papel. A imagem assim obtida é, precisamente, o inverso da placa, isto é, reproduz tal qual o objecto ou pessoa photographada. Chama-se-lhe, por opposição á primeira, um *positivo*. De modo que um retrato, é um *positivo* em relação ao sujeito que reproduz, mas é um *negativo* em relação á placa photographica.

O sudario de Turim um negativo! Que revelação geradora de cuidadosas investigações...

Em torno d'essa formosa photographia, vae erguer-se um mundo de hypotheses, um mundo de duvidas. Chega-se a dizer que, sómente por um artificio profissional, se poderia obter, photographando o sudario, um negativo. Tal a opinião de M. Mély, um dos mais intransigentes criticos da reliquia de Turim, o qual avançou que, tendo a photographia sido obtida por *transparencia* e por meio da luz electrica, as porções brancas do sudario, que para elle, Mély, é apenas uma pintura, terião ainda a espessura sufficiente para, interceptando a passagem das ondas luminosas, se gravarem em negro, formando um negativo.

A allegação é falsa. O sudario foi illuminado *de frente* por dois globos electricos, collocados á dis-

tancia de dez metros do mostrador que o encerrava. Tal a affirmação do barão Antonio Manno, presidente da commissão executiva da exposição de Turim.

Está, pois, provado que a reproducção photographica do sudario, constituindo um negativo do proprio negativo que o lençol apresenta, não é mais do que um positivo em relação ao homem que foi amortalhado no extraordinario *sindon*.

Mas, por que processo se gravou essa imagem no lençol?

E' este o ponto delicado da questão, perigoso *mare magnum*, cheio de escólhos traiçoeiros, de passagens insondaveis. Qualquer espirito pouco firme, colhida esta primeira impressão, recuaria no proposito de decifrar o enigma de Turim, não vendo sahida airosa á empreza. Felizmente, para honra e gloria da sciencia positiva, dois homens, dois sabios francezes, tomarão sobre os hombros a pesada tarefa e conseguirão vêr os seus esforços coroados do mais bello resultado. Um é já nosso conhecido. O outro, é o commandante Colson, repetidor de physica na Escola Polytechnica de Paris. E' a resenha das suas investigações scientificas que vou procurar fazer.

*

* *

Antes de descobrir o processo particular pelo qual a imagem de um corpo se poderia ter gravado sobre o lençol, urgia afastar uma supposição que, além de verosímil, ia acorrentando adéptos.

Refiro-me á ideia do que o sudario podesse constituir uma possivel fraude, sendo o trabalho de um pintor. Vejamos então se assim poderia ser.

Paulo Vignon, investigando o facto, chega á conclusão negativa. Acompanhemol-o nas suas deducções.

Dado que o sudario fosse a obra de qualquer pintor da idade-média, o artista que o executou não podia ter a consciencia de que estava produsindo um *negativo*. O *negativo* não existe na natureza e no seculo XIV, época em que a pintura poderia ter sido feita, era ainda desconhecida a inversão a que a luz dá logar sobre uma placa sensivel.

Mas, a propria essencia do trabalho a excutar, levaria o pintor a produzir alguma coisa que, na realidade, constituisse um *negativo*. Com effeito, o que se procurava obter era, não precisamente o retrato do Christo, mas a impressão que o corpo e o sangue do filho de Maria poderião ter deixado no lençol. Ora qualquer impressão, visto marcar mais as saliencias que as depressões, implicitamente constitue um *negativo*.

Casos ha em que a reproducção de um objecto, com inversão dos claros e dos escuros, se pode obter com facilidade, mas só, bem entendido, quando o objecto fôr extremamente simples: uma esphera, um cylindro, etc.

A difficuldade seria, porém, enorme, logo que o falsificador tratasse de inverter o aspecto normal dos traços physionomicos da figura a executar. Que pon-

tos de referencia poderia elle escolher para accentuar a inversão? Depois, que technica especial seria necessaria para poder obter esses effeitos? Que visão poderia interpretar esses refórços e esses esbatidos das tintas, reconstituindo o modelo? Assim levada a cabo, a pintura ficaria um *borrão* indecifravel.

Posta de lado esta hypothese, outra surge. A pintura do sudario teria realmente sido executada em *positivo*, mas a acção do tempo é que lhe teria dado o aspecto *negativo* actual. M. Chopin, um dos criticos do sudario, arvorado em paladino d'esta ideia, explica-a pela forma seguinte:

«As partes claras, carnes ou outras, são mais empastadas e as sombras são pintadas mais ligeiramente, para lhes dar profundidade. Pintado nestas condições, que são as habituaes, o Santo-Sudario atravessou periodos criticos, como o do incendio da Santa-Capella em 1532, por exemplo, em que a constituição das suas côres seria profundamente modificada. Os oxydos de chumbo que formão os claros, serião intimamente sulfurados pelos vermelhos ou por emanações exteriores, como quasi sempre acontece nas pinturas antigas; as terras naturaes poderião ter sido descascadas pelo calor, ou o bitume queimado, evaporado, destruido; tudo isto é possivel.

«O que teria então ficado após o incendio? Uma imagem cujos claros e todas as partes mais ou menos misturadas de branco, demudarião propor-

cionalmente para negras;... e partes mais ou menos desnudadas».

Ora as pinturas antigas não erão particularmente empastadas nos claros e para dar ás sombras a profundidade conveniente, a boa technica não manda executal-as ligeiramente, como M. Chopin avança.

Para que os claros não destaquem muito, para que as sombras se alastrem convenientemente, num esfumado rasoavel, para, numa palavra, se executar o claro-escuro, necessario é que as sombras sejão pintadas sobre um conveniente *apparelho*, o que lhes dá certo grau de espessura, muito differente do caracter de ligeireza que Chopin lhes assignala como norma de factura. Em geral, entre os claros e as sombras, a não ser em condições especiaes, ha uma certa differença de nivel, embora suava, quasi insensivel, uma transição gradual que harmonisa o conjuncto, evitando bruscos resaltos. O empastado não *nada* nas sombras, mas continua-se com ellas por uma graduação delicada, salvo casos especiaes e em que haja conveniencia no contrario.

Ainda hoje admiramos a verdade de tons do celebre Rembrandt, a sua justa reproducção do claro-escuro. Pois o mestre flandez não seguia maneira diversa da que fica apontada.

Posto de lado este incidente, meramente technico, investigou Vignon se no lençol de Turim, constituido por um fino tecido de linho, se poderia ter executado uma pintura de molde a demudar para *negativa* em

virtude de alterações chimicas especiaes, levadas a cabo no decorrer do tempo. Essa inversão só se poderia ter dado em pintura executada a oleo ou a tempera. Com effeito, as côres de base de chumbo e as constituidas pelos sulfuretos de mercurio, sendo insoluveis, apenas podem ser empregadas diluidas em agua ou oleo e sob a forma de pastas semi-fluidas. E' nesse estado que ellas são estendidas sobre a superficie que se deseja pintar, em camadas de maior ou menor espessura, mas sempre sensivel.

Na pintura a tempera, essas côres são diluidas em agua a que se junta colla ou albumina e isto para lhes dar a elasticidade precisa a fim de adherirem aos fios da tela. A conservação de uma tal pintura só é possivel mantendo-se a tela desenrolada ou estando disposta em largo cylindro. Por outra forma, sendo a tela muito dobrada, como aconteceu com o sudario, a tinta fenderia no nivel das dobras e a tempera cairia em escamas, chegando a desapparecer quasi completamente. E conservada a tela na postura conveniente, o tecido que a constituisse chegaria a perder toda a flexibilidade, visto que a colla ou a albumina acabarião por lhe agglutinar os fios.

A pintura a oleo é executada sobre telas antecipadamente preparadas para receberem a côr e essa preparação já de si lhes dá uma rasoavel consistencia. Posto que a tinta, nestas condições, adhira muito mais á tela, a sua integridade só é compativel com a conservação da consistencia da propria tela. Mas

o sudario de Turim é, como já disse por varias vezes, um tecido muito frouxo: todavia, as imagens que nelle estão gravadas são ainda visiveis e não revelão empastamento algum. Como poderião, pois, essas imagens ter sido executadas a oleo?

Excluidas as pinturas a oleo e a tempera, ainda poderia suppor-se que o sudario fosse uma aguarella ou um producto de tinturaria. D'esse modo parece ter sido considerado pelos copistas, que o reproduzirão sempre em aguarella, reconhecendo que o sudario não apresentava empastamento algum, mas que a *tinta* perfeitamente se infiltrava no tecido, fazendo corpo com elle.

Ora nos processos de tinturaria, não ha, como na pintura empastada, o branco de chumbo apto, pela sulfuração, a inverter as imagens. O que ha são tinturas vegetaes. Mas, quem nos diz que essas tinturas não possão tambem, á semelhança das côres em que entre o alvaiade, converter-se em *negativos*? Que apure o caso quem quizer, se bem que o argumento seja destruido engenhosamente por Paulo Vignon.

Faz elle notar que as imagens do sudario são monochromas. D'este modo, sendo só uma a tintura empregada na factura d'essas imagens, a distincção entre os claros e os escuros, só se poderia obter pela accumulação da tintura nos espaços destinados a reproduzir as sombras. Se as imagens tivessem ennegrecido por uma acção chimica, as sombras, em logar de aclararem, ainda mais terião escurecido,

marcando um contraste frisante com os claros, que, menos adensados em côr, escurecerião em grau menor. Quer dizer, os caracteres positivos das imagens ter-se-hião avivado com o tempo, longe de se inverterem.

Não, o sudario não representa uma pintura commum, cujos claros tivessem ennegrecido pela acção do sulfureto de mercurio [1] empregado conjunctamente na sua factura. N'este caso, as imagens terião um outro aspecto, visto que os claros apresentarião a côr livida que o sulfureto de chumbo imprime ás substancias a que se junta. A pintura seria então *alourada* e não *denegrida*.

Que conhecimentos profundos, que previsão machiavellica deveria ter o pintor do seculo XIV! E' vêr a verdade anatomica das imagens do sudario; é ter em conta as minucias d'anatomia pathologica que elle revela, tudo isto n'uma época em que a anatomia e a physiologia pathologica nem dos sabios constituião caracteristica de, não diremos já regulares, mas, pelo menos, soffriveis conhecimentos.

Depois, é preciso fazer d'esse pintor extraordinario uma particular ideia. Seria um insubmisso, um revoltado em materia d'arte, rompendo perigosamente com preconceitos, num periodo em que a tradição era fé jurada, inatacavel reducto.

---

[1] *Cinabrio* ou *vermelhão*.

Por então,[2] a arte christã, refulgia num ideal de pura belleza. As virgens, os santos, os anjos, os Christos das suas telas, erão representados numa harmonia de linhas, cujo perfeito equilibrio traduzia a pureza physica em todo o seu esplendor. Pelo que toca a Jesus, os pintores da idade media, querendo systematicamente afastar-se de uma reproducção material, que os faria incorrer no crime d'atheismo, composerão um typo de perfeição plastica que servisse de norma, de eterno modelo a todas as imagens do Christo.

Assim se firmou o typo classico do Nazareno, candido e bello, resignado e humilde. E' sempre o rosto oval, um pouco allongado, a barba curta, os cabellos annelados e sedosos, separados ao meio, caindo em longas madeixas, como espiraes de ouro.

E de todo esse conjuncto, uma soberba irradiação de grave melancholia, como que a exteriorisação de uma alma sonhadora e amargurada.

Que differença sensivel entre o homem descripto

---

[2] Por então ... Que differença das primeiras tentativas da arte christã, em que Jesus chegou a ser representado por uma forma meramente symbolica (um peixe), segundo se deprehende das investigações archeologicas feitas nas catacumbas! O acrostico derivado da palavra grega ΙΧΘΥ((peixe) constituia uma formula d'arte para os primitivos christãos. Eis o acrostico : Ἰησοῦς Χριστὸς Θεοῦ Υἱὸς Σωτήρ (Jesus Christo de Deus filho, Salvador)

por Lentullus e a concepção de um Christo despido de toda a belleza physica, como o comprehenderão alguns dos primitivos theologos!

Para esses, Jesus, verdadeiro apostolo da resignação e da humildade, tendo vindo ao mundo unicamente para soffrer, não tinha necessidade de fazer-se amar pelos encantos da sua pessoa, mais sim pelo alto exemplo da virtude. «Elle tinha, diz S. Clemente d'Alexandria, não a belleza da carne que resalta aos olhos, mas a verdadeira belleza da alma e do corpo.»

«Para que nós comprehendessemos que a carne, comparada a divindade, não é nada, avança S. Cyrillo, o Filho de Deus quiz apparecer sob uma forma, que de molde algum era bella.»

Tertulliano vae mesmo mais longe: «Se Jesus é feio aos olhos dos homens, escreveu elle, se as suas feições são grosseiras e vís, reconheço nelle o meu Deus.»

Segundo os padres africanos, Jesus, para testemunhar-nos a sua dedicação, ter-se-nos-hia revelado sob um aspecto horrendo. O proprio S. Paulo, na sua epistola aos Philippinos, assevera que «Jesus se tinha apoucado recebendo a forma de um escravo.»

Mas a opinião contraria prevaleceu e Jesus começou a ser representado sob as formas da belleza ideal. Ninguem melhor do que Santo Agostinho exprimiu este aspecto constante de perfeição physica, como na seguinte passagem: «Elle (Jesus) foi bello

no seio de sua mãe, bello nos braços de seus pais, bello sobre a cruz, bello no sepulchro.»

Voltemos ao nosso pintor da idade media. Esse não se teria limitado a produzir um Christo feio, tel-o-hia feito disforme. Acaso é admissivel uma tal audacia, em época de tamanho fervor religioso?

Por outra forma teria rompido com a tradição o pretendido falsificador. Até então, e sempre depois, representava-se o Christo tendo a meio da palma das mãos, os vestigios deixados pelos cravos com que o tinhão fixado á cruz. Pois na imagem do sudario, a ferida produzida pelo cravo está collocada a meio do pulso.

Esse facto, que representaria, por parte do nosso pintor, um insensato ataque a tradição é, porém, sob o ponto de vista anatomico, de uma justeza perfeita.

Que succederia a um corpo crucificado, se acaso os cravos fossem enterrados a meio dás mãos?

Em virtude do proprio pezo do corpo, a ferida das mãos alargar-se-hia extraordinariamente e os ligamentos, submettidos a tão violenta distensão, acabarião por romper-se.

De tudo o que fica dito, se pode ligitimamente concluir que o sudario de Turim não é a obra de um pintor.

Mas Paulo Vignon não se limitou a afastar essa supposição. Quiz ir mais longe. Previu a objecção que os detractores do sudario poderião fazer, considerando-o como uma impressão, de caracter ne-

gativo, obtida por qualquer processo mechanico. Bastaria ter impregnado um cadaver com alguma materia corante, de modo a marcar a impressão do corpo sobre um lençol que o cobrisse, empregando-se para tal fim uma compressão regular?

Para melhor encarar essa supposição, Paulo Vignon tentou pôl-a em pratica, fazendo obter a impressão da sua propria cabeça, nas condições precisas que o sudario revela. A impressão que resultou d'essa experiencia foi por tal modo disforme, brutal, incongruente, que o distincto naturalista se julgou autorisado a poder affirmar que nunca o simples contacto de um corpo poderia ter gravado, mechanicamente, uma imagem tão real como a do sudario.

*

*   *

Em conclusão: As imagens gravadas sobre o lençol de Turim constituem um *negativo*. D'onde proveio esse negativo? Um pintor podel-o-hia executar directamente? Por forma alguma.

Poder-se-hia tartar de uma pintura positiva e commum, demudada para um *negativo*, em virtude de uma acção chimica? O facto não se deu com o sudario.

Qualquer processo mechanico, posto em pratica por um falsificador da idade media, conseguiria realisar um negativo? Embora o processo exista, é tão

defeituoso, tão incorrecto, que nunca por elle se obterião imagens semelhantes ás do sudario.

Sendo assim, podemos desde já affirmar que as imagens do sudario se produzirão espontaneamente. Tudo está agora em descobrir a lei pela qual o phenomeno se regularia.

Para isso volte o leitor a pagina e entre no capitulo que se segue.

III

As imagens gravadas no lençol de Turim, são o producto de uma *acção a distancia*, acção exercida pelo corpo envolvido no famoso *sindon*. Teem o seu quê de impressões photo-chimicas.

Tal a conclusão que Paulo Vignon logrou estabelecer. Saibamos como.

Em 1900, o commandante Colson, repetidor de physica na Escola Polytechnica de Paris, publicava um interessante trabalho, subordinado ao titulo: «Action á distance capables d'influencer les couches photographiques.»

Estas acções a distancia formão dois grupos distinctos. O primeiro abrange os phenomenos conhecidos pela designação generica de *acções por irradiação*, quer dizer, a impressão obtida neste caso deriva de um movimento vibratorio que, partindo do corpo impressionante, actua dynamicamente sobre a placa sensivel. Ao segundo grupo pertencem as acções produzidas sobre as placas photographicas por *gazes* ou *vapores*, que êmanão de certos corpos

e que actuão chimicamente sobre o alvo impressionavel.

A irradiação transmitte-se em linha recta num mesmo meio; atravessa certas substancias de contextura densa e póde apresentar phenomenos de reflexão, de refracção, de diffracção e de polarisação. Os gazes e vapores só se diffundem no ar e apenas atravessão substancias porosas.

Pelo que diz respeito á irradiação, muitas substancias ha capazes de a produzirem, sem a intervenção de qualquer apparelho optico. Estão nesse caso o thorio, o polonio, o radio, o baryo, o uranio, etc. Tanto esses metaes, como os saes que formão, receberão a denominação de substancias *radio-activas*.

Mas, para o caso do lençol, é ao grupo das acções produzidas pelos gazes e vapores que temos de recorrer, a fim de explicar scientificamente as imagens nelle gravadas.

O facto era de longa data conhecido, visto que em 1816, Nicéphore Niepce procurara influenciar, por meio de vapores, placas sensiveis. Russell, em 1897 e 98, determinou a acção produzida por certas essencias e resinas.

Em 1896, Colson estuda a acção dos vapores de zinco que são, para o caso, dos mais activos e conjunctamente consegue demonstrar a mesma propriedade para os vapores de magnesio e de cadmio.

Esses vapores, diffundindo-se, accumulão-se so-

bre uma placa gelatino-bromada e ahi ficam inertes até que a placa seja submettida á acção de um revelador. N'essa occasião, as particulas de metal que constituem os vapores, oxydando se em presença da agua e do revelador, originão a reducção do brometo.

A prova de que se trata de uma êmanação, de uma diffusão de gazes e não de uma irradiação, dá-a Colson na resenha dos seus trabalhos, apresentada á Academia das Sciencias.

Assim, conta elle ter disposto sobre uma placa sensivel, uma pequena lamina de zinco dobrada em angulo recto. Um dos ramos d'essa lamina repousava horisontalmente sobre a placa, emquanto o outro se erguia verticalmente. Em frente d'este ultimo ramo, a uma distancia de tres millimetros, foi collocado a prumo um cartão cortado em forma de janella, de modo tal que um dos lados da janella era constituido pela propria placa.

Ora se se tratasse de uma irradiação, ter-se-hião observado sobre a placa traços de sombra e de penumbra. Nada d'isso se viu. O que havia na placa era uma tinta cinzenta esbatida, que se estendia a partir do zinco, não só no espaço correspondente á preparação, mas em torno do cartão, exceptuando-se apenas a linha segundo a qual o cartão repousava na placa. Logo, os vapores tinhão contornado o obstaculo o que, implicitamente, prova a sua diffusão, d'elles.

E a certeza de que o phenomeno era devido aos

vapores de zinco e não a qualquer substancia contida no ar, derivava de que o mesmo resultado fôra obtido repetindo-se a experiencia no vacuo de uma machina pneumatica.

Se todas estas experiencias provavão a acção exercida por certos gazes e vapores sobre as placas photographicas, não se pensara em ir além, isto é, não se investigara se esses gazes e vapores poderião provocar imagens modeladas de objectos.

A verificação do facto, agora já feita, pertence a Vignon e Colson.

Para isso foi moldada em gesso uma cabeça de Christo, tendo o molde dez centimetros de comprimento. Sobre o gesso applicou-se, por fricção, uma certa quantidade de pó de zinco, pó muito fino e recentemente preparado. Em seguida, o molde foi collocado a tres quartos, sobre uma placa photographica coberta por gelatina e o todo encerrado numa caixa, ao abrigo dos raios luminosos. Quarenta e oito horas depois revelou-se a placa.

A coroa d'espinhos, a extremidade inferior do nariz e o queixo produzirão uma impressão intensa, isto porque estavão em contacto directo com a placa. Quanto á fronte, á região malar e ao globo ocular, as impressões forão diversas: a fronte e a região malar produsirão impressões mais activas que o olho e o bigode, sendo em seu conjuncto todas essas impressões inferiores ás citadas anteriormente.

Porquê? E' que estas acções a distancia são re-

gidas por uma lei geral, a saber: a energia da acção varia na razão inversa da distancia que separa o corpo impressionante do alvo impressionavel. Assim, no caso precedente, a coroa d'espinhos e as extremidades do nariz e do queixo produzirão impressões energicas, porque a distancia que as separava da placa, era nulla; a fronte e a região malar, algum tanto afastadas da placa, já originarão impressões menos accentuadas. E, como para o globo ocular e para o bigode a distancia era ainda maior, resultou que as impressões correspondentes diminuirão em nitidez em relação a todas as outras.

Essa imagem foi em seguida invertida por meio da photographia, obtendo-se, por contacto, um *phototypo* do cliché. Na figura modelada positiva, assim obtida, a cabeça do Christo appareceu com uma justa harmonia dos claros e das sombras, mas com o mesmo aspecto vago e meio nubloso do sudario, posto que em menor escala, attenta a homogenidade da camada de gelatina que revestia a placa photographica.

Paulo Vignon fez uma experiencia analoga á precedente, que é devida a Colson.

Para isso escolheu uma simples medalha, de pequenas dimensões e cujos relevos mais pronunciados não excedião um a dois millimetros.

Sobre essa medalha, executada em prata, deixou cair um fino polvilho de zinco recentemente preparado, tendo, por meio de um pincel de marta, retirado o pó que se depositara sobre o fundo unido da

medalha. E em torno da mesma medalha deixou ainda algum pó de zinco, a fim de inquadrar a imagem. Sobre o objecto assim preparado inverteu uma placa photographica, assente em calços de cartão collocados de cada lado da medalha, cujos pontos de contacto com a placa ficarão sendo a fronte e o hombro esquerdo da figura representada na mesma medalha.

Vinte e quatro horas depois o cliché foi revelado e o resultado obtido era satisfatorio, visto que a impressão reproducia os detalhes mais delicados.

As duas experiencias que acabo de relatar dizem respeito aos vapores de zinco, mas o phenomeno que ellas revelão é possivel em muitos outros casos, dado que se realisem as seguintes condições.

1.ª O vapor deve ser emittido numa atmosphera tranquilla.

2.ª A evaporação deve ser regular.

3.ª A evaporação deve exercer-se durante tempo prolongado.

4.ª A superficie receptora deve ser idonea.

*

*   *

Como applicar agora estes principios ao caso do lençol de Turim?

Para isso, teremos de saber que gazes ou vapo-

res intervierão no caso e de que natureza era o alvo sobre que esses mesmos vapores ou gazes actuarão.

Vejamos o que diz respeito ao alvo sensivel.

Para preservar os cadaveres da decomposição, os orientaes e, entre elles, os israelitas, usavão uma especie d'unguento cujo vehiculo era o azeite muito puro, obtido pela trituração de azeitonas em almofariz. As substancias activas erão gommas-resinas: o aloes e a myrrha. Com o unguento assim obtido, untava-se o cadaver ou o lençol destinado a envolvel-o.

Como se vé, esta forma d'embalsamar é muito rudimentar se a comparamos com a technica delicada que os egypcios empregavão em casos taes. Os proprios embalsamadores, entre os egypcios, formavão uma classe á parte, *os parachistas*, possuindo certos conhecimentos anatomicos, que erão transmittidos de pais para filhos.

Entre os israelitas, parece que o corpo, depois da operação rudimentar do embalsamento, era simplesmente coberto pelo lençol, sem a interposição de ligaduras.

Ou então, para o nosso caso, o embalsamento do cadaver que o lençol de Turim envolveu, foi apenas provisorio.

Os numerosos vestigios de ferimentos que o lençol revela e a que em breve me referirei; provão que o cadaver não foi lavado e preparado pela forma classica. E, attenta a delicadeza com que os traços physionomicos estão marcados no sudario,

póde colligir-se que entre o corpo e o *sindon* não forão collocadas ligaduras.

Sendo assim, os aromaticos empregados no embalsamento constituião substancias capazes de converterem o lençol num alvo sensivel.

Com effeito, o aloes contem dois principios activos: a aloína e aloétina. A primeira d'estas substancias dá, com a agua, uma solução de um amarello claro e com os alcalis uma coloração alaranjada. Quanto á aloétina, em presença dos alcalis, dá uma colaração acastanhada.

Ahi temos já o alvo sensivel: um lençol impregnado de azeite e aloes. Mas onde os vapores alcainos capazes de, alterando o aloes, produzirem as modificações apontadas?

Colson verificou que um lençol untado de uma mistura de aloes e azeite, sendo exposto a vapores ammoniacaes, se deixa brunir por esses vapores e que o aloes, apenas em suspensão no azeite, antes da operação, forma com elle, após a acção dos citados vapores, uma mistura mais consistente, perfeitamente entranhada nos fios do tecido, sem comtudo obstar á conservação da flexibilidade do lençol, dado que a proporção do aloes não seja exagerada.

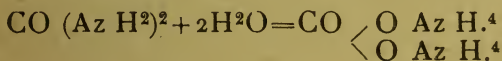
O tecido conserva uma coloração amarellada nos sitios em que os vapores ammoniacaes actuarão, coloração que perfeitamente se destaca das partes restantes, isto é, menos ou não actuadas pelos vapores.

A solução ammoniacal, bem como qualquer outra solução alcalina, amarellece tambem os tecidos impregnados d'aloes. Quanto ao azeite, a sua presença não é absolutamente necessaria, visto que a solução aquosa do aloes dá o mesmo resultado. Pelo que respeita á myrrha, ás mesmas experiencias forão repetidas, mas a acção obtida é fraca.

No caso do lençol de Turim, os vapores alcalinos, mais precisamente os vapores ammoniacaes, forão fornecidos pela evaporação do suor que humedecia o corpo embrulhado no *sindon.*

Em que condições póde o suor tornar se alcalino? Quando contenha uma accentuada proporção d'urea.

A urea, fermentando, transforma-se em carbonato d'ammoniaco, como se vê pela equação seguinte:

$$CO\,(Az\,H^2)^2 + 2H^2O = CO \left\langle \begin{array}{l} O\,Az\,H.^4 \\ O\,Az\,H.^4 \end{array} \right.$$

E dizemos uma forte proporção d'urèa, porque, mesmo normalmente, o suor contem uma certa dose d'aquella substancia.

Quanto ás condições que podem elevar notavelmente a urèa, no suor, são todas de ordem pathologica e entre ellas se salienta a existencia de um accentuado movimento febril. Chega a haver verdadeiros suores d'urèa, que se espalha sobre o corpo com o aspecto d'uma fina poeira.

Nem é necessario appellar para o caso particular dos uremicos; fóra d'isso o phenomeno se póde observar.

Ora o cadaver de um crucificado, como era o que foi envolvido no lençol de Turim, deveria estar coberto de um deposito rico em urèa e proveniente dos suores profusos que erão, como mais tarde veremos, quasi banaes no supplicio da cruz. Evaporada a parte aquosa do suor, o corpo deveria necessariamente ficar lento. Se, nestas circumstancias, o cadaver fosse envolvido num lençol embebido de aloes, a fermentação da urèa, dando logar á formação de vapores ammoniacaes, produziria como consequencia a oxydação do aloes e impressões chimicas negativas se gravarião nesse lençol.

Tal o caso para a reliquia de Turim.

Mas, atraz fica dito que o sudario revela numerosos vestigios de ferimentos. Como ainda me não tinha referido a elles, convem enumeral-os.

Um d'esses ferimentos occupa, no lençol, o lado esquerdo do peito; no cadaver, dada a transposição das imagens, esse ferimento deveria estar situado do lado direito.

Tem o aspecto de um coagulo sanguineo e a hemorrhagia que o deve ter acompanhado deixou perfeitos vestigios sobre o tecido.

Na fronte, logo a cima do supercilio esquerdo, é muito visivel a imagem de uma gotta de sangue, proveniente de um ferimento, que, superiormente, se traduz por um ponto sombrio. Muito naturalmente, o sangue que escorreu d'essa ferida, encontrou em seu trajecto as duas rugas transversaes que tantas vezes sulcão a fronte. Sobre essas rugas,

o sangue alastrou formando duas manchas allongadas horizontalmente e continuando a deslisar, estancou por fim junto ao supercilio, sob o aspecto de uma gotta ou lagrima

Sobre os ante-braços revelão-se vestigios da hemorrhagia resultante das feridas dos pulsos. D'estas, apenas é visivel a do pulso esquerdo, visto o pulso direito estar encoberto pelo crusamento das mãos. Entre o ferimento do pulso esquerdo e as manchas acastanhadas que, no ante-braço correspondente, marcão a hemorrhagia, existem filamentos pallidos que, estabelecendo a continuidade entre a ferida e as manchas do ante-braço, não deixão duvidas sobre a origem do sangue.

E, sob os calcanhares, notão-se manchas acastanhadas, de bordos nitidos, devendo corresponder a sangue já coagulado. D'aqui o inferir-se que no homem amortalhado no lençol de Turim, os pés deverião ter sido atravessados por cravos, como os pulsos.

Ainda não é tudo. Nas partes carnosas do dorso, das coxas e das panturrilhas, surgem novos ferimentos, que devem ter sido feitos com um instrumento curto, mas pesado e brandido com violencia.

Cada uma d'essas feridas, analysada de per si, apresenta-se sob o aspecto de um alter, isto é, estreita na parte média e dilatada nas extremidades. A coloração, menos nitida na parte média, accentua-se porém nas extremidades.

O instrumento capaz de produzir taes ferimentos não póde deixar de ter sido o *flagrum* romano.

Anthony Rich, no seu «Diccionario das Antiguidades Romanas e Gregas», traduzido do inglez por Chéruel, inspector da Academia de Paris, a pag. 273 dá a seguinte noticia sobre *flagrum:*

«Instrumento de que se servião principalmente para punir os escravos (Plaut. *Amph.* IV, 2, 10; Mart. XIV, 79); era composto de varias correntes com botões de metal nas extremidades (d'ahi o epitheto *durum*, Juv. V, 172), e prezo a um cabo curto, á semelhança d'um chicote; contundia mais doque açoutava. Por isso os seus effeitos são exprimidos por palavras que significão contundir fortemente, bater com força, quebrar (*pinsere* Plaut. *Merc.* II, 3, 80; *rumpere*, Ulp. *Dig.* 47, 10, 9), e não cortar ou açoutar, traço caracteristico do *flagellum.* Depara-se entretanto em Tito-Livio (XXVIII, 11) *cæsa flagro.* A gravura é copiada de um modelo descoberto em Herculanum; tambem se encontrarão outros exemplares em casas d'esta cidade, com duas e cinco correntes, mas de resto semelhantes ao que reproduzimos».

Os botões do *flagrum* não tinhão, pelo menos nos exemplares d'Herculanum, a mesma forma das feridas reveladas no sudario e nas regiões que apontamos.

Mas a differença não é tão importante que possa destruir a hypothese de Vignon. Para o acaso presente, a peça metallica em logar de ser dilatada numa só das extremidades, era-o em ambas.

Essas feridas apresentão-se diversamente orientadas: algumas, e são as mais numerosas, estão *lançadas* de baixo para cima e da esquerda para a direita; outras, visiveis sobre a espadua esquerda e a porção correspondente do dorso, apresentão-se orientadas symetricamente em relação ás primeiras.

Quer dizer, no primeiro caso, o flagellador deveria estar por detraz e á esquerda do condemnado; no segundo caso, ainda por detraz mas á sua direita.

E' isto o mais importante com relação aos vestigios de ferimentos que o *sindon* accusa.

O que importa, é saber como a imagem dos coagulos sanguineos conseguiu gravar-se no tecido.

A' primeira vista, a impressão deixada por esses coagulos parece constituir uma excepção á regra geral observada para a reproducção das restantes imagens. E' que essa impressão ficou gravada positivamente e isto porque os bordos dos coagulos, mais espessos e pronunciados, portanto em contacto mais directo com o lençol do que a sua parte central, reproduzirão-se com maior energia, dando uma imagem que tem o aspecto normal, visto todo o coagulo ser mais denso nos contornos do que na depressão mediana.

Quanto ao processo chimico em virtude do qual esses mesmos coagulos fixarão suas imagens, não differe do que fica apontado para as outras reproducções do lençol. Os coagulos actuarão não só pelo cabornato de soda que o soro contem sempre, mas ainda pela urèa que nelles se deve ter incorporado, como no suor.

*

* *

Assim estudado o lençol de Turim em todas as suas minucías, ser-nos-ha possivel descobrir a identidade do homem a que elle serviu de mortalha?

Assevera a tradição que nesse lençol foi envolvido o corpo do Christo e tudo leva a crêr que assim fosse.

Não póde haver duvidas sobre ter sido o corpo de um condemnado o que esteve em contacto com o celebre *sindon*.

Esse homem deve ter soffrido dois supplicios: o da flagellação e o da cruz.

Ora naquella celebre manhã de sexta-feira 14 de nisan (3 d'abril), Jesus foi levado á presença do procurador Pontius Pilatus. Tendo representado em todo o drama da condemnação de Jesus um papel perfeitamente passivo, este Pontius Pilatus não logrou escapar ao anathema da mór parte dos chronistas da Paixão, os quaes vêem nelle um homem duro e inflexivel, deixando se arrastar pelo odio intransigente dos judeus.

Renan diligenciou d'algum modo, valendo-se de fontes historicas autorisadas, desfazer a lenda de crueldade que a tradição teceu sobre o procurador romano.

Pilatus teria até sido um bom administrador, cuja fama de crueldade derivaria de medidas energicas por elle adoptadas contra os judeus, no começo do

cargo que desempenhava, medidas que a intransigencia brutal dos seus subordinados provocara, mas que da parte do procurador parece terem assentado sobre um fundo de razão.

Necessariamente, para os romanos, os judeus deverião constituir um motivo de desprezo, já pelo fanatismo cruel que os empolgava no tocante a materia de religião, já pelos preconceitos que lhes constituião um óbice a qualquer forma de progresso moral ou material.

Por muitas vezes, Pilatus tivera de ceder perante os inflexiveis dogmas da lei moisaica, principalmente no que dizia respeito a trabalhos publicos. Qualquer tentativa de melhoramentos materiaes, era-lhe embargada pelo empecilho d'essa lei ardilosa e ronceira.

Respeitador dos direitos individuaes, como todo o bom romano, não foi por certo sem repugnancia que Pilatus se viu envolvido no caso do Christo. O Synédrio, [1] implacavel na sua orthodoxia, julgara Jesus como um blasphemador, como um destruidor

---

[1] Entende-se o Grande Synédrio : o tribunal supremo. Compunha-se de setenta membros sem contar o presidente, escolhidos entre os Sacerdotes, os Anciões e os Doutores da Lei. Representava, por conseguinte tres classes sociaes : os clerigos, os leigos e os legistas. O Grande Synédrio funccionava em Jerusalem As cidades de provincia tinhão pequenos synédrios compostos de vinte e tres membros, nomeados ou sanccionados pelo Grande Synédrio. Erão tambem denominados *Beth-din* (Casas de justiça).

do culto legal. Para esses crimes a lei judaica estabelecia a pena de morte, que aliás só o procurador romano poderia sanccionar.

A essa lei judaica detestava-a elle, Pilatus. Que lhe importavão os seus principios, as suas formulas ?

Os romanos erão muito artistas em materia relegiosa, para se deixarem influenciar por dogmas que, excluindo o culto da natureza, da força, da belleza e do amor, constituião um obstaculo á expansão de faculdades pelas quaes o homem costuma julgar-se como um ser á parte no meio da creação. Para elles, o grau de bondade, de clemencia dos deuses, derivava das condições estheticas das proprias mansões que os albergavão.

Os deuses alegres, amaveis, piedosos por excellencia erão os do ceu, eterna fonte de vida e de luz. Mas já as divindades dos abysmos e da morte erão lugubres, sombrias, terriveis. «O culto variava com a natureza dos deuses, escreve Preller, umas vezes alegre e sorridente, outras sombrio e cruel.»

Sobre os deuses dos campos e das florestas, das nascentes e dos rios, das colheitas e das vindimas, sobre a deificação de tudo que representava a vida exhuberante e fecunda, a riqueza, a satisfação de necessidades physiologicas, a alma dos romanos exhauria-se em symbolismos poeticos, em perfumadas lendas, em concepções impregnadas de sabor idealista.

Romano como era, Pilatus deveria pois detestar

a feição de mysterioso espiritualismo que caracterisava a religião judaica, em que o poder supremo, para sempre sumido em regiões reconditas, não procurava revelar-se em ostentações materiaes de belleza, unicas capazes de fazerem nascer a ideia do culto em almas impellidas por tendencias naturalistas.

Pensando satisfazer o odio dos judeus, Pilatus mandou primeiro açoutar Jesus. Mas isso não bastava ao rancor do Synédrio. Era necessario romper a todo o transe com a repugnancia do procurador. Então, surge a accusação feita ao Christo do crime de lesa-magestade. Proclamando-se rei dos judeus, Christo implicitamente se revoltava contra o poder do Cezar.

Pilatus vacillou. A accusação era agora mais grave, derivava da ordem religiosa para a ordem politica, visava directamente o representante do poder romano. Ceder, não seria pôr-se abertamente ao lado do accusado, partilhar do crime? Depois, o odio dos judeus já promovera, junto do Cezar, algumas queixas a respeito de Pilatus. Este novo motivo de represalias, provocaria maior reacção e a mina d'intrigas aberta contra elle em Roma, cavar-se-hia mais, derruiria, arrastal-o-hia a uma perda possivel. Cedeu.

Esse momento marca, na historia da humanidade, o inicio de factos collossaes. A lucta intima a que Pilatus certamente se entregou, ponderando a resolução a tomar, é que ha de ter eternamente o cunho

de pungente verdade que a assignala. O antagonismo entre o interesse material e a expansão de sentimentos humanitarios e altruistas é coevo da alma humana, tem-na acompanhado atravez a sua evolução. Christo foi, pois, condemnado ao supplicio da cruz.

No lençol de Turim, as phases d'esse martyrio extraordinario estão gravadas em imagens de uma nitidez indiscutivel, são a reproducção de uma crueldade sem nome.

A coroa d'espinhos, collocada sobre a cabeça de Jesus, como uma ironia cruel ao pretendido titulo de rei dos judeus, tambem lá deixou vestigios eternos. Ah, mas no decorrer do tempo, a fé de milhões d'almas tornou luminosas essas gottas de sangue, formou com ellas uma coroa de inegualavel valor, como ainda nenhum poderoso do mundo ousou cingir!

A lançada, tomada por Strauss na conta de um ardil symbolico de João, como mais tarde veremos, ainda no lençol de Turim apparece assegurada como um facto real.

Como negar que o lençol fosse a mortalha do Christo? As condições exigidas para a razão scientifica das imagens do sudario, acompanharão todas as scenas posteriores á morte de Jesus.

Elle foi amortalhado num lençol (Matheus, XXVII, 59; Marcos, XV, 46; Lucas, XXIII, 53; João, XIX, 40).

Christo foi embalsamado com aloes e myrrha (João, XIX, 39).

Mais tarde veremos que o corpo do Christo, na occasião do enterramento e mesmo ainda durante as horas que viveu na cruz, deveria estar inundado d'abundante suor e explicaremos a possibilidade d'esse suor poder ter sido um *suor d'uréa.*

Christo não esteve por muito tempo no sepulchro, tendo desapparecido o seu corpo ao segundo dia decorrido sobre o enterramento. Ora este facto indirectamente acaba de ser confirmado pelo lençol de Turim.

Com effeito, para que as imagens negativas do lençol se podessem ter conservado, necessario era que o corpo posto em contacto com elle não tivesse chegado a entrar em decomposição, visto que então as transudações acidas do cadaver destruirão a prova negativa já formada.

Não cabe á indole d'este livro a interpretação do desapparecimento do corpo do Christo. O ficar elle demonstrado pela conservação das imagens do sudario já não é pouco, sobre ser uma acquisição legitimada por principios scientificos.

Não pretendo indagar para onde foi o corpo de Jesus. Mesmo para a explicação de todos os incidentes de cunho sobrenatural que servirão de base ao dogma da resurreição, entendo sempre verdadeira a explicação de Renan, nos «Apostolos,» explicação firmada nos puros principios do criterio scientifico.

Se é certo que toda a scena da resurreição foi poeticamente colorida pelas hallucinações de Maria

de Magdala, da *desvairada* [1] Maria, como lhe chama Renan, a convicção ganharia rapido e facil incremento, porque tudo se conjurava para isso.

«Ser contagioso é proprio dos estados d'alma em que nascem o extasis e as apparições, escreveu Renan. A historia de todas as grandes crises religiosas prova que se communicão essas especies de visões em um ajuntamento de pessoas que tenhão todas as mesmas crenças; basta que uma affirme vêr ou ouvir alguma cousa sobrenatural, para que tambem as outras vejão e oução.»

E adiante :

«De mais, é preciso ter em conta qual era o grau de cultura intellectual dos discipulos de Jesus. O que se chama uma cabeça fraca liga muito bem com excellente bondade d'alma. Os discipulos acreditavão em phantasmas; imaginavão se cercados de milagres; estavão longe da sciencia positiva d'aquelle tempo. Essa sciencia achava-se em alguns centenares d'homens, só em terras onde tinha entrado a cultura grega.»

Fosse como fosse. Em todo o caso, sublimes hallucinações, doce ignorancia geradora de tantos beneficios para a humanidade.

---

[1] Maria Magdalena fôra possêssa de *sete demonios* (Marcos, XVI, 9; Lucas, VIII, 2). Isto hoje equivaleria a dizer-se: archi-hysterica.

A MORTE DE CHRISTO

I

Esta é que é a parte puramente original do meu trabalho.

De ha muito que a morte de Christo constitue, para o meu espirito, um motivo de fundas reflexões. Envolvida numa nuvem de mysterio, que alguns criticos se teem empenhado em rasgar, a morte de Jesus não logrou ainda até hoje ter explicação satisfatoria, appoiada em convincentes razões scientificas.

Mas, desde já, uma prévia explicação. Não tenho, ao escrever esta parte da monographia, pruridos de haver encontrado a firme solução do problema. Esta advertencia, em terra como a nossa avessa a innovações, principalmente no campo scientifico e onde a critica quasi sempre sacode azedamente qualquer commettimento com visos d'originalidade, era indispensavel.

Ah! Estava já a prevêr o fatal commentario. Que ousadia! Pois se os mais illustres biographos de Christo, por falta de fontes explicitas e autorisadas,

não teem encarado de frente o assumpto, brodando apenas a seu respeito ligeiras supposições, como é que um medico ignorado, apenas saido dos bancos da Escola, se atrave a buscar uma solução com vislumbres de verdadeira ? !

Ora este medico ignorado, cultor amantissimo da sciencia que lhe ensinarão, embora a palpitante questão da morte de Christo fosse para elle motivo de justo interesse, não tivera até hoje a coragem de trazer a publico o resultado do seu trabalho, por vêr que muito lhe faltava ainda.

Como norma a seguir no estudo da morte de Jesus, entendera, desde começo, que nada poderia conseguir sem traçar, como ponto de partida, a historia do supplicio da cruz, explanada sob o ponto de vista medico.

Investigando quaes serião as diversas *maneiras de morrer* dos crucificados, abrangendo as consequencias pathologicas do cruel martyrio da cruz, muito já se teria feito, porque então, reduzida a questão a proporções menos vastas, apenas restaría fazer entrar no quadro nosologico geral, o caso particular do Nazareno.

Isso fez e de ha muito, como fica dito. Mas, que documentos consultar ácerca de Jesus, no tocante a informações sobre os effeitos nelle operados pela crucificação ?

Os textos do Novo Testamento ? Mas que simpli. cidade a sua, que exiguidade de observações precisas, que falta de dados positivos !

O que ha nos Evangelhos, envolta na sua tocante rudeza, é muita concepção espiritualista, uma grande cautela em não materialisar a scena do Calvario, deixando pairar sobre o quadro uma meia tinta de sonho, um esbatido de duvida. [1]

O que os Evangelistas descrevião não era a morte do homem, era apenas o repouso transitorio do filho de Deus. Salientando sómente o que convinha ao symbolismo prophetico, na archi-tragedia do Golgotha, os quatro primeiros biographos de Jesus obdecião ao fim especial que tinhão em vista. D'ahi a escassez de suas informações.

O proprio João, mais explicito do que os synopticos, offerece apenas ligeiras bases para o assentamento de qualquer hypothese. Nelle encontramos um novo pormenor: o da lançada. Dentro em pouco terei occasião de discutir esse caso. Por agora,

---

(1) Renan considera do mesmo modo todos os Evangelhos, se bem que, no tocante á pormenorisação material, a todos sobreleve o Evangelho segundo Marcos. «Os detalhes materiaes, escreveu o autor da «Vida de Jesus», teem em Marcos uma nitidez que em vão procurariamos nos outros evangelistas.» Strauss, a seu turno, discutindo o Evangelho de Marcos, diz que *nelle transparece e resalta a escolha das expressões fortes e das descripções floridas.*

De resto, como fica dito, os dados materiaes são escassos e a seguinte observação de Renan é perfeitamente justa: «Tendo em mira sómente salientar a excellencia do mestre, os seus milagres, o seu ensino, os evangelistas mostrão uma completa indifferença por tudo o que não seja o proprio espirito de Jesus.»

limitar-me-hei a dizer que alguns dos historiadores do supplicio de Jesus, encontrando no incidente da lançada um mais solido ponto de appoio para a interpretação da morte de Christo, sobre elle desenvolverão varias supposições, avigoradas com dados anatomicos e argumentos de physiologia pathologica. Houve até quem pozesse em duvida a veracidade do facto. Ora para mim, urge dizel-o, o golpe de lança é apenas um mero incidente no supplicio de Jesus.

Inesperadamente, no meio d'esta insufficiencia de indicações seguras, neste cahos de diverssissimas hypotheses, surge o lençol de Turim.

E qual não é o meu espanto, ao saber que tudo quanto esse finissimo pedaço de linho revela, está de perfeito acordo com a maneira por que sempre interpretei a morte de Jesus.

Foi essa a força de desprendimento que me actuou, que me incutiu a necessaria coragem para trazer a publico o meu estudo, agora assente em alguns dados positivos.

Até que emfim! O' Christo, se a minha alma tem sido para a tua purissima philosophia um recatado ninho, se a tua figura immortal me tem servido de guia neste miserrimo transitar para a morte, se tens sido a minha cartilha, a minha biblia, o meu relicario, comprehenderás sem duvida a profunda commoção que me empolga ao esmiuçar a tua agonia, todo o colossal horror do teu martyrio, desenrolando aos olhos dos que tanto amaste o vasto oceano de dôr em que a tua vida se afundou...

Até que emfim ! Cada um dos teus gemidos, cada uma das convulsões que te abalarão o debil corpo, ainda que interpretadas positivamente, não deixarão nunca de ser a mais pura, a mais facetada, a mais luminosa crystallisação do amor, da humildade, da sublime coragem.

Até que emfim !

*

* *

O supplicio da cruz é de origem romana, posto tambem o houvessem empregado os syrios, os persas, os indios, os egypcios e carthaginezes.

Na Judea, só no tempo dos ultimos reis asmoneos começou a ser empregado e no tempo dos herodianos alcançou fóros de supplicio official.

Até então, o supplicio por excellencia, entre os hebreus, era a *lapidação*, apontada na lei de Moysés como o castigo adequado ás adulteras, aos blasphemos, aos violadores do *sabbat*. Era a morte pela pedrada, sendo as testemunhas do delicto as pessoas que arremessavão as primeiras pedras.

Entre os romanos, a crucificação era o mais infamante dos castigos. Prezos á cruz, morrião os escravos, os bandidos, os salteadores, os assassinos, toda a fina flôr da escoria social.

O *Ibis in crucem*, constituindo a formula juridica da crucificação, servia de remate á vida dos que fazião do crime um officio. Dada a sentença, o con-

demnado era conduzido pelos lictores até ao local do supplicio, quasi sempre situado fóra da area das cidades ou centros mais populosos.

Na ausencia dos lictores, quatro soldados (*quaternio*) fazião suas vezes, sobre a ordem de um centurião, pomposamente denominado *exactor mortis* ou *supplicio præpositus*.

O primeiro termo do castigo, a flagellação, era applicado no Pretorio. Fustigavão o corpo do suppliciado com varas de olmo, lategos de couro ou cordas entrançadas, cujas extremidades erão rematadas por nós. As feridas produzidas pelo *flagellum*, termo que servia para designar o instrumento do castigo, são sempre exprimidas, entre os autores latinos, por palavras que indicão a acção de cortar: *secare*, *scindere*.

Mas, para os casos em que a gravidade do crime ou a violencia dos juizes requeresse maior somma de martyrio, havia o *flagrum*, instrumento altamente contundente, cujos effeitos são designados por termos que traduzem a ideia de bater com força, de despedaçar: *pinsere*, *rumpere*. O *flagrum* era, como aliás já vimos, constituido por correntes ou cadeias, terminadas em botões metallicos.

Com o corpo cheio d'escoriações ou feridas contusas, mais ou menos fundas, consoante era empregado o *flagellum* ou o *flagrum*, mas em todo o caso muito dolorosas, porque a derme, posta a descoberto, soffria o attrito dos vestidos, revendo sangue, o pobre condemnado tinha de arrastar, até ao

local do supplicio, a propria cruz que representava o sello da sua ignominia.

A cruz! Tosco madeiro em que tanta vida miseravel se extinguiu, mas que foi tambem o leito de morte para o maior poeta e philosopho da humanidade. Milhares de gerações tem ajoelhado ante ella e a pezar de rude, symbolisa uma das mais soberbas concepções da alma humana.

Renan offerece, da cruz empregada para o supplicio, a seguinte descripção:

«A cruz compunha-se de dois barrotes em forma de T. Era pouco alta, tanto que os pés dos condemnados quasi roçavão o solo. Começava-se por erguel-a; depois, fixava-se-lhe o condemnado por meio de cravos enterrados nas mãos; os pés erão algumas vezes pregados, outras sómente ligados com cordas. Um cepo, especie d'antenna, era fixado a meio do corpo da cruz, passando por entre as pernas do condemnado, que sobre elle se apoiava. Sem isso, as mãos serião por certo dilaceradas e o corpo penderia. Por vezes, uma taboa collocada horizontalmente á altura dos pés, sustinha-os.»

A esse supporte mediano da cruz chamava-se *sedile*. O suppliciado, completamente nú ou tendo apenas em volta da cintura uma especie de saiote (*perizonium*), era guindado por cordas até a altura conveniente, cordas que só se retiravão concluida a collocação dos pregos ou cravos. Tinha isso por fim obstar a qualquer acto de resistencia.

Era então ministrada ao paciente uma bebida

aromatisada, composta de vinho e myrrha, bebida inebriante que, aturdindo-o, em parte attenuava os soffrimentos physicos originados pelo castigo.

Entre os romanos, o corpo dos condemnados era deixado sobre a cruz até á completa putrefação, ou até que as aves de rapina se encarregassem de o esphacelar. A lei moisaica, porém, impunha a obrigação do corpo ser levantado antes do pôr do sol. Ora muitas vezes, a vida dos suppliciados prolongava-se durante toda a noite e mesmo por todo o dia seguinte ao do castigo. Citão-se até exemplos d'alguns terem vivido sobre a cruz tres e quatro dias. (Petronio, *Sat.* 111 e 112; Just, *Hist.* XII, 7; etc).

Por isso, os judeus se servião, em casos similares, de meios que apressassem a morte dos condemnados. Estão nestes casos o *crurifragium* e a lançada, verdadeiro golpe de misericordia.

O *crurifragium*,[1] ou fractura e esmagamento dos

---

(1) Renan faz notar que só conhece um exemplo de *crurifragium* applicado como complemento da crucificação. Esse exemplo diz respeito aos dois ladrões suppliciados conjunctamente com o Christo. Parece-me que o facto não importa, necessariamente, a ideia d'excepção.

Se o *crurifragium* não servia de termo á crucificação, por que motivo se lembrarião d'elle para o caso dos dois ladrões? Sendo o golpe de lança o meio mais vulgar para apressar a morte dos condemnados e tendo sido applicado ao proprio Jesus, o que poderia explicar a excepção tida para com os outros dois suppliciados?

membros inferiores, era feito a golpes de clava. Strauss faz notar que esse supplicio não acompanhava, em geral, a crucificação feita á moda romana, mas que algumas vezes a substituia como castigo applicado aos escravos, o que, se lhes não dava uma morte immediata, lh'a dava comtudo rapida, pela gangrena consecutiva.

Tal era a technica do supplicio da cruz, que subsistiu no imperio romano até ao tempo de Constantino o Grande, o qual o aboliu no decimo terceiro anno do seu reinado.

Vejamos agora como poderia morrer um crucificado.

Struss, sobre a morte dos crucificados, escreveu:

«... a morte, *muito lenta*, era o producto da contracção spasmodica dos membros distendidos ou do esgoto insensivel das forças vitaes...» Esta opinião, não a posso eu aceitar. Acho uma grande simplicidade nos processos apontados como causa de morte.

A crucificação continha, na sua propria technica, motivos adequados a uma grande variedade de processos pathologicos.

Certamente que a maior ou menor sobrevivencia (exemplos de tres e quatro dias) dependeria das diversas condições de resistencia individual. Mas a par da morte lenta, haveria casos de morte rapida e até de morte subita. Nada contraria este modo de vêr. Por isso, eis em que termos ponho a questão :

Os crucificados poderião succumbir a uma morte subita ou a uma morte mais ou menos lenta. [2]

E' preciso attender a que, na morte subita, no supplicio da cruz, incluo todo o processo pathologico que no condemnado actuasse por conta propria, matando-o ainda antes que as consequencias morbidas do castigo se fizessem sentir. Quanto á morte mais ou menos lenta considero-a, para o caso, na accepção de um processo pathologico que immediatamente dependesse do proprio supplicio, que por elle fosse preparado, que com elle começasse e durante elle fosse evolucionando.

(²) Tem-se querido fazer do supplicio da cruz, no tocante aos seus effeitos pathologicos, uma ideia tão dynamisada, que se chegou a aventar que os crucificados, retirados da cruz ainda com *signaes* de vida, poderião restabelecer-se! Firma-se o conceito numa passagem de Josephus, o historiador judeo. Com effeito, conta elle *(Vita, 75)* que, regressando um dia de um reconhecimento militar, encontrou alguns prisioneiros judeos pregados á cruz. Vendo entre elles tres homens, seus antigos conhecimentos, pediu a Tito que lh'os cedesse. Forão os homens descidos da cruz e desde logo rodeados de todos os cuidados da medicina: só um sobreviveu. Além do numero ser pouco animador, ha a notar que se trata de tres homens crucificados á rômana, isto é, que deverião estar na cruz até ao advento da morte como unico producto do supplicio. Mas na crucificação á moda hêbraica, tóda a resistencia organica ao supplicio encontrava um obice na lei, que impunha o levantamento dos corpos antes do pôr do sol, isto é, no mesmo dia do castigo. E com o *crurifragium* e as *lançadas* fosse lá haver resistencia á crucificação...

Morte subita.—Entre as cousas de morte subita a que poderião succumbir os crucificados, figurão em primeiro plano as lesões cardio vasculares.

Sob este ponto de vista, ha a attender a que as lesões valvulares não produsem, em geral, e só por si mesmas, a morte subita. Maior importancia teem o atheroma e a dilatação da aorta, o aperto ou a obliteração das coronarias, a sclerose ou degenerescencia do myocardio, a symphise cardiaca. Dadas estas lesões, a morte subita pode ser provocada par varias causas occasionaes, entr as quaes figurão a emoção e a fadiga consecutiv. a grandes esforços musculares. A influencia da emoção é evidente, por exemplo, nos casos citados por Lesser: uma mulher, portadora de lesões do apparelho circulatorio, morre subitamente ao receber uma má noticia; outra mulher, nas mesmas condições, morre ainda subitamente ao interpor-se ao marido e ao filho, que se tinhão desavindo.

Um traumatismo, mesmo leve, tambem pode ser causa occasional de morte subita nos individuos portadores de lesões cardio-vasculares. Assim, Vibert, por duas vezes fez a autopsia d'individuos cardiacos, victimados em seguida a quedas que não tinhão produsido consequencias muito graves.

A syncope, isto é, a paragem brusca ou muito rapida do coração, póde ainda produzir a morte subita em individuos portadores de cardiopathias antigas, sem graves lesões recentes.

E a morte subita por embolia arterial, egualmen-

te anda ligada ás differentes lesões cardio-vasculares, como sua possivel terminação.

Ora entre os suppliciados á cruz, taes lesões deverião ser frequentes. Sabemos, com effeito, que a syphilis e o alcoolismo são, em grande parte, as causas geradoras das alterações pathologicas do coração e dos vasos sanguineos.

Os crucificados erão, quasi sempre, como já dissemos, recrutados entre as infimas camadas sociaes. Bandidos e vaganaus avultavão entre elles, isto é, os cultores por excellencia da syphilis e do alcoolismo.

Cabe aqui um parenthese, o qual, posto que um tanto longo, era necessario. Muitos se admirarão de vêr incluida na hypothese a syphilis, porque, pelo que toca ao alcoolismo, ha perfeito acordo na época da sua origem. Remonta a Noé, se não me engano...

Corre que a syphilis é de origem relativamente moderna, imputando-se, a Christovão Colombo e aos seus marinheiros, a responsabilidade de a terem trazido da America e de a terem espalhado na Europa. Tarteson fez vêr a iniquidade da accusação.

A primeira grande epidemia de syphilis rebentou na Europa, no fim do seculo XV. Foi em Italia, principalmente, durante o cerco de Napoles por Carlos VIII, rei de França, isto no anno de 1494. Começa então um curioso jogo do empurra. Os napolitanos, pensando que o mal lhes viera da gente de Carlos VIII, desandão a alcunhal-o de *mal francez* e os

francezes, a seu turno, attribuindo aos de Napoles a origem da doença, moléstamente a apodão de *mal napolitano*.

Fiz vêr que a epidemia surgira em 1494. Ora a 13 de janeiro de 1493, Christovão Colombo, de regresso da America, desembarcava, com os seus companheiros, no porto de Palos, na antiga Andalusia. Erão ao todo noventa e um homens e, dado que logo se tivessem dirigido para a Italia, não poderião ter contaminado o numero sufficiente de mulheres para produzir uma tão funestas epidemia.

E' certo que os companheiros de Colombo forão á Italia, mas mais de dois annos decorridos sobre o seu regresso, isto é, em 1495, sob as ordens de Gonçalo de Cordova e em soccorro dos napolitanos. E, argumento ainda mais decisivo: a doença que deveria apparecer em 1494, já antes, em 1492, se manifestara por casos isolados. Depois, o abbade Brasseur de Bourbourg provou, de uma maneira irrefutavel, que os documentos originaes nas linguas dos povos do valle d'Anahuac, [1] não dão relação alguma da doença, muito antes da viagem do Colombo.

Se nos autores gregos, Hippocrates á frente, não encontramos referencias á syphilis, todavia as lendas mythologicas claramente se lhe referem.

Assim, Priapo teria seduzido as mulheres dos habitantes do Lampsaco, cidade da Mysia, á entra-

---

[1] Nome indigena do Mexico.

da do Hellesponto e celebre pelos seus vinhos. Os *predestinados* do Lampsaco vingarão-se expulsando Priapo, mas os deuses, querendo castigar a affronta feita ao seu collega dos prazeres obscenos, derão-lhes como punição uma grave doença dos orgãos genitaes, a qual só cessou no dia em que o filho de Venus voltou para a cidade. A natureza syphilitica do mal resalta da natureza dos votos depostos no templo de Priapo, como meio de obter a cura, e das referencias exaradas nas orações.

O capitão Gardy, em 1863, publicou um curioso livro intitulado «La Médecine chez les Chinois», onde estão reunidas varias obras da medicina amarella, a mais antiga das quaes remonta ao seculo XVII antes da era christã. Ahi se descrevem, não só o cancro, mas ainda lesões da garganta, da bocca, do nariz, etc.

Pelo que toca aos judeus, a fonte historica da syphilis deve procurar-se no culto de Baal Péor ou Belphegor, deus dos moabitas. Da feição crapulosa d'esse culto, em que as moabitas se prostituião, não restão duvidas. O proprio Israel, no dizer do Velho Testamento, se lançara um dia nesse deboche desabrido. A colera de Jehová explodiu e, sob sua ordem, Moysés aniquilou vinte e quatro mil homens e todas as mulheres que houvessem tido commercio amoroso...

A *ferida de Baal* tem seus visos de ser a fructificação syphilitica d'essa frondente luxuria.

E aquelle malaventurado Job, prototypo de resi-

gnado soffrimento, cheio de chagas e de crostas, morrendo em vida, parece bem o companheiro, no tocante á desgraça physica, do pastor Syphilis do poema de Fracastor.

Entre os romanos, a existencia da syphilis quasi se pode affirmar. Areteu, Galeno e outros, não só se referem ao cancro, mas ainda a toda a serie consecutiva das lesões syphiliticas. Galeno chega a fallar das *dôres osteocopas*.

Dou por encerrado o parenthese. Estabelecida a origem remotissima da doença, não repugna acreditar que os crucificados, que succumbissem a uma morte subita, originada por lesões cardio-vasculares, fossem bastas vezes syphiliticos e alcoolicos. Erão recrutados, repetimol-o, entre o lôdo social, onde o alcoolismo e a syphilis se desenvolvem exhuberantemente.

Causas occasionaes, talhadas de molde a tornarem-lhes subito o desprender da vida, não faltavão. Ahi está a emoção. Deveria ser pungente e intensa. Por maiores que fossem o cynismo e a coragem, nesse supremo momento, a alma dos crucificados não deixaria de ser empolgada pela emoção, pelo medo, pela revolta violenta contra a usurpação da vida.

A fadiga era habilmente preparada, tambem, arrancando ao condemnado os ultimos lampejos de resistencia. A cruz, por certo pesada, tinhão elles de a arrastar, appoiada sobre uma das espaduas,

até ao logar do supplicio, o que de seguro demandava energicos esforços musculares.

Imaginem um myocardio trabalhado pela syphilis. Que magnificas condições para uma morte subita, nos nossos condemnados! A ruptura do coração, preparada pelo processo pathologico, encontrava na emoção violenta e na excessiva fadiga muscular, mais do que sufficientes motivos.

Nos mesmos casos estão os aneurismas d'aorta, sobre cuja natureza, tantas vezes syphilitica, Verdié insistiu.

Por sua conta, o alcoolismo levaria ao mesmo rapido desfecho. Convertendo o coração num logar de menor resistencia, degenerando-lhe as fibras musculares, largamente o expunha a uma subita ruptura. As arterias dos alcoolicos, minadas pelo atheroma e pela endarterite, eminentemente *quebradiças*, não resistirião a tantas solicitações.

A aorta, mesmo fóra dos casos especiaes da existencia d'aneurismas, póde romper-se bruscamente e essa ruptura quasi sempre se assignala em pontos do vaso carcomidos pelo atheroma.

Que o alcoolismo, para a explicação da morte subita, é farto caudal. A arterio-sclerose mais ou menos generalisada e as cardiopathias a que o abuso do alcool dá origem, sufficientemente a motivão. Não fallamos já na pseudo-morte subita dos alcoolicos, producto de uma affecção aguda que latentemente evolucione e que causas insignificantes podem bruscamente terminar.

Poder-se-hia ainda ter em conta, para a comprehensão da morte subita nos crucificados, a inhibição, isto é, a suspensão das funcções nervosas motivada, ás vezes, por causas insignificantes. Nos suppliciados á cruz, a inhibição poderia ser a resultante da emoção moral que, não diremos já a vergonha, mas o medo provocasse. Os proprios traumatismos soffridos pelo condemnado motivarião, talvez, uma inhibição mortal.

Morte mais ou menos lenta. — Abrange todas as consequencias pathologicas do supplicio, immediatamente dependentes d'elle, que com elle começassem e durante elle evolucionassem.

A sua resenha não pode deixar de ser mais longa do que a precedente, que a morte subita deveria constituir os casos menos vulgares.

Discutamol-a, pois.

Começaremos pelos effeitos mechanicos da crucificação. Todos os que se teem occupado em esmiuçar as consequencias pathologicas do supplicio da cruz, insistem nas graves alterações de circulação que a attitude particular dos crucificados deveria arrastar. Serião frequentes as congestões mortaes, como os dois Gruners affirmarão.

Fixado á cruz, o condemnado era obrigado a uma abducção forçada dos braços, que com o tronco formavão um pronunciado angulo obtuso. Sendo assim, a marcha do sangue era notavelmente contrariada, porque, afastada a benefica acção da gravidade, a circulação tomaria *um caracter retroce-*

dente. O sangue tenderia a accumular-se no coração, pondo um forte obstaculo á depleção do systema pulmonar, favorecendo a hyperhémia passiva dos pulmões e, indirectamente, a tendencia para a stase e o augmento de pressão em todo o systema venoso, d'onde derivaria para todos os orgãos uma êminencia congestiva.

D'aqui, a possibilidade de uma congestão *violenta e mortal* do myocardio. Que de resto, fóra mesmo d'essa hypothese, os effeitos da sobre-carga sanguinea serião diversos para o coração, consoante o estado das suas fibras musculares. Suppondo o alterado, minado pela degenerescencia, por exemplo, o acréscimo na energia contractil do orgão, porque a resistencia a vencer era maior, seria de todo o ponto funesto. A pressão do sangue sobre a face interna do coração, notavelmente augmentada, poderia dar logar a uma ruptura operada de dentro para fóra, como é costume, em casos taes.

Quanto á congestão passiva do pulmão, a sua possibilidade está bem garantida pelo encadeamento dos effeitos mechanicos apontados. Depois do coração erão os pulmões os orgãos mais ameaçados. E muitas vezes a sua congestão seria bastante causa de morte.

Recebendo o systema venoso, em seu conjuncto, a contra-pancada de tão graves alterações circulatorias, a hyperhémia seria de summa importancia para differentes orgãos, entre os quaes o encephalo. E se as arterias cerebraes estivessem já de si altera-

das, a congestão poderia bem ceder o passo a uma hemorrhagia fatal.

Veem em seguida as complicações a que as feridas feitas nos suppliciados, para a fixação a cruz, poderião dar logar.

As hemorrhagias não erão, em geral, graves e o sangue estancava com facilidade. A propria dispo sição anfractuosa d'essas feridas, favorecia a coagulação do sangue e a retenção dos coagulos obturadores que se gerassem.

Maior importancia assumirião as gangrenas. Essas sim, porque as feridas erão por força vasto albergue de microbios e, pelo que toca ao caso particular das execuções na Judea, o sol ardente muito contribuiria para o seu rapido incremento.

Septicemias brutaes arrebatarião tambem muitas vezes os condemnados. Tudo se conspirava para isso. As feridas, anfractuosas produzidas nas mãos e pés dos pacientes pela passagem dos cravos, rapidamente entrarião em supporação, porque a infacção era por força brutal. Depois, o sol ardente viria em auxilio dos agentes productores da septicemia e a infecção local ganharia direitos de domicilio e por fim inquinaria todo o organismo.

As erysipelas adquiririão ainda algumas vezes a intensidade sufficiente para darem uma rapida morte aos condemnados.

E o tetano ? Muitos succumbirião aos seus effeitos. Sabe-se que o bacillo de Nicolaïev vive nas camadas superficiaes do solo e o professor Verneuil averiguou

que elle é vulgar nos paizes quentes. Depois, as feridas dos pés e mãos, sendo anfractuosas, constituem uma excellente morada para os bacillos do tetano. Assim, a média da mortalidade do tetano, segundo a séde dos ferimentos que servem de porta d'entrada ao microbio, é de 86,8°/₀ para o membro superior e de 89,7°/₀ para o membro inferior.

Ora as mãos e os pés dos condemnadas, erão trespassados por cravos, que lhes produsião feridas irregulares e anfractuosas, Esses cravos, naturalmente, irião muitas vezes sujos de terra. A cruz era arrastada pelo solo, até ao local do supplicio. Mas, mesmo antes d'isso, as simples escoriações produzidas pela flagellação, mesmo que a violencia dos golpes não tivesse sido exagerada, representavão outros tantos pontos d'entrada para a infecção tetanica. As cordas do *flagellum* ou os botões metallicos do *flagrum*, deverião ser excellentes vehiculos para o bacillo de Nicolaïev, porque é de suppôr que esses instru mentos, muitas vezes lançados ao solo, estivessem impregnados de terra. Que mais era preciso, se a simples picada de um espinho de roseira póde ser o funesto ponto de partida de um tetano violento?

Dada a infecção, por tantos meios de uma evidencia flagrante, a suppuração, entregue a si mesma, instigaria os esforços do bacillo de Nicolaïev, numa synergia funesta.

Nestes casos, o tetano teria, necessariamente, uma marcha rapida, compativel com o prazo assignalado como duração maxima da vida no supplicio

da cruz. Vimos já que uma sobrevivencia de tres ou quatro dias era considerada como um facto pouco vulgar. Em geral, os crucificados ou morrião no proprio dia do supplicio ou no decorrer do dia seguinte.

A evolução do tetano póde ser muito rapida. Nos casos sobre-agudos, oscilla entre vinte e quatro a trinta e seis horas, em geral. E digo em geral, porque esse prazo póde ficar muito aquém dos limites assignalados. Bastará citar os casos de Bardeleben (1/4 de hora); de Fournier Pescay (2 horas); de Carrington e Wriht (8 horas).

Se esses mesmos observadores podessem haver assistido á morte de alguns crucificados, terião certamente muitos mais exemplos a citar da forma *fulminante* do tetano. Cheio de ferimentos e escoriações, o corpo dos condemnados deveria ser um iman poderoso para toda a especie de infecção e muito especialmente para o tetano, sobretudo na Judéa, paiz de solo ardente e onde os bacilos de Nicolaïev encontravão, portanto, propicio *habitat*.

Na forma aguda, o tetano evoluciona em tres a cinco dias. Esta duração é perfeitamente compativel com o citado prazo maximo da sobrevivencia dos condemnados. Faço notar essa coincidencia, que me parece de um grande valor.

E' que, para mim, o tetano representa uma das mais logicas consequencias morbidas do supplicio da cruz.

Todos os historiadores da crucificação assignalão,

como uma das mais crueis torturas do supplicio, a sêde ardente que devorava os pobres condemnados. Essa sêde ardente, parece-me muito em harmonia com a hyperthermia apresentada por todos os tetanicos. A temperatura eleva-se, durante os accessos, a 41 e 42 graus e é de prever que a sêde seja, em casos taes, imperiosa.

Pelo que respeita ás altas temperaturas, nos crucificados observadas *post-mortem*, a sua affinidade com o tetano é para ter em conta.

Outro ponto frisado por aquelles que se occuparão ou teem occupado do supplicio da cruz, é a rigidez dos membros notada, quasi sempre, nos crucificados. Escusado será insistir sobre a significação que o facto comporta para o meu ponto de vista.

No tetano, a morte póde ter modalidades diversas: ha a morte por paragem do coração; por esgotamento nervoso; por hyperthermia; por asphyxia.

De todas estas possiveis formas de morrer, no tetano, convem destacar a primeira e a ultima.

Eis como Verneuil descreve a primeira: «O doente solta um grito, torna-se muito pallido e deixa de fallar. Não ha espasmo, nem suffocação, nem delirio; mas, pelo contrario, uma tranquillidade de mau agoiro. A respiração breve, entrecortada, por vezes como no soluço, enfraquece progressivamente e a morte sobrevem ao cabo de meia hora.»

Beker citou dois casos nos quaes se produzirão signaes de syncope ou, mais exactamente, d'ischemia cerebral.

Na morte por asphyxia, a tetanisação ganha progressivamente os musculos inspiradores e por fim a pharynge e a glotte. Então o tetanico, crivado de dôres violentas, que as contracturas a cada passo despertão, lívido, escorrendo suores, prezo da mais violenta dyspnéa, sente a vida escoar-se-lhe. Mas as contracturas amiudão-se e nem sequer o desgraçado póde soltar um lamento, fazer um gesto, não obstante a conservação de toda a lucidez d'espirito, no meio da derrocada geral. Por fim, a respiração cessa de todo e a morte não é mais de que um lenitivo dulcissimo após tamanha tortura.

Esta é a forma d'asphyxia lenta, producto da immobilisação das costellas e fatal consequencia da contractura dos musculos das paredes thoracicas. Na asphyxia rapida, a tetanisação incide quasi *d'emblée* sobre os musculos laryngeos e a glotte.

Para Verneuil, estas modalidades, em que os musculos respiratorios são tomados d'assalto, é que constituem o tetano agudo propriamente dito.

Que de resto, a asphyxia póde ser puramente accidental, como succede nos opisthotonos violentos. A distensão forçada do rachis, applicando a larynge d'encontro ao corpo das vertebras, é então a causa unica d'asphyxia.

Concluirei o que, sobre o tetano, para o caso mais curioso se me afigura, fazendo notar que a mortalidade é, no periodo que decorre dos quinze aos quarenta e cinco annos, de 79 °/₀.

Como causa de morte possivel e provavel nos

crucificados, não poderei deixar de mencionar a insolação. Na Judéa, então, onde o sol queima, ha que tel-a muito em conta.

O que se torna difficil é discernir o que pertenceria á insolação, do que fosse a consequencia do tetano.

Assim, os symptomas observados na crucificação e de que nos ficarão noticia, pódem caber a qualquer das hypotheses.

Estão neste caso a precoce regidez cadaverica, as altas temperaturas notadas post-mortem e os movimentos convulsivos do periodo preagonico.

O embaraço é tanto maior, quanto é certo que a resistencia aos effeitos do calor oscilla entre limites que pódem ser semelhantes aos da evolução do tetano. Essa resistencia varia consoante os individuos. A fadiga e a debilidade apressão a morte. Num trabalho allemão, cita-se o caso de uma rapariga, a quem um charlatão mandara envolver numa pelle fresca de carneiro, sobre a qual forão collocados dez pães saidos do forno. A morte sobreveio ao cabo de 3 horas.

Outra possivel causa de morte nos crucificados: a inanição.

Renan, na «Vida de Jesus», assevera que os crucificados de forte compleição só morrião de fome. Parece-me muito absoluta a affirmação e não só absoluta, como de difficil razão scientifica. E' verdade que Renan se apoia em Eusebio, o *celebre pae da historia ecclesiastica.* Mas Eusebio, poderia ter

muitos conhecimentos de theologia e não vêr nada no tocante a coisas de medicina, para mais em época em que os proprios profissionaes ainda pouco lobrigavão.

Ora os effeitos da inanição varião consoante as resistencias individuaes. Todavia, raros são os casos em que a privação absoluta d'alimentos mata em menos de doze dias. Citão-se até casos em que a abstinencia pôde ser supportada durante dez e onze dias, sem que a saude geral fosse gravemente compromettida.

Nem é preciso recorrer ao caso particular dos hystericos, que pódem viver mezes inteiros só alimentados insufficientemente. E' que nelles o movimento nutritivo póde quasi suspender-se, sem maiores consequencias.

E' certo, porém, que determinadas circumstancias abrevião os effeitos da inanição. E' o que se observa quando a abstinencia acompanha uma funda depressão moral. Mas, ainda nesta hypothese, a vida prolonga-se por um espaço de tempo que não é, em média, inferior a uma semana. Depressão moral, e funda, deveria existir nos suppliciados á cruz, mas o tempo maximo de vida que lhes é assignalado fica muito áquem do que acabamos de citar.

Mesmo a abstinencia não era absoluta nos crucificados. Ministravão-lhes liquido. Os soldados romanos, em qualquer expedição, [1] costumavão levar

---

[1]) Uma execução era considerada como tal.

uma bebida especial, composta de agua e vinagre, e denominada *posca.*

Rich, no diccionario já citado neste trabalho, escreve sobre a significação da palavra *posca* :

«Posca. Bebida de um uso frequente em Roma, entre a classe baixa, os escravos e os soldados em marcha; era agua com vinagre e ovos batidos (Plaut. *Mil.* III, 2, 23; Suet. *Vit.* 12; Spart. *Hard*, 10).»

A *posca* era offerecida aos condemnados numa esponja previamente embebida no liquido que a constituia, isto quando a sêde ardente os devorava.

A morte só pela inanição deve, pois, ter sido rara nos crucificados, mesmo nos mais fortes d'animo e de corpo. Causas adjuvantes a apressarião.

*

* *

Parecem-me dever ter sido essas as causas mais frequentes da morte dos crucificados. O fim que me propuz está agora mais perto. Alcançoal-o-hei no capitulo que se segue ?

II

Será possivel estabelecer qual a verdadeira causa da morte do Christo?

Cathegoricamente, nada se póde affirmar. Todavia, reunindo alguns dos incidentes que, da agonia de Jesus, até hoje a tradição nos transmittiu, aos dados fornecidos pelo sudario de Turim, é permittido aventar uma hypothese que parece corresponder melhor á verdade, do que quantas até agora teem sido formuladas.

E' esse o fim do presente capitulo. Mas, antes de mais nada, convem analysar o delicado caso do golpe de lança, considerado por alguns dos biographos do Christo como sua possivel causa da morte.

Posto em duvida por um dos mais illustres historiadores da vida do Christo, (1) acceite, ao que parece sem repugnancia, por outro não menos illustre biographo do filho de Maria, (2) a sua existencia acaba de ser confirmada pelo lençol de Turim. Im-

---

(1) Strauss.
(2) Renan.

porta por isso saber se essa poderia ter sido a causa da morte do Christo.

Strauss tem, sobre o caso, a seguinte opinião:

A interpretação da morte do Christo, apressada por uma lançada, seria uma explicação engenhosa do quarto evangelista. Derivaria da tendencia manifesta de João de tomar as prophecias ao pé da lettra e querer colorir com a realisação de todas as previsões propheticas a scena do Calvario. Assim, o discipulo amado, teria pretendido fazer uma applicação do texto de Zacharias, em que o golpe de lança é tomado numa accepção symbolica e significa uma offensa dolorosa. Mas, dado que a existencia do facto fosse coisa averiguada, continua Strauss, teria a lançada constituido um meio de verificar a morte do Christo, cuja rapidez parece ter admirado os encarregados do supplicio e o proprio Pilatus.

Tudo se resume em justificar a necessidade d'esse meio. Porque não deixar Christo e os dois malfeitores suspensos da cruz, até á verificação de uma morte incontestavel?

Para os synopticos (Matheus, Marcos e Lucas) ao Christo ter-se-hião applicado as formalidades do costume em casos taes e o facto do corpo ser retirado da cruz, no mesmo dia da morte, apenas derivara da lei moisaica, a qual impunha o levantamento dos crucificados antes do pôr do sol.

Demais, o dia seguinte ao da morte do Christo era um sabbado e um sabbado excepcional, por ser o começo das festas da paschoa.

Sendo assim, a lei teria tambem sido applicada aos dois malfeitores e, havendo elles sobrevivido ao Christo, a morte ter-lhes-hia sido apressada. Quanto ao golpe de lança, só por excesso de precaução, o infligirião ao Christo, a despeito de o considerarem já morto.

Encaradas as coisas por esta forma, ainda resta a Strauss uma duvida. Se ao Christo forão applicadas as formalidades legaes, porque escapou elle ao *crurifragium?* Ora naquelle dia, vespera das festas da paschoa, havia todo o empenho em subtrair aos olhos dos forasteiros, recemchegados a Jerusalem, o espectaculo hediondo do supplicio da cruz. D'ahi, talvez, o ser dada ordem para acabar depressa com os condemnados. Aos dois ladrões resolverião inflingir o *crurifragium*. Mas Christo, entretanto, exhalara o ultimo suspiro. Por isso, chegada a sua vez, os executores, reconhecendo-o já morto, se contentarião a seu respeito com o simples golpe de lança, o que constituia um rapido processo de verificação, a contrapôr á demora do *crurifragium*, que demandava sucessivos e rijos golpes de clava. Tal o modo de vêr de Strauss.

Mas, como já disse, o sudario veio confirmar a existencia da lançada. Fica assim restabelecida a boa fé de João e, em parte pelo menos, a verdade historica d'aquelle versiculo do evangelista: *Mas um dos soldados lhe abrio o lado com uma lança: immediatamente saio agua e sangue* (João, XIX 34).

Ha apenas a notar que nenhum dos synopticos

se refere á scena da lançada. Mas tambem é verdade que nenhum d'elles presenceou o supplicio do Mestre.

Posta a questão nestes termos, urge agora apurar se a lançada foi dada ainda em vida do Christo ou se já depois da sua morte. João diz : um dos soldados lhe abriu o *lado* com uma lança. O lado... Mas qual ?

Até hoje, e segundo a opinião geral, suppunha-se que a lançada fôra dada do lado esquerdo e dirigida transversalmente de baixo para cima.

Ora o sudario veio demonstrar que, ao inverso d'essa opinião, a lançada foi dada no lado direito do corpo do Christo. Mas em que região do lado direito? No peito, para baixo e para fóra do mamillo correspondente.

Por esse ferimento saiu agua e sangue, diz João. Discutamos o caso.

A saida do sangue, a hemorrhagia, é facto banal em qualquer solução da continuidade dos tecidos. *Normalmente*, o que sae por uma ferida, immediatamente ao traumatismo, é sangue. A saida de serosidade implica a existencia de um derrame pathologico, existente no trajecto do corpo vulnerante.

Hemorrhagia deveria ter havido, como se deprehende do exame do sudario. Na parte esquerda do peito, sobre a imagem anterior, quer dizer, na parte do lençol que deve ter estado em contacto com a metade direita do peito do Christo, reconhece-se a existencia de uma mancha arredondada, de qua-

tro e meio centimetros de comprimento, pouco mais ou menos, de bordos salientes e regulares. Como que continuando essa mancha, para a parte inferior, outras manchas se revelão, indicando o fluxo sanguineo sollicitado pela acção da gravidade, estando o Christo ainda, portanto, em posição vertical. Isso prova que houve hemorrhagia, que não deve ter sido insignificante, attentos os vestigios deixados pela passagem do sangue.

E a sorosidade ? Essa, apenas provaria a existencia de um derrame pathologico encontrado pelo ferro da lança no seu trajecto intra-thoracico. Para o caso, esse derrame poderia ser da pleura ou do pericardio.

Mas a saida dos dois liquidos, agua e sangue, poderia ter-se dado *ao mesmo tempo*, de forma a deixar reconhecer a natureza diversa de um e de outro ?

Vejamos quaes os orgãos que o ferro da lança poderia ter lesado. São as paredes costaes, as pleuras, o pulmão e o mediastino anterior (pericardio, coração e os vasos que a este se ligam directamente). Para o nosso ponto de vista, são esses os orgãos mais importantes a considerar. Parecendo que o golpe foi dado muito obliquamente da direita para a esquerda, é natural suppor-se que o coração ou algum dos grossos vasos fosse attingido.

Na antiga supposição do golpe ser dado do lado esquerdo, esse ferimento do coração, então mais directo, era tido por alguns criticos como a causa

êfficiente da morte do Christo. E ainda hoje, conhecida a verdadeira séde da lançada, elle é tido em não menor consideração. O proprio Paulo Vignon admitte a perfuração do coração e julga mortal a lançada.

Sendo assim, esses criticos partem do principio que o ferimento foi feito estando o Christo ainda vivo.

Mas então, porque não o sujeitarão ao *crurifragium?*

Esse facto, só por si, daria a entender que Jesus já estivesse morto ao receber a lançada.

Pois quê?! Perante um condemnado de tamanha importancia, accusado de um gravissimo crime politico, como o proprio lettreiro collocado sobre a cruz dava a entender, vigiado pela colera insensata dos judeus, para que tal clemencia, porque não lhe despedaçar tambem os membros inferiores?

Francamente, não se percebe a isenção. E' que a morte do Christo era tão evidente, tão real, que os executores entenderão desnecessario o *crurifragium.* E a multidão rancorosa que vigiava Christo, cobrindo-o de duestos, teria deixado passar em julgado tal infracção da lei?

Respondo pela negativa. Se o Christo não estivesse já morto, não teria escapado ao esmagamento dos membros. O golpe de lança, para mim, foi apenas, por parte dos romanos, um lance theatral, uma demonstração da certeza em que estavão de que o Christo já succumbira, um descargo de consciencia,

nada mais. E esse simples meio parece ter contentado os judeus.

Que o *crurifragium* foi applicado aos dois malfeitores, dil-o claramente João, posto que os tres synopticos nada mencionem a tal respeito. Mas João, que pormenorisou mais a scena do Calvario, é explicito. (XIX, 31, 32). D'aqui a conclusão que os dois ladrões não escaparão a esse tormento e que os algozes, *tendo vindo depois a Jesus, como virão que estava já morto, não lhe quebrarão as pernas.* (João, XIX, 33).

A veracidade de João, posta em duvida por Strauss, como já vimos, e a accusação que, pelo mesmo autor, é feita ao discipulo amado, em virtude do seu apego aos symbolismos propheticos, offerecem um novo aspecto. Da lançada não podemos duvidar, porque gravada está no lençol de Turim. E todavia, os synopticos são mudos a seu respeito. Porque não admittir que, para o incidente do *crurifragium*, haja a mesma boa-fé por parte do quarto evangelista? Lembremos que elle assistiu ao supplicio do mestre. Confirmada a authenticidade do golpe de lança, não é natural que João tergiversasse a respeito dos outros incidentes do Calvario. Christo escapou ao *crurifragium* e a lançada foi um mero incidente, filho do escrupulo.

Depois, certos criticos mostrão tal afãn em bem justificar a precocidade da morte do Christo, que parece nelles contrasenso o appellarem para a intervenção da lançada.

«Se os dois ladrões resistirão por mais tempo, dizem elles, que admira?

«Validos e robustos, podião supportar mais facilmente a condemnação. Demais, o Redemptor jazera toda a noite antecedente ao supplicio em continua tortura, luctando com tão mortal agonia, que lhe sobreveio um suor de sangue, raro e perigosossissimo phenomeno pathologico.»

Ora depois d'isto, ainda lhes parece pouco convincente que Christo só soportasse tres horas de crucificação! Não teem em conta a flagellação, nenhuma das terriveis consequencias do supplicio da cruz. Se tudo isso era já de si grave, muito maior gravidade representaria tratando-se de um homem alquebrado por pungentes emoções, debil de corpo, exhausto, desilludido quasi. Que necessidade em procurar na lançada a explicação da morte de Jesus? Achão pouco uma sobrevivencia de tres horas?

Ah! Pois eu acho-a enorme, tendo em conta os crueis soffrimentos physicos que ella representa, contada minuto a minuto. Tres horas! Christo poderia ter morrido num quarto de hora, como depois veremos...

Reatemos agora as nossas considerações sobre quaes os orgãos possivelmente alcançados pelo ferro da lança.

Pelo que respeita á parede thoracica, a hemorrhagia resultaria do ferimento d'alguma arteria intercostal, para mais que ao nivel do ferimento, feito, ao que parece, ao meio do espaço intercostal so-

bre que incidiu, as arterias caminhão sensivelmente a egual distancia das duas costellas.

Nas feridas do pulmão, a hemorrhagia póde ser ou insignificante ou então adquirir uma grande violencia. No primeiro caso, apenas os delicados vasos de tecido pulmonar são attingidos. No segundo, o corpo vulnerante alcança sempre um dos grossos vasos do hilo do pulmão. A hemorrhagia consecutiva a esses ferimentos é fulminante, rapidamente mortal, acima de todos os recursos da arte.

Necessariamente, na ultima hypothese, se o ferimento fôr estreito, o sangue derramado cae, na sua quasi totalidade, dentro da cavidade pleural, produzindo-se um *hémothorax*. Ora o sangue accumulado em quantidade moderada adentro das pleuras, immediatamente coagula, separando-se em duas partes : uma sorosidade, que depois póde ser reabsolvida e um coagulo que se enkysta no fundo de saco da pleura. E no caso do ferimento ser largo, o sangue, qualquer que seja a sua proveniencia, irrompe para o exterior, misturado com o ar, espumoso por vezes.

Mas o ferimento produsido pelo ferro da lança não póde ter sido muito largo. Logo, a dar-se a ruptura de qualquer dos vasos do hilo pulmonar, a hemmorrhagia consecutiva deveria ser antes *surda,* interna, fazendo-se no interior da cavidade pleural.

Para qualquer dos grossos vasos do thorax, aorta ou algum dos seus ramos, veia cava superior, arte-

ria pulmonar, etc., a hemorrhagia, sendo rapidamente mortal, obdeceria ainda ás razões precedentemente expostas.

Resta a possibilidade do pericardio ou do coração terem sido alcançados pelo corpo vulnerante. As feridas isoladas do pericardio, a não ser nos casos de derrames d'essa sorosa, posto não sejão faceis de conceber, teem todavia sido observadas. Mas não é isso o mais frequente e, em geral, ferido o pericardio, o coração tambem é attingido.

A hemorrhagia consecutiva ás feridas penetrantes do coração é, por via de regra, interna, tradusindo-se pelos symptomas de um *hémopéricardio* ou de um *hémothorax*. Só mais raramente o sangue irrompe, no nivel do ferimento, por um jacto algum tanto volumoso, e que chega a elevar-se á altura d'alguns centimetros, matando rapidamente o individuo assim ferido.

Temos já, por este modo, algumas fontes importantes de hemorrhagia para o caso da lançada.

Mas o fluxo de sorosidade? Strauss reputa resultado impossivel a saida dos dois liquidos de per si, reconhecendo-se distinctamente. Observa que o sangue, se estivesse ainda liquido, sairia só; ou se estivesse coagulado, não sairia. Admittindo, continúa elle, que a lança attingisse o pericardio e que o liquido contido nesta cavidade se não tivesse derramado no thorax, a sorosidade teria saido, no primeiro caso, misturada ao sangue e no segundo pura, sem mistura de sangue.

Como neste campo todas as hypotheses são admissiveis, as observações de Strauss, aliás justas, podem falhar, verdade que em circumstancias especiaes, mas que estão longe de ser raras.

Ora, no caso do Christo, tem-se dito, o fluxo de sorosidade representaria a existencia de qualquer derrame pathologico da pleura ou do pericardio, de que Jesus fosse portador na occasião do supplicio.

Admittamos as duas hypotheses. Para a da pleuresia, porque não pensar na existencia de falsas membranas que constituissem um local onde o derrame se houvesse acantoado, porque não pensar numa pleuresia enkystada? [1]

Sendo assim, o corpo vulnerante muito bem poderia ter respeitado as adherencias constituidas, resvalando apenas por ellas, se assim se pode dizer, dando logar a que o liquido irrompesse por conta

---

[1] Tratando-se de uma pleuresia enkystada e para mais do lado direito, lembra tambem a hypothese de uma *pleuresia inter-lobar*. Na realidade, a fenda inter-lobar, que é simples para o pulmão esquerdo, bifurca-se no pulmão direito e o logar d'essa bifurcação, verdadeiro *ninho* da pleura, é frequentemente assaltado pela pleuresia. Assim se forma um verdadeiro *kysto pleural*, cujo conteúdo, sempre purulento, varia de cem a quatrocentos grammas. E os symptomas da pleuresia inter-lobar são por vezes tão pouco accusados, que o doente quasi não dá por elles. Quanto muito, só a respiração accusa difficuldade crescente. Veremos depois como esse facto nos poderia servir para explicar o apparente estado de saude, que Jesus parece ter revelado em seus ultimos dias.

propria, conservaudo os caracteres de sorosidade. Que importa que, depois, o ferro da lança fosse ferir o coração ou algum dos vasos intra-thoracicos? A hemorrhagia, nesse caso, sendo interna, ficaria limitada pela cavidade pleural e separada do derrame pelas falsas membranas que o protegião. Quer dizer, o ferimento teria correspondido precisamente á séde do derrame, dando-lhe por esta forma vasão. Mas, como a lança foi dirigida obliquamente de baixo para cima, porque o Christo ainda estava na cruz ao receber o golpe, a lamina poderia ter poupado as falsas membranas que, de pleura a pleura, constituissem a parede superior do enkystamento. Nessa parte do seu trajecto, o ferro da lança caminharia muito encostado á parede thoracica.

Pelo que toca á pericardite, se o processo phlegmasico attingisse tambem o folheto exterior da sorosa, adherencias se poderião ter estabelecido com orgãos visinhos, com a pleura, com o pulmão, com o diaphragma, até mesmo com a parede thoracica. Em circumstancias taes, as falsas membranas que constituem as adherencias chegão, por vezes, a ter dois centimetros d'espessura. O coração, neste caso, poderia não ser alcançado pelo ferro, pelo proprio facto do derrame e o pericardio, attingido no espaço limitado pelas adherencias, daria facil vasão á sorosidade.

E' preciso fazer notar mais uma vez que a ferida do coração, ou de qualquer vaso intra-thoracico, daria antes logar a uma hemorrhagia interna, surda.

O que teria sido visto seria a hemorrhagia provocada pelo ferimento da parede thoracica, que para mais estaria hyperhemiada, no caso de pleuresia. Só retirado o ferro da lança o fluxo de sorosidade seria bem visivel. Por mais rapidamente que isso tudo fosse feito, o lapso de tempo decorrido, porque os tecidos oppunhão resistencias a vencer, resultaria sufficiente para dar a visão distincta dos dois liquidos.

Reputando em oito decimas de segundo a duração media das sensações na retina, essa fracção de tempo poderia muito bem ser excedida, por ser mais longo o intervallo entre o ferimento da parede thoracica e a perfuração das pleuras, do pulmão, do pericardio, do coração e possivelmente de outros quaesquer orgãos.

A propria gravidade, fazendo deslizar ao longo da parede thoracica o sangue proveniente do ferimento, o que no lençol de Turim é visivel, contrariava a possivel mistura dos dois liquidos, para mais que o fluxo da sorosidade, retirada a lança, se projectaria com mais violencia. Tudo tenderia a fazer com que os dois liquidos se *escapassem* um do outro.

Aventada a hypothese de, pelo ferimento feito ao Christo, ter saido sangue e sorosidade, vejamos que deducções medicas se podem d'ahi tirar.

O fluxo da sorosidade, que apenas importa a existencia de um derrame pathologico encontrado pelo corpo vulnerante, no seu trajecto intra-thoracico, tanto poderia ter existido estando o Christo ainda vivo, como se o ferimento fosse feito *post-mortem*.

E a hemorrhagia ? Sabemol-a signal seguro de que uma ferida foi feita em vida. E' porém facto averiguado que algumas feridas, feitas durante a vida, não são acompanhadas d'hemorrhagia. Tal o caso de haver, conjunctamente, outras feridas que deem abundante hemorrhagia ou da força contractil do coração estar notavelmente enfraquecida. Em contraposição a esse facto, um ferimento produzido no cadaver póde originar um fluxo sanguineo, com a condição de ter sido feito pouco tempo depois da morte : uma hora, ás vezes mais. E' o que acontece, por exemplo, se o traumatismo incidir *sobre uma região muito hyperhemiada* ou *se o ferimento interessar algama veia mais importante.*

Ora o exame cuidado do lençol de Turim, pelo que respeita á ferida produzida pela lançada, parece fornecer uma forte objecção á hypothese de que o golpe fora dado depois da morte do Christo. Assim, esse ferimento tem o aspecto de um coagulo sanguineo, em continuidade com as manchas caprichosas que, no lençol, reprodusem a hemorrhagia.

A coagulação do sangue sobre os bordos de uma ferida, constitue um dos bons signaes para se poder estabelecer se o individuo estava ou não vivo na occasião em que foi ferido. Durante a vida, a não ser em circumstancias perfeitamente excepcionaes, o sangue proveniente de ume ferida coagúla sempre. Essa coagulação leva, porém, um certo tempo a fazer-se : cinco minutos, em média.

Acontece que, mesmo no cadaver, uma ferida

feita nos primeiros cinco minutos que se seguem á morte ou mesmo até decorrido mais tempo, póde dar sangue que coagúle, como em vida. Só, nessas condições, o coagulo formado será menos volumoso e mais molle.

Paulo Vignon, referindo-se ao coagulo de forma lenticular visivel sobre o peito, no lençol de Turim, declara que se essa mancha corresponde realmente ao golpe de lança, pela sua situação dá a entender que o ferimento deveria ser mortal, a menos que o paciente não tivesse já succumbido pouco tempo antes. Vê-se por aqui que a duvida o chocou tambem, levando-o a não fazer uma affirmação cathegorica. E' que é necessario, nestas coisas da medicina, não desprezar nunca o reverso da medalha.

Dado até mesmo que o ferimento estivesse gravado sobre a forma de uma nitida solução de continuidade, o facto não era bastante para asseverar que fôra feito em vida. Se a retracção dos labios de uma ferida é ainda um bom signal para poder declarar que essa ferida foi feita no vivo, a certeza póde, todavia, não ser absoluta. E' que a retracção muscular, principal agente do afastamento dos bordos de uma ferida, podendo continuar-se *post-mortem* por espaço de tempo que está calculado em hora e meia a duas horas, representa um obice a qualquer conclusão formal.

Resumindo: a hemorrhagia não implica, necessariamente, a convicção de que o Christo ainda estivesse vivo quando recebeu o golpe de lança; o mesmo pelo que

respeita aos vestigios do ferimento, isto é, ao coagulo.

Ambos os factos, tidos na conta de bons signaes, no tocante a saber-se se um ferimento foi feito em vida, poderião observa-se *post-mortem*, dado que o obito fosse recente.

Com argumentos exclusivamente medicos não julgo possivel fazer deducções absolutas, neste caso.

Já o leitor viu que, por outros processos de critica, reputo a lançada feita *pos-mortem*.

E, apoiando-me no Evangelho de João, a supposição avigora-se. Com effeito, a chronologia dos factos do Calvario é assim apresentada por João:

CAPITULO XIX

39—Jesus, porém, havendo tomado o vinagre, disse: Tudo está cumprido. *E baixando a cabeça, rendeu o espirito.*

31—E os Judeos (por quanto era a preparação) para que não ficassem os corpos na cruz em dia de sabbado (por que aquelle dia de Sabbado era de grande solemnidade) rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e que fossem d'ali tirados.

32—Vieram pois os soldados: e quebraram as pernas ao primeiro, e ao outro, que com elle fôra crucificado.

33—Tendo vindo depois a Jesus, como viram que estava já morto, não lhe quebraram as pernas.

34—Mas um dos soldados lhe abrio o lado com uma lança: immediatamente saio sangue e agua.

35—Aquelle porém que o vio deu testimunho d'isso: e o seu testimunho é verdadeiro. E elle sabe que diz a verdade: para que vós tambem o creais.

Chamo a attenção para a vehemente affirmação de verdade que o ultimo versiculo transcripto revela. A sua sinceridade é communicativa.

*
* *

E eis-me chegado ao ponto culminante do meu trabalho. Procurar vou agora se posso descobrir qual fosse a causa da morte do Christo.

Preciso primeiro saber quanto tempo sobreviveu o Christo á crucificação.

Segundo Matheus (XXVII, 33 e seguintes) e Lucas (XXIII, 33 e seguintes), não é possivel deprehender-se a que horas começou a crucificação. Segundo Marcos (XV, 25) Jesus, tendo sido crucificado ás nove horas da manhã, teria morrido ás tres da tarde, havendo portanto resistido seis horas ao supplicio.

No quarto Evangelho (XVII, 28), a sentença de morte contra Jesus é dada ao meio dia. Mas, depois d'isso, segue-se a marcha para o local do supplicio e a scena da crucificação, o que demandaria tempo.

Ora pela tarde do mesmo dia, isto é, depois das tres horas, José d'Arimathéa [1] apresenta-se a Pilatus, pedindo o corpo do Christo. D'estes dados re-

---

[1] Arimathéa ou Arimathia (*Ha-ramathaïm*). Esta ultima é a forma adoptada por Renan e Strauss.

sulta que Jesus pouco tempo deve ter sobrevivido á crucificação: duas ou tres horas.

Quer dizer, dado que a morte do Christo não tivesse sido subita, o proceesso pathologico que o matou apenas em tres horas se desenvolveu.

A ideia de que o Christo succumbisse a uma morte subita, anda muito vulgarisada, principalmente depois da hypothese estabelecida por Ernesto Renan.

«Tudo leva a crêr, escreveu o immortal Renan, que a ruptura instantanea de um vaso no coração lhe acarretou, ao cabo de tres horas, uma morte subita.»

Ao cabo de tres horas, deve entender-se por passadas tres horas sobre a crucificação. Foi isto certamente o que Renan quiz significar ao escrever a phrase.

Eis a definição que Vibert formula para a *morte subita*: «Comprehendem se em medicina legal, sob o nome de *morte subita*, os casos em que a morte sobrevem mais ou menos rapidamente, em alguns segundos, algumas horas ou mesmo alguns dias. *mas de uma maneira imprevista*, ferindo sem causa apparente um individuo até então sadío, ou não tendo apresentado senão leves perturbações de saude, pelo menos assim suppostas aos olhos dos que o cercão.»

De uma maneira imprevista, diz Vibert. Sendo assim, como é, vejamos em que condições, na hypothese de Renan, a morte do Christo se póde explicar. Mas antes de mais nada, precisamos entender-nos sobre o alcance da phrase: a ruptura ins-

tantanea de um vaso no coração. Em francez, a redacção é feita por Ernesto Renan da seguinte forma: «la rupture instantanée d'un vaisseau ao cœur.»

«Ao cœur», só se póde rigorosamente trasladar para portuguez por *no coração.* A particula *au* equivale á *à le* (ao, no, na). Posto isto, de duas, uma.

Ou Renan quiz significar que um vaso do coração se rompera, isto é, um vaso proprio do orgão, ou que algum dos vasos que do coração procedem, mas completamente estranho á nutrição do orgão, para dentro da cavidade cardiaca se despejara.

No primeiro caso, seria da ruptura das arterias ou veias coronarias que se tratava. Isso suppõe uma previa lesão d'esses vasos. Pelo que toca ás arterias, os estados pathologicos que as podem tornar aptas a romper-se subitamente, são as lesões atheromatosas e a arterio-sclerose, principalmente, lesões que podem evolucionar com ou sem alterações da aorta.

O que se torna da maior importancia é determinar, dado que o Christo fosse portador de semelhantes lesões das coronarias, a causa occasional da ruptura. Seria essa causa estranha ás consequencias directamente derivadas da crucificação, quer dizer, independente das alterações physicas a que, uma vez fixado á cruz, o Christo estivesse exposto?

Se assim fosse, a emoção e a excessiva fadiga, bastarião a motivar a ruptura das coronarias.

Mas a emoção não é um facto peculiar á crucificação; ter-se-hia dado perante qualquer outro supplicio. A simples certeza da morte, desprendida de

qualquer noção especial sobre a natureza do castigo, bastava a provocal-a. Demais, o Christo não era um homem vulgar. A sua alma estava impregnada de occultos soffrimentos. de duvidas, de receios, de revoltas, de desesperos. A sua sensibilidade, afinada em mysticas vibrações, fazia d'elle um delicado reagente para toda a especie de dôr. Vendo-se só, quasi incomprehendido, cercado por uma sociedade hostil e despotica, póde dizer-se que toda a sua vida foi uma constante emoção.

A fadiga tambem não era condição immediata da crucificação. Dissemos já que a ella attendia a propria technica do castigo, preparando-a pela clausula de ser o condemnado obrigado a arrastar, até ao local do supplicio, a cruz a que devia ser pregado. Mas, parece que o Christo só por pouco tempo se viu na cruel necessidade de arrastar a cruz. Um tal Simão de Cyrene, que a escolta que conduzia o Christo encontrou em seu caminho, foi obrigado a carregar com o lenho infamante, até ao Golgotha. Se o facto é veridico, d'elle se pode inferir que a fadiga do Christo era já tanta, que os mesmos algozes reputarão impossivel que Jesus levasse a cruz.

Sim, devia ser grande, essa fadiga. Em marchas constantes pela Judéa, atravez os longos caminhos calcinados, sob a incidencia ardente do sol ou a luminosa paz das noites luarentas, o Christo vageou durante os poucos annos de sua vida como um caminheiro perdido, á cata de um maravilhoso paiz, o

paiz do ideal, dulcissima miragem de toda a alma de poeta.

Certamente que a sua organisação physica deveria ter soffrido rude abalo com esse gasto incessante de forças.

Admittidas a emoção e a fadiga excessiva como possiveis causas occasionaes de uma repentina morte para o Christo, a hypothese perfeitamente caberia na significação particular em que tenho, para o supplicio da cruz, a morte subita.

Mas se a ruptura de qualquer dos citados vasos fosse provocada pelas immediatas consequencias da crucificação, a morte do Christo dependeria de um processo pathologico que se iniciasse logo no momento da fixação á cruz, desenvolvendo-se durante o supplicio, acompanhando-o, podendo, numa palavra, ser previsto.

Quero referir-me á sobre-carga sanguinea com que o coração tinha a luctar, producto da attitude particular dos crucificados e cujo mechanismo já expuz. Se os effeitos da *estase* venosa chegassem a reflectir-se sobre os capillares geraes, como era natural que acontecesse, a imperfeita vasadura do systema arterial, sua logica consequencia, reflectindo-se nas coronarias, ser-lhes-hia um perigo, dado que as paredes d'esses vasos estivessem alteradas.

A primeira ordem de factos poderia, pois, dar-se mesmo fóra da cruz, em situações que importassem ou grande êmoção ou violenta fadiga. A segunda, só na cruz poderia ter existencia.

Vamos agora á outra accepção em que a phrase de Renan póde ser tomada, isto é, na da ruptura de um vaso estranho á propria nutrição do coração, mas que com elle estivesse em contacto. Pensa-se logo na ruptura de um aneurisma aortico.

Ora quando a morte é a consequencia da ruptura de um aneurisma aortico, essa ruptura faz-se, por ordem de frequencia, na trachea, nos bronchios, na pleura, no pericardio, nos pulmões, no esophago e na pelle. A ruptura no pericardio não é tão rara como se poderia pensar. Godart, numa these de Paris, conseguiu reunir 47 observações. Mas a ruptura no coração é que é extremamente rara [1].

Quanto ás considerações a fazer a respeito das causas occasionaes da ruptura de um aneurisma aortico de que o Christo fosse portador, a sua natureza não varia das que forão anteriormente expostas. Ou essas causas, por vulgares, não erão peculiares á crucificação e nesse caso a morte subita tanto se teria dado na cruz como fóra d'ella, ou do supplicio dependião immediatamente e portanto poderia ser prevista a sua acção.

O ponto capital é este: trata-se de saber se o Christo morreria pelo facto da crucificação ou se esta apenas lhe apressaria a morte, já anteriormente preparada por lesões especiaes de que elle fosse portador no momento do supplicio.

---

(1) Ball e Charcot: *Dictinn. des sciences médicales,* t. V, pa. 546.

Architectar hypotheses á cerca da morte de Jesus parece-me tarefa facil, mas o sustental-as é coisa de maior monta. Poderiamos recorrer a todas as modalidades pathologicas conhecidas: mas onde encontrar rasoaveis dados positivos para apoiar as nossas supposições?

Até agora, a ideia de que o Christo estivesse já gravemente enfermo antes do supplicio, tem predominado. Mas o certo é que os autores que se mostrão partidarios d'esse modo de vêr, não teem conseguido escudal-o com razões convincentes. As fontes a que se pode recorrer são extremamente insufficientes, sob esse ponto de vista. E affirmações gratuitas não valem o trabalho de as expôr.

Tem-se procurado fazer do Christo um cardiaco. É certamente uma tendencia poetica que origína tal concepção. O coração é o orgão nobre por excellencia, o motor da vida, o ultimo a succumbir, o que, mesmo depois da morte geral, lucta ainda. As auriculas do coração, e particularmente a auricula direita, são os derradeiros abencerragens da contractilidade.

Em todos aquelles em que a vida afflectiva adquire uma grande preponderancia, como acontece nos poetas e nos altruistas, nos revoltados e nos illudidos, o coração é muitas vezes posto em cheque pelos rudes abalos que as emoções lhe preparão. Os diversos estados d'alma, provocando manifestas alterações nos centros vaso-motores, rompem momentaneamente o equilibrio da circulação o que,

em virtude da heroica synergia do apparelho circulatorio, representa outros tantos aggravos feitos ao coração.

Todos os grandes movimentos psychicos são, por assim dizer, um foco de intensas vibrações, para as quaes o coração é uma delicada placa sensivel. A alegria e a dôr por egual nelle se vão photographar.

Depois, as lutas politicas, pela anciedade, pelas preoccupações que crião, são egualmente a causa de intensas perturbações circulatorias. Peter conheceu muitos politicos portadores de graves lesões cardiacas.

Mas as emoções, só por si, por mais violentas que sejão, não saberião crear uma endocardite ou lesar uma aorta. Se o individuo em que essas grandes tempestades psychicas se desencadeião é já de si um cardiaco, então si, as emoções pódem apressar e apressão a morte.

Socialmente, o papel do Christo, á parte a feição espiritual em que o Nazareno sabia inquadrar as suas theorias d'egualdade, foi meramente politico.

«Jesus vivia em plena atmosphera social, escreveu Ferrière; a oppressão dos fracos, o orgulho e a cubiça dos Poderosos, o seu fáusto e a sua insolencia em opposição á miseria dos humildes, eis o espectaculo que, cada dia, lhe feria a vista e, cada dia, lhe atiçava o fogo da indignação. Não teria elle mesmo experimentado e não experimentaria ainda, essas aguilhoadas ultrajantes que os grandes se

comprazem em infligir aos humildes? Logo desde os dez annos, pobre aprendiz de carpinteiro, quantas vezes, mandado por seu pai a caza d'algum burguez de Nazareth para aplainar uma meza, pôr um pé a uma cadeira ou concertar uma gaveta escangalhada, não soffreria elle os desdens do dono da caza? Quantas vezes, elle, tão intelligente, elle, tão compenetrado do sentimento da justiça e da dignidade humana, se ouviria tratar com desprezo? Feliz ainda se mão brutal se não erguesse sobre o joven operario e lhe inflingisse um d'esses insultos que num minuto se apagão da face, mas que deixão no coração uma incuravel ferida. Ah! não nascera na vespera esse odio que em suas parabolas, Jesus exhalava contra a Riqueza e contra o Rico; não fôra o unico espectaculo do proximo opprimido que fizera germinar em sua alma esse implacavel resentimento. Nas suas palavras vibra o accento de uma dôr pessoal; sentimos a revolta de um coração que foi offendido: a ferida sangra ainda. Traduz-se nessa condemnação que esmaga o Rico, não porque tenha mal usado do dinheiro, mas unicamente por ser rico.»

A toda essa desegualdade social oppunha o Christo um regimen humanitario, fundado na communidade de bens e de que cada um sómente auferia «segundo as suas necessidades.»

A centralisação do poder, a restricção da liberdade individual, a conversão do trabalho em logradouro dos grandes e dos poderosos, erão então as normas

de toda a organisação social. Christo, perante tal estado de coisas, mostrou-se sempre um revoltado. Preoccupado com o dia d'amahã, alanceado por duvidas crueis, arrastou a vida de todos os revolucionarios.

Fonte perenne d'emoções, a sua passagem pela terra foi uma das mais esmagadoras provas a que um organismo se póde sujeitar. Mas isso não basta, certamente, para affirmal-o um cardiaco. Que minucias temos da sua infancia, da sua puberdade, das condições hereditarias que sobre elle convergirão, da reacção que o seu organismo oppoz a todas as influencias que nelle actuarão?

Se a personalidade humana é, como tudo leva a crêr, o resultado de dois factores essenciaes reagindo um sobre o outro — o organismo e o meio — para bem a estudarmos, forçoso é determinar rigorosamente as condições do meio na época em que um dado individuo existiu.

Ora, para o Christo, o facto é de uma requintada difficuldade, senão mesmo já hoje imposivel.

A ultima semana de Jesus foi tão rica em incidentes geradores das maiores convulsões psychicas, tão accidentada de duvidas, de presentimentos, de desenganos, que se elle fosse realmente um cardiaco, teria tido sufficientes ensejos para ser fulminado por uma morte subita.

Positivamente, só se póde affirmar que o Christo, na occasião do supplicio, deveria estar em fracas condições physiologicas. Tudo o que de sua vida te-

nho dito, sufficientemente o comprova e escusado será, portanto, cançar o leitor com repetições enfadonhas.

A circumstancia de Christo ser portador de uma pleuresia, na occasião do supplicio, em nada contraria o meu modo de vêr. Fiz já sentir que essa pleuresia, a ter existido, poderia ser enkystada. Ora esta especie de pleuresia é raras vezes aguda; ou reveste desde começo a forma chronica, ou é devida a varias *poussées* agudas, evolucionando numa pleura já segmentada pelas falsas membranas de um ataque anterior.

Sobre essa forma enkystada, a pleuresia póde ser latente, se bem que algumas vezes seja acompanhada de tosse, de pontada e de dyspnéa. E quando a pleuresia reveste a forma latente, os doentes quasi chegão a não dar por ella, continuando nas suas occupações habituaes. O facto tem sido observado muitas vezes.

Um pleuretico póde morrer subitamente, é certo. E, nesse caso, a morte subita costuma ser devida á formação de coagulos pulmonares ou cardiacos e á syncope, algumas vezes. Em todo o caso, os autopsias feitas a individuos que, portadores de um derrame nas pleuras, succumbirão subitamente, teem demonstrado que a morte subita só se dá quando o liquido derramado attinge certas proporções: mil e oitocentos grammas a dois litros. em média.

Para que Christo tivesse morrido subitamente, em virtude de uma pleuresia, necessario é suppor-se

que o derrame pleuretico orçava pela quantidade acima indicada. N'esse caso, é muito natural que a a doença, de começo ignorada, se fizesse depois sentir, á medida que o derrame augmentava, provocando uma incommoda dyspnéa. E' por ventura compativel esse estado com o que sabemos ácerca dos ultimos dias de Christo?

Por fórma alguma. Nos dias que precederão a sua morte, Christo manifestou uma actividade incompativel com tal estado physico. Se elle estivesse sob a ameaça de uma morte subita, é que o derrame pleuretico devia ser consideravel e então ter-se-hia traduzido por soffrimentos physicos alarmantes, não só de molde a darem nas vistas dos discipulos, os quaes, por certo, d'elles nos terião dado noticia, ainda que vaga, mas tambem de todo o ponto inhibitorios de qualquer manifestação d'actividade.

A ter existido em Christo, essa pleuresia, não só deveria ter sido latente, mas o derrame formado era, com todas as probabilidades, pouco avultado. Só assim se comprehende que Christo podesse soportar a espantosa luta que os seus ultimos dias representão. E' que não se trata de um homem que, a despeito da doença, continuasse occupado no seu trabalho de todos os dias. Trata-se de um propagandista envolvido numa agitada luta politica, cujo tempo era apenas o patrimonio dos seus adeptos, cuja vida era um constante movimento.

E a pericardite? Sob a forma *primitiva*, é extre-

mamente rara, d'onde o dedusir-se que talvez, em Christo, devesse ser *secundaria*. Mas, qual a causa que lhe teria dado origem? Existeria simultaneamente com a pleuresia, significando apenas *uma lesão de visinhança?* Tudo questões cuja solução reputo quasi impossivel.

Se em Jesus a pericardite podesse ter apresentado as falsas membranas e as adherencias cuja existencia aventei, isso constituiria a prova de que a doença revestira a fórma chronica. Ora a pericardita chronica só se torna bem evidente em certos casos, entre os quaes figura a existencia de um abundante derrame. Mas então ter-se-hia traduzido por symptomas alarmantes, principalmente pela dyspnéa, a qual nessas condições chega a ser de uma extrema violencia, acompanhando-se de desfallecimentos e tendencias para a syncope.

Estamos como na hypothese precedente. Tal estado de coisas não passaria ignorado, nem consentiria o menor trabalho ou fadiga. Só poderiamos pensar numa pericardite de mediana intensidade, acompanhada por pequeno derrame. Essa sim, poderia ser compativel com um apparente estado d'integridade physica, tanto mais que a pericardite é das taes doenças que, por via de regra, se estabelecem insidiosamente. Se não auscultarmos o doente em que tememos o apparecimento da pericardite, esta pode evolucionar latentemente, sem se nos revelar por nitidos symptomas.

Tanto num como noutro caso, o inicio do mal se-

ria ignorado e os incommodos physicos que, em maior ou menor grau, se revelassem, serião supplantados pela dôr moral que rudemente alanceou Christo em seus ultimos dias.

Afastada a ideia de que a morte de Christo, consequencia de um processo pathologico extranho á crucificação, podesse ter sido subita, já por disposição creada pela propria natureza do mal, já porque os incidentes preparatorios do supplicio a motivassem, só me resta consideral-a como logico producto do mesmo castigo, como immediatamente dependente da fixação á cruz. [1]

E', pois, entre a forma de morrer mais ou menos

---

(1) Poderia ser motivo de reparo o não me referir ao pretendido *suor de sangue* apresentado por Christo, na vespera do supplicio. Ora esse facto é apenas mencionado no Evangelho de Lucas : (Lucas, XXII, 44): «E veio-lhe um suor como de gotas de sangue, que corria sobre a terra.» A agonia moral que acabrunhou Jesus no horto de Gethsémanié perfeitamente admissivel. O calix da amargura trasbordava. A emoção constante em que, durante os ultimos dias, a alma de Jesus mergulhava, deveria, nesse momento supremo, afinar-se mais, tender se, desferindo luguebres presentimentos. A morte era a unica solução que elle deveria esperar, levadas as coisas a tal extremo. Nestas circumstancias, o *suor de sangue* poderia bem ter dependido da emoção violenta. Só assim o poderiamos explicar.

Com effeito, a *hématidrose* apenas tem sido observada nas pessoas nervosas, impressionaveis, em extremo seusiveis; por vezes, em individuos sujeitos a ataques nervosos. «E' precisamenje nas regiões hypérémiadas, anesthesiadas ou hyperesthesiadas que se produz a hematidrose. O sangue

lenta, no supplicio da cruz, que deverei incluil-a. E, entre as diversas modalidades d'essa especie de morte pela crucificação, irei procurar a que melhor se coadune com a noticia tão escassa da agonia de Jesus e com os poucos dados positivos, que as recentes investigações á cerca do lençol de Turim me offerecem.

Antes porém, terei de fazer salientar que um dos narradores da morte de Christo, já procurou explical-a pelos proprios effeitos da crucificação. Refiro-me a Christian Gruner.

Esse autor, tendo em conta o grito lançado por Jesus na sua hora extrema e de que todos os evan-

---

sae em goticulas ou em jactos filiformes e isto numa extensão variavel. As regiões em que o phenomeno é mais frequente são as palpebras, as faces, o coiro cabelludo, as extremidades inferiores e o peito». (Berlioz: «Manuel Pratique des Maladies de la Peau».)

Na hematidrose, o que dá ao sangue a côr rosea ou vermelha, são as hematias que, por diapedése, saeem dos vasos sanguineos. Não ha ruptura das paredes vasculares, o que se prova pela ausencia de hemorrhagias cutaneas. O systema nervoso é que tem, sob a sua dependencia immediata, o phenomeno, que assim se separa do fluxo sanguineo das glandulas da pelle, observado em certas doenças como a hemophilia e o scrobuto.

Se em Jesus o suor de sangue, a ter-se dado, não fosse um phenomeno passageiro, de ordem nervosa, mas a consequencia de qualquer grave doença constitucional, as hemorrhagias cutaneas que o deverião acompanhar, constituirião signaes que de modo algum deixarião de ser notados e que, portanto, todos os seus biographos mencionarião.

gelista fazem menção, como dentro em pouco veremos, imputa a morte de Christo a uma congestão violenta e mortal do coração. Certamente Gruner teve em conta, para tal diagnostico, os effeitos mechanicos da crucificação, isto é, as alterações por esta trasidas á circulação do sangue. A sobre-carga de liquido com que o coração tinha a lutar, em virtude das razões que expuz anteriormente, o seu accrescimo de trabalho, razoavelmente podem explicar a congestão do myocardio.

Mas, para mim, essa explicação, como todas as outras, pecca por se não basear em dados positivos, embora poucos. Verdade é que, por então, o lençol de Turim não fôra devidamente decifrado...

E, posto isto, eis o meu modo de vêr.

Christo morreria pela inanição ? Esta hypothese é absurda e não vale a pena demorarmo-nos com ella. Em tres horas, que tanto durou a sobrevivencia de Jesus ao supplicio, não ha inanição capaz de revelar-se.

Christo morreria pela insolação? Citei, no capitulo precedente, um caso de morte muito rapida pelo effeito do calor. Mas não só nesse caso se trata visivelmente das consequencias de um grau exagerado de calor, como parece averiguado que, no dia do supplicio de Jesus, a acção dos raios solares foi subitamente annulada. (Matheus, XXVII, 45 ; Marcos, XV, 33 ; Lucas, XXIII, 44.)

Só Lucas accentua por forma mais explicita esse facto, classificando-o como um empanamento do sol.

De que se trataria? De um êclipse? Impossivel, visto que o êclipse natural só póde succeder no novilunio (conjugação do sol e da lua). Ora por occasião da morte de Christo, estava-se no plenilunio da Paschoa (opposição).

E' mais provavel imputar-se ao subito desencadear de uma trovoada, aliás perfeitamente admissivel em tal época do anno e em tal região. Serião os *nimbos* da tempestade o motivo do subito empanamento do sol? Estou em crêr que sim.

Isto, dado que o phenomeno tivesse existencia, porque o quarto evangelista, narrador minucioso da scena do Calvario, não o menciona.

E depois, não era necessaria a acção directa dos raios solares; bastava só a acção de uma elevada temperatura atmospherica, mesmo que o paciente estivesse á sombra.

Ainda que as fracas condições de resistencia physica em que Christo se encontrava, podessem ser causa adjuvante da acção do calor, a sobrevivencia de tres horas parece-me curto prazo para que a acção de uma temperatura elevada se fizesse sentir com intensidade tal que, desde logo, motivasse a morte.

De todas as complicações a que as feridas dos suppliciados poderião expol-os, a unica que me parece compativel com a sobrevivencia de tres horas e em harmonia com os dados recentemente recolhidos, é o tetano.

O tetano sim, porque tal foi, no meu entender, a causa da morte do Christo.

A infecção tetanica perfeitamente se justifica em Jesus. Lembremos que a flagellação foi para elle executada com o *flagrum*, ao que parece. Os botões metallicos d'esse cruel instrumento, davão logar á formação de feridas contusas que erão outras tantas portas d'entrada para o bacillo do tetano. As feridas anfractuosas dos pés e mãos erão-lhe egualmente excellente albergue. Os pregos ou cravos, lançados pelo solo, sujos de terra, constituião certamente um magnifico vehiculo para esse mesmo micobrio. Quer dizer, tudo se reunia para facilitar a infecção que, tão solicitada, por força deve haver sido violenta. D'ahi a rapidez da morte.

Pois não citei já um caso em qne o tetano evolucionara em um quarto de hora (Bardeleben) e outro em que matara o doente ao cabo de duas horas (Fournier Pescay)? Que admira, pois, que Christo morresse ao cabo de 3 horas?

Mas, objectar-me-hão, se a rapidez da morte de Christo admirou os proprios executores, é que o facto constituia um caso pouco vulgar. A essa objecção replicarei fazendo notar que, para Jesus, a flegellação foi mais *funda* e fazendo entrar em linha de conta o depauperado estado physico do Nazareno. As suas condições de resistencia deverião ser fraquissimas, como já por vezes tenho feito notar.

Christo succumbiria, portanto, a um tetano sobre-agudo. Ora é nestas formas que os musclos respiratorios são tomados quasi que d'assalto. Mas a ideia de uma subita paragem do coração é que se

coaduna com o caso de Jesus, como possivel terminação do tetano.

Lembrão-se da descripção de Verneuil? «O doente solta um grito, torna-se muito pallido e deixa de fallar.»

Um grito. Mas Christo, pouco antes de morrer, soltou um grande brado. (Matheus, XXVII, 50; Marcos, XV, 37; Lucas, XXIII, 46).

Em João (XIX, 30), o grito é substituido por uma phrase: «Tudo está cumprido». Veria João, num puro arranco de dôr, a represetação phonica d'aqulle pensamento? Póde muito bem ter sido, visto que o quarto evangelista parece em tudo querer mostrar um conhecimento profundo da alma do Mestre. O certo é que Jesus, pouco antes de morrer, conservava a voz forte (Matheus XXVII, 46; Marcos, XV, 34).

Mas, ouçamos ainda Verneuil. «Não ha spasmo, nem suffocação, nem delirio, mas, pelo contrario, *uma serenidade de mau agouro. A respiração breve*, entrecortada, por vezes como no soluço, enfraquece progressivamente e a morte sobrevem ao cabo de meia hora.»

Não quero occultar que os Evangelistas fazem coincidir a morte de Jesus com o brado por elles referido. Depois de soltar o brado, Christo não tornaria a fallar, como é o costume na forma do tetano de que me estou occupando. Já esse facto poderia ser levado á conta de uma morte, que por então não fosse completa. Seguidamente ao grito

soltado pelo doente, nesta modalidade da morte pelo tetano, sobrevem *uma tranquillidade de mau agouro.* Não seria essa tranquillidade levada á conta de morte pelos Evangelistas ? Porque não ?

Não ha nenhum spasmo, nenhuma suffocação, nenhuma manifestação ruidosa d'agonia. A propria brevidade da respiração, o seu progressivo enfraquecimento, a olhos profanos passaria sem reparo.

O que se não póde negar é que a morte descripta por Verneuil perfeitamente ajusta com a de Christo. A quietação da agonia de Jesus, que dos textos biblicos resalta nitida, coaduna-se maravilhosamente com ella.

Mas, para justificar esta ideia do tetano, ha mais e melhor. Na imagem gravada no lençol de Turim é evidente a contracção dos musclos, principalmente dos peitoraes, dos tibiaes anteriores e do recto anterior da coxa. Notavel é tambem a retracção dos calcanhares. Que valiosos elementos para a minha hypothese !

Pelo que toca á retracção dos calcanhares, não me parece estranho o facto a outro verificado no sudario. Houve quem, para justificar que o lençol fôra obra de um falsificador, fizesse notar que, entre a cabeça da imagem anterior e a da imagem dorsal, existe um intervallo, quando, pelo envolvimento do cadavar, os contornos da cabeça, em logar de formarem duas ovaes distinctamente separadas, deverião, pelo contrario, formar uma figura continua, de forma cylindrica.

Pois bem: esse intervallo poderia existir, seria até logico, se o cadaver envolvido no lençol estivesse contraido em *opisthotonos*, como tantas vezes acontece no tetano. Sendo assim, a cabeça, muito incurvada, com a região occipital fortemente projectada para a columna vertebral, em virtude da *tigidite*, não poderia ser perfeitamente envolvida pelo lençol, como no caso da completa distensão da nuca. Só por meio de uma ligadura sobreposta ao lençol se conseguiria adptar o tecido á forte depressão parabolica formada pelo occipital, pela nuca e parte superior da região dorsal.

A impossibilidade, a não ser por qualquer artificio, de, em taes condições, moldar o lençol perfeitamente ao contorno da cabeça, daria logar á formação de uma prega, no nivel em que o lençol fosse rebatido para cóbrir a face anterior do corpo. Ora a região onde o lençol deveria ser rebatido era a occipital. Mas ahi, pelo motivo de não se poder moldar o lençol, deveria ter ficado uma prega. Tanto bastaria para acarretar uma solução de continuidade entre as duas imagens.

Collocando este facto ao lado da retracção dos calcanhares, não é licito pensar num *opisthotonos*?

Ainda no sudario e na imagem dorsal, as espaduas se aprèsentão alteadas. Mas não é esse um dos resultados d'um *opisthotonos*? A região lombar é tambem muito confusa sobre o lençol de Turim. Ainda isso está d'acordo com a ideia de um *opisthotonos*, porque, exagerada pelo facto da contrac-

ção muscular a curva que, mesmo normalmente, marca essa região, a distancia entre o corpo e o lençol deveria a esse nivel ser demasiado grande para produzir uma imagem nitida.

Na imagem da face, a bocca é quasi indicifravel, não podendo dizer-se onde estão os labios. Ora um forte *trismus*, applicando perfeitamente os labios de encontro um ao outro, tiraria á bocca todo o revelo necessario para que a imagem resultasse nitida. Assim, uma linha tirada do septo nasal ate á extremidade do mento, resulta quasi recta, sem as ondulações que teria ao nivel dos labios se a bocca estivesse naturalmente entreaberta. Cada um póde verificar em si mesmo o facto, cerrando bem a bocca.

Depois, para que as imagens se tivessem podido fixar no lençol, seria necessaria a existencia d'abundantes suores no corpo de Christo. Ora o tetano dá uma grande abundancia de suores. Basta o elevado movimento febril (41 e 42 graus). E nesse caso, os suores deverão ser ricos em urea.

As elevadas temperaturas observadas no tetano mesmo *post-mortem*, permittindo a prolongada evaporação do suor, explicão o motivo por que as imagens tão bem se gravarão no lençol de Turim.

Eis o que pude apurar. E' pouco ? Acho que muitas hypotheses têm sido êmittidas sobre a morte de Christo, subsidiadas por menor numero de dados positivos.

E repito: nunca tive a pretenção de resolver definitivamente o problema. O campo fica aberto a novas investigações.

*

* *

Se Christo succumbiu ao tetano, a sua agonia deve ter sido cruel. Fixado á cruz, sobre o comoro escalvado do Golgotha, Jesus é bem o symbolo do soffrimento humano. Torturado pelas dôres lancinantes que as contracturas lhe devião provocar, gottejando suor, rescaldado por uma febre violenta, amargurado pela sêde intensa, Christo soffreu heroicamente todo esse assombroso martyrio.

A sua intelligencia, sempre lucida, devia pairar radiosa sobre a violenta tormenta que no seu organismo se estava desencadeando. E então, que turbilhão de pensamentos lhe acudiria, que de amarguradas saudades o devião alancear!

Perto da cruz estava Maria, a sua mãe. Essa sublime mulher, necessariamente lhe evocaria as scenas da infancia, decorridas na doce paz da humilde Nazareth. Quem o advinhara! Se elle podesse ter previsto todo o fundo abysmo de dôr em que a sua vida havia de despenhar-se, nunca talvez tivesse deixado a amada Galilêa, sua patria, onde os montes quasi roção o velario de saphira que o ceo lhes offerece e onde o sol se porphyrisa em oiro sobre os valles fecundos. Melhor que em qualquer outro logar, ali tinha elle comprehendido a noção de uma força occulta e colossal, mola real da natureza, fonte perenne da vida. E, habituado a abranger o infinito,

viera a cair na contemplação da sordida baixeza humana. Quem o advinhara!

A dedicada Magdalena, tambem lhe seria motivo de amargas reflexões. Prototypo do amor, a alma de Magdalena ora um misto de humildade e compaixão. Amara-o castamente, idealmente, suffocando todo o instincto material, condensando nesse amor todos os impulsos affectivos da sua alma.

Ah! Mas estou em crêr que João, mais do que os outros, representava para Christo, no cruel momento da morte, a mais vibrante emoção. Legionarios do mesmo ideal, identificados pela crença, tendo vivido as mesmas horas de alegria e de tristeza, irmãos pela origem humilde, que saudades ao deixal-o! Da coherte de sublimes dedicações que o tinhão acompanhado, João era o chefe bem amado, eternamente simples e summamente bom. Que era feito dos outros? Porque não estavão ali? João fôra o unico estoico, viera patentear aos olhos rancorosos dos judeus a sua crença e a sua fé. Na alma d'aquelle rude homem, havia todas as manifestações da força e da coherencia: era como um aço polido. Ao morrer, a sua fortuna, de um valor incalculavel, o seu radioso thezouro, o cofre de todos os seus affectos, lhe devia caber. E deu-lh'o: «Eis ahi tua mãe.»

Aquellas tres figuras levava-as bem guardadas no recanto mais occulto do seu ser. E olhando d'alto a turba dos judeus, agitada pelo odio, vociferando, num arranco torpissimo de vil canalha, achegava mais e mais á alma essas castas imagens, isolan-

do-as, resguardando-as, para que, escudadas pelo amor infinito, a ira dos phariseus viesse quebrar-se d'encontra a ellas, desfazendo se, recuando depois, como vagas alterosas d'encontro a um rochedo colossal.

O' Christo, pelo teu martyrio, pela grandiosidade das tuas ideias, pela sublimidade da tua alma, eternamente has de ser divino!

NOTAS

I

Já depois de ter começado a impressão d'esta monographia, chegou-me ás mãos um novo escrito sobre o sudario de Turim [1] Esse trabalho é devido á penna de M. Mely, um dos mais encarniçados partidarios da não authenticidade do sudario. E', como não podia deixar de ser, uma refutação ao livro de Paulo Vignon.

Posto M. Mely seja um historiador erudito e um archeologo distincto, não me parece ter sido muito feliz nessa refutação. E, para prova do que avanço, analysarei rapidamente alguns dos argumentos por elle apresentados.

Para rebater a asserção de que o sudario fosse offerecido por Geoffroy de Charny á collegiada de Lirey, Mely soccorre-se dos seguintes documentos;

Uma carta d'indulgencias de 1357, assignada por doze bispos, e na qual veem enumeradas as reliquias da collegiada de Lirey, não faz menção alguma do Santo-Sudario.

O obito de Geoffroy de Charny, mencionado no Necrologio da collegiada de Lirey, não contem nenhuma indicação sobre a dadiva da reliquia, quando os registos d'obito egualmente contidos no mesmo documento, referem, *com o maior cuidado*, as differentes offertas dos donatarios fallecidos.

Estranha M. Mely que Paulo Vignon declarasse que, d'esses factos, nenhuma deducção se poderia tirar. Ora M. Mely

---

1 E Mely: «Le Saint-Suaire de Turin st-il authentique ? Les representationes du Christ à travers les âges.» Ch. Poussielgue, Editeur, Paris.

foi quem descobriu esses documentos e o pouco valor que Vignon lhes attribue deve chocal-o. Mas, francamente, parece-me que Paulo Vignon não exagerou. A omissão do sudario nos dois documentos citados não implica, necessariamente, a sua não existencia entre as reliquias de Lirey. Com effeito, se é certo que o sudario foi trazido de Constantinopola, *como espolio de guerra ou presente recebido*, segundo a propria phrase de M. Mely, haveria todo o cuidado em não dar a conhecer qual a pessoa do doador.

Como espolio de guerra, tudo aconselhava que se não mencionasse o nome de quem se apossara da reliquia, a qual de direito, attenta a sua alta significação, não poderia pertencer a um só christão, mas a todos, isto é, deveria ser apanagio exclusivo da Egreja.

Como presente recebido, significava uma arbitrariedade por parte de quem o dera, porque a Egreja, por caso algum poderia desfazer-se de uma tão preciosa reliquia, cuja guarda e destino só aos chefes supremos da mesma Egreja competia.

Em qualquer das hypotheses, pois, a omissão do sudario nos dois documentos, apenas representaria uma conveniencia e nada mais.

Póde assim responder-se a um dos argumentos de M. Mely São hypotheses, é certo. Mas qual o fundo da argumentação de M. Mely, no mesmo caso ? A *hypothese* de que o sudario não fosse doado por Geoffroy de Charny, visto que nas fontes a que o autor recorreu se não fallava da reliquia.

Um outro argumento de M. Mely, funda-se numa particularidade da technica photographica. Para o deduzir, serviu-se o contraditor de Vignon de uma nota que lhe foi fornecida por M. Lippmann, uma autoridade em materia photographica.

Segundo M. Lippnann, «os hodiernos processos photographicos permittem obter directamente, na camara escura, um cliché negativo ou um positivo, em certos casos especiaes, princicipalmente quando o objecto a reproduzir seja illuminado pela luz electrica.» Mas ha mais. Se o desenho apresentar contrastes de amarello, azul e vermelho, poderemos obter, á vontade, clichés positivos ou negativos. Tudo está no grau de sensibilidade da placa e na côr da luz empregada para illuminar o objecto. M. Lippmann chega mesmo a referir quaes os processos para obter esses resultados.

Aqui exulta M. Mely. O advogado Secundo Pia, quando em 1898 photographou o sudario, poderia ter obtido, *á vontade*, um cliché positivo ou negativo, visto o sudario estar nas condições dos objectos apontados por Lippmann, quer dizer, apresentar contrastes de amarello, d'azul e de vermelho.

Que conveniencia teria o advogado italiano em obter de preferencia um negativo? Acaso suspeitava elle de que, mais tarde, a sciencia tomaria conta da questão e que as suas conclusões se coadunarião com a existencia de um negativo e não de um positivo? Quer M. Mely dar a entender que já em 1898 havia qualquer intelligencia secreta para se obter um negativo? Por então ainda não germinava no cerebro de Paulo

Vignon a ideia de se occupar do assumpto. E foi o facto de se ter obtido um negativo, que serviu de base ás indagações do naturalista francez. Saberia então já o italiano Pia da applicação photographica das acções a distancia que, decorrido tempo, deveria servir de base aos trabalhos de Colson e de Vignon?

Sobre imputar má fé ao advogado italiano, o que de modo algum é justo e honesto, o facto é inadmissivel. Ninguem suspeitava em 1898, que a sciencia devesse occupar-se do sudario e as experiencias que servirão de ponto de partida para o estudo da reliquia, erão então pouco conhecidas e póde dizer-se que apenas do dominio dos profissionaes. Impossivel seria suspeitar da sua applicação ao estudo do lençol do Christo. De modo que Secundo Pia, teria *voluntariamente* obtido um negativo, mas sem saber para que fim, sem que a isso o movesse qualquer ordem d'estudos photographicos. Um negativo, pelo simples prazer de um negativo.

Como se vê, est'outro argumento de M. de Mely não é nada feliz, porque ou faz do advogado Pia um cretino, cujas acções não teem fim determinado ou deixa antever a possíbilidade da uma previsão ou fraude — chamesmos-lhe pelo seu nome — perfeitamente inadmissivel e que só o espirito irritado de M. Mely podia conceber.

Outra objecção, esta escudada na autoridade de Roux, que em plena Academia das Sciencias, perguntou por que razão não reproduzira Vignon, com um cadaver, as condições do en-

terramento do Christo, para d'esse modo provar as suas conclusões. A isso objectou Vignon que lhe seria impossivel obter um cadaver nas condições indispensaveis do suor uremico. Mas então porque nao embebeu um cadaver qualquer em carbonato d'ammoniaco ? Se Vignon obtivera um cadaver para reproduzir a crucificação, como elle mesmo declarou, porque não guardar o mesmo cadaver para a experiencia da reacção chimica ?

Ora Paulo Vignon chegou á conclusão de que os vapores ammonicaes sêccos não actuavão o aloes, a despeito do oxygenio do ar : só o vapor d'agua favorece a reacção. Como remediar esse facto na experiencia exigida por M. Mely ?

A presença do suor torna-se pois necessaria, para que, por intermedio do seu vapor d'agua, a oxydação do aloes se effectu.

Se M. Mely julga facil obter um cadaver nas condições apontadas por Vignon, que o alcance e faça elle as experiencias. Seria uma bofetada sem mão no atrevido naturalista. Ou então terá M. Mely descoberto algum processo para *fazer suar carbonato d'ammoniaco* a qualquer cadaver.

Mas o mesmo fogoso critico, quereria que Vignon *conservasse* um cadaver para fazer a experiencia da reacção chimica. Esta é melhor. Não se lembra M. Mely que um cadaver *conservado*, seria um cadaver a entrar na putrefação e que então a experiencia seria impossivel, visto que as transudações acidas do cadaver irião destruindo toda a prova negativa já formada.

Julgando, para mim, mais que provavel que Jesus succumbisse ao tetano, só com um cadaver de um tetanico se poderia repetir a experiencia. Os suores profusos são quasi regra geral no tetano e a alta temperatura a que a infecção dá logar, é a melhor condição para a decomposição da urea, isto é, para a sua transformação em carbonato d'ammoniaco. Ora as altas temperaturas do tetano subsistem mesmo *post-mortem* e, portanto, só em condições taes a evaporação do suor pode ter logar com a intensidade e durante o tempo necesserio para que a reacçao chimica especial de que se trata, tenha logar. Só nesse caso teriamos a quantidade precisa de vapor d'agua pará a completa oxydação do aloes.

Quer dizer, a reação só se effectuaria emquanto a urea se conservasse humida. Esse *desideratum* poder-se-hia muito bem obter com o corpo de um tetanico, pela razão apontada.

M. Mely apella mesmo para dados physiologicos. Assim diz elle, tem-se calculado em 1, grm 55 a urea contida em mil grammas de suor morbido. Dado que um suppliciado podesse produzir dois mil grammas de suor, teriamos tres grammas d'urea a distribuir por toda a superficie do corpo: $1^{m2},50$. Mas o critico de Vignon faz concessões; admitte mesmo quatro grammas d'urea e pergunta: serião esses quatro grammas d'urea capazes de produzir, durante algumas horas, os vapores necessarios para oxydar a aloëtina, de modo a òriginar uma verdadeira prova photographica! E responde: não.

Não ! Porquê ? M. Mely fez experiencias nesse sentido ? Porque as não menciona ?

Certamente que o grau de saturação dos vapores deve nfluir no phenomeno. Mas que conclusão tirar d'isto ? Que as imagens serião mais adensadas em côr se a quantidade de urea fosse maior.

Pelo que se refere ao argumento tirado da existencia de um intervallo de dezeseis centimetros entre as duas cabeças do Sudario, quando deverião estar reunidas por um cone de aloétina oxydada, já vimos que Paulo Vignon o refuta, suppondo que o lençol deveria ter formado uma prega na altúra da cabeça do cadaver nelle envolvido. Pelo que me diz respeito, considero essa prega perfeitamente garantida no caso do cadaver estar em opisthotonos.

E nada mais. São esses os argumentos *mais fórtes* de M. Mely. Se me fiz paladino de Paulo de Vignon, é que esta questão do sudario constitue para mim um curioso assumpto. E depois, custa vêr criticar com tão fracos argumentos, um trabalho que representa muito estudo e muita erudição.

II

Nós, os portuguezes, tambem nos podemos gabar de possuirmos um sudario! Mas, não fugindo mais uma vez ao sestro nacional, o nosso sudario é... genuinamente falso. Para a historia do sudario portuguez, convem consultar principalmente a «Chronica Seraphica da Provincia dos Algarves.» de Fr. Jeronymo de Belem e a «Historica Serafica.» de Fr. Fernando da Soledade.

Esse decantado sudario é pertença do convento da Madre de Deus, em Xabregas.

Numa memoria publicada em 1899 pelo sr. Liberato Telles, memoria que se intitula «Mosteiro e Egreja da Madre de Deus» escreve-se a respeito do sudario de Xabregas:

«Segundo refere Fr. Jeronymo de Belem, na sua «Chronica Serafica da Provincia dos Algarves», era grande o numero depreciosidades artisticas existentes n'aquelle mosteiro, citando, entre outras, as seguintes:

«Um santo sudario bordado, obra de tanto valor artistico que todos o suppunham pintado, e que foi offerecido pelo imperador Maximiliano I a sua prima a rainha D. Leonor.

«Presumia-se que este sudario era reproducção do que se guardava em Turim.

«Era costume mostrar-se em quinta feira santa, por occasião do sermão do mandato.

«Como a concorrencia dos fieis era muito grande e como pretendessem venerar aquella reliquia, mandou-se construir um pulpito por fóra da egreja, de onde o sudario era apre-

sentado ao innumeravel povo, que por mar e por terra ali afluia.»

Paulo Vignon, no seu trabalho, tambem se refere ao sudario de Xabregas, que reputa uma copia do de Turim. Confessa, além d'isso, que tendo-lhe M. Mely mostrado as photographias do sudario, recebidas de Lisboa, elle, Vignon, lhe fizera vêr todos os vestigios do modelo negativo, visiveis sobre a pintura de Xabregas. Assim, o copista para reproduzir a mancha que, no Santo Sudario, occupa a região renal, pozara em seu logar uma corrente atravessada sobre a mesma região.

Nunca vi o sudario de Xabregas, visto que isso pouco ou nenhuma importancia teria para o meu trabalho. Mas numa das photographias insertas no recente trabalho de M. Mely, que já anteriormente citei, photographias que reproduzem o sudario portuguez, a tal corrente de que falla Vignon é perfeitamente visivel.

Ainda como prova da infidelidade da reliquia de Xabregas, aponta Paulo Vignon o facto dos pés, ao contrario do que se vê no sudario de Turim, se apresentarem cruzados.

Ora a monographia de M. Mely acaba de vir confirmar, ao que parece, a falsidade do sudario de Xabregas.

Por intermedio do publicista francez, o sr. Emygdio Monteiro, illustre bibliothecario da Academia de Bellas Artes de Lisboa, consultou sobre o assumpto todas as possiveis fontes historicas.

Além das referencias já conhecidas, o mesmo senhor encontrou em Damião de Goes (Chronica de D. Manuel) uma curiosa noticia ácerca do pretendido presente enviado pelo imperador Maximiliano á mulher de D. João II. Por ahi se vê que Maximiliano offereceu a sua prima, não o sudario de Jesus, *mas o corpo de santa Auta*, uma das onze mil virgens.»

Na «Misceillanea», de Garcia de Rezende, posto se falle de Maximiliano e da rainha D. Leonor, não ha a minima referenrencia ao Santo Sudario. E o facto teria muita importancia, attenta a feição christã do autor. Tambem M Mely, ou por seu intermedio o sr. Emygdio Monteiro, faz notar que o facto da omissão da reliquia na chronica de D. Manuel, poderia apenas derivar da indole de Damião de Goes, humanista e amigo do autor do «Elogio da Loucura.»

De tudo isto conclue M. Mely que uma só hypothese é possivel. As religiosas da Madre de Deus, sabendo da fama do lençol de Turim, terião mandado fazer um sudario semelhante, com as duas imagens e com o mesmo comprimento. No decurso do tempo, essa semelhança converter-se-hia em *copia* e por fim em *original*. E, como Maximiliano tivesse enviado uma reliquia a D. Leonor, o vulgo attribuiu-lhe tambem a offerta do sudario.

Seja como fôr. Mas se temos um sudario falso, restenos ao menos a consolação de termos ficado com uma virgem a mais. E uma Santa Auta não se topa por ahi a cada canto...

BIBLIOGRAPHIA

«Le Linceul Du Christ», Étude Scientifique par Paul Vignon, Docteur ès Sciences Naturelles. Paris, 1902.

«Les Apotres,» par Emile Ferrière, Paris, 1879.

«Nouvelle Vie de Jésus», par D. F. Strauss, traduite de l'allemand par A. Nefftzer et Ch. Dollfus.

«Vie de Jésus» par Ernest Renan. Paris, 1863.

«Vida de Judas. Renan. Refutação das Novas Impiedades», Lisboa, Typ. de J. da Costa Nascimento Cruz, 1864.

«Os Apostolos», por Ernesto Renan, traducção de Eduardo Augusto Salgado. Segunda Edição, Lisboa, 1872.

«Le Saint-Suaire de Turin est-il authentique?» par F. de Mely, Paris, 1902.

«Art au Moyen Age», par René Ménard. Paris.

«Les Dieux de l'ancienne Rome», par L. Preller, traduction de L. Dietz. Paris.

«A Biblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento, traducção do padre Antonio Pereira de Figueiredo. Lisboa, 1853.

«Mosteiro e Egreja da Madre de Deus», por Liberato Telles, Lisboa, 1899.

«Dictionnaire des antiquités Romaines, et Grecques», par Anthony Rich, traduit de l'anglais par M. Chérul. Paris, 1873.

«La Syphilis, son histoire et son traitement», par le D.r James Tarteson. Paris, 1880.

«Manuel de Pathologie Interne», par G. Dieulafoy. Paris, 1896.

«Précis de Médicine Légale», par le D.r Ch. Vibert. Paris, 1900.

«Manuel de Pathologie Externe», par Reclus, Kirmisson, Peyrot et Bouilly. Paris, 1892.

«Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Medicales», par Dechambre e Lereboulet.

«Nouveau Dictionnaire des Origines, Inventions et Découvertes», par M. Noel et M. Carpentier.

«Diccionario Enciclopedico Hispano-Americano de Literatura», Ciencias y Artes. Barcelona, 1890.